

HISTORIOGRAFANDO A MÚSICA GAÚCHA

NARRATIVAS DE CONTEXTOS



ADRIANA APARECIDA DE ALMEIDA MARCOLIN
LETÍCIA DE LEMOS PERIN
MARIA ELISABETE FERNANDES
ADAIR ADAMS
(ORGANIZADORES)

ADRIANA APARECIDA DE ALMEIDA MARCOLIN
LETÍCIA DE LEMOS PERIN
MARIA ELISABETE FERNANDES
ADAIR ADAMS
(ORGANIZADORES)

HISTORIOGRAFANDO A MÚSICA GAÚCHA

NARRATIVAS DE CONTEXTOS

Editora Metrics
Santo Ângelo – Brasil
2023



Copyright © by Editora Metrics

Capa: Cíntia Guazzelli Sotoriva

Revisão: Os autores

CATALOGAÇÃO NA FONTE

H673 Historiografando a música gaúcha : narrativas de contextos /
organizadores: Adriana Aparecida de Almeida Marcolin ... [et
al.]. – Santo Ângelo : Metrics, 2023.
286 p. : il. ; 21 cm

ISBN 978-65-5397-134-9

DOI 10.46550/978-65-5397-134-9

1. Música gaúcha. 2. Tradicionalismo. I. Marcolin, Adriana
Aparecida de Almeida (org.)

CDU: 78(816.5)

Responsável pela catalogação: Fernanda Ribeiro Paz - CRB 10/ 1720



Crossref



Rua Antunes Ribas, 2045, Centro, Santo Ângelo, CEP 98801-630

E-mail: editora.metrics@gmail.com

<https://editorametrics.com.br>

Conselho Editorial

Dr. Charley Teixeira Chaves	PUC Minas, Belo Horizonte, MG, Brasil
Dra. Cleusa Inês Ziesmann	UFFS, Cerro Largo, RS, Brasil
Dr. Douglas Verbicaro Soares	UFRR, Boa Vista, RR, Brasil
Dr. Eder John Scheid	UZH, Zurique, Suíça
Dr. Fernando de Oliveira Leão	IFBA, Santo Antônio de Jesus, BA, Brasil
Dr. Glaucio Bezerra Brandão	UFRN, Natal, RN, Brasil
Dr. Gonzalo Salerno	UNCA, Catamarca, Argentina
Dra. Helena Maria Ferreira	UFLA, Lavras, MG, Brasil
Dr. Henrique A. Rodrigues de Paula Lana	UNA, Belo Horizonte, MG, Brasil
Dr. Jenerton Arlan Schütz	UNIJUÍ, Ijuí, RS, Brasil
Dr. Jorge Luis Ordellin Font	CIESS, Cidade do México, México
Dr. Luiz Augusto Passos	UFMT, Cuiabá, MT, Brasil
Dr. Manuel Becerra Ramirez	UNAM, Cidade do México, México
Dr. Marcio Doro	USJT, São Paulo, SP, Brasil
Dr. Marcio Flávio Ruaro	IFPR, Palmas, PR, Brasil
Dr. Marco Antônio Franco do Amaral	IFTM, Ituiutaba, MG, Brasil
Dra. Marta Carolina Gimenez Pereira	UFBA, Salvador, BA, Brasil
Dra. Mércia Cardoso de Souza	ESMEC, Fortaleza, CE, Brasil
Dr. Milton César Gerhardt	URI, Santo Ângelo, RS, Brasil
Dr. Muriel Figueredo Franco	UZH, Zurique, Suíça
Dr. Ramon de Freitas Santos	IFTO, Araguaína, TO, Brasil
Dr. Rafael J. Pérez Miranda	UAM, Cidade do México, México
Dr. Regilson Maciel Borges	UFLA, Lavras, MG, Brasil
Dr. Ricardo Luis dos Santos	IFRS, Vacaria, RS, Brasil
Dr. Rivetla Edipo Araujo Cruz	UFPA, Belém, PA, Brasil
Dra. Rosângela Angelin	URI, Santo Ângelo, RS, Brasil
Dra. Salete Oro Boff	IMED, Passo Fundo, RS, Brasil
Dra. Vanessa Rocha Ferreira	CESUPA, Belém, PA, Brasil
Dr. Vantoir Roberto Brancher	IFFAR, Santa Maria, RS, Brasil
Dra. Waldimeiry Corrêa da Silva	ULOYOLA, Sevilha, Espanha

Este livro foi avaliado e aprovado por pareceristas *ad hoc*.

SUMÁRIO

PREFÁCIO.....	13
<i>Edson Dutra</i>	
INTRODUÇÃO	17
<i>Adair Adams</i>	
<i>Letícia de Lemos Perin</i>	
COMPONDO A TRADIÇÃO: UMA CONVERSA COM GUJO TEIXEIRA	21
<i>Paulo Henrique Teixeira de Souza</i>	
<i>Adriana Aparecida de Almeida Marcolin</i>	
A MÉTRICA E A ESTÉTICA DA MÚSICA GAÚCHA: TRADIÇÃO E EXPRESSÃO CULTURAL	57
<i>Giovana Acauan Giuriolo</i>	
<i>Maria Eduarda Giuriolo de Almeida</i>	
<i>Clodoveu Vieira Pinto Júnior</i>	
PROJETO SEMEANDO: CONCERTOS DIDÁTICOS NAS ESCOLAS.....	67
<i>Uiliam Michelin</i>	
MÚSICA TRADICIONALISTA GAÚCHA: PAIXÃO QUE VEM DE BERÇO	79
<i>Lauro Guilherme Pinheiro Klipel</i>	
<i>Adriana Aparecida de Almeida Marcolin</i>	
<i>Letícia de Lemos Perin</i>	

A VIDA É UMA MISTURA DE SONS.....	93
<i>Cassiano Paim</i>	

A MÚSICA GAÚCHA ALÉM DA SALA DE AULA.....	111
<i>Rosalva de Oliveira Ramos</i>	
<i>Josimeri Teles Basso</i>	

TEXTOS E CONTEXTOS: AÇÕES DESENVOLVIDAS NA ESCOLA EM FAVOR DA CULTURA GAÚCHA	127
<i>Cléa Denise Melek Nunes</i>	
<i>Renata Grazziotin Ferreira Ceron</i>	

A TRAJETÓRIA DA MULHER NA MÚSICA NATIVISTA E CIRANDAS DE PRENDA	137
<i>Taynara Oliboni Carneiro Vieira</i>	

A TRADIÇÃO DA MÚSICA GAÚCHA: COMPONDO A TRAJETÓRIA DE VIDA DE PRENDAS E PEÕES, NOS SALÕES E CTGS	147
<i>Elisandra de Freitas Carneiro</i>	
<i>Maria Elisabete Fernandes</i>	
<i>Felipe Lima Pires</i>	

O SONHO FESTIVALEIRO	163
<i>Rafael Ferreira</i>	

IRMÃOS OSÓRIO: OS CANCIONEIROS DOS PAMPAS.....	171
<i>João Fernando Antunes Osório</i>	

A MÚSICA TRADICIONALISTA GAÚCHA: UMA ABORDAGEM HISTÓRICA	203
<i>Ajadil Costa</i>	

A MÚSICA GAÚCHA: TRADIÇÃO E INFLUÊNCIA FAMILIAR	219
<i>Adriana Aparecida de Almeida Marcolin</i>	
<i>Jean Lucas Borges Barbosa</i>	
<i>Josiane Borges Barbosa</i>	
<i>Rodrigo de Faria Barbosa</i>	
<i>Letícia de Lemos Perin</i>	
 A MÚSICA GAÚCHA PARA ALÉM DOS LIMITES E FRONTEIRAS: SONS, VERSOS E VOZES PARA O MUNDO ..	233
<i>Ernesto Vilaverde Fagundes</i>	
<i>Adriana Aparecida de Almeida Marcolin</i>	
 NARRATIVAS DE PERCURSO DE UM MÚSICO TRADICIONALISTA GAÚCHO: 1970 A 2013	261
<i>Adriana Aparecida de Almeida Marcolin</i>	
<i>Antonio Carlos de Almeida</i>	
 CONSIDERAÇÕES FINAIS	277
 SOBRE OS AUTORES	279

PREFÁCIO

A MÚSICA GAÚCHA

Edson Dutra

Reporto-me à música gaúcha, com respeito e carinho, pois se trata de um importante patrimônio cultural da nossa gente aqui do sul. É a música com a qual grande parte de nossa população mais se identifica. A maioria das pessoas que saíram do sul do País e fincaram raízes no centro-oeste brasileiro, matam a sua grande saudade, em muito, ouvindo as músicas do Rio Grande, sejam nativistas ou em maior expressividade, as músicas fandanguieras.

Vejo-me ligado à música gaúcha, desde que comecei a estudar acordeon, isso lá em 1959. Era frequente ouvi-la nos discos dos Irmãos Bertussi, Dupla Mirim, Os Cobras do Teclado e outros. Por estar vinculado à internada artística do CTG Presilha do Rio Grande, da minha Bom Jesus, consegui ver os meus ídolos musicais ao vivo, nos fandangos da minha terra. Isso determinava ainda mais o meu gosto pela música gaúcha e fazia com que me direcionasse a tirá-la na execução do acordeão, até começar a compor músicas gaúchas, alicerçado nesses paradigmas.

Nossa música gaúcha, tal qual a temos hoje, é rica em melodias e preciosa em letras. A instrumentalização é que era pobre, lá em seu início; vejam que o catarinense Pedro Raymundo, um dos precursores do nosso cancionero, apresentava-se quase sempre sozinho, apenas com sua gaita cromática/botoneira. Os Irmãos Bertussi, só com as suas gaitas, com o acompanhamento de pequena bateria e pandeiro. Às vezes, com um violão elétrico, também. Havia um Conjunto Musical gaúcho que trouxe uma evolução no contexto de nossa música regional fandanguiera, chamava-se Os Araganos. Esse conjunto foi o que primeiramente utilizou contrabaixo elétrico, guitarra elétrica, gaita e bateria, além

de cantar em vocal de 4 vozes.

Ainda na década de 60, conheci discos de dois expressivos conjuntos musicais gaúchos: Os Gaudérios e Conjunto Farroupilha - mas, infelizmente, tiveram carreira breve. O primeiro, com a gravação de 1 LP e o segundo com 1 ou 2 discos. No Conjunto Farroupilha, haviam cantores e cantoras, parece-me que eram 5 integrantes. Chegaram a gravar com o acompanhamento de orquestra. Os discos de ambos, podemos classificar como relíquias.

Bem, nesse contexto, em 1968, surge a dupla de acordeonistas bonjesuenses, OS SERRANOS - Frutuoso Araújo e Edson Dutra. Dois jovens que, sendo estudantes no colégio, tiveram igualmente, desde cedo, a vocação para a música. Atuaram conjuntamente até 75, quando Frutuoso Araújo deixou o Conjunto, preferindo dar curso aos estudos da Veterinária. Edson Dutra, ao lado de seu irmão Everton Dutra e outros companheiros, continuaram os estudos no colégio e galgaram Faculdades, mas sempre ligados à música, profissionalizando-se cada vez mais na carreira, dando seguimento ao Conjunto Musical OS SERRANOS.

Atualmente, em 2023, completando 55 anos de plenas atividades artísticas, com 31 discos inéditos, discos de ouro, 5 DVDs, Websérie retratadora de sua vitoriosa carreira, Musical correspondente, com seu próprio programa de rádio e televisão - Encontro com OS SERRANOS e Encontro com OS SERRANOS na TV. Com viagens para shows e bailes em grande parte do País, viagens pelos países do Mercosul, duas turnês nos USA, tendo ainda duas indicações para o Grammy LATINO, maior prêmio da música mundial.

Anteriormente, referi que a nossa música é rica em letras e melodias. Essa particularidade, também se opera nas músicas nativistas, essas reveladas pelos múltiplos festivais de nosso Estado. Nesses eventos, muitos artistas sobem aos palcos pela primeira vez e há outros que, com frequência, se apresentam. Lindas obras musicais advêm dos Festivais. Nosso Rio Grande do Sul também revelou talentosos poetas, letristas, inspirados trovadores, payadores, além

de excelentes instrumentistas, quer em gaita, violão, contrabaixo e bateria.

Sem estender-me mais, penso que se nossa música tivesse espaços na grande mídia do centro do País, teria uma aceitação bem maior por parte da população de outros Estados, fora do nosso eixo sulista; tal a consistência de que é formada e apresentada por seus intérpretes. Mas, não posso deixar de registrar também, que alguns artistas daqui viajam com constância levando a música gaúcha Brasil afora, inclusive os SERRANOS, isso já, há muitos anos.

Viva a cultura gaúcha e a nossa linda música regional!!!

INTRODUÇÃO

Adair Adams

Letícia de Lemos Perin

Na música há uma compreensão de mundo. Os seres humanos se constituem pelo sentido, pelo simbólico, e por isso são construtores de mundo. Para além do trabalho, da organização política, econômica, social, a música é uma forma artística que dá alegria e ânimo para viver, faz a vida valer a pena. Nietzsche, filósofo do século XIX, afirma que a arte existe para que a realidade não nos destrua. Nesse sentido, as formas, os estilos, os conteúdos, enfim, tudo aquilo que faz parte da música, revela o modo como vivemos o presente.

O significado e a importância da música difere de um ser humano para o outro. Encontramos no músico clássico, Ludwig Van Beethoven, a afirmação de que a música é a linguagem de Deus. Por ela, pelo que sentimos, pelo que pensamos e como podemos agir, passamos a sentir-nos numa proximidade com a divindade. Em contrapartida, alguns pensadores da Escola de Frankfurt, uma comunidade de pensamento da teoria crítica, afirmam que a música é uma das formas de indústria cultural, o que implica na massificação da consciência, do nivelamento das pessoas e da própria alienação.

A música é uma forma de linguagem que permite o encontro dos diferentes modos de ser, pensar e agir. Por meio dela, as pessoas, em sua diversidade e pluralidade, podem se encontrar e ter uma convivência propriamente humana. Nessa perspectiva, ela tem um elemento social fundamental na organização das coletividades. No entanto, ela pode ser usada como um instrumento, como mais um objeto para a economia de mercado. É frente a essa dimensão que faz parte da música, a questão econômica, que boa parte dos argumentos apresentados ao longo deste livro fazem uma reflexão.

A proposição que perpassa os argumentos é de que a música é humanizante e um pilar da socialização e, por isso, não pode ser qualquer coisa, nem se prestar para qualquer coisa, inclusive racismo, alienações e outras perspectivas desumanizantes.

Como uma forma de registro de concepções de mundo, a música pode ser uma lente para compreender os aspectos sociais e culturais de cada uma das épocas, pois ela mesma é histórica e contextual. Os projetos musicais podem ser interpretados dentro desse escopo e, assim, requer sempre um olhar hermenêutico que envolve questões, estéticas, históricas e linguísticas. As músicas não são atemporais, mesmo aquelas que perpassam as épocas e se tornam clássicas em termos de interpretação da condição humana.

Na música, outrossim, encontramos elementos próprios da constituição pedagógica do ser humano. Aprendem-se os gostos, criam-se pertencimentos e mediações para aprendizagens que são consideradas importantes, pelos responsáveis pelo mundo, para as novas gerações. Usada por escolas/professores para metodologias de aprendizagem de conteúdos mais diversos, é também formadora de escolas, que são de estilos, tradições, práticas e técnicas.

Dizer o que é uma boa música requer um debate que pode não ter consenso. No entanto, dentro das tradições musicais, há consenso sobre o que é clássico, o que é bom e o que pode ser culturalmente educativo. Independentemente do gosto, a música tem um efeito psicofisiológico no ser humano que pode ter diversas manifestações, como tranquilidade, descanso, motivação, alegria e mobilização. O poeta Goethe afirma que “todos os dias devíamos ouvir um pouco de música, ler uma boa poesia, ver um quadro bonito e, se possível, dizer algumas palavras sensatas”.

No primeiro capítulo, um texto em formato de entrevista, foi realizado com o escritor e compositor de grande reconhecimento em nosso estado e que por ocasião também é patrono da Feira do Livro de Vacaria-RS, no ano de 2023. Nesse texto encontramos sua história e os caminhos percorridos na sua carreira.

No segundo capítulo, nos é apresentada a parte mais técnica

da criação musical, onde a métrica e a estética são o tema principal. Nesse texto é possível entendermos como o processo acontece, a poesia, a composição e como isso se torna música ao final de tudo. Por sua vez, o terceiro capítulo, nos apresenta o projeto Semeando, o qual tem como intuito levar as escolas de Vacaria-RS apresentações/concertos didáticos de forma a introduzir história e musicalidade para os estudantes. Dessa forma, plantar e cultivar a chama tradicionalista nas crianças.

O quarto capítulo, nos mostra a trajetória do jovem músico vacariano, que teve seu pai como sua maior influência para alçar seus voos pelo Brasil afora. No quinto capítulo, o autor nos traz os sons e a música na humanidade, a importância que os povos dão aos seus ritos musicais e seus instrumentos. Além de apresentar parte da história dos primeiros registros de músicas na antiguidade e como foram constituídos os ritmos gauchescos.

O sexto capítulo, mostra uma pesquisa realizada nas escolas municipais de Educação Infantil e Ensino Fundamental, sobre como e quando o tema “cultura gaúcha” é trabalhado durante o ano letivo. Nesse contexto salienta-se que na cidade há uma lei que prevê a obrigatoriedade de abordar o tema ao longo do ano letivo. Ainda no ambiente escolar, o sétimo capítulo traz ações que foram realizadas em uma escola de Ensino Fundamental sobre o tema “cultura gaúcha”, onde os estudantes puderam experienciar da culinária, indumentária, objetos antigos e músicas tradicionalistas durante as aulas. Dessa forma, era possível elevar o trabalho pedagógico, deixando marca na vida desses alunos.

O oitavo capítulo, remete a prenda na cultura gauchesca. Nesse caso a importância da mulher gaúcha na sociedade e a história das mulheres na música nativista e tradicionalista, mesmo sendo um ambiente majoritariamente masculino, além de nos mostrar a caminhada a ser seguida para ser a Primeira Prenda da oitava região tradicionalista.

Já, o nono capítulo nos oferece uma visão dos CTGs: os concursos instrumentais e vocais, as danças, os bailes e a importância

desses fatores para a manutenção e apreciação da cultura gaúcha na atualidade. O sonho da participação em festivais e a composição de músicas para nossa terra, é o tema central do décimo capítulo. Nele é possível acompanhar de forma poética a trajetória de um compositor Vacariano.

No décimo primeiro capítulo a trajetória dos irmãos Osório é narrada e através dela é possível ter uma dimensão da importância do trabalho e obra desses artistas tão queridos e imprescindíveis para a difusão e constituição da identidade gaúcha, bem como homenagear o legado desta família para a cultura da nossa terra. O décimo segundo capítulo apresenta uma abordagem histórica da música gaúcha tradicionalista. Traz a história de grandes nomes do nosso estado e seu caminho percorrido até a chegada ao reconhecimento no sul e até mesmo nacional de alguns artistas.

O décimo terceiro capítulo, conta brevemente a história de uma família com origens em CTGs, tanto em danças quanto em apresentações instrumentais de gaita e os anseios de um jovem em seguir carreira pelos palcos do Rio Grande do Sul. Em se tratando de famílias, o décimo quarto capítulo, traz a história musical de um integrante de uma das famílias mais conhecidas no nosso Rio Grande do Sul e a sua afeição pelo bombo leguero.

E por fim, o décimo quinto capítulo nos conta a trajetória de um músico bastante conhecido na nossa região e que faz morada em nossa cidade. Nesse texto, revela como foi começar a desbravar e levar a música tradicionalista de sul a norte do nosso país.

Esta obra é fruto do trabalho de organização das escolas EMEF Juventina Morena de Oliveira, EMEI Erlina Portela Gervino, além do auxílio incansável de Adair Adams (IFRS) e Maria Elisabete Fernandes (professora da rede municipal de ensino e bolsista do IFRS). Que a música seja sempre sinal de humanidade. E que esta obra possa inspirar as novas gerações por meio das breves memórias e reflexões.

COMPONDO A TRADIÇÃO: UMA CONVERSA COM GUJO TEIXEIRA

Paulo Henrique Teixeira de Souza

Adriana Aparecida de Almeida Marcolin

Esta narrativa se constitui a partir de uma prosa com o Patrono da 41ª Feira do livro de Vacaria¹, Gujo Teixeira, onde partilhou carona na viagem que o escritor e compositor fazia, em 08 de setembro de 2023, enquanto respondia aos questionamentos para a construção deste texto. A proposta de escrita aconteceu em 19 de junho, deste ano. A EMEF Juventina Morena de Oliveira e a EMEI Erlina Portela Gervino, ambas do Bairro Barcelos, município de Vacaria, RS, desenvolveram o projeto “Música”, por ocasião do tema “Cultura Gaúcha”.

Às vésperas do 35º Rodeio Crioulo Internacional de Vacaria², não poderia haver tema mais adequado. Não obstante, Vacaria tem tradição cultural rio-grandense valorizada em todo o território nacional e além das fronteiras. Vacaria³, município do planalto rio-grandense, tem impregnado em sua historicidade a

1 Evento realizado pela Secretaria Municipal de Educação e Rotary Club de Vacaria.

2 O 35º Rodeio Crioulo Internacional de Vacaria, acontece de 3 a 11 de fevereiro de 2024.

3 Vacaria limita-se ao norte com Santa Catarina, cidade de Lages, ao sul com a cidade de Monte Alegre dos Campos, ao leste com a cidade de Bom Jesus, ao oeste com as cidades de Esmeralda, Muitos Capões e Campestre da Serra. Fonte: NUPAC (Núcleo de Pesquisa de Apoio à Comunidade da Universidade de Caxias do Sul - Campus Universitário de Vacaria). Complementar a esta informação, “Vacaria é a maior cidade dos Campos de Cima da Serra. Conhecida como Porteira do Rio Grande, destaca-se por sediar o Rodeio Crioulo Internacional, maior manifestação artística, cultural e campeira da tradição gaúcha. Mas não é só de tradicionalismo que vive o município. O ecoturismo, a pecuária e a produção de maçãs, pequenas frutas, flores e grãos também se destacam”. Disponível em: <<https://vacaria.rs.gov.br/vacaria/historia>>. Acesso em 18 set 2023.

cultura e a tradição gaúcha. Neste sentido, também é referência da música tradicionalista.

Neste diálogo, Gujo Teixeira, reconhecido e destacado expoente artístico, literário e profissional, viajava em seu veículo, deixando para trás a casa e o cavalo da sua propriedade rural, em Lavras do Sul. Discorri em meus pensamentos sobre o fato de que as chuvas de agosto teriam se estendido até aquela tarde de setembro. Assim, a melodia e a letra “Batendo Água” emergiram no momento em que ouvia os áudios de Gujo.

Batendo Água

Gujo Teixeira

Meu poncho emponcha lonjuras batendo água
E as águas que eu trago nele eram pra mim
Asas de noite em meus ombros sobrando casa
Longe das casa ombreada a barro e capim

Faz tempo que eu não emalo meu poncho inteiro
Nem abro as asas de noite pra um sol de abril
Faz muitos dias que eu venho bancando o tino
Das quatro patas do zaino, pechando o frio

Troca um compasso de orelha a cada pisada
No mesmo tranco da várzea que se encharcou
Topa nas abas sombreras, que em outros ventos
‘Guentaram as chuvas de agosto que Deus mandou

Troca um compasso de orelha a cada pisada (aí é que é
bonito!)

No mesmo tranco da várzea que se encharcou
Topa nas abas sombreras, que em outros ventos
‘Guentaram as chuvas de agosto que Deus mandou

Meu zaino garrou da noite o céu escuro
E tudo o que a noite escuta é seu clarim
De pata batendo n’água depois da várzea
Freio e roseta de esporas no mesmo trim

Falta distância de pago e sobra cavalo
Na mesma ronda de campo que o céu deságua
Que tem um rumo de rancho pras quatro patas
Bota seu mundo na estrada batendo água!

Porque se a estrada me cobra, pago seu preço
E desabrigo o caminho pra o meu sustento
Mesmo que o mundo desabe num tempo feio
Sei o que as asas do poncho trazem por dentro

Porque se a estrada me cobra, pago seu preço
E desabrigo o caminho pra o meu sustento
Mesmo que o mundo desabe num tempo feio
Sei o que as asas do poncho trazem por dentro

Ai o sapucaí!

Retornando ao percurso de viagem, percebi a solicitude e o comprometimento Paulo Henrique Teixeira de Souza, conhecido por todos como Gujo Teixeira, em responder a todos os questionamentos. Apresentava-se com simplicidade, descrevendo o início de sua trajetória:

Sou natural de Porto Alegre e hoje moro em Lavras do Sul. Tenho cinquenta e um anos de idade, trabalho com música regional há trinta e seis, contando da primeira vez que eu passei uma música em festival. Eu havia antes disso, já mandado durante quatro, cinco anos, músicas para festivais e essas não haviam passado nunca. Então, eu comecei a contar a minha trajetória quando eu passei uma música num festival chamado Festival Tradicionalista da Mata, não vou me recordar o ano exatamente, uma letra chamada “Aquele Potro Gateado” em parceria com Érlon Pércles, compositor na ativa da música. (informação verbal)⁴.

Com admirável talento, Gujo é reconhecido como um grande ícone representante da música gaúcha. As principais influências musicais e literárias que inspiraram o seu trabalho

4 Entrevista concedida por TEIXEIRA, Gujo. Entrevista I. [set. 2023]. Entrevistadora: Adriana Aparecida de Almeida Marcolin. Vacaria, RS, 2023. 1 arquivo.

estiveram balizadas na família, no gosto pela cultura gaúcha, pela pesquisa e história do homem do campo, na literatura regional, nos Festivais que acompanhava e, por vezes, pelo rádio, na obra de outros compositores gaúchos e cantores do rock nacional, o que contribuiu para auxiliá-lo na construção de sua identidade de escrita, e, também, na sua formação técnica e acadêmica, como descreve:

Eu sempre tive acesso e gosto da música regional gaúcha por conta do meu tio, um poeta chamado Edilberto Teixeira, falecido, homem que pesquisou muita coisa sobre a cultura gaúcha, pesquisou muita história, letras contando o homem do campo e eu sempre gostei de ouvir, por intermédio também do meu avô, que presenteava meu irmão com livros da cultura regional. Eu tinha acesso e gosto por esse tipo de leitura. Sou de uma geração que ouviu muito o rock nacional e isso também formou muito a minha identidade de escrita, por sempre gostar de alguns compositores da música regional gaúcha, música brasileira que trabalhavam principalmente a letra, um exemplo, Legião Urbana, Engenheiros do Havai e sempre gostei dessa desse conteúdo que dizia alguma coisa. Quando me vi escrevendo, sempre quis escrever alguma coisa que também tivesse esse conteúdo. As minhas influências regionais, além de ouvir e gostar do que essa referência que eu citei antes, do Edilberto, desses livros que o meu irmão ganhava, eu comecei a ler Antônio Ximango, li muito Jaime Caetano Braun, Aureliano de Figueiredo Pinto e ouvia também, os festivais nativistas quando as rádios transmitiam. Me recordo dum fato de a gente tá ouvindo, talvez uma tertúlia musical de Santa Maria, uma música do Luiz Carlos Borges, chamada “Dom Lagarto”, e me recordo dessa cena de tá ouvindo-a no rádio, no período da noite, quando acontecia. Aí no outro dia, ficava querendo saber quem eram os vencedores, que música tinha tido destaque. Depois, das Califórrias, como todo mundo, as referências principais da música regional. (informação verbal)⁵.

Complementar a isso, Gujo destaca como a literatura contribuiu para enriquecer suas escritas, entre composições e livros. Reitera a importância da sua formação como Técnico Agrícola e

5 Entrevista concedida por TEIXEIRA, Gujo. Entrevista I. [set. 2023]. Entrevistadora: Adriana Aparecida de Almeida Marcolin. Vacaria, RS, 2023. 2 arquivo.

Médico Veterinário, conjugado ao seu trabalho na propriedade rural familiar. Face ao exposto, ainda a vivência no ambiente do campo, o gosto pela cultura gaúcha e em especial pela música, assim como, a imersão na leitura e no hábito da escrita, formaram a essência de nosso Patrono.

A literatura pra mim e a minha escrita é baseada nas informações que eu tenho. Eu hoje sou técnico agrícola, formado pela Universidade Federal de Santa Maria, sou médico veterinário, também pela mesma instituição, formado há vinte e seis anos já, e trabalho numa propriedade rural da minha família. Essa informação primeira é quem me dá subsídio da escrita. A visualização destes ambientes e deste conteúdo visual e de pampa que eu habito, com a literatura, a leitura que eu tenho e que eu tive durante todo esse tempo, é o que me deu subsídio. Eu acredito e sempre penso que se eu não tivesse a leitura, que eu não teria um vocabulário no mínimo apropriado pra colocar nas minhas escritas. O próprio frequentar dos festivais, ouvir, fazer uma triagem, ter esse conteúdo do que os outros produzem, também foi referência na minha forma de produzir. Eu acho que eu não produziria da maneira que eu produzo se não fosse pela literatura do que eu li, e não só a regional. Hoje sou um leitor bem menos frequente do que já fui, mas acho que o que eu já li, o que eu tenho lido é o que me dá o subsídio de argumento pras coisas que eu escrevo. (informação verbal)⁶.

Neste sentido, suas letras costumam abordar temas como a vida no campo⁷, mas também, o amor e a saudade, tendo como

6 Entrevista concedida por TEIXEIRA, Gujo. Entrevista I. [set. 2023]. Entrevistadora: Adriana Aparecida de Almeida Marcolin. Vacaria, RS, 2023. 3 arquivo.

7 “Eu escolho abordar a vida no campo em minhas letras, porque é onde eu vivo, na verdade esse ambiente que eu vivo. Uma propriedade em Lavras do Sul, que trabalha com pecuária que não diariamente, mas muito seguido eu encilho um cavalo e saio pro campo por função do meu trabalho ou se não saio pro campo à cavalo, sempre tem um vistaço, uma volta que tu tem que dar pra ver como andam as coisas e o trabalho, às vezes, é muito mais dentro das mangueiras, mas esse ambiente que eu vivo e essas pessoas que eu convivo, eu sempre tento contar porque eu sou essa pessoa e seria muito difícil eu cantar como já cantei o homem do litoral, o pescador, um homem urbano, mas eu me estando nesse lugar é muito mais fácil eu já escrevi letras sobre pescador, onde é que eu fui ver? Fui descobrir, fui conversar com pessoas que sabiam, mas eu só chego até um ponto, eu não entro na profundidade do conteúdo por não saber e por saber isso e vivesse esse ambiente rural e de campo eu escrevo e me sinto à vontade sem medo de errar escrevendo sobre ele.” (informação verbal) -

motivação para essas temáticas os sentimentos. Além da vida da pessoa do campo, escrita tradicional para o regionalismo gaúcho, temos pessoas que têm sentimentos, que deixam suas casas, buscam alcançar sonhos, pessoas que amam, por vezes, sofrem, sentem saudade, têm dores e pensares. Gujo explicita muito bem isso:

Entre as motivações da escrita, a saudade e o amor é o tema mais corriqueiro pra qualquer um, pra qualquer poeta, é o tema sentimental. Eu escrevi durante muito tempo coisas de campo, contando cenas de campo, por talvez vivê-las diariamente, e não que eu tenha esgotado o tema, mas eu, tempo depois, comecei a escrever coisas mais ligadas ao sentimento, por ver nas pessoas uma necessidade de conteúdo com esse formato, também por ver que a grande maioria pessoas que produziam escrita para o regionalismo gaúcho escreviam sobre as suas cenas de campo, o homem à cavalo, o próprio formador da identidade regional que era o Centauro das Coxilhas, esse homem desbravador do campo, que montava um cavalo e enfrentava qualquer tempo ruim pra percorrer o seu ambiente, pra fazer as suas lidas. Eu pensei que poderia também tratar desse sentimento, desse homem que indo de um lugar pra outro deixava alguém na sua casa, família, filhos e o próprio sentimento pessoal dele, que era muito pouco retratados no regionalismo do tempo que eu iniciei nos festivais, tanto que existe uma referência não dita por mim, mas dita por outros, que também as minhas escritas junto com o Marengo, que quando viessem para suas casas e algumas outras, foram marcos dentro do regionalismo por retratar o gaúcho dum formato que não era só o gaúcho que ensinava cavalo e domava cavalo, mas também é um gaúcho que se preocupava com o sentimento deles, com os sonhos, com os pensares dele. (informação verbal)⁸.

À vista disso, o gaúcho presente nas suas poesias deixa de ser o caricato, ou seja, o estereótipo do gaúcho de bota e bombacha, tão somente, e passa a ser o gaúcho que pega o mate e a térmica e vai para a rua tomar seu chimarrão. Este é o gaúcho que tem suas raízes, tem sentimentos, preserva a cultura, mas não é a imagem do ‘homem’

Entrevista concedida por TEIXEIRA, Gujo. Entrevista I. [set. 2023]. Entrevistadora: Adriana Aparecida de Almeida Marcolin. Vacaria, RS, 2023. 4 arquivo.

8 Entrevista concedida por TEIXEIRA, Gujo. Entrevista I. [set. 2023]. Entrevistadora: Adriana Aparecida de Almeida Marcolin. Vacaria, RS, 2023. 5 arquivo.

desbravador. Segundo Agostini (2005, p. 16) “destaque-se que o mito do gaúcho-herói é uma construção moderna amplamente referendada tanto pelo viés da crítica literária quanto pela pesquisa historiográfica”. Neste sentido, o gaúcho da contemporaneidade precisa vencer desafios outros, que vão além do enfrentamento corpo a corpo no campo de batalha.

O gaúcho presente nas poesias, talvez hoje, é muito mais o gaúcho atual do que o gaúcho antigo. É o gaúcho que saiu pra rua. Eu sempre conto e tenho isso comigo, que a gente conseguiu demonstrar uma identidade gaúcha a partir do gaúcho que pegou sua térmica, botou embaixo do braço e foi pra rua tomar mate pra mostrar que era gaúcho. Antes disso, o estereótipo do gaúcho era sempre aquele gaúcho de bota e bombacha, perdido numa rodoviária de Porto Alegre, passando trabalho e sendo muito mais caricato. Também atribuo aos Festivais, e é um exemplo, o próprio Renato Borghetti, que era um cara que foi tocar uma música regional de bombacha e alpargata, nos anos oitenta. Eu sempre brinco que depois que fizeram a térmica menor, o gaúcho pode dizer que era gaúcho, enchia de água quente sua térmica, ia pra rua pra mostrar esse sentimento que era o de ser gaúcho e tomar mate, porque antes isso não havia. Parece uma cena corriqueira, mas a percepção que eu tenho, depois que as fábricas começaram a fazer bombachas e não eram só costureiras do interior que faziam, o gaúcho pode mostrar mais esse sentimento, quem ele era, e mostrar suas raízes, porque a grande maioria do povo da capital e da grande Porto Alegre tem suas raízes no interior, principalmente com esse gaúcho que foi cantado. Eu escrevi muita coisa sobre esse gaúcho, mas hoje acabo contando mais do sentimento desse gaúcho, mais atual, hoje. Não me remete muito, a minha escrita, ao gaúcho daquele tempo mais antigo, que foi o desbravador e o Centauro da Coxilha. (informação verbal)⁹.

Contudo, escrever não é apenas falar do gaúcho, da vida no campo, do amor ou da saudade. Gujo faz uma relação entre a poesia e a música gaúcha. Há um formato circunstancial da escrita, para que a melodia seja casada com a letra. Faz-se necessário

9 Entrevista concedida por TEIXEIRA, Gujo. Entrevista I. [set. 2023]. Entrevistadora: Adriana Aparecida de Almeida Marcolin. Vacaria, RS, 2023. 6 arquivo.

pensar o ambiente de gravação, a instrumentalização musical, a interpretação da poesia, sem que seja apelativa.

Para mim, a poesia e a música gaúcha são distintas, mas ao mesmo tempo elas são uma coisa só. Eu explico o porquê do meu pensamento. Comecei a escrever num formato que essa minha poesia fosse transformada numa música. Então, os formatos que eu comecei a escrever, certamente, não eram os formatos antigos que os poetas expressavam seus sentimentos sem se preocupar com uma métrica, um formato visual, um formato entre linhas e tamanho de escrita. Hoje, a poesia regional, talvez declamada principalmente, na escrita tem um formato diferente, talvez muito longo de difícil assimilação, mas pelas circunstâncias, no momento que a gente tá vivendo, muito mais dinâmico e de permanência, se for uma coisa muito longa, talvez ela não fique. Eu acredito que a minha escrita sempre foi forjada e feita para que tivesse um formato de receber uma melodia, porque senão elas iam permanecer numa pasta, numa gaveta, num arquivo de computador e não teriam essa chegada no público, porque a melodia casada com a letra transforma-se numa canção, numa música propriamente dita, com uma interpretação instrumental que conseguiu ser apresentada em algum ambiente e foi gravada. E sempre me falavam assim, ó, Gujo, tem que fazer um verso em duas linhas, a terceira como refrão e mais duas, porque a melodia se repete da primeira na outra, depois do refrão. Essa é a fórmula. Bom, se essa é a fórmula, eu não vou fazer, já que tá todo mundo fazendo, isso eu não quero fazer assim, então a minha poesia ela é muito difícil. Teve um refrão que fosse aquele momento que todo mundo cantaria junto, ela sempre teve o mesmo formato, eu nunca me preocupei num refrão pra que o povo cantasse junto ou tivesse esse apelo, eu sempre tentei fazer o diferente do que diziam, que era a fórmula. (informação verbal)¹⁰.

Prova disso é a história que a letra da música apresenta. Gujo comentou que poderia dar muitos exemplos de músicas que são muito especiais, mas em particular, nos apresenta três composições e músicas que são referência na sua história e expressam contextos de vida em determinado momento. A primeira música que comentou

10 Entrevista concedida por TEIXEIRA, Gujo. Entrevista I. [set. 2023]. Entrevistadora: Adriana Aparecida de Almeida Marcolin. Vacaria, RS, 2023. 7 arquivo.

ter muito carinho é “Pra O Meu Consumo”, escrita enquanto estava curso Medicina Veterinária e num momento de nostalgia registrou em poesia, seu autorretrato, ou seja, suas percepções de vida e de mundo naquele momento.

Tenho várias músicas minhas que eu tenho muito carinho, mas isso também é muito do tempo que eu estou ouvindo e as circunstâncias que eu escrevi. Talvez pra muitos e pra mim uma letra chamada “Pra O Meu Consumo” tem uma referência muito grande, foi uma letra que eu escrevi numa época da faculdade. Eu conto que eu a escrevi dentro de uma aula de Sociologia Rural, uma aula não muito agradável e temas que não chamavam a atenção naquele momento, e eu a escrevi como um autorretrato ou “Pra O Meu Consumo”, naquele momento. Eu estava falando exatamente quem eu sou, ou, o que eu pensava, os sentimentos que eu tinha, o Gujo se expondo na poesia, ali é um autorretrato, eu tô contando quem eu sou, o que eu penso, como eu imagino o mundo, como eu imaginava o mundo naquele momento, então pro meu consumo teve essa construção baseada exatamente como um pintar essa esse quadro do que eu era e do que eu pensava, naquele momento. (informação verbal)¹¹.

Segue a primeira letra de Gujo Teixeira e que se tornou um grande sucesso musical:

Pra O Meu Consumo!

Gujo Teixeira

Têm coisas que tem seu valor
Avaliado em quilates, em cifras e fins
E outras não têm o apreço
Nem pagam o preço que valem pra mim

Tenho uma velha saudade
Que levo comigo por ser companheira
E que aos olhos dos outros

11 Entrevista concedida por TEIXEIRA, Gujo. Entrevista I. [set. 2023]. Entrevistadora: Adriana Aparecida de Almeida Marcolin. Vacaria, RS, 2023. 8 arquivo.

Parecem desgostos por ser tão caseira

Não deixo as coisas que eu gosto
Perdidas aos olhos de quem procurar
Mas olho o mundo na volta
Achando outra coisa que eu possa gostar
Tenho amigos que o tempo
Por ser indelével, jamais separou
E ao mesmo tempo revejo
As marcas de ausência que ele me deixou..

Carrego nas costas meu mundo
E junto umas coisas que me fazem bem
Fazendo da minha janela
Imenso horizonte, como me convém

Das vozes dos outros eu levo a palavra
Dos sonhos dos outros eu tiro a razão
Dos olhos dos outros eu vejo os meus erros
Das tantas saudades eu guardo a paixão

Sempre que eu quero, revejo meus dias
E as coisas que eu posso, eu mudo ou arrumo
Mas deixo bem quietas as boas lembranças
Vidinha que é minha, só pra o meu consumo...

Acrescentando um segundo exemplo apresentado pelo Patrono, pela especial relevância, está a música “Quanto Mais Eu Vou Embora”, participante do Festival em Vacaria. No momento em que foi escrita a letra, manifestavam-se questionamentos e sentimentos sobre o nosso lugar, as nossas dificuldades, as coisas que marcam nossas vidas e o que a vida nos exige.

Tem uma outra música que também é uma outra letra e tem uma relação muito boa com o fazer ela, inclusive participou do Festival de Vacaria, que se chama “Quanto Mais Eu Vou Embora”. No momento que eu escrevi ela, também vivia esse sentimento de coisas novas na vida, acontecendo e sabendo

que tudo que tu faz na tua vida exige tempo, exige dedicação, existem algumas umas coisas que tu deixa pra trás e era bem isso, que quanto mais a gente vai embora, mais a gente fica onde a gente tá, porque talvez ali seja o nosso lugar, as dificuldades, as coisas, então eu conto toda a letra falando, e depois disso são inúmeras letras que eu conto momentos, cenas que me marcaram. (informação verbal)¹².

Composição de Gujo, no Festival em Vacaria:

Quanto Mais Eu Vou Embora

Gujo Teixeira

Quanto mais eu vou embora
Mais eu retorno pra casa
Fagulha de coronilha
Que se estilhaça nas brasas
E cai em frente a lareira
Sabendo que não tem asa

Quanto mais eu vou embora
Mais eu retorno pra mim
Perdiz que pia voando
Até o impulso ter fim
E se aninha de novo
Numa moita de alecrim

Quanto mais eu vou embora
Mais eu retorno pra ela
Gaúcho que se despede
Dando adeus na cancela
E no fim do dia volta
Pra rever os olhos dela

Quanto mais eu vou embora
Mais eu retorno pra infância
Pandorga que rompe a linha

12 Entrevista concedida por TEIXEIRA, Gujo. Entrevista I. [set. 2023]. Entrevistadora: Adriana Aparecida de Almeida Marcolin. Vacaria, RS, 2023. 9 arquivo.

E ganha o céu da distância
E regressa pra piazada
Na mão de algum peão da estância

Quanto mais eu vou embora
Mais eu retorno pra os meus
A alma que está de partida
Rumando os campos de Deus
Depois encontra sua luz
Na escuridão dos ateus

Quanto mais eu vou embora
Mais eu retorno aos amigos
Campeiro que inventa atalho
Depois pressente o perigo
Mas acha o passo de sempre
Repisando um rastro antigo

O meu lugar é o agora
E vivo aquilo que sou
Quanto mais eu vou embora
Mais eu fico aonde estou

Por último e o terceiro exemplo é também uma importante reflexão. A descrição sobre as circunstâncias ilustradas pela história, da casa construída pelo João-de-Barro e, depois, destruída pela tropa. Contudo, reconstruía-se, como sinônimo de esperança à vida e o renascimento. Gujó comparou o fenômeno à destruição e reconstrução de casas no Japão, por ocasião dos tsunamis.

Um exemplo foi, “Bem na Porteira”, uma cena característica de coisas que aconteciam lá fora, o João-de-Barro fazia a casa, vinha o gado e derrubava a casa dele, outra vez ele fez, nós tiramos o ninho do João-de-Barro do moirão, botamos no outro, botamos uma pedra e não adiantou, ele abandonou aquele ninho e começou a fazer outro. Foi na época dos tsunamis lá no Japão. Ouvi uma entrevista e uma pessoa entrevistada dizendo que podia acontecer o que acontecesse, eles iriam reerguer a sua casa, reerguer o seu rancho e tal. E um fato muito característico que eu sempre quis escrever e

começar uma letra com a palavra circunstancial, eu acho uma palavra sonora e eu queria fazer com que isso, e o músico também tivesse a dificuldade ou então a intenção de musicar essa palavra, e fiz a história dos dois João-de-Barro que cruzou a tropa e derrubou e a esperança deles se encontrarem, mas como na vida difícil, onde houver esperança a vida renasce diariamente, mais ou menos isso aí. Teriam muitas pra contar com temas característicos assim da construção delas. (informação verbal)¹³.

Desse modo, compor para musicar requer ainda, uma habilidade para conectar poesia e letra, melodia e palavras. Significa que a escrita tem uma cadência com a melodia e é necessário uma conexão entre composição e intérprete, o cantor precisa se identificar com a letra. Nem sempre uma letra é encaminhada imediatamente para o músico. Pode ficar muito tempo guardada.

Eu sempre construo as poesias e letras pensando numa melodia. Então ela já tem uma cadência na sua escrita, que às vezes eu componho com uma melodia na minha cabeça e não vai ser a melodia definitiva pra ela, porque quando eu faço a letra eu escolho alguém para entregar. Eu fiz uma letra hoje, talvez ela permaneça na minha na minha pasta, no meu arquivo, durante um ano, dois, três, até eu achar a pessoa que vai se identificar com aquela escrita e eu vou entregar a letra pra essa pessoa dizendo “ó essa letra aqui é pra ti”. Tantos exemplos de letras que tiveram paradas até o dia que eu encontrei a pessoa certa e entreguei. Um exemplo, “Quando o Verso Vem Pras Casa” a letra foi mostrada para quatro compositores antes do Marengo pegar pra musicar e todos que leram anteriormente acharam que não se identificavam com a letra, não gostaram. Então esse casamento eu acho que tem o momento certo pra ele. A letra vai chegar na mão de alguém e vai receber a sua melodia. (informação verbal)¹⁴.

Quando o “verso vem pras casa” é um exemplo de letra bem conectada ao intérprete, Luiz Marengo:

13 Entrevista concedida por TEIXEIRA, Gujo. Entrevista I. [set. 2023]. Entrevistadora: Adriana Aparecida de Almeida Marcolin. Vacaria, RS, 2023. 10 arquivo.

14 Entrevista concedida por TEIXEIRA, Gujo. Entrevista I. [set. 2023]. Entrevistadora: Adriana Aparecida de Almeida Marcolin. Vacaria, RS, 2023. 11 arquivo.

Quando o verso vem pras casas

Gujo Teixeira

A calma do tarumã ganhou sombra mais copada
pela várzea espichada com o sol da tarde caindo
um panuelo maragato se abriu no horizonte
trazendo um novo reponte, pra um fim de tarde bem
lindo.

Daí um verso de campo se chegou da campereada
ao lombo de uma gateada frente aberta de respeito
desencilhou na ramada, já cansado das lonjuras
mas estampando a figura, campeira, bem do seu jeito.

Cevou um mate pura-folha, kujado de maçonilha
e um ventido da coxilha trouxe coplas entre as asas
pra querência galponeira, onde o verso é mais caseiro
templado à luz de candeiro e um “quarto gordo nas brasa”

A mansidão da campanha traz saudade feito açoite
com os olhos negros de noite, que ela mesmo
aquerenciou...
e o verso que tinha sonhos pra rondar na madrugada
deixou a cancela encostada e a tropa desgarrou

E o verso sonhou ser várzea com sombra de tarumã
ser um galo pras manhãs, ou um gateado pra encilha.
Sonhou com os olhos da prenda vestidos de primavera
adormecidos na espera do sol pontear na coxilha.

Ficaram arreio suado e um silêncio de esporas
um cerne com cor de aurora queimando em fogo de chão
uma cuia e uma bomba recostada na cambona
e uma saudade redomona, pelos cantos do galpão.

Da mesma maneira, quem faz a melodia precisa ter uma
leitura condizente à letra¹⁵, conectada ao sentimento produzido pela

15 “Eu escrevo as músicas e a partir do sentimento que eu já falei, do musicista, do músico, do intérprete, ela vai se adequar da melhor forma ou não. Eu já tenho letras que que elas são as melodias que puxam o que tá sendo escrito ao mesmo tempo, as pessoas se identificam com isso. Então é ao mesmo tempo acertar o casamento

poesia, seja alegre ou triste, que mantenha a estrutura e a métrica de estrofe no espaço melódico. É uma construção que precisa ser bem planejada, para que os resultados sejam satisfatórios. Outrossim, as estrofes são sequenciais em conteúdo, ou seja, introduz-se o tema, faz-se a reflexão, aponta-se o caminho, num estilo poético¹⁶ ou não tão poético. As letras de Gujo não se sustentam em estrofes rimadas ou em conteúdo mais ‘solto’. Ao contrário, são composições com profundidade e que atingem todos os segmentos, se conectam com o público, como destaca nosso entrevistado:

Muitas vezes entrega uma letra pra alguém e ao receber a melodia eu acho que não casou, eu acho que a melodia não tá condizente com a letra, acho que quem faz a melodia também tem que ter uma leitura muito boa da letra, para o sentimento que a letra diz também seja identificado e transmitido na melodia, porque não dá pra cantar uma coisa triste dentro duma melodia alegre e ao contrário também, a melodia alegre, a letra é alegre e a melodia puxa pra baixo, então o meu conteúdo da escrita sempre é formatado na sua estrutura pra que ele receba uma melodia. Eu tenho muitas letras cantadas em cima duma melodia fictícia na minha cabeça, pra saber que ela vai caber dentro no espaço melódico de métrica de estrofe, então essa é a construção. Sempre tentei e por muitas vezes consegui fazer a letra dizer alguma coisa. Nunca gostei de letras que estão sendo ditas e quando chega na última estrofe, elas

de letra e música, não tem muita explicação pra isso. As letras são fortemente influenciadas pelo universo gaúcho e suas tradições, porque eu vivo isso. Eu sou um cara que escuto música. Dificilmente onde eu estou, não tem uma música tocando nas minhas viagens, em casa, ainda mais nessa época agora com essas plataformas, a gente descobre muita coisa, então a influência é total do que eu escuto, do que eu leio, do que eu vejo, a criação musical é base sempre nisso aí. É numa conversa na beira do fogo com um peão da instância ou assistindo um filme e percebendo o que dentro daquele filme possa ter elementos a usar na criação da sua carreira.” (informação verbal) - Entrevista concedida por TEIXEIRA, Gujo. Entrevista I. [set. 2023]. Entrevistadora: Adriana Aparecida de Almeida Marcolin. Vacaria, RS, 2023. 12 arquivo.

- 16 “O elemento poético mais presente nas minhas composições talvez seja a saudade e o campo, não vai fugir disso, e às vezes os dois se misturam, talvez não estejam na palavra principal, mas o ambiente é esse, o ambiente da minha escrita é sempre o campo e algum momento existe alguma coisa de saudade ou caracterizada por lembrança ou por outro sentimento parecido.” (informação verbal) - Entrevista concedida por TEIXEIRA, Gujo. Entrevista I. [set. 2023]. Entrevistadora: Adriana Aparecida de Almeida Marcolin. Vacaria, RS, 2023. 13 arquivo.

não disseram nada, não disseram no conteúdo de que fique isso daí. Então, as minhas letras, primeiro que eu sempre, por participar de festivais, e sempre levar a minha letra, alguma melodia pra concursos que são os festivais e me dispor a isso, eu sempre quis, obviamente, que nesses concursos elas obtivessem bons resultados. Então, já que eu vou escrever, eu sempre gostei de escrever a letra com conteúdo, de que na primeira estrofe te diga alguma coisa, na segunda faça tu refletir, na terceira até aponte um caminho, sempre dentro do meu conteúdo tenho muita coisa que eu considero não poético, não tão poético quanto as outras características assim de conteúdo de escrita. Um exemplo, “Batendo Água” eu considero que tem conteúdo, conteúdo poético mas não tanto quanto uma letra chamada “Pra O Meu Consumo” ou “Quando o Verso Vem Pras Casa”, os romances de que contam cenas, mas também tem muito conteúdo poético dentro deles. Eu sempre quis fazer isso e percebo uma ansiedade, não hoje, mas há muito tempo uma ansiedade em muitos escritores em querer dizer alguma coisa e quando termina a letra, foi apenas um amontoado de palavras e estrofes rimadas que não dizem nada. Eu acho que a minha preocupação sempre foi essa e sempre o maior desafio, ao ponto de alguns amigos me falarem, pô Gujo, para de querer ganhar a melhor letra sempre, escreve alguma coisa mais solta, mais leve pra que o povo cante junto, mas eu sempre achei que o meu conteúdo mesmo com profundidade e poética, que é o que eu sempre quis escrever, chega onde eu queria que chegasse, que são tem alguns amigos que dizem é um poeta que chega no homem do campo, que trabalha na estância, ao professor da universidade e nesse intermeio tem o guri que tá iniciando a cantoria, tem o universitário, tem o patrão da propriedade onde o mesmo peão ouve. Então eu chego muito num conteúdo que as mulheres escutam muito a minha escrita, principalmente nas músicas que eu trato com temas emocionais e temas românticos e é mais ou menos isso. (informação verbal)¹⁷.

Da mesma maneira, assim como as composições se conectam com o público, com a multidão, cada pessoa com seu sentimento e vivendo seu momento, sua singularidade, vai absorver a mensagem do poeta de uma forma diferente. Por vezes, as impressões deixadas

17 Entrevista concedida por TEIXEIRA, Gujo. Entrevista I. [set. 2023]. Entrevistadora: Adriana Aparecida de Almeida Marcolin. Vacaria, RS, 2023. 14 arquivo.

são tão intensas, que há quem tatue versos no corpo, manifeste-se em redes sociais, suscite pensamentos de outrem para si. Assim, cada letra pode trazer uma interpretação, uma mensagem, conforme ilustra Gujo:

O tema recorrente nas minhas músicas é tentar dizer alguma coisa para as pessoas, que elas se identifiquem, uma coisa que me marca muito na minha escrita e eu percebo isso, são as pessoas estarem dentro da poesia quando elas leem. Esse trecho aqui, parece que foi escrito pra mim, esse trecho aqui eu me identifico, esse trecho aqui... e são várias, entende? Então não teriam um conteúdo que eu penso que foi dito, mas um exemplo, na letra “Pra meu consumo” e tantas outras, existem mais de cem pessoas, que eu saiba, com tatuagens, com trechos de versos meus, né? Então isso é uma coisa que me intriga e me deixa feliz, porque as pessoas eternamente vão ter a minha palavra no corpo e tem isso pra elas, né? Eu conto de uma rede social que é antiga, que é o Orkut, que as pessoas identificavam quem você é elas botavam, tinham duas mil pessoas que identificavam que elas eram “pra o meu consumo”, outras tantas eram outras letras minhas, e hoje eu percebo isso que as pessoas pegam pra si uma frase, um trecho meu e/ou tatuam ou se identificam nas redes ou tem isso em algum momento da sua vida. Então, não teria um ponto que eu queria dizer, eu gosto de ser um sempre nas letras, então, cada letra pode trazer uma interpretação, uma mensagem, eu sempre, eu sempre penso que a letra tem que dizer alguma coisa, carregar dentro dela alguma coisa nas entrelinhas que a pessoa se acha ali, se identifique. (informação verbal)¹⁸.

Neste sentido, o processo de criação das letras não obedece a formatos específicos ou tem uma rotina pré-programada. Acontece em qualquer momento. Pode ser viajando, fazendo anotações de frases ou palavras, gravando alguma coisa, mas necessariamente exercitando a escrita quase que diariamente. A escrita precisa ser construída sem pressa, devendo ser aprimorada em seus registros. Outro fator a ser destacado é a inspiração¹⁹. Ferraro (2020, p. 12)

18 Entrevista concedida por TEIXEIRA, Gujo. Entrevista I. [set. 2023]. Entrevistadora: Adriana Aparecida de Almeida Marcolin. Vacaria, RS, 2023. 15 arquivo.

19 “Trabalho com escrita, não toco, não canto, não declamo, trabalho muito com as oficinas poéticas que também dão muito subsídio pro processo criativo que trabalho

corroborar com o pensamento ao afirmar que “os artistas criam, expressam e retratam cenas da vida, desejos e sentimentos em um conjunto de representações”. Por isso, uma cena observada, uma palavra, um assunto, pode ser transformada em verso, complementa Gujo.

O meu processo de criação não obedece a nenhum formato. Eu escrevo viajando, gravo algumas coisas, em algum momento me surge uma frase, uma palavra, eu anoto, eu chego de viagem e transcrevo ou então um dia eu a acho perdida e vou atrás, mas muito tempo eu exercitei a escrita quase que diariamente. Eu, estive bem mais ativo na produção e nos festivais, não deixo de estar agora, mas é muito conteúdo que eu já fiz, eu escrevia quase que diariamente, eu tinha o exercício da escrita pelo menos uma estrofe ou duas diariamente, eu escrevia. Tem épocas que eu penso que vou fazer vinte dias de escrita pra o INSTAGRAM, escrevendo estrofes e boto na minha cabeça e faço vinte dias de escrita. Não escrevo num dia pra publicar no outro, todos, todos os dias eu paro e escrevo um pouco e depende muito da minha vida corrida. Conforme eu tenho tempo, eu escrevo, às vezes me dá vontade e eu não tenho tempo, nem consigo preparar pra pensar, então eu apenas anoto a ideia e deixo. Às vezes se perde. E aí eu acho que ela vai cair lá no outro poeta. O outro poeta escreve assim. Quando a inspiração chega, mas eu tô sempre meio que procurando assuntos e tentando ouvir pessoas pra que numa palavra, numa cena ou então o poeta é um observador, ele tá sempre meio que cuidando duma coisa pra transformar em verso. (informação verbal)²⁰.

Do mesmo modo, instrumentos utilizados na música gaúcha têm importante papel na construção da sonoridade e isto também influencia a interpretação da composição. Em princípio, os instrumentos gaita e violão são suficientes para compor. Gujo reporta que os primeiros festivais recebiam apenas o violão, e, com

com os meus alunos, e, também, me auxilia num processo criativo pra mim, lá na frente.” (informação verbal) - Entrevista concedida por TEIXEIRA, Gujo. Entrevista I. [set. 2023]. Entrevistadora: Adriana Aparecida de Almeida Marcolin. Vacaria, RS, 2023. 16 arquivo.

20 Entrevista concedida por TEIXEIRA, Gujo. Entrevista I. [set. 2023]. Entrevistadora: Adriana Aparecida de Almeida Marcolin. Vacaria, RS, 2023. 17 arquivo.

o tempo, a gaita acrescentou um toque mais alegre às melodias gaúchas.

Com algumas mudanças, arranjos passaram a ser admitidos e para o acompanhamento outros instrumentos foram sendo incorporados: contrabaixo, violino, bombo leguero, piano, entre outros.

A concepção da música gaúcha ela é toda pra mim em cima da gaita e do violão, não existiriam outros instrumentos pra compor a música gaúcha do que esses dois. Sempre penso que as músicas mais calmas como milongas, algumas outras, são feitas chamadas a partir do violão. Principalmente com influências uruguaias e argentinas que a gente tem, né? Aí a Milonga se desenha de vários formatos a partir do violão, e a gaita acordeona veio acrescentar um toque mais alegre na melodia gaúcha. Alguns festivais antigamente recebiam só o violão, três, quatro violões tocando. Não eram muitos acordeonistas que tinham e o próprio chamamé argentino tem o bailado, o formato a partir do acordeon, então eu acho que esses dois instrumentos são os formadores da música regional gaúcha. Claro que no acompanhamento depois e dentro dos arranjos musicais que a música veio trazendo e dando roupagem nova pra essa música que a gente ouve hoje, muitas coisas do contrabaixo, principalmente nos palcos, aí entra um violino, entra uma percussão, entra o bulbo leguero, vários instrumentos, todos eles bem caracterizados dentro da música regional, o próprio piano que eram os instrumentos que existiam nas fazendas onde os recitais aconteciam. Várias fazendas antigas tinham os pianos que eram tocados por visitantes, as mulheres da casa aprendiam a tocar, então a música regional vem de várias vertentes e todas elas a partir desse cancionário regional, que vindo bem antes de nós aqui, a música europeia chegou primeiro aqui. Depois, teve muita coisa dos índios, então houve uma mistura, mas a característica principal pra mim é o uruguaio argentino com suas milongas e chamamés que deram essa roupagem pra música regional gaúcha que a gente ouve hoje. (informação verbal)²¹.

Nesta viagem, conhecemos um pouco do Gujo, sua

21 Entrevista concedida por TEIXEIRA, Gujo. Entrevista I. [set. 2023]. Entrevistadora: Adriana Aparecida de Almeida Marcolin. Vacaria, RS, 2023. 18 arquivo.

trajetória, o processo de construção da sua escrita, suas influências, a musicalização de suas letras. Contudo, vamos abordar os desafios enfrentados pelos compositores e músicos gaúchos atualmente. Sabemos que são muitos e, por vezes, o público desconhece os embates do cotidiano. Sucesso, mídia, trabalho publicado e reproduzido em vários veículos exige muito investimento, projetos bem articulados e pessoas bem intencionadas no entorno. É sobre isso que Gujo expõe um pouco:

Falar sobre os desafios hoje, eu falo que antigamente era bem pior, antigamente a gente não tinha onde mostrar a música se não fosse com investimento de estúdio alto, músicos e aí tu tinha que passar num festival ou gravar o teu próprio disco e tentar mostrar pra alguém e universo que existiu, já existiu no Rio Grande do Sul, mais de oitenta festivais por ano, não era assim, era fácil, mas tinha muita gente produzindo, hoje não sei se tem vinte. Também tem muita gente produzindo, mas também tu pode gravar hoje e jogar numa plataforma de música e mostrar. E sempre vai ter a dificuldade de tu chegar nas pessoas, né? E eu acho que tem muita gente produzindo e falo isso sem nenhuma preocupação, produzindo música e letra em cima da perna para que essa música seja entregue ali adiante e daqui a quinze dias não seja lembrada mais, não só na música regional gaúcha, mas como na música brasileira, uma música de consumo, pra que isso gere cifras. Também acho uma dificuldade hoje pra quem produz essa geração de dinheiro a partir do que tu faz. (informação verbal)²².

Com a escrita e a composição não é diferente. Os desafios para produzir conteúdo é muito difícil. Há um investimento intelectual alto e os investimentos são escassos. Apesar disso, é imprescindível que haja responsabilidade e compromisso com a propriedade e o argumento, segundo Gujo. O escritor precisa se adequar ao cenário que irá produzir.

Nós somos produtores de conteúdo e eu mesmo assim pra receber sobre esse conteúdo é muito difícil, não é uma coisa muito simples ou muito bem paga, então eu acho que quem foca nisso tem bastante dificuldade, nunca foi o meu, o meu

22 Entrevista concedida por TEIXEIRA, Gujo. Entrevista I. [set. 2023]. Entrevistadora: Adriana Aparecida de Almeida Marcolin. Vacaria, RS, 2023. 19 arquivo.

foco principal de a escrita ela de início era um divertimento, um hobby depois virou uma um foco assim pra algumas coisas, mas muito mais por participar, do que financeiramente por saber que ela não gera o que deveria e hoje eu já tenho ela como mais ou menos uma obrigação assim, eu não posso entregar um conteúdo de escrita sem que ele passe alguns dias sendo avaliado por mim, impresso, rasgo o papel, faço de novo, porque o compromisso pelo meu nome, pelo conteúdo que eu escrevo eu não posso escrever alguma coisa que não seja condizente com o que eu penso e sempre digo não. Seja verdade, porque eu acho que aí é que tá a diferença da escrita, escrita com verdade e com propriedade, principalmente com argumento. Eu acho que é a escrita que vai mais longe. Já me aventurei viajando pelo Brasil, conhecendo alguns compositores da música brasileira, dessa música mais atual, desse sertanejo e pra entender o processo de criação deles, entender a concepção da criação, o que que eles compõem, aonde eles querem ir e acho que o nosso cenário da música regional é esse que a gente tem há muitos anos e vai continuar tendo porque a nossa música ela vai onde o gaúcho estiver, ela vai, ela vai daqui a Santa Catarina, Paraná, vai ao Mato Grosso e se a gente encontrar gaúcho desgarrado no Brasil inteiro e fora daqui eles vão ouvir. Mas eu penso que ela não é uma música de consumo de outras culturas, de outras pessoas que vivam a sua cultura regional. A nossa música gaúcha não vai chegar aonde consomem a música regional da Bahia, música regional de Minas Gerais. Então eu acho que é mais ou menos isso, ela é uma música regional e vai permanecer nos seus regionais onde tiver o gaúcho. (informação verbal)²³.

Desta forma, é fundamental produzir música pensando no público, mas, sobretudo, que ela possa me satisfazer primeiro, o compositor, agradar-me. A escrita não pode ser mal interpretada ou gerar dúvida interpretação. A comunicação precisa ser simples, mas não simplória, por isso, Gujo não refuta o uso de linguagem dicionarizada. A música deve ter sentimento, linguagem poética e ser de fácil entendimento.

Eu sempre eu fiz alguma coisa primeiro pensando em mim. A escrita não sai do meu telefone ou do meu computador, do meu

23 Entrevista concedida por TEIXEIRA, Gujo. Entrevista I. [set. 2023]. Entrevistadora: Adriana Aparecida de Almeida Marcolin. Vacaria, RS, 2023. 20 arquivo.

caderno se ela não me agradar, não penso nunca em agradar ninguém, mas eu também não penso em desagradar, eu não faço uma escrita que eu acho que vai ser mal interpretada, que vai ter alguma ali na frente ela pode ser uma imagem dúbia e eu sempre tentei entregar ela da maneira mais simples, uso palavras dicionarizadas? Uso. Mas eu sempre pensei em entregar ela não simplória, mais simples, numa forma que ela chegue ao público de fácil entendimento, uso muita metáfora, uso muita linguagem poética de criação, mas não muito intencional. Tento escrevê-las e depois, no final, vejo se elas estão ali, são entendíveis e acho que que essa é a primeira intenção, escrever com verdade, escrever com sentimento e o meu sentimento talvez não seja muito diferente dos de todos, alguns às vezes mais aguçados, outros menos e cada um se identifique. Acho que que na música regional gaúcha que eu falei, eu sou um cara que chego no peão da instância e chego no patrão passando por vários ambientes assim, a minha música chega fácil e chega dizendo em todos os lugares. (informação verbal)²⁴.

Com esta linguagem poética, além de ser um exímio verseador, Gujo, como já relatou, apresentou-se em grandes eventos e festivais de música gaúcha. Em sua trajetória, as possibilidades de tornarem suas letras conhecidas, seria submeter aos festivais para que outros compositores cantassem. Com o tempo, adquiriu experiência e tomou a condição de jurado. Os festivais permitem que as poesias passem a ser conhecidas e se formem os maiores músicos, intérpretes e compositores.

Eu iniciei sempre pensando em passar músicas em festivais, porque não existia outra maneira de mostrá-las, ou elas seriam letras guardadas numa gaveta e melodias que um ou outro compositor cantassem. No momento que eu resolvi me aventurar e submeter elas a um concurso que são os festivais, que são concursos. Um exemplo, semana passada eu fiz uma triagem no festival com seiscentas e cinquenta músicas. Na condição de jurado, de julgador tu tem que avaliar e tirar vinte que te agradam. Então, quem submete a sua música a isso há de entender que alguns vão gostar, outros não, ela vai passar, ela vai fazer parte desse concurso ou não, né? Desse festival, não.

24 Entrevista concedida por TEIXEIRA, Gujo. Entrevista I. [set. 2023]. Entrevistadora: Adriana Aparecida de Almeida Marcolin. Vacaria, RS, 2023. 21 arquivo.

E acho que se não fossem os festivais, o nome Gujo Teixeira e as poesias não eram nem conhecidas, porque foi a partir dos festivais que o meu nome surgiu. Depois de muitos festivais, um grupo pegou pra gravar, um cantor gravou, a música no seu disco solo, mas ela já havia participado dum festival. Eu acho que os festivais hoje são os maiores formadores de músicos, intérpretes e compositores. Conheço poucos artistas regionais que não submeteram a sua música aos festivais, a avaliação dos festivais. A disputa dos festivais, porque ela é uma disputa, a gente tá ali disputando a melhor, a melhor melodia e não sou muito adepto de dizer que estou indo lá, ah, vim participar, né? Eu fui porque eu submeti, sei dos limites do daquele trabalho, daquele festival, se ele tem condições frente aos outros que estão lá dentro dele, de ser premiado, tenho a clareza sobre isso, mas estou sempre levando ele a avaliação e os festivais são os maiores formadores, tanto eu, quanto todos os outros compositores regionais que a gente conhece hoje, todos iniciaram sua trajetória em festivais. Todos os cantores que estão hoje aí no cenário são crias dos festivais, difícil que não tenha, o que não tenha sido, talvez se ele não é, ele está num outro ambiente, talvez um ambiente de música de baile que também absorve muito a música dos festivais, a música foi pro festival, daqui a pouco eles, os grupos de baile que tem as suas com a sua um entretenimento musical, foi lá e pegou sua música e transformou ela numa música mais bailável e toca pra outro ambiente. Então, eu acho que é muito é muito isso aí. (informação verbal)²⁵.

Neste contexto, Gujo evidencia influências contemporâneas incorporadas à música gaúcha, como elementos de outros gêneros musicais, estando em permanente aprendizagem, absorvendo estilos e instrumentos novos. Prova disso foi a existência de uma gaita pianada, no passado. Agora, tem gaitas de vários estilos. Outro exemplo é a criação de uma melodia focada na música brasileira, com profundidade de conteúdo, por Yamandu Costa, Luciano Maia e outros.

Sobre a influência da contemporaneidade, acredito que a gente tem que tá sempre aprendendo, a gente tem que tá sempre

25 Entrevista concedida por TEIXEIRA, Gujo. Entrevista I. [set. 2023]. Entrevistadora: Adriana Aparecida de Almeida Marcolin. Vacaria, RS, 2023. 22 arquivo.

absorvendo coisas novas, assim como falei dos instrumentos e talvez tenha sido o que mais mudou. Hoje a gente vê teclado, vê outros instrumentos, gaitas de vários estilos, antigamente era uma gaita pianada, hoje tem vários estilos de arranjos, concepção de criação de melodia muito focada numa música brasileira com profundidade de conteúdo, muitos artistas virtuais, um exemplo de Yamandu Costa, Luciano Maia, pessoas que transcenderam um universo regional e foram pra fora e reconhecidos pelo seu pelo seu toque, trouxeram da música, do próprio chorinho da música brasileira, da bossa nova, de muitas, principalmente da música uruguaia, argentina, elementos de conteúdo pra dentro da nossa música regional. A letra talvez tenha saído um pouco daquele universo ungido de Freitas e Teixeira. A partir das leituras de escritores brasileiros que nunca trataram regional e neles também me inspiro pra escrever, eu acho que o elemento é bem-vindo desde que não descaracterize a nossa música regional sem ter parâmetros de MTG ou de qualquer outro ambiente regulador pra uma música, porque a música é criação. Então, eu acho que vários artistas brasileiros cantam nossa música, conhecem a nossa música. Um exemplo principal que eu vou te dar foi de alguns produtores da música sertaneja que vieram pro Rio Grande do Sul aprender a batida da vanera, que é uma música muito regional e depois usaram ela na música sertaneja. Então, eu acho que às vezes daqui pra lá, vai mais do que vem. A música regional gaúcha que se sertanejou, pra mim, acaba não figurando e não tendo a mesma a mesma característica daqui, é mais campeira da que vive, pelo menos a que eu gosto de escrever. Isso na música regional, em vários elementos e vários compositores, essa característica brasileira, mais do sertanejo na regional, não me incomoda, mas não produzo. (informação verbal)²⁶.

Apesar dos desafios, mas comprometido com diferentes possibilidades, Gujo lançou alguns álbuns e teve suas músicas gravadas por diversos artistas renomados, considerando que produz bastante. Atualmente, tem aproximadamente 700 músicas gravadas e mais de 1200 músicas escritas em sua pasta. Reconhece que algumas destas criações poderão não sair dali, por estarem inconclusas. Além

26 Entrevista concedida por TEIXEIRA, Gujo. Entrevista I. [set. 2023]. Entrevistadora: Adriana Aparecida de Almeida Marcolin. Vacaria, RS, 2023. 23 arquivo.

destes, tem em curso vários projetos concomitantes, entre os quais está a escrita do 10º livro. Também já são 11 CDs gravados com vários compositores²⁷, tendo de 80 a 100 parcerias diversas. Acerca de sua participação em festivais, reiteramos que ora foi julgado e ora foi jurado. Com isso, também nos provocou a seguinte reflexão: “[...] temos que ter uma percepção das coisas, no momento que tu é pedra e no momento que tu é vidraça”. Mas os projetos e planos não param aqui. Acerca dos planos para o futuro, o mais próximo é o lançamento do “Livro Alumbramento”, na Feira do Livro de Vacaria, o que nos trás grandes expectativas e nos honrará. Neste sentido, as falas de Gujo expressam:

Eu sou um cara que produz muito. Talvez complementando a pergunta anterior, quando eu fui para o centro do Brasil, fui a São Paulo, fui a Mato Grosso, para conhecer esse universo musical deles lá, eu me aventurei a compor com eles. Então, o que acontece? Eu fui atrás do linguajar deles, da maneira deles comporem, mas não fiz o regional gaúcho dentro do conteúdo deles, eu fui atrás do conteúdo que eles produziam. Então a minha escrita também teve que se moldar pra que eu me adequasse a essa produção. Então essa é uma coisa que eu tenho que dizer. Hoje produz muito, não por demanda, mas às vezes tenho que compor alguma coisa para o que vou compor. Eu devo ter entre seiscentas e setecentas músicas gravadas. Na minha pasta arquivada deve ter mil e duzentas escritas. Algumas coisas nunca vão sair dali, por eu acreditar e perceber que são primárias, frente ao que eu escrevo hoje e muita coisa que eu escrevo hoje. Também não vai sair, porque o exercício da criação às vezes não me permite tornar essa escrita melhor, mas ele foi um exercício, foi uma criação, foi um momento que eu produzi. Eu tô fazendo agora, pra sair o meu décimo livro. Eu tenho onze CDs lançados com diversos cantores, eu acho que talvez da música regional gaúcha, eu seja

27 “Compartilho minhas composições com outros artistas, a minha formação toda compartilhando, como eu apenas escrevo eu tenho que compartilhar de alguma forma pra entregar, pra que esse outro, alguém faça melodia. Então, a minha obra sozinha, talvez não tivesse a abrangência que tem, quando compartilho. Faz parte, se eu não compartilhar com alguém, o que eu faço talvez não tenha nenhum resultado.” (informação verbal) - Entrevista concedida por TEIXEIRA, Gujo. Entrevista I. [set. 2023]. Entrevistadora: Adriana Aparecida de Almeida Marcolin. Vacaria, RS, 2023. 24 arquivo.

o compositor que tenho mais parcerias diversas, assim, eu devo ter, cem compositores, de oitenta a cem compositores que musicaram letras minhas. Então é um universo muito grande dentro disso, alguns com uma música. Ele fez uma música, era uma letra minha e outros com cinquenta e sessenta, então isso é muito variável. Produzo bastante. Já frequentei muitos lugares como compositor e como jurado, já devo ter sido jurado em mais de cem festivais. Isso é uma coisa que muito me orgulha porque me acrescenta muito ser jurado, a gente aprende muito, a gente tem uma percepção das coisas diferentes no momento que tu é pedra e que tu é vidraça, né? Então a gente percebe a diferença de julgar e ser julgado e aí depois tu usa esses elementos a teu favor. O que tu aprendeu lá e tu percebeu que outros colegas, o júri também não são adeptos, tu não tenta não usar ou tu usa na tua composição, coisas simples. Um exemplo, uma música que inicia e tem um minuto e meio de introdução de solo de violão, às vezes não se tem paciência num corpo de jurado pra ouvir essa música. Então, quando a gente vai botar ela e submeter a uma triagem, a gente não faz isso. Letras longas, e sempre digo que a letra tem que iniciar bonita pra que dê tempo de tu chegar ao final que é o desfecho dela. Às vezes, o final é bonito e nem dá tempo de chegar até lá ouvindo. Sobre planos futuros, posso dizer que sempre tô produzindo alguma coisa. Termino esse livro chamado “Livro de Alumbramentos” que tenho o plano e a ideia de lançar em Vacaria, que é um livro baseado nas coisas que eu publico nas redes sociais, poemas e estrofes e estou sempre em produção. Tenho mais dois ou três livros sendo escritos ao mesmo tempo. Algumas coisas que me agradam, outras que eu já escrevi tão guardadas, talvez eu retome, sempre tenho projetos. Isso é uma coisa que me instiga, ter um projeto pra fazer. Se não tiver, talvez eu não produza muito, mas a partir duma de uma ideia dum projeto e estou sempre criando. (informação verbal)²⁸.

Ao pormenorizar um pouco mais o universo literário de Gujo Teixeira, identificamos uma variação de estilos e trabalhos, além de um percurso que iniciava com dificuldades²⁹ que haveriam

28 Entrevista concedida por TEIXEIRA, Gujo. Entrevista I. [set. 2023]. Entrevistadora: Adriana Aparecida de Almeida Marcolin. Vacaria, RS, 2023. 25 arquivo.

29 “As dificuldades são primeiro o apoio financeiro. Na época, por intermédio de alguns amigos, me levaram a Martins Livreiro, que é uma editora gaúcha, e no qual recebeu o meu primeiro livro e resolveu lançar. Fiquei muito feliz ao ver nas primeiras feiras

de ser superadas com a qualidade de seu trabalho e a influência de seus amigos.

Sua primeira obra³⁰ em versos, letras e poemas de festivais. Por conseguinte, um livro de poemas, em sua maioria tendo sido cantados. Outro livro com versos cantados e CD anexo. Há também a obra que ilustrou a cidade de Lavras do Sul em fotografias, histórias e sentimentos, por meio de trova. O livro *Sétimas de Mundaréu*, foi construído inteiramente em versos de sete linhas, referindo-se ao universo rural. *Pitangas*³¹ explora as sensações, num formato de trova. Assim, seus livros personificam o poeta, conduzindo-o ao ineditismo dos versos, obra a obra.

de livro, as pessoas recebendo, comprando e lendo. Isso abriu muitas portas por pessoas que gostavam e não tinham acesso desse conteúdo escrito. Daí pra frente me aventurei mais, mas sempre a gente esbarra em pessoas que pra investir, né? Então, graças a Deus, hoje eu tenho uma rede de amizade grande, pessoas que investem no meu trabalho. Não tenho editora, sou um poeta, trabalho quase que sozinho o que eu faço, mas sempre conto com alguns amigos nessa hora que é a hora do investimento, de tu fazer o livro, de pagar gráficas e todos esses conteúdos. Eu acho sempre difícil e se eu não tivesse lançado primeiro, eu achava que não era a hora, achava que eu não tinha conteúdo, mas a partir do primeiro é que dá o caminho pro segundo, pro terceiro e depois a gente pega o jeito e vai fazendo e vai sempre balizando, tem que ser sempre um melhor que o outro e não melhor que o de alguém, sabe? Eu sempre penso isso, meu livro tem que ser melhor que o anterior.” (informação verbal) - Entrevista concedida por TEIXEIRA, Gujo. Entrevista I. [set. 2023]. Entrevistadora: Adriana Aparecida de Almeida Marcolin. Vacaria, RS, 2023. 26 arquivo.

30 “No meu primeiro livro, juntei poemas que estavam sendo cantados nesse período que eu havia produzido desde o início da minha escrita, chamado “*Na Madrugada dos Galos*”, ele teve um uma segunda edição. Foi lançado em noventa e sete, noventa e oito se eu não tô enganado, talvez por aí, eu sou ruim pra data, e em dois mil e vinte um, eu o relancei.” (informação verbal) - Entrevista concedida por TEIXEIRA, Gujo. Entrevista I. [set. 2023]. Entrevistadora: Adriana Aparecida de Almeida Marcolin. Vacaria, RS, 2023. 27 arquivo.

31 “O livro *Pitangas* tem a trilha sonora, tem os cinco elementos. No lançamento do livro, saiu com as balas de pitanga e tudo tinha o paladar, tu tocava na capa do livro, a textura era a mesma da pitanga, tinha o olfato, todo o livro era perfumado e a audição na trilha sonora toda era lida. Envolve cento e seis pessoas na leitura desse livro, vai desde as minhas filhas em Lavras, a gente no Vietnã, passando por todos os sotaques brasileiros e contando com gente do Brasil, um exemplo, Tiago Lacerda, Marcos Palmeira, artistas que muito me orgulham e que fazem parte desse conteúdo.” (informação verbal) - Entrevista concedida por TEIXEIRA, Gujo. Entrevista I. [set. 2023]. Entrevistadora: Adriana Aparecida de Almeida Marcolin. Vacaria, RS, 2023. 28 arquivo.

Bueno, meus livros são variados. Vou te dar um exemplo. Eu escrevi o primeiro livro, “Na Madrugada dos Galos”, um livro que na verdade foram versos meus, que haviam participado de festivais, letras, poemas. Depois eu os compilei num livro com alguns inéditos e fiz um livro de poemas que a grande maioria haviam sido cantadas. Num segundo momento, outros livros tiveram esse formato. Versos que foram cantados e dentro do livro tinha um CD que representava e mostrava essas músicas. Num outro momento fiz um livro sobre a minha cidade, Lavras do Sul, todo ele fotográfico e contando histórias e sentimentos da cidade, num formato de trova, que são versos de quatro linhas num formato literário de prova e tinha o primeiro rimava com o terceiro, o segundo com quarto e talvez num formato Fernando Pessoa da escrita literária como trovas, como por si ela se basta uma estrofe, não precisa uma segunda, não precisa de uma terceira, então eu tive que reduzir a minha escrita que era sempre longa, numa estrofe apenas de quatro linhas. Escrevi um livro chamado Sétimas de Mundaréu, o verso todo ele em sétima, que são versos de sete linhas, contando objetos e utensílios do universo rural. Então, é um outro formato. Escrevi um livro chamado Pitangas, que durante a pandemia também todo ele num formato de trova, no qual todo livro foi lido e tem uma trilha sonora a partir desse conteúdo. Então, cada livro tem um formato diferente. Esse outro que vai ser, também, quase todo ele em décima, no verso de dez linhas, um verso característico da obra do Jaime Caetano Braun, formato a qual me agrada muito, que são as décimas, e, também, cada livro tem a sua característica. Alguns são combinados de poemas que compõem o CD e outros são formatos ... tem um livro que se chama “O Perdão Apaga o Erro”, em parceria com o amigo chamado Marlon Santos, da cidade de Cachoeira do Sul, que eu escrevi todos os versos a partir das crônicas dele, em sextilhas, que são versos de seis linhas. Então é muito variada a minha escrita. Sempre me proponho a escrever alguma coisa em formatos diferentes e estruturas diferentes. (informação verbal)³².

Por consequência, evidenciamos a importância de Gujo Teixeira como um representante da música gaúcha e da poesia na cultura do Rio Grande do Sul. Esta configuração suscitou

32 Entrevista concedida por TEIXEIRA, Gujo. Entrevista I. [set. 2023]. Entrevistadora: Adriana Aparecida de Almeida Marcolin. Vacaria, RS, 2023. 29 arquivo.

provocarmos Gujo a se posicionar acerca da relevância da música gaúcha como expressão artística e como forma de preservação da cultura e identidade regional. Com tranquilidade, embora a chuva entoasse certa fúria, numa viagem onde o diálogo desvelava a persona do nosso ilustre poeta, Gujo se refere ao seu legado.

Sua identificação cultural permanecerá presente na forma como as pessoas absorvem seu patrimônio cultural, nos seus comportamentos, nos seus descendentes, nos valores em família e o culto à tradição (quem ama, cativa), nos projetos que vieram e nos que virão, nos livros, nas músicas, nas poesias, nas falas, no trabalho, no jeito de ser, fazer e pensar, na convivência, no comprometimento com a tarefa, na empatia, na simplicidade, no bem-viver. Assim, explicita:

Bueno, legado acho que eu venho deixando pra muitas pessoas é o que eu escrevo, a própria identificação das pessoas com o que eu escrevo, já é um legado. Se eu te falar que muito me orgulho e ao mesmo tempo me causa um certo olhar, que são as tatuagens e esse é um legado que eu deixo, pessoas que se identificam e tem isso na sua maneira de falar, na sua maneira de vestir, no jeito de como se expressam, às vezes com as tuas palavras, com algo que tu disse, acho que deixa um legado muito grande na minha família, um exemplo: Minhas filhas ouvem e consomem a música regional gaúcha dum formato que talvez se não fossem minhas filhas, não ouvissem. Ouvem e a gente consome bastante, a minha filha Guilhermina, que tá aqui comigo hoje, me ajudou muito no livro Pitangas, o formato do livro e o jeito do livro, todo ele foi concebido e conversado junto com ela, as trilhas sonoras foi ela que pensou, então esse é o legado, porque as pessoas que convivem com ela também escutam algumas coisas e a referência do meu nome frente a algumas pessoas que também os meus filhos, minhas filhas conhecem, isso eu acho que é o legado que eu deixo, o nome Gujo Teixeira é o nome bem conhecido, talvez eu não seja, a pessoa, a minha música, é isso que me importa, esse legado do que eu fiz, com muita seriedade, muita verdade e muito compromisso. Não acredito nunca que eu tenho feito alguma coisa descompromissada ou esperando pra ver o que dá lá na frente, talvez lá no início sim, mas hoje a minha escrita ela é muito compromissada com o que eu quero que fique,

com o que eu penso, com o que eu acho, com o que vai ficar pras pessoas e nisso são inúmeras, inúmeras respostas que eu tenho de pessoas que se identificam e mandam mensagem e diz que se ao ouvir a música tal, fez muito bem, que a música Romance da Flor de Luna marcou a vida dela, o pessoal entra na formatura com uma música minha, casa ouvindo uma música, batiza um filho com o nome de Mariano que conta na letra lá e às vezes pergunta se pode usar, como se fosse propriedade minha, mas como fala na letra as pessoas perguntam tanto pra mim, quanto pro Lambari; e uma coisa que muito me orgulha na carreira de vários e vários compositores, a minha obra, ser a obra principal na carreira deles. Eu cito o exemplo Jairo Lambari Fernandes que tem como os romances dito por ele como divisor de águas, Pirisca Grecco, Cristiano Quevedo com “Bem na Porteira”, e assim o universo de músicas do próprio Marengo, que é o meu maior companheiro e parceiro de música, o próprio Luciano Maia também, músicas que tiveram um exemplo, uma música que eu fiz pra minha filha, pra Bethânia que o Michel Teló gravou e cantava pra filha dele e depois, no nosso disco ele veio a gravar junto. (informação verbal)³³.

Letras que representam marcos temporais, na vida de algumas pessoas:

Bem na Porteira

Circunstanciais os limites
Pra quem vive no moerão
Num rancho de terra bruta
A um metro e tanto do chão

Um casal de João de barro
Com paciência, bico e asa
Escolheu bem na porteira
Pra engrer o sonho da casa

Poema de Amor Pra Sempre

Quando te vi pequenina
Me encantei por saber
Que a vida tinha motivos
Pra sempre assim te querer

Nos teus olhos vi os meus
Recém abertos pra vida
Juntando doces da lágrima
Numa alegria incontida

33 Entrevista concedida por TEIXEIRA, Gujo. Entrevista I. [set. 2023]. Entrevistadora: Adriana Aparecida de Almeida Marcolin. Vacaria, RS, 2023. 30 arquivo.

O barro depois da chuva
Bastou pra toda a morada
Mangueira de terra boa
Sovada com a cavallhada

O tempo fez dias claros
E a construção foi parelha
Duas semanas e o rancho
Foi do alicerce pras telhas

O macho levava cantos
Pro timbre do alambrado
Na partitura da cerca
Anunciava os bem chegados

Toda manhã de setembro
Um canto novo acordava
Quando a fêmea emplumada
Por sobre o rancho cantava

Porta pro lado do sol
Meter a cara em porfia
E um canto de passarinho
Chamando as barras do dia

Porque a vida tem sentidos
Onde a razão não se cansa
De renascer todo o dia
Aonde exista esperança

Mas foi bem junto com a chuva
Que uma tropa de cruzada
Se apertou bem na porteira
Querendo pegar a estrada

No teu choro e teu silêncio
Muito da vida aprendi
Que escuto os dois na distância
Quando estou longe de ti

Me encanta mimar teu sonho
Pegar tua mão tão pequena
Te ver tão frágil e doce
Vigiar tua alma serena

Também carrega as estrelas
No claro do teu olhar
Feito um luzeiro que acende
Candieiros pra me guiar

Teus passos ainda falsos
Hão de marcar teu caminho
Nos rumos do teu abraço
Nos braços do meu carinho

Tens a graça num sorriso
Que sei que entregas pra mim
Sempre que volto pra casa
Com esta saudade sem fim

A vida em ti recomeça
E um sonho em nos inicia
E é de ser sempre plena
No sobro de cada dia

Tens no olhar de criança
Um sentimento tão puro
Que há de seguir para sempre
Para te mostrar um futuro

E o moerão, num trompaço
Perdeu o entono e a razão
E derrubou o ranchinho
De terra e ninho pro chão

Saberás por certo um dia
Quanto esta vida nos deu
Nesta ternura de pai
Que neste amor renasceu

E a tropa cruzou por diante
Sem reparar o que fez
Casco e pisada quedaram
Dois sonhos de uma só vez

Gujo Teixeira

E o barreiro repousado
No outro moerão da porteira
Parecia que buscava
Ao longe a sua companheira

Custou, mas cantou de novo
De asa e de bico aberto
Quando o casal se encontrou
Num cinamomo ali perto

Pra erguer um novo rancho
No mesmo ciclo de espera
Longe do cruzo das tropas
Na próxima primavera

Gujo Teixeira

Com isso, trazemos para o debate ‘a poesia’ na ‘música gaúcha’, meio mitigador que educa, solidifica, transcende, justifica, alegra, acalma, transporta, dá sentido aos sentidos, toca nos sentimentos, suplanta, identifica, personifica, enaltece, conecta ao passado, aos amigos presentes e com o futuro.

Então a gente, esse legado vai ficar pra história e é essa permanência que eu gostaria que ficasse, as músicas, o que eu fiz ser cantado e ser lembrado, principalmente o nome daqui a bastante tempo, e acho que essa é a intenção atual de estar presente e compondo ainda. Eu acho que a música gaúcha é o que vai preservar sempre. As pessoas não conheceriam “Esquilador” hoje, se não tivesse a música do Telmo de Lima Freitas, não saberiam o que é um gado de osso, se não houvesse Borges e Zanatta, se não tivessem feito “Tropa de osso”. Então essa permanência, as pessoas vão saber, como o que é uma carreira de campo quando ouvirem uma composição com esse nome. Então, não vão saber o que é uma tropa, não vão saber o que é um poncho, se não ouvirem o regional gaúcho e se isso não chegar de alguma forma. Às vezes se escuta, não se entende e vai se descobrir o que é, vai-se atrás disso. Então, acho que essa é a maior legado, é a permanência e a preservação de usos e costumes sem nenhum rótulo e nenhuma obrigatoriedade. A música livre que a gente ouve, a gente vai passando pros outros e um mostra uma música e isso vai permanecer. (informação verbal).

Para ilustrar, a música Tropa de Osso, de Zanatta e Borges, cultua elementos da tradição gaúcha na sua letra, preservando usos e costumes por diferentes gerações:

Tropa de Osso

Humberto Zanatta e Luiz Carlos Borges

De vez em quando no horizonte do passado
Surge uma nuvem de lembranças andarilhas
Vai repontando para dentro do meu peito
A minha infância com seus ossos em tropilha

Tinha mangueira, companheiro, bem cuidado
Tinha piquetes e um campo onde invernava
A minha tropa era de puro pedigree
Toda de ossos descarnados que campeava

Gado de osso que foi parte do meu mundo
Carro de lombo e trator de cortiça
O meu bodeque e um banho no açude
Foram na infância minha vida verdadeira
O meu bodeque e um banho no açude
Foram na infância minha vida verdadeira

Tropa de osso quem não teve quando piá
Ou não foi piá ou não viveu como nós outros
Como era lindo a gurizada se entretendo
Com os ossitos que eram bois, ovelhas, potros

Noutras andanças topa as reses dos meus sonhos
Por um estreito corredor feito esperança
Algumas vezes sou tropeiro, outras sou tropa
Mas sempre guardo os bois de osso na lembrança

Gado de osso que foi parte do meu mundo
Carro de lombo e trator de cortiça
O meu bodeque e um banho no açude
Foram na infância minha vida verdadeira
O meu bodeque e um banho no açude
Foram na infância minha vida verdadeira

Tropa de osso quem não teve quando piá
Ou não foi piá ou não viveu como nós outros
Como era lindo a gurizada se entretendo
Com os ossitos que eram bois, ovelhas, potros

Noutras andanças topa as reses dos meus sonhos
Por um estreito corredor feito esperança
Algumas vezes sou tropeiro, outras sou tropa
Mas sempre guardo os bois de osso na lembrança
Algumas vezes sou tropeiro, outras sou tropa
Mas sempre guardo os bois de osso na lembrança.

Nesta conversa em que o tema não se esgota aqui, reconheço que precisarei desembarcar. Levarei muita bagagem para compartilhar com meus colegas de trabalho, de pesquisa, com os munícipes de Vacaria e sabendo que a escrita pode chegar onde nossa imaginação ainda não esteve, o Gujo Teixeira estará lá, deixando seu legado.

Eu sei quanto a minha escrita é importante, porque ela é bem cantada, ela é bem conhecida, então eu acho que a minha escrita não dita por mim, mas dita por muitas pessoas, representam muito dentro da vida e do conteúdo do que eles ouvem e cantam e é divulgado por aí. Então eu acho que se um dia decidi pegar um caminho que era o da escrita, escrever as coisas que eu sentia, principalmente sentimentos vestidos de uma verdade que pelo menos pra mim é ambientado nesse lugar que eu vivo, se eu achei esse caminho, eu acho que eu achei um caminho certo porque não me arrependo dele, das coisas que escrevi e do que fiz até agora nesse caminho de arte. (informação verbal).

Por fim, sem um ponto final, Gujo se dirige aos jovens escritores e compositores, que estão começando suas carreiras:

Aos jovens escritores e compositores, primeiro de tudo, leiam e escutem muito, criem bastante, mas criem a partir do que vocês imaginam, não a partir do que vocês apenas leram. A leitura serve como subsídio, mas quem nunca leu sobre uma tropa, jamais vai saber escrever, quem não conhece o ambiente do regionalismo ou mesmo sobre morte, a gente há de entender que há conteúdos que a gente pode botar um sentimento muito mais verdadeiro se a gente tem subsídios pra escrever. Então, eu sempre digo pra quem tá iniciando, leia não só o que tá sendo produzido agora, mas leia o que foi produzido a trinta, quarenta, cinquenta anos atrás, ainda mais que hoje é fácil o acesso. Escute tudo o que for possível pra ter subsídios de criação e seja original, tente achar o seu ponto de originalidade, sem copiar e colar do que tá sendo visto aí. (informação verbal).

E, para quem ainda não conhece e aprecia a música gaúcha:

[...] a música gaúcha é um dos elementos mais bonitos que a gente tem no nosso regionalismo, na nossa cultura, no nosso universo e tem muita coisa boa. Muitas plataformas hoje, nos

oferecem muita coisa. A internet nos oferece muita coisa. Que procurem, que identifiquem, que divulguem, que corram atrás, assim como eu fui, de livros e de conteúdo poético pra que isso seja mais presente na vida de vocês. (informação verbal).

Finalizamos nossa prosa, agradecendo ao escritor e poeta Gujo Teixeira, por compartilhar sua história e suas inspirações conosco. Ressaltamos a importância da música gaúcha como um patrimônio cultural e seu impacto na formação da identidade gaúcha. Desejamos ao Patrono muito sucesso em seus projetos!

Referências

AGOSTINI, Agostinho Luís. **O pampa na cidade: O imaginário social da música popular gaúcha**. Dissertação (Mestrado em Letras e Cultura Regional) – Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul, p. 195. 2005.

FERRARO, E. H. O conceito “campeiro” na música regional gaúcha: uma reconfiguração da ordem artístico/cultural. **GIS - Gesto, Imagem e Som - Revista de Antropologia**, São Paulo, Brasil, v. 5, n. 1, 2020. DOI: 10.11606/issn.2525-3123.gis.2020.164859. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/gis/article/view/164859>. Acesso em: 7 ago. 2023.

A MÉTRICA E A ESTÉTICA DA MÚSICA GAÚCHA: TRADIÇÃO E EXPRESSÃO CULTURAL

Giovana Acauan Giuriolo

Maria Eduarda Giuriolo de Almeida

Clodoveu Vieira Pinto Júnior

A música gaúcha, enraizada nas vastas planícies e ricas tradições do Rio Grande do Sul, é um tesouro cultural que une história, valores e identidade. O caráter distintivo vem tanto da singularidade do ritmo, quanto da beleza do som resultando, em uma expressão musical única que reflete a cultura e o legado do povo gaúcho ao longo do tempo.

Este capítulo explora as dimensões e a estética da música gaúcha e como esses elementos se entrelaçam para criar um repertório musical rico e variado.

Entendendo o que é métrica

Para compreendermos os diversos ritmos musicais, em primeiro plano, faz-se necessário entender o fenômeno que é a métrica e o que esta representa.

Nesse diapasão, busca-se caracterizá-la como um processo único. Para W. Cooper Grosvenor e Leonard B. Meyer¹ métrica é “a medida do número de pulsos entre uma recorrência de acentos mais ou menos regular”.

Por outro lado, o dicionário Michaelis² caracteriza-a, no

1 W. Cooper Grosvenor e Leonard B. Meyer, *The Rhythmic Structure of Music*. Chicago: The University of Chicago Press, 1960, p.4.

2 <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=m%C3%A9trica>

conceito musical, como um “sistema de organização de sons e notas numa composição ou numa passagem sob determinado andamento.”

Em termos gerais, pode-se entender que a métrica se refere a organização rítmica de uma peça musical. Ela determina como os sons e pausas serão organizados ao longo do tempo, criando um padrão regular que ajuda os ouvintes a perceber e acompanhar o ritmo da música. É, ademais, percebida pelos padrões e repetições, criando um esquema rítmico.

Nas palavras de Michael Pilhofer e Holly Day³:

O ritmo é a parte da música que seus dedos acompanham tamborilando, que sua cabeça balança e seus pés se movem. A métrica ajuda a organizar as notas em grupos pelo uso de uma fórmula de compasso e define o padrão repetitivo dos tempos fortes e fracos que se movem visivelmente com a música. O pulso cria uma sensação de familiaridade e de expectativa para o ouvinte, de forma que, teoricamente, você pode jogar uma pilha de notas e acordes estridentes e inesperados contra o ouvinte e ainda assim reter um sentimento de conectividade com o público, ao ater-se à mesma pulsação constante.

Para entender sobre como a métrica influencia na música, precisamos, do mesmo modo, entender os principais elementos da escrita musical, como o ritmo, a batida e o tempo.

Michael e Holly explicam a batida como uma pulsação:

A batida é uma pulsação que divide o tempo em comprimentos iguais. Um relógio de corda é um bom exemplo. A cada minuto o ponteiro soa 60 vezes e cada uma dessas vezes é uma batida. Se você acelerar ou diminuir a velocidade do ponteiro, estará mudando o andamento da batida. As notas dizem a você o que tocar em cada um desses cliques do ponteiro. Em outras palavras, elas indicam quantas vezes e por quanto tempo deve tocar certo tom musical — o som agudo ou grave que uma nota específica produz — dentro daquela batida.

A métrica geralmente é dividida em unidades chamadas

3 PILHOFER, Michael; DAY, Holly. Teoria Musical Para Leigos. Editora Alta Books, 2018. *E-book*. ISBN 9788550813240. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788550813240/>. Acesso em: 26 ago. 2023.

compassos, que nada mais são que uma divisão da música em intervalos de tempo iguais, com o objetivo de organizar a estrutura. Pilhofer e Day explicam:

Um compasso é qualquer segmento da música escrita entre duas barras verticais que atravessam a partitura de cima para baixo. Cada compasso em uma obra musical tem tantos tempos conforme os indicados pelo número da fórmula do compasso. Por exemplo, se tiver uma notação $4/4$, cada compasso nessa obra musical contém exatamente quatro tempos (como indicado pelo número superior da notação de tempo) marcados por notas ou pausas. Se a notação de tempo é $3/4$, cada compasso tem três batidas [...]. Com essas notas, uma acentuação forte é colocada no primeiro tempo de cada compasso, o tempo “1”. Os músicos chamam isso de tempo forte.

Além do mais, a métrica também envolve a acentuação rítmica, que é a ênfase dada a certos tempos dentro de um compasso. Normalmente, o primeiro tempo de cada compasso é acentuado, o que ajuda a criar um padrão rítmico regular e a dar uma sensação de pulso para a música.

Estes elementos da teoria musical são aqueles que auxiliam na compreensão dos diferentes ritmos da música gaúcha.

A métrica da música Gaúcha

Conforme visto anteriormente, a métrica é um elemento crucial nos mais diversos estilos musicais, e ganha um enredo extremamente rico quando se fala na música tradicionalista gaúcha, refletindo em versos e estrofes o cotidiano do povo sulista, a lida campeira, os rodeios e até mesmo o folclore local.

Os ritmos marcantes e pulsantes, como a milonga, a vaneira e a chamamé, são fundamentais para criar a identidade musical da região. A métrica da música gaúcha frequentemente incorpora compassos binários e ternários, conferindo uma sensação de movimento e energia à música.

A milonga⁴, também chamada de ritmo rio-platense, por exemplo, é uma forma musical de grande importância na região da Argentina, Uruguai e Rio Grande Sul, caracterizada por um ritmo moderado e melancólico. Suas letras muitas vezes abordam temas como amor, saudade e a vida no campo, conectando-se profundamente com a realidade dos gaúchos e suas vivências.

Enquanto a milonga possui um ritmo mais melancólico, a vaneira vem como seu contraposto. Ela possui uma batida marcante e um ritmo característico que é contagiante e frequentemente anima festas e eventos tradicionais. Geralmente, a vaneira segue uma métrica binária comum, ou seja, ela é organizada em compassos de dois tempos⁵. Cada tempo pode ser subdividido em várias partes, dependendo da velocidade e do estilo da música.

Este estilo musical chegou ao Rio Grande do Sul somente no final do século XIX, conforme explica Paixão Côrtes⁶:

Chegou ao Rio Grande do Sul sob o nome de havaneira, posteriormente a outras danças de par enlaçado como a valsa, chotes, polca e mazurca. Popularizou-se como tema músico-coreográfico em fins do século passado e primórdios deste, segundo pesquisas que realizamos junto a partituras musicais de época e de levantamento fonográfico de discos de gramofone, produzidos em nosso Estado, entre o segundo e o terceiro decênios do século XX. Também grafada simplesmente vanerano meio pastoril rio-grandense, adquiriu variações coreográficas ao contato com os carreiros de gaita de botão, em nossos bailes gauchescos.

Na vaneira, os compassos geralmente têm um ritmo marcante, animado e enérgico, feito especialmente para combinar com a dança característica que a acompanha.

A partir da década de 1930 surge no Rio Grande do Sul,

4 <https://www.reporterriograndense.com.br/2019/04/a-historia-da-milonga.html>

5 <https://pt.scribd.com/document/363979459/Vanera-Vanerinha-e-Ou-Vanerao#https://docplayer.com.br/26568264-Milonga-chamame-chimarrita-e-vaneira-origens-insercao-no-rio-grande-do-sul-e-os-principios-de-execucao-ao-contrabaixo.html>

6 CÔRTEZ, J. C. Paixão. Falando em tradição e folclore gaúcho: excertos jornalísticos. Porto Alegre: Grafosul, 1981

um dos ritmos que hoje é considerado um dos mais executados no estado, o chamamé. Ele tem origem na tribo indígena Kaiguá⁷, que fica na região fronteira entre o Brasil e Argentina, na província de Corrientes, e é um estilo caracterizado por seu ritmo animado e contagiante.

Do mesmo modo da vaneira, este ritmo musical geralmente é organizado em compassos de dois tempos, o que dá a ele uma sensação pulsante e dançante, abrindo margem para movimentos de dança animados e para a expressão rítmica.

Os instrumentos tradicionais usados no chamamé são um par de violões e por uma gaita, geralmente uma gaita de botão ou um bandoneon. A combinação desses instrumentos contribui para a sonoridade única do gênero.

As letras das músicas de chamamé frequentemente abordam temas da vida rural, o cotidiano das comunidades locais, histórias de amor e aspectos da natureza. Elas contam histórias que refletem a identidade cultural das regiões onde o chamamé é cultivado.

O principal chamamecero rio-grandense é o finado Luiz Carlos Borges, compositor de grandes sucessos como “Eu sou do Sul”, “Baile de Fronteira”, “Florêncio Guerra”, “Soy el Chamamé”, entre diversos outros.

Todos os estilos já citados têm suas origens em movimentos musicais estrangeiros, adaptados à realidade gaúcha e à cultura local. No entanto, há um único ritmo de origem exclusiva do Estado do Rio Grande do Sul: o Bugio⁸.

Criado pelo gaiteiro Wenceslau da Silva Gomes, em 1928, na região de São Francisco de Assis, este ritmo foi inspirado no ronco dos bugios, macacos que habitam as matas do Sul da América.

O Bugio possui um ritmo característico que é marcado por batidas específicas, no entanto não há uma métrica fixa universal para ele. Geralmente é tocado em compasso 6/8, o que significa

7 <https://musicaregional.com.br/chamame>

8 <https://cifrantiga7.blogspot.com/2010/09/veleiro.html>

que existem 6 pulsos por compasso, agrupados em três tempos fortes. Cada pulso é subdividido em três partes, dando ao ritmo um padrão ternário distintivo.

No entanto, não é um ritmo padronizado, podendo ter diversas variações regionais e interpretações individuais.

A estética da música gaúcha

Ao falar em estética, no âmbito da música gaúcha, não podemos deixar de citar os dois principais movimentos que a regem: o nativismo (ou regionalismo) e o tradicionalismo⁹.

Barbosa Lessa, em seu livro *Nativismo - Um Fenômeno Social Gaúcho*, ao comentar sobre a música regional gaúcha, afirma que essa se expressa em duas linhas: “a tradicionalista, com temas e harmonias mais trabalhadas [...] O gauchismo em traje de gala.” e “a regionalista, com temas e harmonias singelas, [...] O gauchismo de bombachas gastas e de pé no chão”.

O tradicionalismo gaúcho tem suas raízes nas tradições dos povos que colonizaram a região, incluindo os indígenas, os espanhóis e os portugueses. No entanto, o movimento como conhecemos hoje começou a ganhar forma e organização a partir do final do século XIX e início do século XX, quando houve um esforço consciente para preservar as tradições gaúchas que estavam se perdendo devido à modernização e à urbanização.

O tradicionalismo é um movimento pautado na preservação e manutenção das tradições culturais e folclóricas do Rio Grande do Sul de forma autêntica e intacta, visando manter viva a identidade cultural ao longo do tempo. Barbosa Lessa, ao fundamentar o tradicionalismo afirma que “[...] as duas unidades sociais mais importantes como transmissoras de cultura são a família e o grupo local”.

⁹ <https://jornalibia.com.br/variedades/cultura/a-musica-como-um-elemento-de-afirmacao-da-identidade-gaucha/>
<https://regionalismogauchowebly.com/tradicionalismo-ou-nativismo.html>

Desse modo, tem seu lar nos Centros de Tradições Gaúchas, onde impera uma hierarquia rígida, com regras e normas específicas. Dentro destas entidades, homens são chamados de patrões ou peões e mulheres são chamadas de prendas ou patroas. Ademais, possuem manuais de vestimentas, que definem as pilchas de forma rigorosa.

Este movimento inclui não apenas a música, mas também danças, vestimentas, costumes, culinária e valores típicos da região.

A música tradicionalista gaúcha abrange uma variedade de gêneros e estilos musicais, sendo comumente representada por estilos mais antigos e clássicos, frequentemente vinculados ao universo campeiro e rural, como a vaneira e a milonga.

Por outro lado, a música nativista despontou como uma das representações de destaque da cena musical gaúcha após o festival da 1ª Califórnia da Canção Nativa, e foi se constituindo como um dos gêneros representativos do estado do Rio Grande do Sul. Assim como as canções tradicionalistas, enfatiza o amor pelas tradições como o gaúcho, o campo, a prenda, o cavalo, os valores e a culinária regional.

Entretanto, se diferencia do tradicionalismo ao manter a tradição gauchesca sem regras específicas como sua contraparte. É vivido nos festivais de música nativista, os quais não exigem protocolos específicos, podendo ser realizados em qualquer espaço, desde um CTG a um galpão qualquer.

A sua música é construída em cima de um andamento mais lento e intimista, com letras bastante elaboradas, conotativas e metafóricas. O nativismo reflete especialmente acerca da história dos povos que foram colonizados e sentem que a cultura dominante se opõe ou sufoca a sua própria identidade.

Esse movimento busca exaltar a identidade, os valores e as tradições do gaúcho, destacando temas relacionados à vida rural, ao campo, aos costumes, às paisagens e à história do Rio Grande do Sul, abordando questões sociais, culturais e históricas da região, e muitas vezes apresenta uma visão mais contemporânea da música, incorporando elementos de outros gêneros musicais.

Apesar de suas diferenças, ambos os estilos possuem em seu cerne algo em comum, o amor pela terra e cultura do nosso maravilhoso Rio Grande do Sul.

Preservando a tradição e explorando a inovação

Embora profundamente enraizada na tradição, a música gaúcha não é imune à evolução. Artistas contemporâneos têm explorado novas abordagens estilísticas e incorporado elementos de outros gêneros musicais, como o pop e o rock, à música tradicional gaúcha. Essa fusão de estilos pode ser vista como uma forma de manter a música relevante para as gerações mais jovens, enquanto ainda honra as raízes culturais.

No entanto, é importante encontrar um equilíbrio entre a inovação e a preservação da autenticidade.

A música gaúcha continua a ser uma forma vital de transmitir histórias, valores e tradições, e manter essa conexão com o passado é fundamental para garantir que a riqueza cultural não se perca no curso do tempo.

Dessa forma, a métrica e a estética da música gaúcha se unem para criar uma expressão artística única, que reflete a rica herança cultural e geográfica do Rio Grande do Sul. A métrica rítmica evoca a energia das atividades campeiras, enquanto a estética sonora transporta os ouvintes para as vastas paisagens da pampa.

A música característica do Estado do Rio Grande do Sul é um testemunho da identidade e dos valores dos gaúchos, transmitindo suas histórias e emoções de geração em geração. Ao explorar a interseção entre tradição e inovação, a música gaúcha continua a florescer, mantendo viva a chama da cultura regional.

A música gaúcha embala o coração de um povo que vive sua história com orgulho e paixão, vislumbra esperança a cada amanhecer com seu chimarrão em punho. Em rodas de chimarrão encanta pelo seu tocar, unindo todos em uma emoção única, despertando o orgulho de ser parte de um povo, valorizando família

e história.

De quando a letra é gaúcha...

Por pensar tu foi criada dalgum barulho de vento
E a galope trabalhada, com capricho tento a tento
Benzida contra tormenta como um ritual mais profundo
E veio calar no peito ao habitar o sul do mundo

De assovios se fez “canto”, tenteando o cantar do galo
Se fez raiz no “Rio Grande”, igual chegasse a cavalo
Unindo “letra” e “acorde, como dona da invernada
Arrancando risos francos ao derredor da peonada

Tu trouxe as “rodas de mate”, murmúrios de cantador
Milongas, Xotes, Vaneiras, tendo um “pinho” por fiador
veio ao costado a cordeona pra te ajudar no “ponteio”
Abrindo notas gaúchas, partindo seu fole ao meio.

E assim tu se fez Gaúcha, como Hino de um só povo
Que ao te escutar uma vez, por certo canta de novo
Tens o poder de reunir o mais simples e o Patrão
Que te cantam bem mais alto, com mais amor ao seu chão.

Traduz na sonoridade, fações ou duras penas
Conquista de mil amores no embalar de cantilenas.
Na “Enormidade” de um povo, canta feito de “Caudilhos”
Unindo um povo gaúcho e abraçando feito filhos.
“Composição” são as duas, sem se apartar da memória
Uma “escrita” a outra “tocada”, gaúchas com muita glória
E em cada rincão da “Pampa”, bem gaúcha te sustenta
Seguindo benzida e forte, como quem toma “Água Benta”

Que “Orgulho” falar de ti, a importância que carregas.
Melodia do meu “Pago”, frente às demais não te vergas.
Ao som de Gaita e Violão, acolhe nossos “rascunhos”
pula forte um coração sem precisar testemunhos.

Tu és o “Rio Grande “ vivo, trindade de um “Pago Santo”
Verso violão e gaita, assim te ouço e garanto
Que és “Firmamento Gaúcho”, em “Cifra”, “Nota” e Barulho
E ao reafirmar de uma “Raça”, te cantam com muito orgulho.

Gaúcha é tua “Altivez”, estudada ou de improviso
Te abrindo bem junto ao peito, transforma choro em sorriso.
E o Gaúcho assim te abraça, quem falar isso, não erra
Regando seu próprio chão, cantando a sua própria terra.

“Fundamental tu és pra nós, “Gaúchos e suas Glórias”
Pois aos tempos se transpassa, em melodias a História.
“Gaúcho Embalo” em fandango, ritual de campo e cidade.
Canta um “Estado Terrunho” com amor e propriedade.

Sendo o Gaúcha, tu és três, na garganta de um cantor
A voz a Gaita e o violão, ecoando num corredor
Trazendo notas bem vivas de um pavilhão tricolor.

PROJETO SEMEANDO: CONCERTOS DIDÁTICOS NAS ESCOLAS

Uiliam Michelon

Aspectos biográficos

Sou acordeonista, compositor e arranjador. Iniciei os estudos de acordeon aos 11 anos. Após ver uma apresentação de um grupo folclórico, passei a ter interesse pelo instrumento. Meu avô e tios tocavam e, talvez, isso o tenha influenciado também. No início, tive aulas com os professores Firmino Campos e Lauvir Siqueira. Mas o professor que teve maior responsabilidade pela minha trajetória foi o professor João Maria Pinheiro da Rosa que nas aulas, além de ensinar música gaúcha, ensinava também tangos, boleros e choros. Os novos gêneros me arrebataram, algo que passou a ocupar seriamente os meus estudos de música. Posteriormente, estudei por um período com o também renomado professor Oscar dos Reis e nunca mais parei de estudar música. Iniciei também a carreira como professor. Cursei a Cátedra Libre Astor Piazzolla (Elementos Técnicos da música de Astor Piazzolla), no Instituto Universitário Patagónico de las Artes (Argentina/EAD). Participei da classe de Composição e Arranjo do Festival Internacional de Música em Casa – FIMUCA, da EMUFRN (Natal/RN - 2020). Participei de master class de Criação e Filosofia musical com o reconhecido músico Alegre Corrêa. Participei de *Masters Classes* com o espanhol Gorka Hermosa, o francês Richard Galliano, e o argentino Pablo Bentos, estando estes dentre os maiores acordeonistas da atualidade. Acompanhei e gravei com artistas da região desde 2006. Em 2016, fundei o Uiliam Michelon Quarteto, grupo com o qual tenho representado Vacaria nos três estados do sul do Brasil. Fui escolhido Músico do Ano em Vacaria em 2019 e

2020.

Como compositor, destaco a classificação da composição “Melodia Noctívaga”, para o 39º FEMUCIC, festival realizado na cidade de Maringá/PR. A composição foi uma das 26 selecionadas dentre 1772 inscrições de todo o Brasil. Ainda como compositor, conquistei a classificação de obras no edital Respirarte da Funarte e X Festival Nacional de Sanfoneiros de Feira de Santana/BA e também, e obtive o 1º Lugar na categoria Artista Solo do I Festival de Música Instrumental de Montenegro, em 2023.

Figura 1: Recebendo o prêmio de 1º lugar no I festival de Música de Montenegro



Apresentei em diversos palcos brasileiros. Dentre as principais estão o Bento Jazz & Wine Festival, Gira Musical IEM/RS, Encontro Internacional de Acordeons do Rio de Janeiro, participação no concerto realizado pela Camerata de Florianópolis na Casa do povo, em Vacaria, no Femucic, na cidade de Maringá/PR, Festival Vale da Música em Curitiba/PR, SESC Lages/SC, Rodeio Internacional de Vacaria, Festival Brasileiro de Música de Rua, Circuito Instrumental de Porto Alegre, Fejacan em Jacarezinho/PR, Festival Tum Tum Instrumental em Caxias do Sul/RS, Femup em Paranaíba/PR e X Festival de Sanfoneiros de Feira de Santana/BA.

Figura 2: No palco do Bento Jazz & Wine Festival



Figura 3: Com Uiliam Michelin Quarteto no Fejacan (Jacarezinho-PR)



Figura 4: Com Uiliam Michelin Quarteto no Bento Jazz & Wine Festival



Figura 5: Com Uiliam Michelin Quarteto no Bento Jazz & Wine Festival



Desenvolvo, desde o ano de 2011, trabalho voltado para a música instrumental, mesclando influências do folclore latino-americano, tango, jazz, música popular brasileira e música clássica.

Além de seguir o projeto Uiliam Michelin Quarteto, atualmente coordeno, juntamente com o cantor Cassiano Paim, o projeto Media Luz – Tangos e Boleros, faz parte do grupo Cuerdas y Sonidos e integra a banda que acompanha o cantor Fábio Soares.

Figura 6: Com o projeto Media Luz - Tangos e Boleros



Projeto Semeando: Concertos didáticos nas escolas

O projeto Semeando foi uma iniciativa aprovada no edital Funcultura da Prefeitura Municipal de Vacaria em 2022, sob minha coordenação. Contempla a realização de quatro concertos didáticos em escolas do município de Vacaria e um concerto de encerramento do projeto na praça Daltro Filho. Os concertos didáticos tiveram caráter de oficina, onde foram abordados temas como composição, instrumentos musicais, prática de conjunto, combate ao bullying e civilidade.

As escolas EMEF Juventina Morena de Oliveira (Bairro Barcelos), EMEF Nabor Moura De Azevedo (Bairro Porcínio/Imperial), EMEF Pedro Álvares Cabral (Bairro Petrópolis) e EMEF Inácio de Souza Pires (Bairro Santa Cruz) foram contempladas no projeto e foram escolhidas porque estão localizadas em bairros fora da região central do município e quase nunca tem acesso a ações culturais, o que faz com que sua comunidade não tenha contato presencial com arte e artistas para além da internet. Mais de duzentas crianças da rede municipal de ensino foram beneficiadas pelo projeto.

Os concertos didáticos tiveram como base a música autoral, algo que defendo desde 2015. Neles, foram feitas conversas interativas com alunos sobre o processo composicional e algumas curiosidades sobre as músicas apresentadas. A aceitação do projeto por parte dos alunos foi surpreendente e foi possível concluir que a população tem sede de cultura além do que a grande mídia e as redes sociais lhes oferecem.

Por que um projeto desse cunho é importante?

É unânime a ideia de que será cada vez mais preciso atuar na educação para construirmos uma sociedade sadia, livre de criminalidade, drogas e praticante do bem e da caridade.

A proposta de levar tal projeto às escolas, objetivou - e é

óbvio que é muito importante a continuidade e expansão do projeto - despertar o interesse nos alunos pela música comprometida com a arte, incentivar os alunos à civilidade (maneira de ser tão necessitada atualmente) e formar público, incentivando diretamente o fazer artístico e, quem sabe, futuros profissionais do meio artístico. A ideia foi aproximar os alunos dessa realidade que é fazer música através da exposição da história de cada instrumento que foi utilizado nas gravações e do processo composicional das músicas apresentadas.

O objetivo foi “**semear**” a vontade e a curiosidade pela música que não está na grande mídia, e, por consequência, fora do alcance da maioria das pessoas. Suprir a grande carência de contato e compreensão das artes que a população brasileira apresenta. Visto o momento atual de desvalorização das artes em nosso país, onde a música ofertada pela mídia objetiva tornar atraentes vícios e não virtudes, nada melhor do que ações pontuais como as tomadas no projeto para ajudar a reverter este cenário. Outro objetivo do projeto foi a democratização do acesso à música séria e elaborada com compromisso com a essência da arte, música esta que normalmente não está disponível à grande parte população, fazendo com que ela chegue a um público que habitualmente não tem outras opções culturais e de lazer além do que a grande mídia lhes dá. O projeto também buscou propor a reflexão sobre o fazer artístico, principalmente ao público dos concertos didáticos, instigando-o à busca por novas expressões culturais e por sua própria manifestação artística.

Por que é importante aprender a tocar um instrumento musical?

Não se aprende um instrumento musical visando apenas ser um músico profissional. Aprender a tocar um instrumento ou cantar melhora a qualidade de vida. Está cientificamente provado. As pessoas precisam entender que para tocar um instrumento musical é necessário disciplina. É necessário desenvolver a capacidade de

atenção. Te fará desenvolver a coordenação motora. Tocar um instrumento musical não é como saber mexer com telefone celular onde a atenção exigida é praticamente nula. Ainda, para tocar em conjunto, além de prestar atenção no que se está tocando é preciso prestar atenção no que os colegas estão tocando para então construir algo entre todos. É comunhão! É muito bonito! A junção desta disciplina, senso de atenção e comunhão será um grande aprendizado que poderá ser aplicado na escola, no trabalho e na vida em sociedade.

Considerações finais

Música e Arte são ferramentas poderosas para moldarmos uma sociedade melhor do que a atual. A sociedade, mesmo que não explicitamente, clama por algo que ajude a cada indivíduo em sua autorrealização e ações similares às do projeto Semeando são o caminho para isso. Foi possível notar isso nos olhares das crianças durante os concertos didáticos. Outra ação importantíssima e urgente é levar o regionalismo (cultura gaúcha) para dentro das escolas. É notável a disseminação – aqui novamente o papel é feito pela grande mídia – de culturas estranhas à nossa e isso precisa ser respondido para que a cultura regional não morra em favor de permitir a existência de uma cultura que no fundo é totalmente estrangeira (leia-se aqui americanizações, funk, sertanejo universitário, piseiros, etc.). Outras culturas podem existir e serem apreciadas aqui, mas não podemos deixar nossa cultura morrer.

Algumas imagens dos concertos didáticos

EMEF Juventina Morena de Oliveira (Bairro Barcelos)



EMEF Nabor Moura de Azevedo (Bairro Porcínio/Imperial)





EMEF Pedro Álvares Cabral (Bairro Petrópolis)



EMEF Inácio de Souza Pires (Bairro Santa Cruz)



MÚSICA TRADICIONALISTA GAÚCHA: PAIXÃO QUE VEM DE BERÇO

Lauro Guilherme Pinheiro Klipel

Adriana Aparecida de Almeida Marcolin

Letícia de Lemos Perin

A música tradicionalista gaúcha é uma ode aos valores e à identidade cultural do povo rio-grandense. Suas raízes estão alicerçadas no campo, nas tradições campeiras e nos sentimentos legítimos originários de nosso Rio Grande do Sul (FERRARO, 2013). A composição, a melodia e o canto são expressões de narrativas musicais, transmitidas com orgulho e singeleza aos gaúchos e simpatizantes de nossa cultura.

Um instrumento musical, como o violão, por exemplo, faz emergir um mar de possibilidades sonoras. Os acordes se entrelaçam como histórias que se contam, e a tessitura se constitui gerando sentidos e sentimentos em favor da tradição, como expressão da essência cultural de nossa terra. A música nasce como retrato musical da geografia do Pampa, dos valores, do amor e da história, sustentando as tradições transmitidas de geração em geração.

A propósito, vale reiterar que a música gaúcha vai além da sinfonia das notas e melodias; constitui-se num veículo para historiar, difundir valores e emocionar. Seus valores estéticos reverberados pela arte celebram e retratam as lutas e conquistas do povo gaúcho e a vida no campo. As composições capturam emoções e levam-nas ao coração de quem as escuta.

Desta forma, procuramos apresentar a jornada musical, guiada pelo tradicionalismo gaúcho, como paixão que vem de berço, por meio das narrativas e registros de Lauro Guilherme Klipel, jovem vacariense que inspirou sua trajetória em grandes compositores e músicos gaúchos, mas sobretudo, em seu pai Lauro

Klipel, grande incentivador desde o início da infância.

Ao longo dessa trajetória, encontramos aliados poderosos para expressar sentimentos musicais: as tradições do gauchismo e as festividades tradicionais, que celebram a coragem e a força de homens e mulheres de fé. Torna-se relevante registrar que a escrita desta narrativa se constituiu pelo privilégio de expressar os sentimentos emanados por um jovem artista, sem contar na possibilidade de legado deixado às futuras gerações.

Assim, suscitamos o pensamento de que a música gaúcha pode ser comparada a uma ponte entre o passado e o futuro, de forma em que o respeito e a valorização dos precursores desse estilo musical, integram na bagagem de viagem pela história, temas relevantes para manter a tradição sempre viva e pulsante.

Posto isso, esperamos que, ao longo dessas páginas, nossa narrativa possa exprimir um pouco da paixão sentida por Lauro Guilherme, seja ao compor, como criar melodias que retratam a essência dessa amada terra gaúcha.

Que berço é esse?

Em princípio vamos apresentar o jovem que trás a música tradicionalista gaúcha, como tradição que vem de berço. Falamos de Lauro Guilherme Pinheiro Klipel, nascido em 2003, natural de Vacaria, RS. Desde muito pequeno, a música tradicionalista gaúcha teve grande papel em sua vida, pois além do grande apreço, teve por desígnio vivê-la como profissão. Gosto incondicional, estudo, dom musical, isolados ou conjuntamente, fazem parte dos objetivos de vida e, iniciam com os ensinamentos familiares que foram passados de geração em geração, pela família Klipel.

Aos 05 anos, aconteceu o primeiro contato com a música, incentivado pelo pai Lauro Klipel. Memórias, lembranças são cenas que reprisam constantemente. Era comum ensaios com instrumentos musicais, em casa. Também, já acompanhava o pai em viagens para bailes, com grupos regionais. A música sempre foi

uma paixão. Embora tivesse como atividade favorita ou passatempo preferido, seu pai prezava pela qualidade musical.

Figura 1



Acervo pessoal: Lauro Guilherme
Klipel

Experienciando os primeiros
instrumentos

Figura 2



Acervo pessoal: Lauro Guilherme
Klipel

Experienciando os primeiros
instrumentos

Figura 3



Acervo pessoal: Lauro Guilherme Klipel
Experienciando os primeiros instrumentos

Contudo, a curiosidade de Lauro Guilherme foi a principal motivação no desejo de viver a música, pois além de ver e ouvir artistas se apresentando em CDs e DVDs ficava impressionado e acabava tentando reproduzir da mesma maneira. As narrativas de Lauro Guilherme reportam às recordações de infância, quando improvisava seu próprio show em casa. Utilizando baldes montava

sua bateria, e com colheres, tirava o som. Também tinha uma gaita de brinquedo, um contrabaixo e uma guitarra. Ficava por horas fazendo rodízio entre os instrumentos nessa brincadeira, e seu pai ao ver aquele contexto constatou seu interesse e se dispôs a investir em instrumentos profissionais.

Com 7 anos ganhava a primeira bateria profissional, e como autodidata foi aprimorando cada vez mais as técnicas, até alcançar a maneira correta de conduzir o instrumento. Nas viagens com seu pai, em diferentes bailes, por vezes, subia ao palco e tocava algumas músicas com o grupo. Assim foi por algum tempo, até que teve experiência e resistência para conseguir tocar o baile todo.

O gosto musical era baseado em artistas como Irmãos Bertussi, Porca Vêia, Os Monarcas, Os Serranos, José Mendes, Teixeira, entre outros nomes da música gaúcha, os quais levava-os como referência e inspiração na sua forma de trabalho. Com o passar dos anos, teve a satisfação de conhecer alguns desses artistas, fazer amizade e até mesmo a oportunidade de dividir o palco.

Com tantos relatos e apenas com 10 anos, incentivado pelo seu pai Lauro Guilherme e sua mãe Maria Regina, passou a integrar o Centro de Tradições Gaúchas Porteira do Rio Grande (CTG), dedicando-se à modalidade de danças tradicionais, pela invernada mirim. Depois de algum tempo dançando, inicia sua participação em concursos individuais, momento em que se interessou pelo aprendizado de acordeon (gaita).

Aos 11 anos ganhou a primeira gaita, dedicando-se às aulas com professor. Sabia que concursos de gaita exigiam técnica avançada, e o maior objetivo dos gaiteiros era se consagrar campeão do Rodeio Internacional de Vacaria, que em termos de competição era o mais disputado entre os concorrentes.

Sempre focado em seus objetivos, participou de concurso individual pela primeira vez no Rodeio de Pinhal da Serra, RS, onde conseguiu a posição de 10º lugar, em meio a vinte e cinco inscritos. A partir deste momento, sua dedicação era cada vez maior. Buscava o aprimoramento de técnicas e executava músicas

mais elaboradas. Com um ano de dedicação ao acordeon, logrou êxito, consagrando-se campeão no Festival Nacional da Cultura Gaúcha, garantindo, com isso, sua vaga para a final no Rodeio Crioulo Internacional de Vacaria.

No ano subsequente aderiu a mais uma modalidade. Desta vez, à gaita ponto, onde recorreu a professores para o aprendizado da maneira correta.

Após participar de diversas etapas do Festival Nacional da Cultura Gaúcha, no ano de 2015, foi bicampeão. Por consequência, classificado para participar, face ao êxito do Concurso, concorreu no 31º Rodeio Crioulo Internacional de Vacaria, destacando-se como vice-campeão na modalidade de gaita piano mirim, e em 3º lugar como gaita ponto.

Em casa, começava seus primeiros contatos com o vocal, mas era muito tímido e tinha medo de soltar a voz. Incentivado pelo pai, podendo sempre contar com o seu apoio, começava a cantar nos rodeios pela modalidade de intérprete vocal. Hoje, Lauro Guilherme avalia que a insistência do pai foi fundamental, visto que as oportunidades aparecem com proporções muito maiores para o artista que canta, sendo melhor valorizado.

No ano de 2017, Lauro Guilherme consagrou-se pentacampeão do Festival Nacional da Cultura Gaúcha na modalidade gaita, e bicampeão no intérprete vocal. Por conseguinte, no 32º Rodeio Crioulo Internacional de Vacaria, conquistava o 2º lugar em gaita ponto, decidindo, com isso, finalizar suas participações em rodeios e, também, desligar-se das atividades no Centro de Tradições Gaúchas, totalizando 106 troféus nas 3 modalidades individuais.

Figura 4



Acervo pessoal: Lauro Guilherme Klipel
Acervo de troféus recebidos em concursos

Seguiu estudando e se dedicando à música. Participava do Grupo Chimarreando, juntamente com seu pai. Nesta fase, estava perdendo o medo dos palcos e a timidez perante o público, especialmente pelos desafios que os concursos haviam proporcionado. Schechner (2011), nos revela que a interação entre a audiência/público e o performer/músico sempre foram um tema de grande importância para ambas as partes. Nesse ponto, é possível que ocorram grandes interações durante as apresentações.

Aos 15 anos foi convidado a integrar o Grupo *Marca Crioula*, de Vacaria, formado por excelentes músicos, possuía ônibus e boa estrutura para shows. Com uma agenda mensal de 12 bailes, em média, com eventos somente em fins de semana, não causava prejuízo à condição escolar, podendo conciliar trabalho e estudo.

Sua participação no grupo oportunizou que conhecesse boa parte das cidades da região Sul, pois as apresentações aconteciam no Rio Grande do Sul, Santa Catarina e no estado do Paraná. Isso fez Lauro Guilherme perceber que a música estava proporcionando muitas coisas boas, e que trabalhando com foco e dedicação poderia ter a música como profissão.

As bandas sempre foram uma vitrine para o músico, independente da grandeza do grupo. Se o integrante for dedicado é questão de tempo para um projeto maior aparecer. Prova disso, foi que algumas propostas para bandas maiores foram chegando com o tempo, mas devido a pouca idade e o fato de estar cursando o Ensino Médio, optou por concluir o Educação Básica.

Diante disso, a trajetória pessoal e a experiência musical desses dois anos que fez parte do grupo, constituíram-se em balizadores que sustentam o percurso, seja por meio de diálogo ou de críticas. São meios e entremeios que se fortalecem na escola da vida e alicerçam as estruturas para um projeto que se expande.

Após esse tempo tocando e diante da iminente conclusão do Ensino Médio, surge a pandemia da Covid-19, no ano 2020, afetando a saúde, mas também, e de forma incisiva quem trabalhava com eventos, pois todo trabalho é envolto no aglomerado de pessoas e naquele momento era inadequado, inviável.

Portanto, com a paralisação das atividades em bailes, o Grupo *Marca Crioula* acabou encerrando suas atividades, e o setor de eventos continuava sem quaisquer perspectivas para reinício das apresentações e festas. Do ponto de vista de um jovem artista, foi um ano que provocou questionamentos acerca da continuidade ou não da atividade musical, como profissão, apesar do sentimento muito puro pela música. Lauro Guilherme perguntou-se reiteradamente

se a vida voltaria a ser como antes.

Com a chegada do ano 2021 todos estavam muito esperançosos pelo fim da pandemia e no mês de fevereiro, por indicação de um colega de renome no meio musical, foi convidado a integrar um dos maiores conjuntos do sul, o grupo *Garotos De Ouro*. O convite para integrar o grupo partiu do proprietário Airtton Machado. Tal honraria, foi motivo de muita alegria, pois trabalharia com ídolos, os quais cresceu assistindo e servindo como inspiração. Naquele momento, as dúvidas sobre ter a música como profissão, desapareceram. Lauro Guilherme acreditava estar na profissão certa.

Figura 5



Acervo pessoal: Lauro Guilherme Klipel

Imagem de divulgação do Grupo Garotos de Ouro

Após fechar contrato, dedicou-se totalmente a discografia da banda, aprendendo boa parte de seus sucessos. Todos os artistas nesse tempo sem eventos optaram por um formato de mostrar seu trabalho através de *lives* transmitidas em redes sociais. *Os Garotos*

De Ouro estavam na sua quarta *live*.

O primeiro contato com os integrantes foi no mês de maio devido a uma liberação de eventos, seguindo as normas de segurança para a prevenção da Covid-19. O momento de retorno aos bailes foi marcado com uma agenda de dois dias, nas cidades de Lages, SC e São José Do Cerrito, SC.

Após a ocasião, pelo fato de estar morando em Vacaria e a banda ser sediada na cidade de Içara, SC, manteve contato por meio de ligações e redes sociais. Algum tempo depois foi agendada a 5ª *live* do grupo, em 07 de agosto do mesmo ano, na cidade de Braço do Norte, SC, onde aconteceria a apresentação de Lauro Guilherme, como novo integrante.

Um dia anterior à transmissão, realizaram um ensaio em estúdio com todos os componentes para ajuste de repertório. No dia seguinte, realizaram 4 horas de *live* com público, acontecendo a apresentação de Lauro Guilherme como integrante e com uma excelente receptividade pelos fãs da banda. Naquele mesmo mês, realizou a primeira gravação de acordeon em estúdio, com a música “Um Coração Tapera”.

No dia 11 de setembro estava agendada mais uma transmissão ao vivo, dessa vez na cidade de São Joaquim, SC. Seguiu de carro até o local do evento, onde realizaram 4 horas de transmissão, mais 2 horas de baile para o público presente devido a melhora no quadro pandêmico da região. Após a *live* todos os integrantes retornaram para suas casas, mas na madrugada de segunda-feira, dia 13 de setembro, integrantes da banda recebem a notícia que o ônibus da banda em sua volta para casa, perdeu os freios e chocou com um paredão de pedras, ceifando a vida do proprietário Airtton Machado.

Indubitavelmente, foi um momento muito difícil e traumático para Lauro Guilherme. O fato foi amplamente divulgado pelos veículos de comunicação, pois a música gaúcha perdia um grande artista, apreciador de nossas tradições, e, o precursor de uma história de 50 anos de sucesso com o grupo.

Tal fatalidade fez com que Lauro Guilherme se desligasse do grupo. As atividades não retornariam tão cedo, apesar de a pandemia já ter sido controlada e os bailes estarem voltando às atividades habituais. Contudo, a gravação das *lives*, abriram portas para propostas com bandas de renome no mercado gaúcho. Frente a isso, no mês de outubro de 2021, recebe o convite para integrar o grupo *Chê Lokedo*, da cidade de Jaraguá Do Sul, SC, e passa a integrar o grupo.

Decorrente disso, passou a morar em Jaraguá, para facilitar a logística das viagens, pois naquele período os eventos tinham retornado normalmente, e o grupo tinha em média 30 bailes por mês, distribuídos nos três estados do Sul. Efetivamente foi uma experiência ímpar, já que atuava em uma banda bastante conhecida e tocava em eventos grandiosos.

O maior desafio daquele momento foi se distanciar da família, do conforto de casa, sem perder a consciência de que este era um obstáculo que a música apresentava, ou seja, o pouco tempo que artistas têm para aproveitar as pessoas próximas, implicado pela rotina intensa de viagens e sequência de bailes.

A agenda da banda tinha início na maioria das vezes na quarta-feira, com término no domingo, com isso ficava inviável o retorno à Vacaria, considerando a distância entre uma cidade e outra. Nos períodos vagos, Lauro Guilherme começa a se dedicar como produtor musical, fazendo investimentos em equipamentos necessários para gravações de estúdio e se especializando na área.

Visto que o mercado de gravações se expande cada vez mais, uma maneira que Lauro Guilherme enxergava para viabilizar o trabalho seria cortar custos, tendo seu próprio estúdio musical particular. Tudo isso, requereu bons equipamentos para as produções e gravações à distância para projetos de outras bandas. Lauro Guilherme também foi responsável por composições e arranjos musicais.

Após um longo período atuando no grupo, desligou-se e retornou para Vacaria, com o intuito de migrar para um lado ainda

não explorado, ou seja, tocando em eventos da terra natal, Vacaria, no estilo sertanejo, para um público diferente do qual frequenta os bailes gaúchos.

Mesmo estando certo de suas raízes na música gaúcha, optou por aprimorar este lado, pois o músico não deve tocar para si mesmo, e sim tocar para a alegria do povo que lhe assiste, devendo possuir habilidades outras e aceitar a diversidade de qualquer gênero musical. Viveu uma boa experiência em eventos deste estilo, aproximando-se mais do público e gerando um grande aprendizado no quesito de como agir perante a quem está lhe prestigiando, o que oportunizou um leque muito maior no que diz respeito ao repertório musical.

Contudo, a natureza gaúcha correu nas veias com mais força e por ocasião do convite, em 03 de junho de 2022, já que Lauro Guilherme passava a integrar um dos maiores grupos de música gaúcha do nosso Sul, o Grupo *Manotaço* da cidade de Tapejara, RS. Desta vez uma oportunidade que ficaria muito viável, pois a logística de viagens tornar-se-ia tranquila, pelo fato de a cidade sede ser perto de Vacaria.

Figura 6



Acervo pessoal: Lauro Guilherme Klipel

Imagem de divulgação do Grupo Manotaço

O grupo *Manotaço* possui uma agenda com eventos no Brasil todo, sendo priorizado o mês farroupilha, trabalhando nos estados: Rio Grande Do Sul, Santa Catarina, Paraná, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Goiás e São Paulo. Para Lauro Guilherme, uma oportunidade de conhecer boa parte do nosso país e vivenciar o quanto as culturas são diferentes, fazendo com que perceba a importância de levarmos o legado gaúcho além dos limites territoriais e por que não dizer, além fronteiras.

Assim como afirma Floriano Dias (2023, p. 61),

A produção cultural musical é parte constituinte da cultura gaúcha, e um dos seus bens culturais mais consumidos e simbólicos, de alcance não somente regional, nem mesmo se limita as fronteiras nacionais, pois, atravessa fronteiras internacionais, reforçando um “intercâmbio de sentidos”, guiando-se por um fio condutor de sentimento ao tradicionalismo.

As andanças nos diferentes estados fez com que percebesse que a cultura gaúcha é muito valorizada em outros lugares, o público prestigia com apreço o músico do Sul e tem curiosidade pela nossa identidade cultural. Em suma, Lauro Guilherme avalia que é gratificante entregar o trabalho a pessoas que admiram nossas raízes.

Há um ano, Lauro Guilherme trabalha com o grupo Manotaço, tendo como função, além artista, o cargo de produtor, sendo responsável pela organização de repertório, e, dos arranjos musicais e gravações em estúdio. Isto demonstra que dar o melhor em cima do palco, transmitindo a quem assiste a mesma emoção que o artista está sentindo, repercute tessituras identitárias arraigadas pela tradição que segundo Golin (2004) *apud* Floriano Dias (2023, p.61), “a maior expressão de massa do movimento cultural gauchesco é a música”.

A música não pode ser categorizada com o viés profissional, mas com uma semente que fora cultivada e formará raízes que sustentarão gerações, de berço em berço. Para Lauro Guilherme, a

música tradicionalista é uma paixão que vem de berço e certamente será passada adiante para as futuras gerações.

Para finalizar, reportarmos as narrativas deste texto a um trecho da música “Guri”¹, onde destaca a importância do pai na caminhada de Lauro Guilherme: “Pra que digam quando eu passe saiu igualzito ao pai.” (Cesar Passarinho, 1983).

Referências

Ferraro, Eduardo Hector. **Transformações culturais no gauchismo através da música**. Orientadora: Maria Eugenia Dominguez. 2013. 205p. Dissertação de Mestrado. Florianópolis, SC.

Floriano Dias, Nitielle. **A música regional e a constituição da identidade gaúcha**: as representações do gaúcho e do Pampa. Orientador: Eric Gustavo Cardin. 2023. 115 p. Dissertação de Mestrado. Foz do Iguaçu, PR.

SCHECHNER, Richard. 2011. Pontos de contato entre o pensamento antropológico e teatral. **Cadernos de campo** 20: 213-236.

1 Guri é uma milonga de composição dos irmãos João Batista Machado e Julio Machado Da Silva Filho e foi escrita na volta do ano de 1983. Apareceu pela primeira vez na 13ª Califórnia da Canção Nativa de Uruguaiana, foi interpretada magicamente pelo Cesar Passarinho e, com todos os méritos, conquistou a Calhandra de Ouro e está imortalizada como um dos maiores clássicos das Califórrias e da música gaúcha. E originalmente, ela tinha o título original de Sonho do Guri. E bem como disse o César Passarinho confessou aos autores: Nosso Guri é mágico. Uma música que transcende os tempos, simples e profunda. Que faz a gente se identificar já nos primeiros acordes que ali tem uma mensagem de vida, do sonho de um guri como eu sonhei e tu também já sonhou. (LINHA CAMPEIRA, 2022). Disponível em: <<https://linhacampeira.com/episode/explicando-a-letra-10-guri-cesar-passarinho/?v=04492b9b01cf>>. Acesso em 12 set 2023.

A VIDA É UMA MISTURA DE SONS

Cassiano Paim

Há milhões de anos, antes que houvesse no mundo ouvidos humanos para captar os ruídos e sons oriundos na natureza, borbulharam águas, rebombaram trovões e até o vento sussurrou nas folhas alguma nota musical.

O ser humano apareceu num mundo já repleto de sons: A música tocada pelos raios e trovões tornou-se símbolo de poderes celestiais; o uular dos ventos tornou-se símbolo de demônios; os habitantes das terras próximas aos oceanos percebiam o humor do mundo ou dos Deuses no banir das águas; os ecos eram oráculos; as vozes dos animais revelações e; e, tudo ainda hoje estampa as paredes de cavernas pelo planeta.

O som e a música agem sobre os indivíduos e as massas há milhões de anos tendo inúmeras facetas. Seus efeitos se estendem desde o despertar dos sentimentos mais nobres até o desencadeamento dos mais baixos instintos; da concentração devotada até a perda da consciência; da veneração religiosa até a marcha para a guerra e a morte.

A música é, sem dúvidas, uma velha senhora cheia de vida. É com a dança e a pintura uma das mais velhas artes. Contudo sua história é de fato mais curta e nova. A humanidade possui monumentos de pedra e bronze que testemunharam culturas desaparecidas, poesias e lendas, filosofias de milhares de anos pelas quais podemos formar uma imagem espiritual de épocas passadas. Apenas com a música as coisas não foram bem alinhadas por nossos ancestrais.

Nenhum som vem das culturas mortas. Datam de pouco tempo os primeiros manuscritos que deciframos sem cometer erros e que transcrevemos no sistema moderno, dando-lhes vida nova. O

resto que antecede as culturas modernas, músicas de milhares de anos, está para sempre perdido na noite dos tempos.

Pouquíssimo sabemos sobre a música na antiguidade pela própria falta da música em si. Os monumentos que afirmam a existência de cenas musicais não conseguiram gravar a música, mas reproduziram instrumentos e até grupos musicais inteiros. Até mesmo antigos instrumentos foram encontrados e foi possível verificar sua execução e ressonância, mas apesar de tudo, como será a música?

Sabemos que 2500 anos antes de Cristo, a um sábio chinês chamado Ling Lung¹ ordenou cinco tons musicais, explicou-os, sistematizou-os e deu-lhes nomes estranhos. Cada tom tinha o nome de uma classe social, desde o imperador até o camponês. Mas que som teria?

A música não é como a literatura ou a poesia. Ela vive um momento e desaparece. E qual a importância disso quando pensamos na música atualmente? Ou qual a importância desta reflexão quando pensamos na música do jovem Estado do Rio Grande do Sul?

Para conhecermos a música do passado e a música da atualidade é importante transitarmos por dois caminhos: um é o caminho escrito, extremamente difícil de ser percorrido em razão da necessidade de se criar ou interpretar códigos que transcrevam sons. Outro caminho é o da tradição oral, e este sim me parece o mais pavimentado para a compreensão da evolução da história e fixação da música entre as diversas culturas do planeta.

Há povos em que as melodias nascem e se fixam vivas por muito tempo. Todavia, há somente a possibilidade de remontar a

1 Na mitologia chinesa, diz-se que Ling Lun criou flautas de bambu que emitiam os sons de muitos pássaros, incluindo a mítica fênix. “Desta forma, Ling Lun inventou as cinco notas da antiga escala chinesa de cinco tons (gong, shang, jiao, zhi e yu, que equivale a 1, 2, 3, 5 e 6 em notação musical numerada ou dó, ré, mi, sol e lá no solfejo ocidental) e os oito sons produzidos por oito instrumentos musicais. Diz-se que o Imperador Amarelo (Huangdi) ordenou o lançamento de sinos em sintonia com essas flautas.

poucos séculos, tratando-se de melodias populares, cuja conservação não foi confiada a ninguém. Talvez a mais antiga seja a cantoria sagrada dos povos Judeus, que durante 3 mil anos pouco mudou, e a ele relacionado o canto primitivo do cristianismo.

Claro que vários povos começaram a cantar em rituais e celebrações, mas a primeira canção e letra cuja sonoridade pode ser reconstruída é o Hino Hurrita nº 6². A princípio, o mais antigo fragmento de uma notação musical é uma tábua de argila suméria com cerca de 4 mil anos, com instruções para a execução de um hino em honra ao governante Lipit-Ishtar.

Contudo, em relação a músicas antigas propriamente ditas, o exemplar mais antigo conhecido foi descoberto nos anos 50, na cidade de Ugarit, atualmente Ras Shamra, no norte da Síria.

Arqueólogos encontraram diversas tábuas de argila com 3.400 anos de idade. Estas tábuas foram entalhadas com caracteres cuneiformes do idioma Hurrita – pertencente ao povo Hurrita, que viveu na antiga Mesopotâmia.

No entanto, é preciso perceber que, ainda que o Hino Hurrita tenha uma idade considerável – 34 séculos, na verdade, a música é anterior à própria humanidade. O diferencial da música composta pelos Hurritas é o fato de que ela é a primeira melodia que podemos tocar com instrumentos modernos.

A conclusão dos historiadores sobre o poema que constitui a música veio das definições do próprio material. O texto mostra as nove cordas de uma lira e os intervalos entre elas. É como uma tablatura para violão ou guitarra, por exemplo.

2 PAHLEN, Kurt - História Universal Música



Fonte: Open culture, classic fm e ancientlyre.com imagens domínio público

Portanto, as informações encontradas sobre cada tema ainda precisam ser avaliadas. Pensemos que, há 35 mil anos foi inventada a flauta de osso³. A asa de um abutre e presas de mamute serviram de matéria-prima para produzir os mais antigos instrumentos musicais do mundo. Estes instrumentos foram encontrados em cavernas do sudoeste da Alemanha, testemunhas de uma aparente explosão de criatividade que tomou conta dos primeiros seres humanos a colonizarem a Europa.



Fonte: <https://g1.globo.com/Noticias/Ciencia/0,,MUL1206524-5603,00-FLAUTA+DE+MIL+ANOS+E+MAIS+ANTIGO+INSTRUMENTO+MUSICAL+DO+MUNDO.html>

A música na antiguidade oriental: brevíssimos relatos

Os primeiros exemplos que encontramos nos tempos antigos de música subserviente e integrada numa ordem social,

³ <https://g1.globo.com/Noticias/Ciencia/0,,MUL1206524-5603,00-FLAUTA+DE+MIL+ANOS+E+MAIS+ANTIGO+INSTRUMENTO+MUSICAL+DO+MUNDO.html>

ética ou religiosa são: Egito, Mesopotâmia, China, Grécia.

No século XIII a.C., a China tinha uma cultura musical pungente. Desde os tempos mais remotos, a música desempenhava papel importante em três ocasiões-chave da sociedade chinesa: festivais agrícolas, cerimônias da corte imperial e ritos religiosos.

No século XX a.C., a música criada no Egito consistia em cantos acompanhados de instrumentos, danças de luto ou celebração, cantos de rituais diversos: culto ao sol, festas cerimoniais e colheitas.

Os faraós tinham seus cantores e instrumentistas. Um dignitário, uma espécie de regente, era encarregado de tudo o que diz respeito aos músicos e ao uso da música. Harpas, trompetes, flautas, címbalos e sinos compunham o variado repertório instrumental.



Foto da trombeta de Tutancâmon, também conhecido como o “Faraó Menino”, nasceu em 1.346 a.C. e morreu, aos 19 anos de idade, em 1.327 a.C. Foi faraó do Egito Antigo entre os anos de 1.336 a.C. e 1.327 a.C. Era filho do faraó Akhenaton. Museu do Cairo.

No século XXX a.C., os sumérios utilizavam flautas de prata, flautas de junco, harpas e liras: a sua música era estritamente religiosa, envolvida em todas as cerimônias, e segundo pesquisas recentes, sabe-se que a música desempenhou um papel extremamente importante naquela civilização.

Os Hebreus sempre demonstraram grande apreço pela música ao longo da história assim o próprio Rei Davi, renomado como poeta e instrumentista, é um perfeito exemplo desse aspecto. Este povo criou hinos belicosos e enigmáticos, salmodiavam

e entoavam cânticos; seus instrumentos musicais incluíam o cornetim, a siringe, a lira e diversas modalidades de percussão.

Lamentavelmente, só estamos cientes desse vasto acervo musical através de murais, escritos teóricos ou decorações de certas descobertas, como jarros, vasos, entre outros. Alguns instrumentos foram descobertos em túmulos. No entanto, devido à ausência de notação musical, esse valioso legado não é capaz de trazer de volta a presença enérgica da música.



Estatua do Rei Davi tocando Harpa. Suposto Túmulo, Monte Sião, Jerusalém.

A música na antiguidade ocidental: brevíssimos relatos

Por volta do século I a.C., havia um movimento político da Grécia para a Ásia Menor e Egito que fez com que a cultura grega se expandisse e ao mesmo tempo se misturasse com outras culturas, tornando-a um tanto híbrida.

Neste período os romanos adotaram a cultura e trouxeram para Roma os costumes dos povos que governavam, que lhes foi transmitida principalmente através dos escravos. Assim, a arte e a música romanas são adaptações das teorias e práticas gregas.

Os romanos não eram particularmente originais nas artes, importando da Grécia a maior parte das suas técnicas e referências estilísticas, como se pode verificar pelos exemplos existentes de

escultura e pintura. É impossível dizer com certeza se isso se repete na música, mas é muito provável.

Ao contrário dos gregos, no entanto, não existe uma ligação forte entre a ética e a música entre os romanos. Apesar desta dependência, há registros da presença generalizada da música em todas as situações da vida romana, desde campanhas militares a grandes festivais, grandes atuações envolvendo centenas de instrumentistas que usavam instrumentos de enormes dimensões, como kitharas construídas do tamanho de carruagens. As competições musicais eram comuns e a instrução musical era vista como uma marca de distinção social.

A iconografia e a literatura da época mostram que a música desempenhava um papel importante no culto, na sociedade, nas celebrações, na dança, no trabalho e nas forças armadas.



Mosaico romano de Pompeia mostrando músicos de rua tocando seus instrumentos: um aulos (instrumento de sopro), pratos e um tímpano (um tambor de mão)A música ocidental na modernidade e o folclore

Ajustando nosso binóculo imaginário, é possível fixarmos lentes para a música ocidental e a música folclórica para entendermos a sua influência na concretização da arte contemporânea.

Qualquer pessoa com alguma exposição à teoria musical, por mais jovem que seja, conhece as notas e o sistema de notação, forma de escrita que pode ser considerada o texto da música. E qualquer pessoa no mundo que conheça esses códigos pode tocar música segurando uma partitura (um conjunto de notas impressas ou manuscritas que mostram as partes de uma composição como

um todo).

Este sistema de escrita (conjunto de linhas paralelas para escrever notas) teve origem na Europa medieval por volta do Ano 1000 e foi inventado pelo monge beneditino Guido d'Arezzo⁴.

No final da Idade Média, a igreja desenvolveu um tipo simples de música conhecido como inspiração para os antigos cantos judaicos, cantada com e sem acompanhamento musical.

Com a invenção de Guido d'Arezzo, a música ocidental afastou-se das tradições do Oriente Médio e desenvolveu a harmonia, ou seja, quando duas ou mais notas são escritas e tocadas simultaneamente, formando acordes.

Os séculos XII e XIV são notáveis pelos trovadores, músicos-poetas que cantavam histórias de amor e cavalheirismo. Guillaume de Machaut⁵ tornou-se famoso pela harmonia e beleza da sua música em meados do século XIV. Pode-se dizer que pela primeira vez na história os compositores foram reconhecidos como artistas.

A música ocidental clássica e suas épocas⁶

Renascença (1500-1600): Quase não havia orquestras, apenas instrumentos isolados como alaúde, clarinete e viola. Assim, o estilo musical deste período era polifônico, composto por diversas melodias cantadas ou executadas simultaneamente.

Era barroca (1600-1750): Começaram a surgir as primeiras orquestras, que deram origem à orquestra sinfônica que hoje conhecemos. O estilo musical barroco consiste em ritmos vivos, melodias altamente ornamentadas que alternam entre vozes altas e baixas e instrumentos contrastantes de timbres diferentes.

4 Guido d'Arezzo (992 — 1050) foi um monge italiano e regente do coro da Catedral de Arezzo (Toscana), província de seu nascimento.

5 Guillaume de Machaut (também Machau ou Machault; Machault (?), c. 1300 – Reims, abril de 1377) foi um compositor e poeta francês.

6 GAMA, Nelson. Introdução às Orquestras e seus instrumentos. São Paulo, Britten, 2005.

Era Clássica (1750-1810): Novos instrumentos apareceram na orquestra e continuaram a evoluir. A música não se tornou tão complexa quanto o barroco, mas apenas procurou realçar a graça e a beleza das melodias, e apresentar graça e graça.

Período romântico (1810-1900): Nesse período, a orquestra sinfônica atingiu o seu apogeu em número e variedade de instrumentos musicais. Os compositores da época tentaram infringir a lei e destruir o que consideravam música ultrapassada.

Era moderna (a partir de 1900): a música eletroacústica e os sintetizadores foram introduzidos nas orquestras. No entanto, a essência da orquestra sinfônica permanece a mesma. Foi neste contexto que nasceu a obra derivada.

A música folclórica, expressão que surgiu no século XIX, provinda do termo “*folk lore*”, gerada pelo saber popular, foi claramente assumida por uma civilização pré-industrial, à margem da produção cultural em marcha nas grandes cidades.

No século XX a *folk music* passou a ser compreendida como uma ramificação bem particular da música popular, por sua vez originária da canção ancestral cultivada nos campos. Na sua acepção inicial o folk era mais bem-sucedido em regiões nas quais as comunidades campestres não tinham sido ainda influenciadas pelos meios de comunicação e pela cultura de massa.

A mais ancestral modalidade de *folk music* é a “canção de dança”, exclusivamente composta para que uma coreografia seja executada. Várias delas levam em seu nome a marca de origem, tais como a polca polonesa, o fado, que todos sabem provir de Portugal, e a tarantela, típica dos italianos.

As músicas lendárias têm sua proveniência parcialmente conhecida, muitas vezes originando-se de produções literárias, geralmente de natureza poética. Danças e jogos lúdicos também pertencem a esta categoria, quando não estão atrelados à cultura escrita.

O triunfo da música dos Gaúcos e Gaúchos

Focalizando, agora, nosso binóculo imaginário temos o ponto da história onde se encontra o Rio Grande do Sul, precisamos ajustar nossas lentes para um ponto no tempo e no Ocidente.

Milhares de anos passaram até que a primeira música pudesse ser gravada. Seguindo o conceito mais moderno, a primeira peça gravada é “*Au clair de la lune*”, música francesa de 1860. Apenas 10 segundos da voz de uma voz feminina foram gravados por meio de um aparelho denominado fonógrafo⁷.

Afinal, sabemos que muitos eventos ocorreram ao longo dos séculos por causa da relação entre os humanos e este universo sonoro. Temos a criação de cada tipo de instrumento ao longo do tempo e a identidade de cada cultura relacionada ao tipo e finalidade da música.

Mas qual a relação desta história e destes nomes com a música do Rio Grande do Sul antigo e o dos dias atuais?

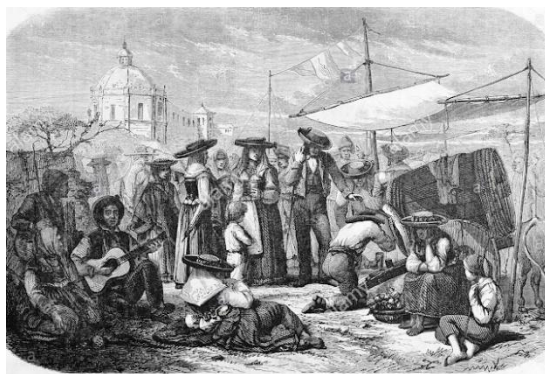
Na linha do tempo não há povo que não tenha ou tenha tido sua música. No Rio Grande do Sul esta história não foi diferente. Nosso Estado foi o território com mais terras devolutas pertencentes aos Impérios Português e Espanhol que se desejou povoar. Diferente da necessidade das grandes lavouras de café que precisavam de braços devido à escassez de escravos, o Rio Grande do Sul buscava imigrantes para povoar as terras virgens não aproveitadas, o que permitiria o aumento da produção e do comércio, além do desenvolvimento do estado com a abertura de estradas que facilitariam as comunicações.

A chegada da música no Brasil certamente está ligada ao desembarque do primeiro português que pisou nestas terras. No Rio Grande do Sul, assim como no Uruguai, Argentina e Paraguai, a modificação das fronteiras certamente entrelaçou o cenário musical nesta confusão de povos que existiu até a fixação dos territórios como o conhecemos.

7 <https://www.bbc.com/portuguese/geral-56403109>

Neste aspecto, as manifestações de arte ultrapassam os limites que o tempo fixa. É impossível imaginarmos que nos encontros entre os povos não houve a expressão da música influenciada pelos fatos históricos, movimentos dos povos, seus momentos de conflito e paz.

De Portugal vieram certamente as mais populares: danças e músicas tradicionais como o Vira, A Chula, O Corridinho e Fandango. Temos ainda a Caninha Verde, Dança portuguesa que foi inserida no país durante o Ciclo do Açúcar. Também foi praticada em colônias de pescadores, festas de casamentos e cordões. Os dançarinos recebiam o nome de folgadores e folgadeiras, dançavam em festas executando diversos passos. Os instrumentos mais usados eram violas, a rabeca, a concertina e o pandeiro.



Merendas, petiscos e bebes numa festa junto à Serra do Pilar, Vila Nova de Gaia / Portugal, gravura divulgada por De Berguer, 1861.

Antes de tudo isso, contudo, o Rio Grande do Sul era habitado por diversas etnias indígenas. Alguns dos principais grupos indígenas encontrados nessa região eram os Guarani, Kaingang, Charrua, Minuano, Pampa, Gês ou Jes, que foram mais tarde influenciados pela presença dos jesuítas nas chamadas «Reduções Jesuítico-Guaranis». Essas comunidades indígenas possuíam diferentes costumes, línguas, modos de vida e organização social, e músicas.

De uma maneira bem resumida, um dos grupos mais conhecidos, os Guaranis despontaram como uma das etnias mais lembradas pelo cancioneiro Gaúcho. Os Guaranis habitavam a região do litoral e central do atual Rio Grande do Sul indo até além da fronteira com a Argentina. Na verdade, o termo Guarani assim como o Tupi é um termo genérico, pois os colonizadores não tinham interesse em descobrir de verdade a qual grupo os indígenas realmente pertenciam.

Os jesuítas, como parte de seus esforços de evangelização, consideravam a música uma importante ferramenta para instruir os indígenas sobre a fé cristã. Eles ensinavam técnicas musicais europeias, como canto coral, instrumentos musicais e teoria musical, adaptando-as às tradições e culturas locais. Os indígenas aprendiam a música para participar de cerimônias religiosas e para se apresentarem em missas e festividades. O ensino da música pelos jesuítas tinha o objetivo de promover a integração dos indígenas na sociedade colonial e difundir a religião⁸.



Antiga imagem da Catedral Angelopolitana de Santo Ângelo - RS

Posteriormente na formação do povo gaúcho e “gaúco” chegaram ao confuso território os africanos escravizados no início do século XVIII. Nos primeiros tempos foram empregados principalmente nas charqueadas, mas logo passaram atuar em uma

8 HOLLER, Marcos T. Os jesuítas e a música no Brasil colonial. Campinas: Editora da Unicamp, 2010,

variedade de ofícios braçais no campo e nas cidades, participando decisivamente da consolidação da economia regional, além de desempenharem papel relevante em operações militares e contribuir com a musicalidade na formação da sonoridade daquela época.



Herrmann Rudolf Wendroth - Alves, Francisco das Neves & Torres, Luiz Henrique. *Imagens do Brasil Meridional: as aquarelas de Hermann Rudolf Wendroth*. Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas da Universidade de Lisboa / Biblioteca Rio-Grandense, 2020.

Neste período os colonizadores desejavam que essas terras devolutas fossem ocupadas por estrangeiros, pois a experiência passada de colonização com mão-de-obra servil não alcançou êxito.

A música pode ser analisada como um elemento contundente na história de sujeitos que viveram na violência escravagista e longe de casa. Nas inserções do africano escravizado fecundou um campo de imaginação e de busca pela origem do sujeito, certamente foram expressões de comunicação, novos usos do corpo, preservação da língua materna, emoções da alma e expressão de si próprio.

Em 1780, o estado registrava 5.102 escravos, cerca de 29% da população, sem incluir os escravos libertos. A partir da primeira década do século XIX, quando a cultura Charquada se tornou gradualmente a principal atividade econômica da província na época e exigiu mais mão-de-obra, a presença dos escravizados mais que duplicou.

A primeira foi pela estrada dos Tropeiros, que liga o extremo sul do Rio Grande ao resto do país, pelo trajeto Rio Grande-Mostadas-Porto Alegre-Santo Antônio da Patrulha-Vacaria, que a música circulou. Cerca de 65% dos escravos passaram por esta área.



<https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/o-primeiro-caminho-das-tropas-8crdny1ct68tssmxqi38ctam>. PAIXÃO CÔRTEZ, João Carlos. Danças Birivas do Tropeirismo Gaúcho. Porto Alegre: CORAG, 2000.

Outra área de grande concentração e passagem de etnias e povos antes da imigração mais recente foi eixo Porto Alegre-Cai-Tacquari-São Jerônimo-San Amaro-Rio Pardo-Cachoeira, ao longo do Yacuí, aqui concentravam-se 35% dos escravos.

Com o advento das charqueadas, esse número aumentaria consideravelmente, saltando para 50% da população gaúcha em 1822, quando o fazendeiro e charqueador José Antônio Gonçalves Chaves calculou que metade dos 106.196 habitantes da província eram escravos.⁹

⁹ Faustino, Gitibá Guichard. “O Negro Gaúcho e suas origens”. In.: Triunfo, Vera et



No Rio Grande os grupos de africanos aqui introduzidos recebiam geralmente a denominação de angolas, congos, minas e moçambiques. Isto, entretanto, não significa que fossem efetivamente dessas áreas.

Posteriormente, o processo de colonização do Rio Grande do Sul por povos Europeus não portugueses, espanhóis e africanos escravizados iniciou em 1824 com a fundação da colônia de São Leopoldo, com imigrantes alemães¹⁰. Posteriormente vieram os italianos, árabes, poloneses, japoneses entre outros.

Muita gente vem para o Rio Grande do Sul. Muitas pessoas passam pelo Rio Grande do Sul por necessidade, pelo empreendedorismo, pelas viagens circulares, pelo ambiente forçado

alii (eds.). *Rio Grande do Sul: Aspectos da Negritude*. Martins Livreiro

10 Os italianos no Rio Grande do Sul, Luís A. De Boni, Rovílio Costa (DE BONI; COSTA, 198)

dos movimentos históricos e, claro, da música e de determinados gêneros.

Posteriormente, à medida que os imigrantes conviveram com os costumes da população local, esses gêneros musicais gradativamente foram se fixando nas atividades cotidianas, enquanto outros gêneros musicais surgiram.

Para compreender cada um destes gêneros musicais é fundamental conhecer as suas origens, situando-os no contexto histórico da formação do Estado.

Assim como a dança, a música é amplamente desenvolvida na região sul. A música do Sul é muitas vezes voltada para a dança. E entre as danças do fandango, por exemplo, encontramos vaneira, vaneirão, bugio, xote, rancheira, polca, valsa, milonga e o chamamé, entre as mais notáveis.

Nas canções, uma tradição muito antiga, também existem muitas formas de cantar. Neste gênero musical é necessário citar a qualidade romântica. Ainda há o repentíssimo, uma declamação quase cantada subdividida em três ou quatro tipos de desafios: Trova em Mi Maior de Gavetão, Trova de Martelo e Trova de Milonga, e ainda a Trova de Pua. Todos esses gêneros musicais, dançantes ou não, têm certos aspectos em comum com a maior parte da música sulista.

O timbre da música do gaúcho é bastante peculiar. Os instrumentos musicais que aparecem na maioria das músicas gaúchas, além da voz cantada, são o acordeão, o violão e o bomboleguero. Pode aparecer, também, a rabeca (espécie de violino rústico), fazendo uma melodia mais aguda e um contracanto, também, é bom lembrar que “O assovio e o tilintar de esporas personalizam o timbre gaúcho” (BANGEL, 1989, p. 62)¹¹.

O estudo ou descrição do timbre, estética, a forma, a textura e a enorme quantidade ritmos e adaptações musicais do povo que formou o gaúcho da atualidade certamente é tema para

11 O estilo Gaúcho na Música brasileira, BANGEL, 1989, Tasso Bangel

muitas páginas, que neste momento talvez, por espaço neste livro, ou pouco conhecimento deste que disserta, deve ser tema para um outro momento.

Para concluir

A música vive a milhares de anos na história humana. Existe em todos os tempos, é primitiva entre os primitivos, popular entre os povos e desenvolvida entre os mais cultos. É basilar e importante em todas as suas formas.

Contudo temos de distinguir duas coisas diferentes: a música popular e a música do povo. Enquanto na primeira seu valor pode estar ligado a oscilações e exigências das necessidades mercadológicas, a segunda tem valor por ser a autêntica expressão da vida de um povo, e por isso livre de julgamentos artísticos.

Se pararmos para pensar, de tudo que soa ao nosso redor e de milhões de modos, só uma parte pequena nos penetra a consciência pelos ouvidos e uma parte ainda menor nos penetra o coração, e esta parte pequenina é um mundo inteiro: a música.

A MÚSICA GAÚCHA ALÉM DA SALA DE AULA

Rosalva de Oliveira Ramos

Josimeri Teles Basso

1 Considerações iniciais

O capítulo em questão é um relato acerca do Projeto de Pesquisa que busca trabalhar a Cultura Tradicionalista nas Escolas Públicas do Município de Vacaria, com ênfase na música gaúcha como expressão cultural privilegiada.

A música é algo presente e latente em nossas vidas. Ela nos leva a recordar histórias, relembra momentos, é poesia para a vida e para a alma. Quando se fala em música gaúcha ela reverbera algo muito particular, próprio da cultura do gaúcho, ela narra e a vida no enaltece a vida do gaúcho, as lidas de campo, e peleias de guerra que edificaram e fizeram do homem gaúcho sinônimo de força, perseverança e amor ao chão onde nasceu.

Ela mostra a beleza das coisas simples como a flor no cabelo, a prenda na janela, a travessia de um rio, a revoada de pássaros, o galopar de cavalos, a liberdade em se entregar aos devaneios do matear solito. Ela é única pois em suas letras e melodias traz uma vivência diária da vida no campo, as alegrias e dificuldades dos dias ensolarados e chuvosos. Da coloração das folhas depois do temporal, e que os homens ficam serenos e lavados de todo mal, pois depois de toda tempestade vem a bonança.

A canção gaúcha pode ser definida como poesia, calma e alento para os corações de um povo calejados pelos invernos rigorosos e marcados pelas lidas de campo. Para a cultura gaúcha como um todo e para os gaúchos e gaúchas que se preze, é exemplo

de força e coragem de um povo aguerrido e bravo, cheio de virtude que busca por liberdade.

Desta forma, a partir de 2021, a ideia de se trabalhar a Cultura tradicionalista, se constitui em certa medida como uma forma de immortalizar e resgatar nossa cultura raiz, principalmente nas escolas, o que vem ganhando mais força em nosso município, pois através da Lei Ordinária nº 4900-04 de novembro de 2021, ela traz a obrigatoriedade de inserir no âmbito escolar e no seu currículo a “*Cultura Tradicionalista nas Escolas Públicas*”, tendo como base a continuidade dos saberes e o compartilhamento das heranças e culturas.

Esse projeto tem extrema importância para o desenvolvimento dos discentes, a fim de que conheçam melhor a cultura gaúcha através de práticas como: dança, música e eventos culturais para a construção de valores que serão a base para uma formação integral deles como sujeitos que possuem cultura e historicidade.

Para isso, realizamos uma pesquisa nas escolas municipais, sobre quais atividades estão sendo realizadas em nossas escolas, que tem como objetivo fomentar ainda mais as atividades relacionadas à Cultura Tradicionalista nas Escolas Públicas.

O objetivo do estudo é analisar como está sendo trabalhada a “Cultura Tradicionalista nas Escolas Públicas”, investigar o papel da escola enquanto formadora de valores através da nossa cultura e valorizar nossas crianças, tendo base à família, a escola e o meio onde está inserida, através da musicalidade.

A cultura gaúcha nas escolas públicas

Ao falarmos de educação, escutamos muitas versões do que podemos considerar ser o correto, no entanto podemos considerar que a educação é algo transformador, tanto que segundo Brandão (2008): “[...] Paulo, sabia bem que por conta própria a educação não muda o mundo. Educação muda as pessoas. As pessoas mudam o mundo” (BRANDÃO, 2008. P. 164). Desta forma podemos

considerar a Educação como algo capaz de transformar, modificar e ensinar os sujeitos de forma única e particular.

Considerando a educação como um processo de transformação, seja ela individual ou coletiva, emerge compreender quais são as diretrizes educacionais postas no Referencial Curricular Gaúcho (RCG, 2018) ao que se refere ao desenvolvimento integral do aluno:

Interessa aqui pautar a concepção de educação como processos em constante transformação”. Em seu sentido mais amplo, compreender o desenvolvimento integral do sujeito (físico, intelectual, emocional, afetivo, social e cultural), que permita as formas de inserção social, envolvendo educação escolar e extraescolar. (RCG, 2018. p. 22).

Procuramos escrever sobre um assunto que conseguisse alcançar nossos alunos, suas famílias e toda a comunidade escolar, com a finalidade de dividir conhecimentos e experiência alcançando um aprendizado significativo sobre nossas tradições e costumes que nos remetem a uma cultura intrínseca, que aqui no Sul chamamos de Cultura Gaúcha.

Mas trabalhar a cultura gaúcha por si só, para nós gaúchos e tradicionalistas, é mais que motivo de orgulho, para além disso, se justifica diante da grande crise cultural enfrentada pela sociedade, que tem seu fator fundante a importação de valores e costumes americanizados, deixando que estes guiassem e moldassem as vivências e ditassem as regras sociais aceitáveis, ou seja mudassem a maneiras como as pessoas vivem, se vestem, se alimentam, são músicas, cinema, etc.

Barbosa Lessa (1954) em sua tese “O Sentido e o valor do Tradicionalismo” inicia justamente explicando como a cultura interfere diretamente na organização de uma sociedade. E afirma sobre a necessidade de os indivíduos pensarem e agirem coletivamente, para que o grupo social de fato funcione, através do que se pode chamar de uma herança cultural.

Segundo Barbosa Lessa:

Na vida humana, a sociedade – mais que o indivíduo – constitui a principal força na luta pela existência. Mas, para que o grupo social funcione como unidade, é necessário que os indivíduos que o compõem possuam modos de agir e de pensar coletivamente. Isto é conseguido através da “herança social” ou da “cultura”. Graças à cultura comum, os membros de uma sociedade possuem a unidade psicológica que lhes permite viverem em conjunto, com um mínimo de confusão. A cultura, assim, tem por finalidade adaptar o indivíduo não só ao seu ambiente natural, mas também ao seu lugar na sociedade. Toda a cultura inclui uma série de técnicas que ensinam ao indivíduo, desde a infância, a maneira como comportar-se na vida grupal. E graças à Tradição, essa cultura se transmite de uma geração a outra, capacitando sempre os novos indivíduos a uma pronta integração na vida em sociedade. (Lessa, 1954).

Ainda, segundo Lessa (1954), a cultura e a sociedade ocidental estão sofrendo um assustador processo de desintegração. Incluídas nesse panorama geral, a cultura e a sociedade de quaisquer dos povos ocidentais, necessariamente, apresentam idêntica dissolução. Os causadores e intensificadores dessa desintegração para ele são os problemas sociais como: a alta criminalidade, a falta de instrução, a segmentação familiar, entre outros. Explica também que esses problemas sociais da atualidade são causados, ou incentivados, pelo relaxamento do controle dos costumes e noções tradicionais de cada cultura.

Assim, as intervenções sobre a cultura gaúcha nas escolas públicas, trazem aos nossos alunos a oportunidade de conhecer e reconhecer a cultura Gaúcha, valorizando todos os aspectos culturais possíveis que uma escola pode oferecer e descobrindo os conhecimentos existentes em nossos alunos, seja através de usos, costumes, falas, atitudes, ou do que podemos chamar de currículo oculto. Que segundo Silva (1999) se refere ao currículo oculto o que está constituído por todos aqueles aspectos do ambiente escolar que, sem fazer parte do currículo oficial explícito, contribuem, às aprendizagens sociais relevantes.

O planejamento pedagógico supõe uma tentativa de compressão do mundo e de sua transformação da realidade. Falar

de cultura gaúcha nas escolas públicas significa uma educação como um ato de conhecimento e um processo de transformação sobre a realidade cultural de nossos alunos. Desta forma, a ação educativa é essencialmente uma ação transformadora, uma ação comprometida e o papel da educação é estratégico neste mundo multicultural, onde nossos alunos sofrem diversas influências culturais, por vezes desconhecendo a sua própria cultura, por vezes sua própria identidade.

Para Lessa (1954), o tradicionalismo gaúcho possui duas grandes questões, as quais os tradicionalistas não devem se descuidar, e a primeira e a mais importante é “Atenção especial às novas gerações”, público alvo de nossas intervenções e de nossas escolas. Dessa forma, valorizar a cultura gaúcha, respeitando seus usos e costumes é um de nossos compromissos, pois além de professoras somos gaúchas e tradicionalistas. Proporcionar momentos de cultura e lazer com a finalidade de mostrar o quanto é grande e maravilhosa nossa cultura e o quanto devemos ter orgulho de pertencer a esta cultura. Porém, nos remete problematizar de que forma podemos proporcionar para as crianças das escolas públicas momentos culturais, que valorizem, respeitem e resgatem a diversidade cultural gaúcha sem deixar ninguém de fora?

Considerando que o aluno tem o direito de conhecer e vivenciar sua cultura, procuramos através de nossas intervenções e práticas pedagógicas manter as suas raízes culturais, através de histórias e contos populares, usos e costumes passados de pai para filho e repassados por gerações. Este resgate cultural e sua valorização proporciona criar a própria identidade e auxilia na construção de uma individualidade enquanto ser humano.

Podemos trabalhar a cultura gaúcha de inúmeras formas e em todas as disciplinas da escola como, por exemplo, em português, onde podemos trabalhar a obra “Contos Gauchescos” de João Simões Lopes Neto (1976) o qual nos presentearia com belíssimos textos dentre eles: Blau o vaqueano, trezentas onças, o negro Bonifácio, o mate do João Cardoso, a Salamanca do Jarau, entre tantos outros. Além das belíssimas poesias que nossa cultura

possui como: Retrato, de Delci de Oliveira e Gaúcha Guerreira, de Salvador Lamberty, que apresentam um panorama histórico da mulher durante a construção do Rio Grande do Sul que conhecemos hoje. Chico Carijó, de João Pantaleão Gonçalves Leite e Lanceiros Negros de Jorge Linhaça, que contam as duras penas do que os negros passaram durante a escravidão em nosso estado.

No ensino de matemática podemos trabalhar as contagens dos passos de dança, a geometria dos favos das bombachas, a contagem do tempo dos tropeiros durante as tropeadas. Em ciências ou biologia podemos trabalhar os processos e obtenção e os benefícios da erva mate, as plantas medicinais nativas do nosso estado, fauna e flora com perigo de extinção que são endêmicas dessa região. Na disciplina de geografia podemos falar de nossas fronteiras, pontos extremos, relevo, a diferenciação dos minerais do escudo Sul-Rio-Grandense. Em educação física e artes podemos trabalhar as nossas danças e músicas tradicionais, como a chimarrita, o maçarico, o anú, a chula; o nosso ritmo tradicional, o bugio.

Em história temos um prato cheio desde os primeiros habitantes à imigração, os Tratados sobre as terras entre Portugal e a Espanha, a Guerra Guaranítica, a Revolução Farroupilha e seus motivos, entre outros temas.

Desta forma podemos considerar que a aproximação com as temáticas culturais da região do Rio Grande do Sul não deixa de ser uma experiência positiva, de um insight sobre a cultura gaúcha nas escolas públicas, que vem proporcionar momentos relevantes sobre as ações pedagógicas, também acolher os estudantes em instituições como por exemplo, os CTGs – Centros de Tradição Gaúcha e a inserção das famílias desses estudantes no ambiente escolar, em momentos que caiba essa participação como em mateadas, encontros, roda de conversas, palestras, entre outros. O que é defendido pelo Referencial Curricular Gaúcho (RCG, 2018):

[...] apresenta, também, aspectos relevantes sobre a organização das ações pedagógica, inclusão, diversidade, equidade e avaliação. Além de propor formas de acolhimento das crianças nas instituições, compreendendo a inserção das famílias no

ambiente escolar como forma de articular as ações conjuntas para favorecer o desenvolvimento integral das crianças (RCG, 2018, p. 53).

Por fim podemos considerar que todas as ações pedagógicas que visam resgatar, conhecer e valorizar a questão cultural é digna de investimento, pois somos seres culturais. Vivemos inserido em uma sociedade com historicidade, somos produtores de cultura e também somos fortemente impactados por ela. Compreender a cultura gaúcha nas escolas públicas, com toda a grandeza de possibilidades intelectuais que essa dinâmica permite é possibilitar conhecimento e transformação aos nossos alunos. Permitindo que a partir de seus conhecimentos básicos consigam investigar, descobrir e inclusive criar possibilidades de conhecimento e aprendizagem.

A Cultura Gaúcha é gigantesca, pois traz em si uma infinidade de detalhes, de herança, de história, de vitórias, de derrotas, nos traz marcas de um tempo que não está perdido e de um espaço que até hoje sofre com suas influências culturais.

A música gaúcha como ferramenta pedagógica

Os conhecimentos culturais encontram-se em vários espaços e tempos. A música é algo que transcende o tempo, pois deixa uma marca histórica sobre acontecimentos marcantes que mudaram o rumo da história, no espaço de tempo chamado vida.

Seja na escola, seja em casa ou na comunidade, podemos considerar como espaço/tempo algo atual que vivenciamos em nosso cotidiano e que nos remete ao passado, através de lembranças ou histórias de nossos antepassados e não deixa de estar presente no tempo propriamente dito, e que muitas vezes encontramos transcritos nas letras poéticas das melodias das Músicas Gaúchas.

As músicas tradicionais gaúchas são parte importante da cultura do Rio Grande do Sul, elas se constituem para as escolas como ferramenta pedagógica utilizada a fim de valorizar e preservar essa cultura. Nelas encontramos letras que contam a história, ou eternizam acontecimentos significativos para o Gaúcho, como o

sonho de “ficar tordilho ao redor das casas”, como relata a música Contraponto de Cristiano Quevedo ou “fronteiras sem marcação nosso ideal meu rincão” eternizado na música do compositor Regis da Silva Marques.

Também pode ser uma forma divertida de aprender sobre a história e os costumes do estado, a música também pode ser utilizada como recurso pedagógico para desenvolver habilidades dos alunos, como a audição, a expressão corporal e a percepção musical. Principalmente se utilizarmos as músicas folclóricas, como por exemplo, pezinho, maçanico, ponta e taco, careca caiu na água, chute carreirinha, entre outros tantos.

Temos músicas tradicionais excelentes para trabalhar na escola, valorizando os artistas locais, com letras que exaltam as belezas naturais do estado e a força do povo gaúcho. Por exemplo a música Uma canção pra Vacaria, de Wilson Paim.

As músicas folclóricas são apreciadas e utilizadas em competições dos mais variados rodeios, aqui no Rio Grande do Sul e por todo o país, são realizadas pesquisas e comprovadas sua veracidade. Atualmente existem estudos sobre músicas novas, as quais são utilizadas nesses termos em alguns Rodeios do estado.

É importante destacar que as escolas devem promover a diversidade cultural e também incluir músicas de outros estados e regiões brasileiras, ampliando assim o repertório musical dos alunos e promovendo a valorização de todas as culturas do país. Pois a música desempenha um papel fundamental no desenvolvimento dos alunos, pois proporciona uma série de benefícios físicos, emocionais, culturais, cognitivos e sociais.

Em termos físicos, a música ajuda no desenvolvimento motor, ritmo e coordenação motora das crianças. Elas podem dançar, bater palmas, tocar instrumentos musicais, o que contribui para o aprimoramento e aquisição dessas habilidades, observando os tempos e contratempos da dança que acompanha a música.

Emocionalmente, a música auxilia no desenvolvimento da expressão emocional das crianças. Elas podem se identificar com

letras de músicas e melodias, o que as ajuda a lidar com suas emoções e a entender melhor o mundo ao seu redor. Proporcionando uma interpretação da linguagem típica, regional e facilitando o reconhecimento de suas vivências, através do que canta o artista.

Cognitivamente, a música estimula a criatividade, a imaginação e o pensamento abstrato das crianças. Elas são expostas a diferentes ritmos, melodias e ritmos musicais, o que amplia sua capacidade de percepção e apreciação estética. Além disso, estudar música também está relacionado ao desenvolvimento de habilidades matemáticas, linguísticas e de raciocínio lógico. Pensando a música em seus tempos e contratempos, melodias e ritmos e na construção que ela permite no domínio do corpo, para transformar o som em dança, em uma construção constante do domínio corporal.

No aspecto social, a música promove a integração entre as crianças, pois elas podem cantar em coro, tocar em conjunto ou participar de grupos musicais, dançar com o par e realizar a troca do mesmo. Essa interação ajuda no desenvolvimento de habilidades sociais, como trabalho em equipe, respeito mútuo e cooperação.

Portanto, a música desempenha um papel essencial no desenvolvimento das crianças, beneficiando-as em diversos aspectos, como físico, emocional, cognitivo, cultural e social. É importante incentivar a música desde cedo, seja por meio de aulas, atividades musicais ou simplesmente ouvindo e cantando junto com elas. Destacamos aqui a música Gaúcha por trazerem suas letras uma história de vida e de acontecimentos corriqueiros a nossa realidade cotidiana, como matear, ouvir o canto dos pássaros, andar a cavalo, caminhar pelos campos, etc.

O que nossas escolas vêm realizando sobre a cultura tradicionalista?

Com o intuito de conhecer quais as atividades, projetos, as escolas municipais de Vacaria estão realizando foi realizada uma pesquisa semiestruturada com os seguintes questionamentos:

1. Quais atividades relacionadas com a Cultura Gaúcha, a escola realiza, observando a Lei Ordinária nº4900 de 04 de novembro de 2021 sobre Cultura Tradicionalista nas Escolas Públicas?
2. Qual o período em que a escola realiza esse tipo de atividade?
3. Descreva as atividades que considera mais interessantes dentro dessa temática:
4. Como a escola se posiciona sobre a importância dessas atividades para o desenvolvimento cultural e social de seus alunos?

Levando em conta que o Município de Vacaria conta com trinta escolas, sendo treze escolas de educação infantil, doze escolas de ensino fundamental e cinco escolas do campo. Obtivemos uma resposta de 87% dessas escolas municipais.

Ao questionar quais atividades relacionadas com a Cultura Gaúcha, a escola realiza, observando a Lei Ordinária nº4900 de 04 de novembro de 2021 sobre Cultura Tradicionalista nas Escolas Públicas, as respostas das escolas de educação infantil foram as seguintes:

- Promovem a festividade da Semana Farroupilha;
- Realizam trabalhos relacionados com o tema e realizam exposição dessas atividades;
- Realizam apresentações artísticas;
- Roda de Chimarrão;
- Símbolos da Cultura Gaúcha (Confecção do cavalo Crioulo);
- Culinária Gaúcha (Churrasco);
- Atividades sensoriais que possibilitam às crianças conhecerem o mundo por meio dos sabores, texturas, cheiros e sensações.
- Atividades lúdicas de acordo com a faixa etária;

- Socialização com as famílias e comunidade, reforçando assim o gosto e respeito pela cultura;
- Saborear alguns pratos típicos;
- As principais vestimentas;
- Apresentações de grupo de dança localidade;
- Músicas típicas com cantores e instrumentistas para dançar ou apreciar e rodas de chimarrão expondo as histórias de nosso país.

As respostas das escolas de ensino fundamental foram as seguintes:

- Asserções orais e escritas;
- Rodas de conversa;
- Vídeos;
- Desenhos;
- Danças;
- Músicas tocadas e ouvidas;
- Música gaúcha de baile;
- Música gaúcha para apresentação;
- Rodas de chimarrão;
- Resgate das brincadeiras tradicionais da cultura gaúcha;
- Pesquisas sobre os chás utilizados nas diferentes gerações;
- Degustação da culinária gaúcha com acompanhamento e planejamento do serviço de Nutrição Escolar.

As respostas das escolas do campo foram as seguintes:

- Rodas de conversa;
- Danças tradicionais de baile;
- Músicas Gaúchas;
- Música gaúcha que fala do campo;
- Música Gaúcha das invernadas;
- Rodas de chimarrão;

- Resgate das brincadeiras tradicionais da cultura gaúcha;
- Pesquisas sobre os chás utilizados nas diferentes gerações;
- Degustação da culinária gaúcha.

A partir dessas respostas foi possível observar dentro desses 87%, que todas realizam atividades ou projetos mais elaborados sobre a Cultura Tradicionalista nas escolas Públicas.

Ao questionar qual o período em que a escola realiza esse tipo de atividade?

As respostas foram:

- 57% no mês de setembro;
- 23,5% mensalmente;
- 19,5% durante o Ano Letivo.

Ao solicitar: Descreva as atividades que considera mais interessante dentro dessa temática:

- A Escola considera que todas as atividades realizadas são de suma importância, pois agregam conhecimento e despertam amor e respeito pela nossa cultura;
- Envolvimento com a comunidade escolar, trazendo a nossa tradição a nossa realidade;
- Breve história;
- Vestimenta;
- Costumes;
- Tradições;
- Culinária;
- Dança sempre abordando de acordo com a faixa etária;
- Projeto sobre Culinária Gaúcha;
- Projeto Semeando: Concertos didáticos nas escolas.
- Música Gaúcha;
- Música de Baile;
- Música gaúcha para apresentação;

- Música gaúcha folclórica;
- Música Gaúcha antiga (raiz).

Ao questionar: Como a escola se posiciona sobre a importância dessas atividades para o desenvolvimento cultural e social de seus alunos?

As respostas em geral foram as seguintes:

- Muito bem; porque chegamos a mudar a comemoração da Festa Junina para a Festa Campeira, trazendo a cultura do Rio Grande do Sul, de forma dinâmica e participativa dentro dos valores tradicionalistas para o dia-a-dia da escola.
- A Escola considera que todas as atividades realizadas são de suma importância, pois agregam conhecimento e despertam amor e respeito pela nossa cultura;
- Acreditamos que são de suma importância, pois agregam conhecimento e despertam amor e respeito pela nossa cultura;
- De forma positiva, sempre estimulando e fazendo nascer nas crianças o orgulho dessa tradição tão linda e encantadora.

Considerações finais

Na pesquisa realizada nas escolas municipais do município de Vacaria, foram encaminhadas para as trinta escolas municipais uma pesquisa semiestruturada, por e-mail, sendo treze escolas de educação infantil, doze escolas de ensino fundamental e cinco escolas do campo. Não houve cem por cento de retorno, e sim 87% das escolas enviaram resposta para pesquisa.

Dentro dos dados coletados foi possível perceber que as atividades relacionadas à Cultura Tradicionalista nas Escolas Públicas estão concentradas, em sua maioria, no mês de setembro, onde 57% das escolas realizam as atividades neste período. E 23,5%

realizam atividades mensalmente, e 19,5% durante o ano letivo.

Em quase todas as atividades mencionadas no decorrer da pesquisa, a música se faz presente. Seja ela através da dança, como música de baile, música para apresentação, música folclórica. Nas diferentes escolas do Município de Vacaria em suas distintas especificidades, sejam na educação infantil, no ensino fundamental ou nas escolas do Campo.

Podemos concluir que a musicalidade gaúcha pode ser utilizada como ferramenta pedagógica, que aborda conteúdos sobre a Cultura Tradicionalista nas Escolas Públicas, podendo ser utilizada em todas as turmas/séries/ano do ensino e durante todo ano letivo, conforme motivação da escola.

Referências

ABREU, Sonia de Campos; CIRNE, Paulo Roberto de Fraga: **Indumentária Gaúcha**. Porto Alegre: Movimento Tradicionalista Gaúcho – MTG, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Minha Casa o Mundo**. Aparecida-SP: Ideias & Letras. 2008, p. 164.

LESSA, Barbosa. Movimento Tradicionalista Gaúcho. **O Sentido e o Valor do Tradicionalismo**. Santa Maria. 1954. Disponível em: <https://25rt.com.br/tese-o-sentido-e-o-valor-do-tradicionalismo/#:~:text=Na%20vida%20humana%2C%20a%20sociedade,agir%20e%20de%20pensar%20coletivamente>. Acesso em: 17/12/202

LOPES NETO, João Simões. **Contos gauchescos**. 9ª ed., Porto Alegre: Globo, 1976. (Col. Província)

PATAH, Rodrigo; ABEL, Carol: **O que é pesquisa exploratória? Artigo**. Disponível em <https://mindminers.com/blog/o-que-e-pesquisa-exploratoria/> . Em 29/10/2022. As 21:10h

Rio Grande do Sul. Secretaria de Estado da Educação. Departamento Pedagógico, R585r União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação. **Referencial Curricular Gaúcho: Educação Infantil**. Porto Alegre. Secretaria de Estado da Educação, Departamento Pedagógico, 2018. V1 Disponível em file:///C:/Users/Josimeri/Desktop/1532.pdf .Acesso em 02/11/2022.

SILVA, Tomas Tadeu da: **Documentos de Identidade; uma introdução às teorias do Currículo**/ Tomaz Tadeu da Silva – Belo Horizonte: Autentica, 1999.

TEXTOS E CONTEXTOS: AÇÕES DESENVOLVIDAS NA ESCOLA EM FAVOR DA CULTURA GAÚCHA

Cléa Denise Melek Nunes
Renata Grazziotin Ferreira Ceron

*Sou o canto do quero-quero no chamamento campeiro
Pra manter o atavismo, deste garrão brasileiro
Sou grito do peão reponte se perdendo pela estrada
Sou pedido de um retorno, sou eco de uma chamada.*
(Os Monarcas)

Chamamento ouvido! Atendemos ao pedido de retorno e nos desafiamos a colocar no papel momentos marcantes e o sentimento de muito orgulho.

Abordar o tema “Cultura Gaúcha” é mergulhar em um oceano de boas lembranças, de momentos marcantes, que mesmo quando simples, são inesquecíveis. Um tema tão vasto, mas com um único objetivo expressado no em um dos versos do trecho acima citado, levar às futuras gerações as tradições do Rio Grande do Sul.

Dentro desse tema podemos abordar as canções gaúchas, que nos remetem à nossa infância, porque na casa de todo gaúcho sempre existiu aquele rádio sintonizado em alguma emissora que tocava as músicas interpretadas por vozes que ficaram guardadas em nossas lembranças, e que descreviam sentimentos, histórias e o trabalho do povo gaúcho.

A música da nossa terra sempre estará viva e presente, pois passa de geração em geração, mantendo sempre acesa a chama da tradição. Canções que marcam as nossas vidas, vozes imponentes, capazes de cantar o dia a dia do homem campeiro, domando cavalos xucros, repontando a tropa na lida campeira, descrevendo o tropel

dos cavalos, e em outro momento, cantar toda a beleza e delicadeza da sua amada prenda, seu vestido de chita e o cabelo com laço de fita.

Mesmo que a pilcha não seja usada por todos no seu cotidiano, o povo gaúcho não abandona suas tradições, pois, estão enraizadas nas suas vivências, tais como, no chimarrão da manhã, nos pratos típicos que fazem parte cardápio de forma natural, no vocabulário, sotaque e jeito de falar que se difere dos demais e é reconhecido por todo o país, no gosto musical, no jeito simples e hospitaleiro de ser, na coragem para enfrentar os desafios. Essas são características que só quem é do “garrão brasileiro” carrega, a cultura gaúcha está além do fato de andar pilchado.

Nesta perspectiva de manter viva e levar adiante nossas tradições, a escola passa a ser um espaço fundamental para o desenvolvimento de ações que visam valorizar e preservar a cultura gaúcha.

Vacaria, assim como vários outros municípios do Rio Grande do Sul já aprovaram leis que incentivam o estudo da cultura gaúcha nas escolas públicas, com o objetivo de despertar nas crianças e adolescentes, de forma prazerosa o gosto e o conhecimento pela cultura gaúcha, preservando o respeito por ela e também com a finalidade de preservar sua historicidade e garantir que as futuras gerações tenham o direito de conhecê-la.

O Projeto de Lei do Legislativo 020/2021, inclui o conteúdo sobre a cultura tradicionalista nas escolas públicas da rede municipal de ensino de Vacaria, ele assegura:

Art. 1º - Fica incluído o conteúdo sobre a Cultura Tradicionalista Gaúcha nas aulas ministradas nas escolas públicas da rede municipal de ensino de Vacaria-RS.

Parágrafo único. O conteúdo referido no Caput deste Artigo deverá abranger os aspectos históricos, artísticos e folclóricos da tradição gaúcha.

Art. 2º - A presente Lei vem contribuir com a **BNCC** “Base Nacional Comum Curricular” e o “**Referencial Gaúcho**”, previsto dentro das especificações de territorialidade.

Art. 3º - Esta LEI entra em vigor na data de início do ano letivo seguinte ao de sua publicação (VACARIA, 2021).

Esse projeto de lei visa estimular o estudo da nossa cultura em todas as escolas da rede municipal de Vacaria, o que se torna necessário, pois vivemos em contato com diversas outras culturas e se não forem trabalhadas desde a infância, muitos aspectos poderão ser deixados de fora do cotidiano escolar e em alguns momentos até esquecidos.

Nossa escola sempre atuou em prol da preservação de todos os aspectos da nossa cultura, não somente em datas específicas, mas em atividades simples do cotidiano escolar, pois, é possível relacionar tais temas com outros em vários momentos de aprendizagem. Se a atividade ou conteúdo trabalhado requerem música, por exemplo, podem ser abordados através de músicas que pertencem à nossa cultura.

Atividades com músicas são importantes na aprendizagem e no desenvolvimento não só psicomotor, mas no esquema corporal e no desenvolvimento mental. As danças desenvolvem noções de espaço e posição, favorecendo a aprendizagem. De acordo com Bessa:

Inúmeras pesquisas, desenvolvidas em diferentes países e em diferentes épocas, particularmente nas décadas finais do século XX, confirmam a influência da música no desenvolvimento psicomotor e cognitivo da criança (Bessa, 2011, p.121).

Nesse contexto de cultivar a tradição gaúcha, resgatamos ações desenvolvidas na Escola Municipal de Ensino Fundamental Juventina de Oliveira, através da professora Marcia de Aguiar Constante, que atuou nos anos iniciais da escola no período de maio de dois mil e onze até fevereiro de dois mil e vinte e dois, que sempre estimulou seus alunos a aprender sempre mais sobre a cultura gaúcha. Com muito carinho, a professora Marcia nos relatou detalhadamente suas experiências enriquecedoras e marcantes, tanto para os alunos quanto para ela. A professora Marcia nos contou que quando se aproximava a Semana Farroupilha dedicava-se a fazer trabalhos diferenciados com os alunos, um projeto que demandava

muita criatividade abrangia vários temas ligados à tradição gaúcha, os quais eram relacionados aos componentes curriculares.

Ao trabalhar a história da Guerra dos Farrapos, por considerar um tema muito complexo para a faixa etária dos seus alunos, optou então, por contar a história dos Tropeiros pois, desta forma conseguiu englobar vários componentes curriculares, em um único contexto. Iniciava sempre contando a história através de pequenos versos, conseguia organizar os trabalhos que fluíam de forma prazerosa.

Com o Hino-Rio-grandense trabalhava toda a parte de interpretação de textos, vocabulário gaúcho e outras figuras de linguagem, que são atividades que devem ser trabalhadas no cotidiano escolar, só que o tema central utilizado era o nosso hino, que tanto nos enche de orgulho e descreve as lutas e as conquistas do povo gaúcho. Os alunos ensaiavam os versos, às vezes, em duplas para que no dia marcado para a culminância do projeto, todos estivessem bem preparados.

A culminância do projeto era sempre marcada para o dia 19 de setembro. A turma era dividida em grupos e cada um possuía tarefas específicas, nenhum grupo poderia falhar, porque poderia colocar em risco a festa e também, atrapalhar o processo de aprendizagem da turma toda.

Tudo era realizado com espírito de união, característica marcante do povo gaúcho. Era realizada a confecção de convites, utilizando o formato e as cores da bandeira do Rio Grande do Sul, também uma lembrança para os participantes. Eram confeccionados bótons para o Peão Farroupilha e a faixa para a Primeira Prenda.

Como os trabalhos começavam semanas antes da Semana Farroupilha, a professora Márcia conseguia organizar as pilchas para que os peões e as prendas estivessem impecáveis, e com a indumentária gaúcha de acordo com a ocasião. As danças também faziam parte das comemorações, era ensinada às crianças a Dança do Pezinho para o dia da apresentação.

Todos os componentes curriculares eram trabalhados dentro

do tema. Nos mapas os alunos tinham que localizar e analisar o caminho dos tropeiros, que cavalgavam entre Vacaria e Sorocaba. Também eram apresentados aos alunos o tradicional charque, onde era contado toda a história da produção do charque, a importância e o simbolismo na alimentação dos gaúchos. Tradição que se mantém até os dias atuais nos pratos típicos.

Eram levados para a escola, pela professora Marcia, alguns objetos para serem apresentados aos alunos, como quadros, laço, gado de osso, vasilhas para ordenha, violão, gaita, pilão, pelego, a réplica de uma carreta e outros objetos que simbolizam o trabalho do homem campeiro e a cultura do povo gaúcho. Era demonstrada aos alunos a utilidade e a simbologia dos objetos na história passada e também nos dias atuais, sendo que muitos deles ainda se fazem presente nas lidas de campo.



Fonte: Página da Escola Juventina Morena de Oliveira no Facebook (2019)

Para o grande final era planejado o arroz carreteiro, salada de alface, suco de laranja e bergamotas como sobremesa, visto que são frutas da época e tradicionais no nosso Estado. Mas o cardápio

era todo produzido pelos próprios alunos, que eram organizados em grupos para que todos participassem.

Cada grupo recebia uma tarefa na preparação da refeição. Um grupo era encarregado de cortar os temperos, outro era encarregado de picar o charque, outro preparava a salada, suco de laranjas e entre os alunos maiores estavam os encarregados de mexer e colocar a água quente. Todas as tarefas eram acompanhadas de perto, com muito carinho e dedicação pela professora Marcia, para que nada desse errado.



Fonte: Página da Escola Juventina Morena de Oliveira no Facebook. (2019).

No momento em que os alunos estavam preparando a refeição eram trabalhadas, na prática, as noções de proporção, a quantidade de charque para a quantidade de arroz. Os alunos também tinham que calcular as quantidades, o número de convidados e quanto era necessário de cada ingrediente. Ou seja, o letramento matemático era aplicado juntamente com as aulas sobre as culturas dos gaúchos.

No dia da apresentação era montado o protocolo e um casal, devidamente pilchado, fazia a apresentação, conforme o protocolo estabelecido previamente. Geralmente às quinze horas estava tudo

pronto e os convidados começavam a chegar.

Após chamarem a mesa oficial, cantavam o Hino Rio-Grandense e as apresentações começavam. Primeiro a Dança do Pezinho, em seguida os versos com as apresentações dos objetos típicos que estavam expostos na sala. Ao lado era montado o *buffet* com o alimento preparado pelos alunos.

O Peão Farroupilha e a Primeira Prenda, que eram escolhidos por votação durante a semana que antecedia a festa, recebiam seus mimos. Então os oradores deixavam a palavra à disposição dos participantes e todos eram convidados a degustar o saboroso arroz carreteiro.



Fonte: Página da Escola Juventina Morena de Oliveira no Facebook. (2019)

Durante vários anos a professora Marcia desenvolveu esse projeto em nossa escola e nos narrou que todos os anos surgiam ideias diferentes que deixavam as atividades cada vez melhores e mais enriquecedoras, e que também sempre acreditou que

realmente os alunos aprendem, quando a teoria e a prática andam juntas.

Com a realização desse projeto, que acontecia de forma interdisciplinar, os alunos tinham a oportunidade de aprender de forma prazerosa todos os temas correspondentes aos componentes curriculares e ao mesmo tempo aprimorar seus conhecimentos sobre a nossa cultura, dessa forma valorizando tudo o que é nosso, o que faz parte da tradição gaúcha.

As atividades desenvolvidas durante o projeto se constituíam em um aprendizado significativo tanto para os alunos quanto para a comunidade escolar, visto que muitos se envolveram, tendo a professora como mediadora, orientando, ensinando e acompanhando os alunos, valorizando o que cada aluno já trazia como conhecimento.

A interdisciplinaridade não é uma ideia recente, mas sim, vem sendo amadurecida como uma das soluções para a fragmentação que surgiu no dia a dia da nossa sociedade e também trás um caráter mais humano. Vanti diz que:

A interdisciplinaridade requer uma ação crítica que conviva com as incertezas, contradições e ambiguidades, que reflita a realidade de tal modo que contribua para a formação de cidadãos capazes de conviverem e modificarem seu entorno social, cultural e natural (Vant, 2012, p. 48).

O projeto planejado e desenvolvido pela professora Marcia alcançou todos os objetivos propostos, superando todas as expectativas tanto da professora quanto dos alunos, aprendendo na prática os temas que geralmente são trabalhados somente em sua parte teórica, de forma simples e através de um tema que fez com que os alunos pudessem compreender um pouco mais sobre sua cultura e história do nosso povo.

Os temas voltados à cultura gaúcha sempre despertam a atenção quando trabalhados na escola. As crianças e adolescentes demonstram entusiasmo ao conhecer mais, compreender as origens

do povo a que pertencem. Para saber e assimilar a construção da história de um povo é necessário estudar e conhecer o passado para assim, compreender a importância da valorização e preservação desta cultura.

Com muito carinho e gratidão relatamos nessas simples palavras, um projeto de extrema importância realizado na Escola Juventina Morena de Oliveira, pela professora Marcia de Aguiar Constante, pois, através dele muitos alunos conseguiram manter acesa a chama da nossa tradição, que tanto nos orgulha e que em nenhum momento pode ser deixada de lado. Muito pelo contrário, com esse projeto foi possível mostrar que é plausível trabalhar as nossas raízes envolvendo os temas que devem ser trabalhados em sala de aula de uma forma interdisciplinar.

É necessário levar a cultura gaúcha para dentro das escolas, manter viva a cultura de um povo que tanto lutou. Cultura essa que hoje é reconhecida em todo o território brasileiro. A história de um povo forte e guerreiro que jamais desistiu dos seus ideais.

Que sintamos orgulho das nossas raízes não somente em datas e épocas específicas, mas, no simples gesto de ligar o rádio e ouvir uma bela milonga, um xote, um vanerão ou aquela bela canção que às vezes, mesmo sem decifrar o ritmo correto nos encanta, pela exaltação do homem campeiro ou descrevendo todo o charme e imponência da prenda.

Que em cada mate amargo que saboreamos, em cada churrasco com a família reunida à mesa, que em cada vento minuano que sopra sintamos o orgulho de ser gaúcho e pertencer a esse solo sagrado. E que continuemos passando nossa cultura para as novas gerações, para que compreendam desde piazito que ser gaúcho não é apenas nascer no estado mais ao sul do Brasil. Ser Gaúcho é nascer e viver, orgulhosamente no Rio Grande do Sul.

Referências

BESSA, Valéria da Hora. **Teorias da Aprendizagem**. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2011.

VACARIA, **Projeto de Lei Legislativo 020/2021**, Inclui o conteúdo sobre cultura tradicionalista nas escolas públicas da rede municipal de ensino e dá outras providências. VACARIA-RS, 2021.

VANTI, Elisa dos Santos. **Projetos Interdisciplinares**. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2012.

A TRAJETÓRIA DA MULHER NA MÚSICA NATIVISTA E CIRANDAS DE PRENDA

Taynara Oliboni Carneiro Vieira

Na terra de Anita, das vivandeiras¹ que se tornaram combatentes sem nenhuma patente² militar, da Marquesa de Alegrete³, mãe, esposa, filha. Hoje empresárias, advogadas, professoras, líder política e por que não as cantoras e compositoras. Desta forma repensamos o espaço destinado às mulheres capazes de expressar sua força e coragem para alcançar qualquer objetivo.

A música é uma das formas de expressões artísticas, dotadas de sentimentos, crenças, costumes e outras capacidades adquiridas na sociedade que permite questionamentos múltiplos. O tradicionalismo gaúcho possui uma cultura retratada no estilo musical com muitos ritmos como vaneira, valsa, Chamamé, também outras expressões cultuadas nas danças, que consolidam a imagem do gaúcho. A cultura popular da figura masculina ainda é predominante, colocando a mulher de lado, há uma necessidade de criar cenários onde a figura feminina tenha uma posição de fato e direito. A mulher tem um papel fundamental na sociedade desde o início da humanidade, e na cultura gaúcha não poderia ser diferente, cabe ressaltar, que no período da revolução farroupilha cabia às mulheres a função de comandar as estâncias⁴ cuidando do

1 Vivandeiras = Mulher que vende ou leva mantimentos, seguindo tropas em marcha.

2 Patente = Título que caracteriza a subida de posto de um militar; carta patente: ele obteve sua patente com esforço.

3 Marquesa de Alegrete: heroína anônima, nobre pampeana, que em 14 de janeiro de 1717, na Batalha de Catalan, ao lado do esposo Marques de Alegrete – Luiz Telles de Caminha e Menezes e do filho, ajudou a escrever, com sangue suor e lágrimas, a história das batalhas entre Portugal e Espanha, servindo como enfermeira, mãe e até soldado, na demarcação de fronteiras do nosso pago gaúcho.

4 Estancia = grande propriedade rural; fazenda.

patrimônio, filhos e afins no século XIX, enquanto maridos e filhos lutavam pelos campos e coxilhas em meio a guerra.

Figura 1: A Mulher Gaúcha e Farroupilha



Fonte: Portal das missões, 2023.

As mulheres, ainda que de uma forma mais tímida, estão presentes neste movimento, como também no âmbito cultural e político.

Na música gaúcha podemos ver uma relação que a mulher sempre está à sombra do homem, letras relatam sofrimento, abandono, comparação com bebidas, desqualificação, comparação com animais, submissão entre outras. Poucas são as letras de admiração ou de contemplação, esse tipo de referência pejorativa à mulher entrou em um campo de crítica por artistas desse mesmo meio musical. Shana Müller, resolveu desafiar o machismo ao criticar as músicas gaúchas como por exemplo “Ajoelha e chora / quanto mais eu passo o laço / muito mais ela me adora”, diz a música regionalista do Rio Grande do Sul, famosa na interpretação

do grupo Tchê Garotos, “Toda vez que cantamos letras assim alimentamos e incentivamos situações de preconceito e maus-tratos contra as mulheres”, diz cantora e jornalista Shana Müller, de 37 anos (Terra, 2017).

Uma das representantes de cantoras regionalistas gaúchas, Müller iniciou sua carreira aos oito anos de idade onde participava de CTG⁵ e decorava poesias e versinhos, a primeira mulher a comandar um programa que tinha um histórico familiar apenas com figuras masculinas, desde 2012 “Galpão Crioulo” transmitido pela RBS TV ganhou uma apresentadora. Percebemos de uma forma simples e singela, que o papel da mulher aos poucos está mudando, possibilitando nos dias de hoje visibilidade além da figura masculina em cima dos palcos, festivais e cirandas. Hoje escolhemos onde queremos estar de fato.

Nos anos 70 e 80 mulheres como Mary Teresinha e Berenice Azambuja fizeram sucesso, ambas com seus acordeons. Talvez aí se consolidava o início de uma luta das mulheres pelo seu espaço na música, onde a quantidade de cantores masculinos ainda não se iguala aos dias de hoje e estamos promovendo uma mudança de olhar em relação à figura feminina no cenário musical. Um objetivo de ter seu próprio lugar, reconhecimento e as mesmas oportunidades dos homens que escolheram viver desta mesma arte.

5 CTG = Centros de Tradição Gaúcha, são espaços que mostram as manifestações culturais dos gaúchos e folclore como foi codificada e registrada por folcloristas

Figura 2: Berenice Azambuja em 1978, capa do cd.



Fonte: Famosos que partiram.

Podemos ver um número significativo e acompanhar o crescimento de mulheres presentes em festivais, escritas de músicas, prendas em cirandas que preferem cantar e outros eventos do gênero que vem mostrando que elas pouco a pouco ocupam o espaço nativista de maneira definitiva.

Uma figura presente nos CTG's espalhados no Rio Grande afora é a prenda⁶, toda entidade tradicionalista tem sua representante na tradição gaúcha. Nairo Callegaro, que foi presidente do MTG⁷ afirmou, por exemplo, que a mulher “sempre foi respeitada e idolatrada” nesse meio (Terra, 2017). Nos dias atuais existem mulheres patroas de CTG's, coordenadoras, historiadoras, meninas e mulheres que se dedicam a ser prendas e conseguem conciliar sua

6 Prenda = é a moça gaúcha; da nossa querência-flor; é a joia, é a relíquia; o presente de valor.

7 MTG = Movimento Tradicionalista Gaúcho é uma entidade cívica, sem fins lucrativos, associativa, dedicada à preservação, resgate e desenvolvimento da cultura gaúcha. Compreende que o tradicionalismo é um organismo social de natureza nativista, cívica, cultural, literária, artística e folclórica.

vida tradicionalista com a pessoal e profissional. Mulheres tímidas, sérias, práticas, expansivas, donas de seu próprio destino que escrevem sua história através das cirandas e suas várias transformações e amadurecimento ao longo dos anos, onde o tradicionalismo se torna uma escola que nos ensina a superar desafios, medos, traçar prioridades e buscar conhecimento. Ser prenda nos ensina sobre nossas fraquezas, a solicitar ajuda quando não conseguimos mais sozinhas, a ter empatia com os colegas ao nosso lado, ter união porque juntos vamos mais longe, a ter a família do coração que percorrem quilômetros para realizar o mesmo sonho, é viver a árdua missão de passar nosso tradicionalismo de geração em geração.

No momento que decidi trilhar minha trajetória de prenda, aprendi a respeitar o meu tempo e ver que apesar de querer colher os louros do título, cada uma tem sua história. Pisar em um palco de ciranda é arriscar-se e colocar a força de vontade em primeiro lugar para superar os obstáculos na frente de pessoas que não conhecemos e agarrar cada oportunidade, é um legado para a vida. Meu primeiro desafio foi na entidade do CTG Porteira do Rio Grande, na cidade de Vacaria/RS, onde faço parte desde meus quatro anos de idade quando ingressei apenas como dançarina de inverno. Com o tempo vi que queria ir além da dança e contribuir ao movimento tradicionalista com algo a mais, queria mostrar a importância da mulher gaúcha, aquelas que tem voz para lutar pelas coisas que acredita, mostrar o empoderamento feminino que vai além da beleza, então passei a me dedicar as preparações para ser prenda da minha entidade conciliando os estudos do concurso com os da faculdade de bacharela em direito.

Ser prenda é uma escolha corajosa e digna de reconhecimento que agrega pessoas ao movimento, transmitindo valores éticos e morais, contribuindo para a formação de jovens conscientes, que precisam entender e respeitar nosso passado.

Com as inúmeras tarefas que meu sonho exigia, fui aos poucos perdendo a vergonha de falar em público, pois precisava realizar palestras culturais e eventos para diversas pessoas, porém um concurso nos cobra bastante dedicação. Realizamos uma prova

escrita onde consta sobre nossa cultura, abordando Geografia, Tradição, Tradicionalismo, Folclore e História do RS. Uma mostra folclórica⁸ onde pesquisamos sobre o tema anual e apresentamos a comissão avaliadora, danças tradicionalistas, o tema sorteado para discorrer e também uma apresentação que pode ser declamação, tocar algum instrumento musical ou então cantar. Foi quando me deparei com essa etapa que começou meu dilema, pois as outras coisas tiravam de letra. Como sempre acompanhei os festivais nativistas e principalmente o Cante uma Canção, realizado no Rodeio Crioulo Internacional da Vacaria, decidi cantar “Vivendo e Aprendendo”, música Vencedora da 8ª edição, com letra Silvio Genro e Ildefonso Jaques, música de Sabani Felipe de Souza e Intérprete Adams César.

Nunca havia cantado, era um enorme desafio decorar a letra e acertar os tempos na melodia, mas não desisti. O espelho do meu quarto era minha plateia, ele que escutou as primeiras frases de uma voz trêmula com muito medo de errar, mas também com muita vontade de tornar realidade meu sonho. Recebi inúmeras críticas sobre minha escolha de música, que jamais chegaria ao tom, que a letra não me favorecia, por que não escolhi a declamação ao invés de cantar, entre outras tantas.

Segui firme no meu objetivo, a letra da música era exatamente a mensagem que gostaria de passar as pessoas que estivessem me escutando onde fala uma de suas frases o seguinte: “As pegadas vão aos poucos se apagando; Mas os rastros dos meus sonhos vão ficar O caminho, a gente aprende caminhando; Mas só o tempo nos ensina a caminhar”.

Me tornei então 2ª prenda adulta do CTG Porteira do Rio Grande, biênio 2016/2018, onde por dois anos passei a representar a entidade em congressos tradicionalistas, desenvolver atividades nas escolas, encontros de patrões e reuniões para tratar de interesses do movimento.

8 Mostra folclórica = São contos, lendas, músicas, festas populares, brincadeiras, artesanatos, entre outras manifestações culturais

Figura 3: Galeria de quadros do Rodeio Crioulo Internacional de Vacaria.



Fonte: Arquivo pessoal Taynara.

Parece um ofício que vivi na vida passada, quando coloco um vestido de prenda me sinto a própria estancieira, ser prenda é algo natural que me orgulha muito, ainda mais pelo fato de outros jovens se espelharem e seguirem o meu exemplo, pois eu mesma fui uma aprendiz que hoje consegue de uma forma singela passar o conhecimento e amor a cultura as futuras gerações. A menina que temia segurar o microfone em sua ciranda na entidade, superou o medo e seguiu em frente para um desafio maior.

Em julho de 2018, aceitei representar minha entidade na 49ª Ciranda de Prendas em sua fase Regional, onde tinha a missão de representar dezesseis municípios. Neste momento minha responsabilidade dobrou de tamanho, ainda mais pelo fato de estar concorrendo na minha cidade novamente e onde muitos gostariam

que o título da prenda da 8º Região Tradicionalista permanecesse. Fui à luta novamente, resgatei os velhos ensinamentos das benzedadeiras, aprofundei meus estudos, que desta vez precisei conciliar com minha segunda graduação, agora em Logística e minha escolha foi cantar como a primeira vez. Não estava sozinha nessa empreitada⁹, havia colegas da minha gestão da entidade do CTG Porteira do Rio Grande que almejavam o mesmo que eu, e de uma forma simples consegui perceber que tudo ficou mais leve e que juntos tínhamos mais força.

Até hoje consigo voltar na minha lembrança o momento que fui ensaiar a música que iria cantar na apresentação, debaixo de uma árvore junto com meu musical, minha voz em um tom baixo, com as mãos trêmulas ao segurar o microfone e aquela vontade de largar tudo e sair correndo.

Figura 4: Preparação concurso da 8º Região Tradicionalista.



Fonte: Arquivo pessoal Taynara.

Mas na hora que fui chamada minha força de vontade falou mais alto, foi como se naquele momento só existisse meu microfone e eu, prontos para conversar diante do meu espelho

⁹ Empreitada = trabalho; serviço ;tarefa;obra.

como nas tantas vezes que fiz em minha casa. Fiz uma apresentação melhor do que imaginava, me senti em casa e cantei com toda firmeza. Me consagrei a 1º Prenda da 8ª Região Tradicionalista, que representaria pelo ano 2019 a delicadeza e força da mulher gaúcha.

Figura 5: Momento que recebi a faixa da 8ª Região Tradicionalista.



Fonte: Arquivo pessoal Taynara.

Tradicionalismo é a tradição passada de geração a geração, a arte de colocar em movimento tudo que herdamos com o princípio básico de nunca deixar essa cultura ser esquecida, pois aprendemos a respeitar o próximo e principalmente a dar valor aos legados que nossos antepassados nos deixaram. Ingressar em uma entidade tradicionalista é ter a certeza que homens e mulheres de bem terão uma boa formação cultural, ética e moral perante a sociedade. É fazer amigos independente de CTG que pertence. Por último fica aqui minha mensagem: “Aproveitem o caminho, e tudo aquilo que o tradicionalismo e a cultura gaúcha lhes proporciona a cada

momento, pois tudo é uma experiência única e o trabalho por muitas vezes árduo é compensador, por que tudo que a gente faz com amor vale a pena, cada conquista carregamos com um orgulho enorme e superar as dificuldades é algo maravilhoso.”

Referências

DICIONÁRIO POÉTICO GAÚCHO BRASILEIRO/2015 José Atanásio Borges Pinto

<https://medium.com/betaredacao/as-mulheres-na-m%C3%BAfica-ga%C3%BAfica-902888ee3da0>

https://www.terra.com.br/noticias/brasil/a-cantora-que-resolveu-desafiar-o-machismo-da-musica-regionalista-gaucha,646d3b390d2f71793c35f6f55d9bb6b2yh15dvn1.html?utm_source=clipboard

<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-39649460>

<https://www.mtg.org.br/o-que-e-mtg/>

<http://www.famososquepartiram.com/2021/07/berenice-azambuja.html>

<https://www.dicionarioinformal.com.br/vivandeira/>

<https://blog.alfaconcursos.com.br/patente-militar/#:~:text=A%20patente%20na%20Pol%C3%ADcia%20Militar,m%C3%A9rito%2C%20capacidade%20A7%C3%A3o%20profissional%20e%20desempenho.>

<https://www.dicionarioinformal.com.br/empreitada/>

<https://www.portaldasmissoes.com.br/site/view/id/1986/a-mulher-gaucha-e-farroupilha.html>

https://pt.wikipedia.org/wiki/Centro_de_Tradi%C3%A7%C3%B5es_Ga%C3%BAchas

<https://www.dicio.com.br/folclorica/>

A TRADIÇÃO DA MÚSICA GAÚCHA: COMPONDO A TRAJETÓRIA DE VIDA DE PRENDAS E PEÕES, NOS SALÕES E CTGS

Elisandra de Freitas Carneiro

Maria Elisabete Fernandes

Felipe Lima Pires

A música merece um lugar de destaque na vida social e cultural de uma comunidade. Além de reunir a melodia, o som, a harmonia e a beleza, a música típica embala o povo e desperta os mais puros sentimentos da alma e gera alegria e integração, assim como, solistas individuais como os conjuntos dão a sua contribuição para construir o patrimônio musical tão frequente nos eventos culturais, sociais e até cívicos. A atuação musical, ligados à vida social: reuniões familiares, bailes, cerimônias militares e religiosas, se faz presente em todas as épocas. A música gaúcha está presente na vida dos vacarianos, nas comemorações, nas festas, nos bailes e fandangos, bem como, nas rádios locais e da região.

A música gaúcha, em Vacaria como em todas as regiões do sul do Brasil, teve uma aceitação muito ampla e até inesperada. Sair da música sertaneja para uma música verdadeiramente dos pampas não foi tarefa fácil, mas aflorou com força total. Então iniciaram os primeiros instrumentistas, cantores, compositores, dançarinos, trios, duplas, conjuntos e as primeiras gravações. A música foi se multiplicando em programas de emissoras de rádios da época, rodeios, festivais e muitos fandangos (bailes gaúchos). Apareceram músicas com ritmos característicos, temas bem definidos, dando sentido ao nosso Rio Grande e com cheiro de campo.

Um aspecto altamente importante foi a aceitação da juventude não só na música, mas também nos usos e costumes,

tomando chimarrão e usando nossa pilcha, os jovens expressaram seu bom gosto e a sua alegria contagiante cultuando as cores e as belezas do nosso Estado.

Podemos dizer que o surgimento dos Festivais da Música Nativista em nosso Estado, nasceu em virtude da vibração da juventude. Muitos desses jovens iniciaram a apreciar as nossas melodias, a cantar e tocar com vibração, a divulgação das nossas raízes e as grandezas do sul, galgando fronteiras e se irmanando aos gaúchos de outros lugares.

Esse acontecimento raro foi constatado ao longo dos tempos, com o surgimento de conjuntos musicais constituídos por pessoas bem jovens, hoje, estão fazendo grande diferença. Pessoas novas que vão descobrindo seus próprios pendores artísticos, se apropriando da nossa cultura e se concretizando na arte nativista.

Quando falamos em música folclórica, estamos nos referindo à mais antiga e enraizada nos costumes e na vida do povo.

Sua revelação é natural e surge com espontaneidade nas situações do cotidiano. As cantigas de ninar, de responso, de trabalho, cantigas de roda e outras recolhidas por folcloristas, um deles João Carlos Paixão Côrtes (*in memoriam*), e com aqueles grupos folclóricos cantam e dançam. Algumas delas: Tatu(s), Xote, Pezinho, Tirana(s), Chimarrita, Chula, Caranguejo, Boi Barroso, Prenda Minha, algumas são próprias da região e outras de outras regiões. A música folclórica se caracteriza por não ter autor definido, torna-se, enfim, assumida por todos, ou patrimônio público, não tem época e nem local da sua origem são registrados. O Pezinho foi recolhido de um brinquedo como do infantil e tornou-se propriedade coletiva, tantas outras peculiares de cada região.

Temos a Música Regionalista, essa surge com certa naturalidade, mas precisa ser aceita por alguém que a torne conhecida e dê a sua característica própria da região. Esses expoentes tornam-se regionalistas, geralmente cantam a sua terra e seus valores. Podemos dizer que o cantor regionalista mais caracterizado nessa modalidade foi o saudoso Teixeira, mais conhecido como Gaúcho de Passo

Fundo. Ele cantou com vibração as suas manifestações.

Ao falarmos de música não podemos deixar de fora a Música Tradicionalista, essa está consolidada nas tradições peculiares da vida rio-grandense, tocada e cantada em todos os Galpões, nas Entidades Tradicionalistas CTGs, em Programas Radiofônicos, Rodeios e Festas particulares. Buscando raízes bem sólidas, campeiras, onde a mesma música tradicionalista teve como atributos notáveis os Irmãos Bertussi, entre outros. Foram letras simples e ritmos populares, ligado às atividades campeiras próprias do campo, calçadas na vida cotidiana do homem do campo.

Por meados dos anos de 1971, com o aparecimento dos Festivais, nova fase musical tomou conta do Rio Grande. Aos poucos, pesquisadores, conhecedores foram relatando temas e ritmos de revelação folclórica e foram dando forma e melodia, saindo assim, a música gaúcha daquelas fases mais campeiras e mais autênticas dos galpões, para serem apreciadas por um público mais severo e mais comentarista, saindo do conservadorismo para uma projeção para o futuro, onde os jovens respaldam as causas sociais e outras da atualidade. Porém, na década de 80, a música gaúcha tomou novos rumos e ultrapassou os CTGs, indo fazer parte dos espetáculos públicos, parques e praças. A Lei Estadual Nº 12.372, de 16 de novembro de 2005. Reconhece como integrantes do patrimônio cultural imaterial do Estado, as danças tradicionais gaúchas e respectivas músicas e letras. (RIO GRANDE DO SUL, 2005).

A dança – em seus diferentes gêneros – adota formas de expressão e estruturas simbólicas do período e do contexto em que está inserida. Situa-la na época e ambiente social pode estabelecer suas relações com os pensamentos, os modos de agir e a ideologia de um momento de civilização. Na medida em que o mundo encurta as distâncias e facilita trocas culturais entre os diferentes povos, possuir uma identidade regional confere ao sujeito um ponto de referência.

A dança e a música estão presentes no dia a dia dos

participantes das entidades tradicionalistas, nas apresentações artísticas, ensaios e rodas de conversa. Além da participação dentro do CTG¹, a música e a cultura gaúcha, influenciam em outras atividades fora dos galpões.

Nas entidades tradicionalistas são realizados diferentes projetos com a participação de prendas e peões, patronagem², simpatizantes e público em geral. Durante a realização destes projetos de cunho cultural é possível identificar o trabalho de pesquisa dos organizadores para que o tema proposto seja exposto e consiga repassar o que fora estudado.

A realização de projetos relacionados a música dentro das entidades traz um incentivo aos participantes em aprender a tocar instrumentos, ouvir e divulgar a música gaúcha e, como a música foi importante na construção da identidade do gaúcho. Neste sentido, Paixão Cortes (2009) descreve que “os Centros de Tradições Gaúchas, idealizados e mantidos pelo entusiasmo de guapo grupo de jovens rio-grandenses, vieram enriquecer o verdadeiro folclore regional com lindas canções e danças”.

A participação da música junto as entidades servem de valorização daquele artista que está no anonimato, dando oportunidade a novos compositores, instrumentistas e intérpretes transmitirem a cultura do Rio Grande do Sul através dos versos, cantigas e melodias e, participar de eventos direcionados a música, sendo eles em diferentes modalidades e com diferentes oportunidades de apresentar e representar sua entidade tradicionalista. Braga *apud* Ferreira (2014), descreve que “os festivais de canção nativa do Rio Grande do Sul surgiram a partir dos Centros de Tradições Gaúchas (CTG's) e, posteriormente, receberam a adesão dos jovens dos centros urbanos”.

Sabe-se que a música e a cultura aprendida dentro das entidades tradicionalistas influenciam em outras áreas da sociedade e passam por diferentes gerações e locais da sociedade. Um exemplo

1 CTG – Centro de Tradições Gaúchas

2 Tradicionalistas participantes e integrantes da diretoria da entidade tradicionalista

é a participação de prendas e peões junto aos Festejos Farroupilhas, em concursos artísticos ou em diferentes eventos relacionados a música gaúcha. Outro exemplo da participação dos integrantes dos CTG's é durante realização de projetos para apresentação nos concursos de prendas e peões, onde os concorrentes aprendem a declamar ou solar algum instrumento musical.

Seguindo este contexto, os participantes dos concursos tradicionalistas aprendem a história da música, dos ritmos e melodias da cultura gaúcha e dos instrumentos utilizados no Rio Grande do Sul, pesquisando sua origem e seu papel na construção deste cenário.

A busca por conhecimento através das prendas e peões junto as entidades tradicionalistas, passa através das gerações e, de forma singular, reúne diferentes características regionais, e permite a estes tradicionalistas conhecerem a vasta tradição e como a colonização de diferentes povos fez com que a mescla da nossa cultura fosse além-fronteiras e destacando a diversidade nos linguajares e expressões regionais. Sobre estes aspectos e a utilização da tradição de cada região em eventos e festivais de música, Ferreira (2014) descreve que:

Atualmente percebemos que estes “pólos culturais” se fazem presentes em meio ao movimento nativista no simples fato de observarmos os nomes e os regulamentos dos festivais, priorizando, muitas vezes, a história e as características regionais, locais e particulares.

O aprendizado sobre a música gaúcha dentro das entidades tradicionalistas faz parte da rotina de crianças, jovens e adultos, sendo que algumas das vivências e aprendizados através de cultura e do tradicionalismo compõem a trajetória e a caminhada de prendas e peões, deixando suas contribuições para que os usos, costumes e a cultura sejam repassados as próximas gerações, um legado contínuo de preservação da história e da cultura do Rio Grande do Sul. Neste sentido, devemos considerar

o que descreve o trecho do item VII da Carta de Princípios³ do MTG⁴: “Fazer de cada CTG um núcleo transmissor da herança social e através da prática e divulgação dos hábitos locais, noção de valores, princípios morais, reações emocionais, etc.”

As danças tradicionais gaúchas são reflexo de um contexto que, atualmente, deflagram uma grande massa de jovens e admiradores a praticarem as mesmas. Para Lamberty, “nossas tradições, quando estavam perecendo, pelo esquecimento, receberam a provocação dos estudiosos Paixão Côrtes e Barbosa Lessa, que se embrenharam pelos recantos das querências e estâncias vizinhas, recolhendo coreografias de muitas danças”. (LAMBERTY, 1989). É a partir destes dois folcloristas que iremos falar sobre as Danças Tradicionais Gaúchas que, há um quarto de século, reapareceu como danças tradicionais.

ou “projeções folclóricas” - entre jovens pré-universitários de Porto Alegre; e que talvez voltem a ser folclóricas um dia, quando a massa popular interpretá-las com a mesma espontaneidade e atualidade com que fala ou trabalha, sem a autoconsciência de estar cultuando artisticamente vestígios do Passado.” (LESSA E CÔRTE, 1975, s.p).

De acordo com Côrtes (1994), em 1947 surgiu o Movimento Tradicionalista Gaúcho, e a fundação do 35 CTG que foi o primeiro Centro de Tradições Gaúchas na cidade de Porto Alegre.

Em 1949 o CTG 35 foi participar, com sua invernada artística, dos festejos comemorativos ao Dia da Tradição, em Montevideú, ainda sem a presença da dança na mesma. Ao retornar, seus integrantes sentiram a necessidade de estabelecer contato com as coreografias. É quando requisitam a participação das primeiras prendas e a entrada de mulheres para o quadro associativo.

A viagem serviu de estímulo para pesquisas desenvolvidas

3 A “Carta de Princípios” foi aprovada no VIII Congresso Tradicionalista, levado a efeito no período de 20 a 23 de julho de 1961, no CTG “O Fogão Gaúcho” na cidade de Taquara-RS, e fixa os objetivos do Movimento Tradicionalista Gaúcho

4 MTG – Movimento Tradicionalista Gaúcho

por Barbosa Lessa e Paixão Côrtes, que influenciaram a atuação das invernadas artísticas dos CTGs e, em consequência, o surgimento dos grupos de danças tradicionais. Integrantes estes, que faziam parte do grupo dos 8, e, que foi fundado na Escola Júlio de Castilhos em Porto Alegre, através do Departamento de Tradições Gaúchas do Grêmio Estudantil; Barbosa Lessa entrou para o grupo alguns anos depois. (Côrtes, 1997). Ambos deixaram, e deixam histórias, pesquisas e ideais importantes para a cultura, especialmente para a dança no Rio Grande do Sul; sendo assim, alguns desses ideais serão citados.

De acordo com LESSA/CÔRTEES (1975) convém informar que, nas pesquisas que realizaram de 1950 a 1952, e em anos subsequentes, o elemento básico foi sempre a coreografia.

Em 1952, no Concurso Mário de Andrade, Lessa e Paixão apresentaram em São Paulo um trabalho que conforme os autores: “divulgamos artisticamente os motivos coreográficos gauchescos como parte integrante do pioneirismo tradicionalista”. (LESSA e CÔRTEES, 1975, s.p)” Mas este trabalho só surgiu devido a uma pesquisa realizada após 3 anos de campo. Motivos esses que surgiram após uma viagem para Montevidéu em março de 1949, onde ambos junto com outros componentes do “35” foram participar dos festejos do “Dia de lá Tradición Uruguia”, onde os grupos locais apresentaram, músicas e algumas danças, e eles nada de dança. “Nós dois voltamos de Montevidéu decepcionados com nossa pobreza de temas musicais e coreográficos de cunho tradicional. E, mais que decepcionados, intrigados. (LESSA E CÔRTEES, 1975)”.

Curioso com o descuido das músicas e coreografias resolveram então montar umas das danças ensinadas em Montevidéu, a meia-canha, e foi assim o primeiro contato com as danças. Publicado pelos dois pesquisadores, em 1957, já como uma segunda edição, o Manual de Danças Gaúchas ainda se constitui em um referencial significativo para os dançarinos das invernadas artísticas de dança. Consta no manual: Ensinamentos Gerais - noções sobre a formação das danças populares; indumentária, instrumentos e saudação;

conceitos indispensáveis; os sapateados; o sarandeio, pela dama.

As danças tradicionais gaúchas originaram-se das antigas danças brasileiras e das trazidas pelos imigrantes. Estas danças aqui se agaucharam adquirindo cor local, e foram marcadas por duas, das principais características da alma do gaúcho: a teatralidade e o respeito à mulher (OLIVEN, 2006, p.23).

A partir dessa disseminação, o MTG recomenda novas edições e regulamentações de manuais para a realização das danças, como os intervalos e os acenos que a dança proporciona ao bailarem juntos ou sozinhos. Existem momentos de brincadeiras, momentos de galanteios, namoros e até mesmo flertes.

Na ocasião em que surge a proposta chamada de interpretação, os bailarinos possuem em suas mentes a ideia de que a cada troca de dança, muda o intervalo, e então a coreografia se adapta para aquele momento do qual todos no conjunto devem sentir e manifestar a sua temática.

É a hora em que o significado disso tudo vem a aflorar, fazendo com que os bailarinos se rendam ao sentimento de estar ali representando o CTG e interpretando as danças tradicionais. É a hora de troca com o par, de expor a amizade e a relação que se criou ao longo dos ensaios, e até mesmo durante o tempo de dança.

Estes instantes são bem expressivos e exigem do par muito empenho e atenção, pois o grupo todo tem que estar na mesma reciprocidade, expondo os mesmos sentimentos, e até mesmo percebendo na sua volta a energia que tanto está no tablado como na plateia que está assistindo e se encantando com a dança apresentada na sala.

Compete, aqui, resgatar que foi graças à colonização remansada do Rio Grande do Sul em relação às outras regiões do país, reuniram danças de origem europeia. Os açorianos cooperaram muito para a formação das danças tradicionais. Segundo os pesquisadores, essas danças se desenvolveram por dois caminhos diferentes: o das danças dramáticas – muitas de caráter religioso - e o das danças de caráter lúdico – realizadas em festividades cívicas ou comemorações particulares.

A dança pode ser um dos aspectos motivacionais para a inclusão do indivíduo no seu contexto social, trazendo então melhoria na qualidade de vida que reverberará em torno deste indivíduo. Nesse sentido Marques (2012) diz:

A arte em si não é uma panaceia mágica para avaliar consciências ou acalmar os desvalidos, ela é uma área de conhecimento que traz em seu bojo (como qualquer outra área do conhecimento) possibilidades de abrir mundos, de ver/ler o nosso de outras formas, vislumbrar soluções a partir de outros pontos de vista (MARQUES, 2012, p. 92).

São os bailarinos que roubam a cena, seus passos, encantos e sorrisos, batidas de pé e gestos que se assemelham a corações oscilando em um compasso, onde evidenciam seus motivos, demonstram seus sentimentos, para descobrirem o que lhes motivam a dançar.

A dança tradicional gaúcha quando coreografada pode ser considerada parte da história contada, pois exprime sentimentos oriundos dos usos e costumes do gaúcho. As danças folclóricas representam a história de cada região e nesse sentido os fatos folclóricos são a base dessa poética que, segundo Dantas (1999), se entende por inspiração poética o ato de buscar em obras consagradas indicações para construir uma obra própria.

Tradição vem do latim *traditio*, um derivado de *tradere*, “entregar, passar adiante”. E este verbo se formava por trans-, “além, adiante”, mais *dare*, “dar, entregar”. Tradição atende ao significado de “passar algo a alguém”, como costumes, cerimônias, hábitos, características de um grupo.

Todos os povos do mundo têm suas tradições, independente em qual continente que vivem, todos têm suas histórias, sendo assim que aparece a tradição de cada um. Vem de família eu diria é coisa de berço, eu penso da seguinte forma, todas as famílias estruturadas iniciam-se com os ensinamentos e educação por casa, tais como; andar, falar, respeitar cada um o seu espaço, escola, CTGs tudo isso na sua formação e ciclos.

A verdadeira tradição nasce no campo, onde os peões das

grandes fazendas mostravam suas habilidades campeiras, nas lidas do dia- a- dia, nos finais de tarde reuniam-se para contar causos, ouvir o som de um violão ou até mesmo de uma gaita, foi aí que se deu origem aos bailares. As vestes ou as indumentárias dos peões eram as mais simples possíveis, bombacha de riscado, botas, lenço no pescoço tudo coisa muito simples, e as prendas com vestidos de chita era o tipo de tecido que havia na época.

A tradição é mais autêntica com as coisas simples, não precisamos de ostentação para ser tradicionalistas, devemos ter o cuidado para não nos excedermos nos adereços e enfeites de nossas pilchas.

Não é a pilcha ou a música que vai dizer se somos gaúchos de fato e tradicionalistas, o que vai dizer o que somos, são os nossos atos e a preservação dos usos e costumes do nosso estado. A verdadeira e única tradição gaúcha é aquela que nasce do povo que sempre lutou com honorabilidade e verdade pelas coisas do rio grande.

Não devemos ter vergonha de dizer “Eu Sou Gaúcho”, somos um povo honrado e que fizemos e faremos pelo crescimento, desenvolvimento do nosso estado e que vivemos, e do nosso país, de sul a norte percorrendo divisas levando nossa tradição na garupa.

A mulher tem um grande papel na cultura gaúcha, sempre fizeram parte do movimento tradicionalista gaúcho, tanto dentro como fora das entidades. A tradição já começa dentro de casa, quando as mães e avós ensinam receitas tradicionais da culinária gaúcha, a tomar chimarrão e seguir os usos e costumes gaúchos como a hospitalidade e a generosidade. As mulheres fazem o tradicionalismo seguir em frente, tanto no dia a dia, como na parte artística e parte campeira nas estâncias e Centro de Tradições Gaúchas.

Perante tudo isso não podemos deixar esquecido a mulher que sempre teve um papel importante na construção da sociedade e cada vez mais ganha espaço e voz no tradicionalismo.

Nos dias atuais, muito se discute sobre o reconhecimento no

mundo, e um grupo que anda crescendo dentro desse conceito é o público feminino. Com o avanço do feminismo através do tempo, desde a Revolução Francesa, e na Revolução Farroupilha onde a mulher, de fato, teve uma participação memorável e construiu uma independência maior e até os dias atuais a história da emancipação da mulher toma rumos diversos.

A História do Rio Grande do Sul sempre contou com a presença de mulheres de personalidade forte, com garra e com aspectos de liderança, coragem e amor à terra. Érico Veríssimo, segundo Coutinho (1994) a mulher sempre viveu a obra de uma figura masculina. Todavia na história contada por Érico Veríssimo da sociedade gaúcha (dita machista), a mulher está presente em vários instantes, tomando papéis cruciais na sociedade e não sendo vista como mera coadjuvante.

Em toda a história encontramos a mulher como peça fundamental para a construção da nossa república rio-grandense. Numa sociedade proveniente de militares que tem tradição machista e direciona a mulher – desde cedo – aos afazeres domésticos, cuidado com os filhos sua dedicação aos deveres religiosos enquanto esperava um cônjuge. Todos nós sabemos que a Revolução Farroupilha teve sua duração de 10 anos, e as mulheres durante os elevados ataques, e mortes onde estavam?

Estava conquistando seu espaço, alguns registros da época mencionam que muitas delas substituíram o administrador, vendo o rebanho saqueado outras foram barqueiras administravam pequenas embarcações com produtos agrícolas para o mercado porto-alegrense; vivandeiras acompanhavam seus maridos em combate para o cuidado dos feridos muitas vezes servindo de enfermeiras.

O nosso cenário atual, representatividade e voz feminina está mais vasta. A maioria das prendas das entidades tradicionalistas que participam frequentemente dos eventos estão preparadas para expressar sua opinião sem medo.

As mulheres do passado deixaram um legado de coragem e

persistência para as mulheres modernas.

A palavra prenda, tem significado mais extenso se descreve como um regalo. Nós, prendas temos uma força em um tablado, pois temos o poder de encher os olhos daqueles que assistem a qualquer apresentação, seja de um grupo grande ou um grupo pequeno. Nós roubamos todas as atenções.

Pois a graça de uma dança é a prenda, o colorido dos vestidos, o sorriso, o brilho no olho de toda prenda faz encantar até mesmo aquela pessoa que está simplesmente ali por assistir.

Tradicionalismo é uma filosofia de vida, a qual vejo como o melhor lugar para crescer. Acredito nesta filosofia, pois é o único movimento onde conseguimos unir gerações, desde o mais novo até o mais velho, todos juntos em um único propósito.

Foi no tradicionalismo que encontrei meu propósito, sempre fui revolucionária, querendo mudar o mundo, e foi através desse movimento, que pude em pequenas ações voluntárias, contribuir um pouquinho na melhoria da nossa sociedade.

Como tradicionalista, realizei projetos sociais, ambientais e na luta de empoderamento e direitos das mulheres. Muitas pessoas julgam o tradicionalismo, como um movimento machista, mas o tradicionalismo é um movimento de inclusão onde todos tem vez e voz. Cada dia que passa, conquistamos mais nosso lugar, e a prenda além de ser a representante da mulher gaúcha, carrega consigo a responsabilidade de dar voz a todas as mulheres do nosso Estado.

Dispor-se a ser prenda, vai muito mais do que vestir a pilcha tradicionalista, é muito mais quando se submetem a vários testes, onde são avaliados os nossos conhecimentos, nossa desenvoltura e o nosso comprometimento para com o tradicionalismo. É abdicar-se de várias coisas pessoais para servir de fronteira e base para o tradicionalismo. Representamos a mulher gaúcha, nosso estado retratando nossa estampa, a história, cultura e o folclore do nosso povo, mostrando a nossa importância.

Como já dizia João Carlos Paixão Cortes, em sua obra “A prenda Tradicionalista”: Ser prenda verdadeiramente, é uma opção

corajosa e digna do melhor reconhecimento (CORTÊS, 1995, p.111).

Trabalhamos pela permanência das nossas raízes, acrescentando pessoas ao tradicionalismo, passando adiante valores étnicos e morais, auxiliando na formação de jovens conscientes do seu papel sociocultural.

Quando vestimos a pilcha e nos denominamos prendas ou peões, estamos a aparelhar um compromisso. Compromisso esse firmado nas verdades do nosso presente, respeitando o passado, e cuidando do futuro, para conservar o que para nós é verdadeiro, com a consciência de que somos o cerne cultural que mantém viva a chama do tradicionalismo.

Por tudo isso, pode-se dizer que a análise do Tradicionalismo, das suas propriedades de funcionamento e atuação, pode contribuir para a compreensão não só de como ele atingiu tamanha projeção no Rio Grande do Sul em pleno século XXI, mesmo incluso em condições sociais modernas e de diversidade cultural, como pode também revelar muitos aspectos da maneira como certos conceitos ou noções sobre a cultura são singularizados e apreendidos, bem como o sentido ou significado que recebem naquela sociedade. Por fim, alinhado às ocorrências da globalização, o estudo do Movimento Tradicionalista também cria possibilidades interessantes para se pensar a cultura regional no cenário pós-moderno.

Deste modo, podemos dizer que esses aspectos da formação caracterizados pelas questões de fronteira, pela guerra, pela lida campeira, e pela considerável autonomia em relação ao poder central, projetaram características sociológicas peculiares àquela população e fizeram com que se moldasse uma certa identidade comum aos rio-grandenses que passaram a reconhecerem-se por certos valores.

Contudo no caso do Tradicionalismo, muito embora seu ideal remeta a construção de uma unidade psicológica comum, percebe-se que desde o seu início, devido justamente às circunstâncias contextuais do Rio Grande do Sul, essas noções

foram tratadas em um sentido diferente. Devemos considerar sobre o processo de formação do estado, o caso da região da Campanha Gaúcha, onde o povoamento foi formado majoritariamente por açorianos, portugueses e espanhóis, o culto a essas nacionalidades não se constituiu como algo institucionalizado, mas as referências patrióticas desde cedo se remeteram aos tipos da região.

Ao concluir este capítulo cabe-nos refletir sobre o Tradicionalismo, portanto, trata-se de uma engenharia bem aprimorada para a execução das atividades regionalistas na era moderna, ele é, por assim dizer, devido a todos os dispositivos, devido a suas características, uma tecnologia da cultura, um construtor sociológico bem adaptado para a vivência da cultura regional. Este se configurou como um pequeno caminho, uma referência inicial para futuros adeptos.

Que os dançarinos possam compreender este movimento que as danças tradicionais gaúchas compõem, e que ao perceberem os seus desdobramentos vão se decompondo e se desdobrando em outras possibilidades, com outros objetivos e com outras propostas poéticas.

Referências

CÔRTEZ, João Carlos D'Ávila Paixão; LESSA, Luiz Carlos Barbosa. **Danças e andanças: Da tradição gaúcha**. Porto Alegre: Editora Garatuja Ltda, 1975.

CÔRTEZ, J.C.P. **Origem da Semana Farroupilha, primórdios do Movimento Tradicionalista**. Porto Alegre, editado pelo autor, 1994.

COUTINHO, Maria Lucia da Rocha. **Tecendo por trás dos panos. A mulher brasileira nas relações familiares**. Ed. Rocco. Rio de Janeiro, 1994.

LAMBERTY, S.F. **ABC do Tradicionalismo gaúcho**. Porto Alegre, Martins Livr. Ed., 1989.

MARQUES, Isabel A. **Arte em questão** / Isabel A. Marques e Fábio Brazil. São Paulo: Digitexto, 2012.

OLIVEN, Ruben George. **A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasilnação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

PAIXÃO, Darcy Pereira da. **A prenda tradicionalista**. Santa Maria: Gráfica e Editora Pallotti,. 1995, p. 111.

O SONHO FESTIVALEIRO

Rafael Ferreira

Os rodeios de Vacaria sempre foram motivo de inspiração. Em suas diversas modalidades a cultura gaúcha vem transcendente, mostrando um mundo peculiar de vivências, história e origens.

As provas campeiras sempre aguçam o sentido terrunho do homem do campo. O manejo do laço, a perna forte para uma gineteada, a equitação habilidosa de uma prova de rédeas, os ágeis centauros gaúchos provando a todos a força e a galhardia, do peão ao patrão. Como esse universo fez e faz brilhar aos olhos de um guri (hoje homem); notável comoção é de quem tem a alma sensitiva, um arrepiado no couro ao ver o gaúcho sendo gaúcho; o futuro é perto para quem sonha, reverbera ao horizonte e logo o guri está de laço na mão, a cavalo, trajado de valores dos rincões sulinos.

Este sou eu, o guri, que cresceu pisando o chão cativo do parque Nicanor Kramer da Luz, encantado pelo cavalo e o peão campeiro, sonhando estar entre eles. Pilchado de avô segui meu caminho, colhendo os frutos das sementes plantadas na terra do coração, sementes antigas de tempo e distância, de falas e trajes, de vento e cantiga. Cantigas essas que sonorizaram meu peito, acalentaram minha alma, resplandeceram planos de ser verso um dia, tal fosse a linguagem do meu povo, aquele mesmo povo, que reitero, faz pátria a cavalo de lança ou laço na mão, de pé no estribo e chapéu tapeado, curando as malezas da vida num galpão moreno de picumãs, tendo um violão amigo que chora milongas, sorri num xote e romanceia amores trastejados de dedilhar, onde os olhares de lua se rimam ao bojo, e os grilos duetam com as cordas primas.

A escrita de um verso não brota só da caneta. Se o papel é um campo branco, de pouco será vida se o poema não nascer verde, tal um pasto novo depois da chuva. Pois o poema é igual um pasto

rebrotador, ele deve ter as raízes cravadas na terra, mas na terra da alma. A seiva do verso contém vitaminas de vivências, sabores de saudades, e viscosidade de inspiração, para o escrito nutrir as voltas das letras, os pontos e vírgulas, as reticências em três marias que caem do céu, para dar esperanças de uma rima nova, para vestir de verde o campo branco do papel.

O que isso tem a ver com rodeio? O verso, a rima, o sonho? Eu respondo: - para mim, tudo! Eu nasci para ser espelho do gaúcho, serrano, campeiro. E cresci vendo tudo isso dentro do Rodeio de Vacaria. Fui carregando a minha bagagem inconscientemente, bianualmente, a cada início de ano de rodeio eu me tornava mais sensitivo, mais instintivo. É certo que o fascínio pelas provas campeiras foi um despertar risonho, mas eu troteei num maçanico e bati a ponta da bota na dança do pezinho, atei um lenço maragato na garganta e embalei-me nas danças folclóricas que o Paixão fez paixão. Eu escutei uma cordeona roncando numa trova de martelo; vi uma roseta, chorona, garronear contra o tablado numa rinha de chuleadores. Enfim, marejei a mirada escutando o canto genuíno dos cantores deste chão, dos mais novos aos mais antigos, das promessas e das realidades. Eu vi nascerem verdades num timbre de canário, quando um cantante, seja ele vindo de onde for, defendeu sua gente num cantar afinado de protesto, numa rima rebuscada de amores, num assobio repetitivo tal se estivesse numa ronda tropeira.

O cantar do gaúcho é tão peculiar, pois é um rio de mil vertentes e de milhões de afluentes. Nasce das coisas simples, vive na voz simples, mas é tão rico. Um festival de música nativista surgiu em minha frente, sem ao menos eu saber o que era e o que eu poderia ser. Cante uma Canção em Vacaria, sim, quanta canção! Músicas novas, para meu ouvido novo, sons cada vez mais telúricos, letras atuais falando de antigamente, versos com jeito antigo falando do presente, num universo de instrumentistas talentosos, um clima fascinante, um público eufórico, que gritava, vibrava e reverenciava a manutenção da nossa cultura. Eu sonhei de novo, sonhei em estar ali, sem ao menos perceber que aquilo já estava em mim.

De gurizito sonhador, a piá mais taludo. Jovem, já com

minha tordilha, meu laço de quatro tentos atado num basto quatro cabeças, eu cortei a praça Daltro Filho a casco de cavalo, rumando ao rodeio da Vacaria, cabeça erguida, chapéu amarronzado de aba quebrada, com entono mais gaúcho que um assado de domingo. Nessa feita eu pude bolear minhas ânsias num tiro de laço, cerrei em baixo dos olhos de uma charola barrosa a minha primeira armada positiva em um Rodeio Internacional de Vacaria, guardando a poeira da cancha da ferradura nas futuras rugas do meu tempo. A emoção... Ah que emoção! Meu peito era um olho d'água transbordando sentimentos, naquele momento eu estava me tornando parte daquilo que um dia sonhei ser por inteiro. Um narrador chamava o meu nome, a minha tordilha sofrenada de ânsias galgava a paleta de uma brasina, eu jogava outra vez o laço como se jogasse a dúvida querendo laçar a certeza, e o grito de -maragata! - ecoou no espaço, com o bombo leguero cardíaco retumbando em minha caixa torácica. Armei meu laço e montei a cavalo para não apeiar mais, pois se a cavalo o homem conquistou tanta coisa, eu iria em busca de minhas conquistas também.

*Cortei o rastro da esperança
Numa armada – juventude –
Levei o sonho criança
Buscando tudo que eu pude,
O laço de boa trança
Era forte e pouco rude,
Laçou firme a confiança
Me fez verso e plenitude.*

Da emoção até a calmaria...

Eu me tornei verso rimado, depois de estar a cavalo. E pensava ser uma cantiga, para embalar os aplausos e sorrisos, da minha família, dos meus amigos e da plateia de um festival. Ao longo do tempo fui rabiscando os traços das minhas palavras,

fui inventando histórias e personagens, fui buscando essência, referências e verdades, para alimentar e fundamentar meus escritos.

O sonho festivaleiro vinha rondar meu sono numa noite morna, com rimas de lua crescente, com estrelas cadentes pedindo desejos, com sapos cantadores ensurdecendo a planura. Era a noite viajeira, inquieta, martelando a mente (até hoje) com ideias de poesia, com nuances de temas, com métricas tortas inocentes, ingênuas de saber. Era saltar da cama e buscar a caneta, no caderno de colégio campear aquela página do meio pro fim, depois das contas e textos, achar as linhas em branco que aguardavam conteúdos escolares e enchê-las de poesia, ao menos tentar poesia, de um jeito iniciante, sem professores para corrigir-me, sem matérias exatas para quebrarem minha cabeça, sem esperas de notas e dizeres de bom aluno. Era apenas um verso, longo ou curto, bom ou ruim, pouco importava a ciência, mas era o exercício contínuo de praticar e praticar, em quadras, sextilhas, oitavas, décimas... Era aprender por si só, por mim mesmo.

*Meu verso busca ser vento
Num sonho de noite morna,
Inquieto acorda o momento,
Iniciante ganha forma.
As vezes entorta um pouco,
Isso é coisa de aprendiz,
Mas não tem como ser broto
Se não possuir raiz.*

Para ganhar a garganta, necessita-se de ritmo, de notas musicais e arranjos. O verso salta do papel para a boca dos violões, para as teclas das cordeonas, para o couro dos pandeiros, vibrando acordes de campo e romances. A música é minha cativa, faz parte de tanta coisa, me conduz a lugares, me causa arrepios, eu dependendo da música para ser eu mesmo. Embora meus dedos não tenham

nascidos para domar instrumentos e minha voz não se afina tão fácil, eu busco a musicalidade em tanta coisa, nos meus escritos rimados estou sempre a cantarolar melodias para encaixar nas métricas, vivo campeando a cadência nas estrofes inteiras, procuro balanços e levadas para um verso galponeiro, imagino milongas num verso triste e rodopio as pernas no chamamé num poema em sextilhas. Mas a dificuldade em criar uma música, a termo, para meus escritos me fez correr atrás de parceiros, amigos, criadores talentosos, musicistas visionários, que saem além da caixa inocente do meu pensar pequeno, para voarem as mais longínquas ondas vibratórias que o som exprime. E ali vejo nascerem melodias nos meus “rabiscos”, escuto, muitas vezes, exatamente aquilo que eu esperava para aquela letra. O poema ganha vida, é cantado, tocado, gravado, muitos se eternizam, outros são esquecidos, mas existe música, ela está presente, embalando as letras, palavras e frases, aquilo que era papel vira som.

A partir daí começo a enviar as músicas aos festivais nativistas, logo na primeira tentativa consigo cruzar a porteira de uma triagem e passar uma música num festival de músicas locais, chamado Baqueria de Los Piñares. Essa primeira experiência foi o norte para eu seguir nessa estrada, por tamanha comoção, sentimento e envolvimento. Foi um momento mágico, onde na minha memória o guardo, com fatos e detalhes que me comovem até hoje.

Segui o caminho e rompi a fronteira para maioridade, novos rumos de carreira e estudos, de planos e prioridades. Mas o verso continuava comigo, tal fosse uma roupa velha, daquelas que a gente gosta de usar, que por mais que a vida suje ou desbote voltamos a usá-la. Entendi que o verso é minha roupa infinita, que não sucumbirá ao tempo, é feita por um tecido infalível chamado de amor. É o meu abrigo e agasalho, é meu cartão de visita e meu aconchego, deixando que os outros a julguem como quiser, independente do tempo e da moda, pois sei que estarei sempre vestido daquilo que sou.

Teria que regressar, a viver o sonho. Pois bem, foi chegado o

dia, mesmo já tendo participado de outros festivais, o anseio de estar no Cante Uma Canção em Vacaria era o objetivo maior. Já que foi ali onde despertou a vontade e a busca de ser verso, já que foi ali a aguada tranquila e espelhada para a sede da inspiração, já que ali foi o palco musical onde meus olhos tremelicaram ao ver a verdadeira música do gaúcho. Então, tremenda foi a alegria ao saber que, naquela feita, estaria no tradicional palco da Concha Acústica no Rodeio Internacional de Vacaria, participando com duas músicas com versos de minha autoria, uma falando do tempo, ou melhor como seu título já diz “Dois Tempos”, talvez inconscientemente exprimindo toda minha trajetória até ali, a outra com nome de “Ponteando”, era um verso escrito para meu bisavô tropeiro, onde o sentido de ponteiro de tropa indicava que o rumo nunca pode ser perdido para quem sabe onde vai. Essas músicas foram o marco atemporal do meu SONHO FESTIVALEIRO, denotaram tanta coisa imaginária, vindo a ser real, foi um pós curva de estrada que me mostrou o corredor largo do caminhar artístico, me fez entender que eu poderia ser mais, mesmo não tendo almejos de ser grande.

*Eu insisti ser verdade
Com rimas de coração
Fui “Dois Tempos” com razão
Na paz da sonoridade.
Fui bisavô na saudade
Com ânsias de ser tropeiro
É sabedor, bom “Ponteiro”,
Aquele que tem seu chão
Junto ao “Cantar da Canção”
Num “Sonhar Festivaleiro”.*

Aqui estou, caderno velho, já esquecido do colégio, mas vivendo o privilégio de escrever os meus atalhos, de buscar planos

e adágios ao cantar as minhas verdades. Hoje o broto frutificou, alçou os ares, fincou raízes fortes, verdejou as folhas calmas, espichou braços de galhos para quem sabe ser sombra e aconchego para alguém que busque um atalho nesse campear de rimas e de ecos de cantares. Hoje o verso ainda aprende, tal se estivesse no velho caderno, sempre buscando crescer, evoluir, no espírito e na moral. É importante entender que a responsabilidade aumenta a cada vez que se cria, pois mesmo na poesia, o que é deixado gravado, é um sinal de permanência, de algo que fica palanqueado contra rudeza do tempo. Para que quando um jovem guri sonhador busque a leitura ou recorra as melodias musicais versejadas, consiga encontrar o íntimo de um povo, o sulco de uma terra e a essência que existe escrita ali, como se estivesse abrindo o velho caderno escolar deixado numa caixa de coisas esquecidas, mas que em suas páginas estejam escritas as respostas antigas, para as dúvidas atuais.

O sonho festivaleiro embalou tanta história, eu pude sonhar de olho aberto, mesmo depois de um Rodeio de Vacaria. Eu sai pro mundo, fui conhecer o campo, fui regar as plantas da nossa cultura, fui extrair o doce mel dos meus desejos. Sigo a cavalo, mão na rédea, hoje com um tordilho, uma família, filhos, amigos, irmãos. Muito disso, talvez tudo, por causa do viver gaúcho, do amor a terra, de cultuar a singularidade cultural das minhas origens. Agradeço a Deus por me fazer nascer aqui, botar na forma meus instintos e cabrestear meu olhar, para que eu pudesse ter outros olhos para tudo. Pois a poesia é assim, o poeta doa seus olhos, para que aqueles que queiram enxergar com o coração.

*Eu nunca serei adeus,
Muito menos passageiro,
Meu sonhar é verdadeiro,
E meus escritos também.
Meu corpo irá mais além,
Tudo termina algum dia,*

*Mas ficarei, em poesia,
Cantado na voz de alguém...*

IRMÃOS OSÓRIO: OS CANCIONEIROS DOS PAMPAS

João Fernando Antunes Osório¹

A contribuição para a presente obra é de valor inestimável para a família Osório, na medida em que nos permite dividir com muitas pessoas e gerações um pouco da história e do legado artístico e cultural dos Irmãos Osório – João Maria Osório e Olívia Osório, construído com muita luta e perseverança, e que espero, possa contribuir com a trajetória daqueles que almejam um dia viver da música e fazer dela a sua profissão e o seu ministério, assim como meu pai e minha tia fizeram ao longo de toda a vida.

A origem...

Olívia Osório e João Maria Osório nasceram na localidade de Taboão, no distrito de Clemente Argolo, na época, pertencente ao município de Lagoa Vermelha/RS, atualmente, município de Tupanci do Sul/RS. O pai, Fernandes Alves Osório, nasceu em 20/10/1914 e faleceu em 20/08/1986, filho de Antônio Alves Osório. Tinha origens portuguesa, espanhola e alemã. A mãe, constância Antunes Osório, nasceu em 10/04/1908 e faleceu em 07/12/1994, e tinha sangue cigano, uruguaio e indígena, e falava as línguas indígenas tupi e caingangue, a qual ensinou para os filhos.

Na infância, Olívia e João Maria moravam no interior, ajudando nas tarefas da roça, com plantações de milho, trigo e feijão, bem como na criação de gado leiteiro. Estudavam na Linha Munari, na Escola Isolda Caramuru.

¹ Advogado e músico. Pós Graduado em Direito Processual e Direito Cooperativista. MBA em Liderança Estratégica de Negócios.

Após, estudaram em Erechim e Lagoa Vermelha, onde tiveram aulas de música na Escola Rainha da Paz. Quando mudaram para Vacaria, estudaram música com a professora Julieta Aquatti, no Colégio Marista São Francisco. A formação artística foi completada na Escola de Música de Lages.

Começaram a cantar e tocar gaita com nove anos, formando a dupla Irmãos Osório, que ficou conhecida nacionalmente como “Os Cancioneiros dos Pampas”. Suas primeiras apresentações foram no sítio, e em seguida se seguiram para os Galpões de CTGs e festas de interior. Com 17 anos tinham um programa na Rádio Cacique, em Lagoa Vermelha, uma vez por mês, com Major Salatino.

Uma vez por mês os irmãos iam para Erechim, estudar música, juntamente com Gildinho e Chiquito, do grupo Os Monarcas, ocasião em que participavam do programa “Assim Canta o Rio Grande”, na Rádio Erechim.

O primeiro disco foi um compacto duplo, gravado em Passo Fundo, no ano de 1966. As quatro músicas deste compacto rapidamente começaram a tocar em todas as rádios da região, e a dupla foi ganhando visibilidade regional, até serem contratados pela Gravadora Xororó e Copacabana, onde fizeram as gravações dos seis primeiros discos (LPs) da carreira, gravados em São Paulo a partir de 1972.

No total, a dupla Irmãos Osório conta com 12 discos gravados, e 3 discos solos de Olívia Osório.

A dupla emplacou sucessos nacionais, a exemplo de Caixão de Prata, Copo de Veneno e Cinco Letras do Teu Nome, e chegaram a ficar entre as quatro duplas nacionais mais rodadas, lançados entre “as 4 mais do Brasil”, e entre “as 12 mais do Brasil”, ambos lançamentos da Gravadora Xororó.

A dupla percorreu o Brasil, tocando uma média de 15 bailes e shows por mês, além da gravação de programas de rádio e de televisão, principalmente nos Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, Mato Grosso, Minas Gerais e São Paulo.

Após o término da dupla, João Maria Osório seguiu com a

carreira musical animando bailes, com os Grupos Gaita Velha e os Gaúchos do Rio Grande.

Olívia Osório seguiu carreiro solo fazendo Shows em Festas, Rodeios e Bailes, e, posteriormente, fundou o Grupo Levanta Rio Grande, que a acompanhou por muitos anos, até seus últimos dias de vida.

Após saírem do sítio, os Irmãos Osório moraram 2 anos em Lagoa Vermelha, 2 anos em Vacaria, e 9 anos em Lages, onde trabalharam na Rádio Clube de Lages, com programas ao vivo, 3 programas semanais, e também na TV Planalto de Lages, sob a direção do amigo e incentivador Carlos Jofre do Amaral.

João Maria ficou 2 anos em Curitiba, quando a irmã Olívia esteve internada no Hospital de Clínicas durante todo este período.

A partir de 1979, passaram a apresentar o Programa Irmãos Osório, que iam ao ar todos os sábados à noite na Rádio Fátima de Vacaria, por onde permaneceram por mais de 10 anos.

Com muita dificuldade, escreveram as primeiras músicas e gravaram o primeiro disco compacto, e em pouco tempo, os irmãos que animavam rodas de amigos no interior de Lagoa Vermelha, passaram a ser conhecidos e chamados para animar festas em CTGs e salões de baile do Rio Grande do Sul, e em seguida nos Estados de Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Mato Grosso e Minas Gerais.

Com o sucesso consolidado dos filhos, os pais Fernandes e Constância venderam a propriedade rural em Clemente Argolo, e fixaram residência em Vacaria, aonde viveram até seus últimos dias.

A veia musical vem de família, e remonta a tia Maria Paulina Affonso de Mattos, e também aos pais Fernandes e Constância, que também cantavam.

Entretanto, o viver da música e da arte na família Osório se consolidou a partir dos Irmãos Osório, um sonho realizado do pai Fernandes Osório.

Olívia e João Maria dedicaram a vida inteira à música,

possuindo uma obra musical e artística que até hoje é tocada pelas rádios de todo o Brasil.

Dois filhos de Fernandes...

O pai Fernandes Alves Osório merece um lugar especial nesta digressão histórica. Assim como “Zezé Di Camargo e Luciano” foram obras do pai Francisco, a dupla dos Irmãos Osório é uma obra de Fernandes Alves Osório, um pai lutador e sonhador, e que tinha o sonho de ver os filhos cantando nas rádios.

Fernandes era um homem alto, forte, muito positivo e determinado. Todo o impulso para o despertar artístico da dupla Irmãos Osório partiu dele. Comprou duas gaitas com a venda de gado, e arrumou os professores para os filhos aprimorar o dom dos filhos com a música.

Colocar os filhos no trilho da música nos dias atuais já não é algo tão simples. Os instrumentos são caros, convencer os filhos a estudarem música e persistirem no aprendizado não é uma tarefa que não fuge das complicações impostas pela tenra idade. Agora, imagine fazer tudo isso morando no interior, nos idos de 1945, e vivendo de uma pequena gleba de agricultura.

Seu Fernandes foi um herói de seu tempo, e um exemplo de pai. Foi à determinação e o sonho dele que criou os Irmãos Osório. Na época, o único meio de comunicação no interior era o rádio. Tempos aquele que quem possuía tal aparelho era considerado privilegiado, e eram momentos memoráveis quando a família se reunia, no final do dia, em volta do rádio, para escutar os artistas da época.

Os irmãos Osório faziam vários quilômetros diariamente para estudar na escola do interior. O dia era dividido entre escola e trabalho duro na lavoura. Nos finais de semana, a família se deslocava até as capelas próximas, onde tinha futebol, música e caJoão Maria Osório era carreirista, também por incentivo de seu pai, até o momento em que fraturou a clavícula, em uma das

corridas de cavalo, e não pode mais competir.

Estas reuniões de finais de semana nas capelas do interior eram os momentos mais divertidos, e vislumbrar os filhos com a gaita no colo, cantando para aquelas pessoas, era o sonho do seu Fernandes.

Mal sabia ele que os filhos venderiam milhares de discos e emplacariam grandes sucessos, como “Copo de Veneno”, “Caixão de Prata” e “Cinco Letras do Teu Nome”, que até hoje são cantadas por diversos artistas, e tocadas nas rádios do sul do Brasil, mesmo depois de passados mais de 70 anos daquele primeiro impulso do seu Fernandes.

Quando os Irmãos Osório gravaram o primeiro disco, um compacto com quatro músicas, as coisas começaram a dar certo, e logo estavam gravando programas de rádios da região e sendo chamados para tocar em diversas cidades.

Neste tempo, as rádios faziam muitos programas de auditório, onde os artistas se apresentavam ao vivo, cantando e tocando seus instrumentos para uma plateia, ao mesmo tempo em que o programa era transmitido pela emissora.

Com o passar dos anos, meu avô veio morar na cidade, para acompanhar a carreira dos filhos e ficar mais perto deles. O pai Fernandes fez muita coisa com os poucos recursos que tinha, mas não tenho dúvidas que o maior orgulho dele e da mãe Constância foram os filhos que eles ajudaram a formar para o mundo – Os Irmãos Osório.

Uma das homenagens ao pai ficou registrada na música “Gaiteiro Pala Branco”, composição de Olívia Osório, dirigida ao seu Fernandes, em homenagem póstuma:

Gaiteiro Pala Branco

Onde está aquele gaiteiro
Que tantos bailes tocou

Depois deixou sua gaita
Sanfona que tanto amou
Eu devo a ele está vida
Se hoje sou o que sou

Me vem saudosa lembrança
Do meu antigo rincão
A gaita choramingando
Pelo clarão do lampião
A morena mais bonita
Machucava o coração
A vida é assim companheiro
O tempo passa e se vai
O gaiteiro pala branco
Não voltará nunca mais
Tocar nos bailes de rancho
Velho gaiteiro meu pai

Vivo no mesmo caminho
Levo esta vida tocando
Vou visitar tua morada
Pra chorar de vez em quando
Teu pala branco de ceda
Vai andar por onde eu ando

Em sua autobiografia (“Eu morri, mas continuo cantando”),
Olívia Osório faz uma referência ao momento em que seu Fernandes
partiu para a morada celestial, e o relato demonstra o grande amor
que ela sentia pelo pai:

“Quando meu pai, Fernandes Alves Osório, adoeceu para morrer,

eu não me sentia em condições de vê-lo partir para a eternidade. Na minha família, de apenas quatro pessoas, não havia ainda falecido ninguém.

Nesta ocasião, pedi a Deus e aos Santos de minha devoção que me ajudassem, que eu não queria ver meu maravilhoso pai morrer.

Acompanhava-o todos os dias à sua cabeceira rezando, confortando-o, ao lado dos médicos, no Hospital Nossa Senhora da Oliveira, aqui em Vacaria. Naquele tempo, eu ainda tocava com meu irmão João Maria, formando o conjunto “Irmãos Osório”. Havíamos programado tocar num baile no Paraná, a uns 80 quilômetros de Curitiba. Então meu pai disse: Vai, Olívia, vai lá tocar com o João Maria.

Eu fui. Mas quando saí de Vacaria, meu estado de nervos piorou. Aquela impressão, a imagem do meu pai doente, cuja mão beijei ao despedir-me, deixou-me imprestável.

Assim mesmo, acompanhei meu irmão e fui tocando, abaixo de dores. Fortes convulsões no meu intestino. Parecia que minhas tripas estivessem brigando dentro da barriga. Eu estava mal, muito mal. Estava arrasada a ponto de achar que iria morrer.

Quando faltava uma hora para o fim do baile, comuniquei que não aguentava mais. Meu irmão avisou o presidente da sociedade, comunicando a minha lamentável situação e que deveríamos suspender o baile, deixando para outra oportunidade.

Vimos embora para Vacaria. Não foi possível chegar em casa. Paramos em Lages, onde fui internada na UTI do hospital. Entretanto, visto como meu estado piorava sempre mais, fui levada numa ambulância rumo a Curitiba. [...]

Chegando em Curitiba, internei-me no Hospital de Clínicas, onde, em poucos dias, fui considerada completamente sã, sendo logo liberada para retornar a Vacaria.

Ao chegar a Vacaria, fiquei sabendo que o que eu havia pedido a Deus acontecera. Eu não queria ver meu pai morto. Ele deixou esta vida no dia 20 de outubro de 1986.”

[...]

Durante visita demorada ao cemitério, acendi velas, deposei flores sobre

a sepultura do pai. Chorei, rezei e prometi prestar uma homenagem ao bravo herói que me deu a vida e do qual herdei a vocação de cantora e sanfoneira.

Então, em sua homenagem, compus uma música, procurando exaltar a figura humilde do meu pai, que era trabalhador e, ao mesmo tempo, um artista, um grande sanfoneiro tradicionalista.”

Seu Fernandes também foi homenageado no último disco dos Irmãos Osório, na voz de João Maria Osório, com a música “Vanerão do Seu Osório”, a qual traz a imagem do Seu Fernandes da roça, do Clemente Argolo, e a imagem da infância sofrida da família Osório, e que com certeza ficou gravado de forma indelével na memória afetiva dos Irmãos Osório:

Vanerão do Seu Osório

Ó meu querido pai
Minha homenagem eu faço
Entre a terra e o espaço
A querência grande do além
Onde um dia eu também
Vou deixar o meu abraço

E a galopito no picaço
Me bandeio pra lá também
Minha homenagem é sincera
Sem esquecer-te um segundo
A ti meu velho amigo
E a todos os pais do mundo.

Homem velho do bigode branco,
Bombacha velha toda remendada

Vai para a roça com os pés no chão
No grosso do inverno pisando na geada
No verão forte derramando suor
Chapéu de palha e as mãos calejadas
Enfrentando o frio e também o calor
Este velho é macho e não reclama nada

Este velho é o homem da roça
Que não tem férias nem sequer um dia
Trabalha muito e sofre bastante
Sempre zelando pela sua família
Tua profissão não é reconhecida
Se não fosse o velho o que seria
Tem muita gente que trabalha pouco
Ganhando milhões e muita mordomia

Homem da roça o nosso respeito
Santa Isabel te dê proteção
Amigo velho do sorriso franco
Não tem vaidade em seu coração
Muitas vezes já quase cansado
Falando em Deus com muita devoção
Virando a terra que é a maior riqueza
Colhendo fruto em sua plantação

Por todos estes motivos, a importância do pai Fernandes Alves Osório na história dos Irmãos Osório merece a reminiscência que também se perfaz em uma homenagem que o registro desta obra representa.

A discografia e os principais sucessos...

O primeiro disco dos Irmãos Osório foi um compacto, com quatro músicas, gravado em 1966 na Gravadora Lançador, em Passo Fundo. Neste primeiro disco – Irmãos Osório “Os Cancioneiros dos Pampas”, as quatro músicas gravadas foram Visitando meu Pago (chote), Último Adeus (valsa), Adeus Amor (tango), Fandango no Pontão (Samba Campeiro).

Todas as músicas do primeiro disco eram composição conjunta dos dois irmãos.

Pela Chororó, gravaram o primeiro Long Play (LP), com 12 músicas, todas composições próprias, e ali já se emplacou o primeiro grande sucesso da dupla – **CAIXÃO DE PRATA**.

As músicas do segundo álbum eram as seguintes:

Lado A:

- 1 – Saudade do Rio Grande (chote)
- 2 – Fandango de Galpão (bugiu)
- 3 – Caixão de Prata (valsa)
- 4 – Ave Maria das Mães (poema)
- 5 – Dá licença patrão (vanerão)
- 6 – Juras de Amor (bolero)

Lado B:

- 1 – O valor de dois irmãos (baião)
- 2 – O teu casamento (valsa)
- 3 – O teu retrato é uma lembrança (baião)
- 4 – Desafio dos Pampas (chote)
- 5 – Chote velho da campanha (chote)
- 6 – Retrato da querência (valsa)

O terceiro LP, também pela Gravadora Chororó, teve como tema Tradição e Progresso, lançado em 1975, e trazia as seguintes músicas:

Lado A:

- 1 – Vida de Artista (Olívia Osório)
- 2 – Menina Linda (João Maria Osório)
- 3 – Letras de Ouro (Olívia Osório)
- 4 – Coração Tirano (Olívia Osório)
- 5 – Recordação (Olívia Osório)
- 6 – Tradição e Progresso (Olívia Osório)

Lado B:

- 1 – Me dá Licença Que eu Chego (Olívia Osório)
- 2 – Rodeio de Patrão (João Maria Osório)
- 3 – Falso Lamento (João Maria Osório)
- 4 – Tropeiro do Rio Grande (Olívia Osório)
- 5 – Porteira do Rio Grande (João Maria Osório)
- 6 – Bombachudo (João Maria Osório)

O quarto disco, também pela Chororó, foi lançado em 1978, e embora a capa do disco traga como tema a música “Gaúcha Faceira”, este quarto LP emplacou outros dois grandes sucessos da carreira dos Irmãos Osório – **Copo de Veneno e Cinco Letras do Teu Nome**.

As músicas do quarto álbum eram as seguintes:

Lado A

- 1 – Gaúcha Faceira (João Maria Osório)
- 2 – Dança Moçada (João Maria Osório)
- 3 – Aquela Carta (Olívia Osório)

- 4 – Caçada do Bugio (Olívia Osório)
- 5 – Queixas de uma sanfona (João Maria Osório)
- 6 – Gaúcho Guapo (João Maria Osório)

Lado B

- 1 – Copo de Veneno (Olívia Osório)
- 2 – Despedida de um Gaúcho (Olívia Osório)
- 3 – Cinco Letras do Teu Nome (Olívia Osório)
- 4 – Camperando o destino (João Maria Osório)
- 5 – Não te Amo (Olívia Osório)
- 6 – Adeus Rio Grande (Olívia Osório)

O quinto LP trouxe o nome da canção “Boi de Bota”, foi lançado pela Chororó em 1979, e trouxe as seguintes músicas:

Lado A:

- 1 – Boi de Bota (Olívia Osório)
- 2 – Vingança (Olívia Osório)
- 3 – Meu Iari Larai (Olívia Osório)
- 4 – Iemanjá e o Pescador (Olívia Osório)
- 5 – Eu não tenho inveja (João Maria Osório)
- 6 – Tradição do Pago (João Maria Osório)

Lado B:

- 1 – Último Recado (Olívia Osório)
- 2 – Glórias de um cantor (João Maria Osório)
- 3 – Gigante Colono (João Maria Osório)
- 4 – Preciso falar contigo (João Maria Osório)
- 5 – Gineteada na Querência (Olívia Osório)
- 6 – Viver nos Pampas (João Maria Osório)

O sexto álbum dos Irmãos Osório – Os “Cancioneiros dos Pampas”, lançado pela Chororó, trazia as seguintes canções:

Lado A:

- 1 – Índio Campeiro (Olívia Osório)
- 2 – Boêmio do Amor (João Maria Osório)
- 3 – Filha de Carreteiro (Olívia Osório)
- 4 – Caixão de Flor (Olívia Osório)
- 5 – Voltes para mim (João Maria Osório)
- 6 – Vanerão do seu Osório (João Maria Osório)

Lado B:

- 1 – Morena Querida (Olívia Osório)
- 2 – Fandango Animado (João Maria Osório)
- 3 – Caminho Errado (Olívia Osório)
- 4 – Ilusão Perdida (João Maria Osório)
- 5 – Pinto Tostado (Olívia Osório)
- 6 – Quebrando Queixo (João Maria Osório)

Deste disco, destaco Pingo Tostado como uma canção muito bonita, e que posteriormente foi regravado nos CDs solos de Olívia Osório, e também o Vanerão do seu Osório, composição de João Maria, em homenagem ao pai.

O sétimo disco da carreira foi um compacto com duas músicas, que levou o nome “Irmãos Osório cantam a glória do Grêmio F.P.A.”, e foi lançado pela Gravadora Chororó, de São Paulo, e tinha duas músicas que foram gravadas em homenagem ao Grêmio, alusiva a conquista do Título Mundial, em 1983.

Este compacto trazia duas músicas compostas por Olívia Osório: “A maior taça do mundo”, e também “Maluco da Bola”, em homenagem ao Renato Portalupi, craque da camisa número 7

do Grêmio.

O oitavo disco da carreira dos Irmãos Osório foi lançado em 1986, a exatos 20 anos do lançamento do primeiro disco da dupla, e trazia as seguintes canções:

Lado A:

- 1 – Rei do Disco (Olívia Osório)
- 2 – Fracassado (João Maria Osório)
- 3 – Cortina Vermelha (Olívia Osório)
- 4 – Velhos Tempos (João Maria Osório)
- 5 – Quarto de Motel (Olívia Osório)
- 6 – Velho Papai (João Maria Osório)

Lado B:

- 1 – Drama Cruel (João Maria Osório)
- 2 – Vestido Bordado (Olívia Osório)
- 3 – Força do Braço (João Maria Osório)
- 4 – Bugio do Vidal (Olívia Osório)
- 5 – Alma Fera (Olívia Osório e João Maria Osório)
- 6 – Quarto de Pensão (Olívia Osório)

Em 1976, a Gravadora Chororó lançou um Compacto com os 4 maiores sucessos do Brasil dos artistas da Chororó, e ali estava consolidado a música Caixão de Prata, dos Irmãos Osório, entre os Top 4 artistas de maior sucesso naquela época, ao lado do Trio Parada Dura.

Também em 1976, a Chororó lançou o LP as 14 Mais da Chororó – Volume 2, uma coletânea com os maiores sucessos da época, e neste LP estava a música “Me dá Licença Que eu Chego”, dos Irmãos Osório, ao lado de mais 11 artistas, dentre eles: Trio Parada Dura, João Mineiro e Marciano, e Gino e Geno.

Irmãos Osório também colocaram duas músicas no LP “Os Grandes Sucessos do Sul”, lançado pela Chororó, com Copo de Veneno e Caixão de Prata.

O projeto Raízes dos Pampas também lançou um CD com 20 grandes sucessos dos Irmãos Osório, na Coleção Raízes dos Pampas, onde se relançou sucessos de grandes artistas da nossa música Gaúcha, a exemplo de Gaúcho da Fronteira, José Mendes, Pedro Ortaça, Sidnei Lima, Teixeira e tantos outros.

A “Sabiá Records” também lançou a coletânea Raridades – Edição Limitada, com 12 sucessos dos Irmãos Osório.

O primeiro disco da carreira solo de Olívia foi intitulado “Olívia Osório – A Cancioneira Gaúcha”, e lançado em 1991, trazendo as seguintes canções:

1. Meu Brasil Brasileiro
2. Pingo Tostado
3. Caixão de Prata
4. Não Mate o Bugiu
5. Quarto de Milha
6. Gaita Velha
7. Copo de Veneno
8. Agribultor ssem terra
9. Cinco Letras do Teu Nome
10. Saudade Amarga
11. Despedida de um Gaúcho
12. Última Tropeada

O segundo disco da carreira solo foi lançado em 1993, e trouxe o título “Bar da Esquina”, gravado em São Paulo, e lançado pela Country Gravações, contendo as seguintes canções (todas composições de Olívia Osório)

Lado A:

- 1 – Gaiteiro Pala Branco
- 2 – Tô Vivendo Que Nem Bicho
- 3 – Bar da Esquina
- 4 – Vou Embora Nesta Noite
- 5 – Lejos Camiños

Lado B:

- 1 – Br. 116
- 2 – Comendo Erva
- 3 – Noites Tenebrosas
- 4 – Corpo Molhado
- 5 – Aviões da Noite

Este segundo disco da carreira solo despontou dois grandes sucessos: **“Comendo Erva”** e **“Tô Vivendo Que Nem Bicho”**, a primeira um chote, e a segunda uma Rancheira, ambos como uma letra cômica e humorística que caiu no gosto do público, e que tocam até hoje nas rádios do sul do Brasil.

O primeiro CD da carreira solo de Olívia Osório, e terceiro álbum, foi gravada em Caxias do Sul, no Estúdio Multiproduções, com a produção de Glauber Duarte, que depois veio a integrar o Grupo Levanta Rio Grande por alguns anos.

O CD Olívia Osório, 20 Grandes Sucessos, trazia as seguintes músicas:

- 1 – Vaneirinha da Saudade
- 2 – Caixão de Prata
- 3 – Cassada do Bugiu
- 4 – Copo de Veneno
- 5 – Linguíça no Feijão
- 6 – Canta Moçada

- 7 – Pingo Tostado
- 8 – Hô de Casa na Querência
- 9 – Cinco Letras do Teu Nome
- 10 – Me dá Licença Patrão
- 11 – Morena Linda
- 12 – Mineira de Uberaba
- 13 – Comendo Erva
- 14 – Último Recado
- 15 – Gauchinha Caxiense
- 16 – Na Garupa do Cavalo
- 17 – Milonga da Despedida
- 18 – Glórias de um Cantor
- 19 – Voltes Loirinha
- 20 – Vivendo que Nem Bicho

Este CD trouxe inúmeras regravações e sucessos consagrados dos Irmãos Osório, como também de sua carreira solo, a exemplo de Comendo Erva e Vivendo Que Nem Bicho, e trouxe também regravações de outros grandes artistas da música gaúcha, como forma de homenagem, a exemplo dos Bertussi e Os Mirins.

Em 2000 foi lançado o CD do Grupo Levanta Rio Grande, pela USA Discos, Gravado no Estúdio Hagnna, na cidade de Lages, com participação de Olívia Osório com as músicas de sua autoria: Adeus Gaúcha e Vingança.

Nos últimos dois anos de vida, Olívia Osório ainda gravou uma última obra, com doze músicas inéditas, e que serão lançadas ao público no ano de 2023.

Este é um breve histórico da discografia da carreira artística dos Irmãos Osório, a qual se encontra, em grande parte, disponível no Youtube e em outras plataformas digitais.

A diferença entre ser músico e ser artista...

Aprendi com minha tia Olívia e com meu pai João Maria, de forma prática, e a partir de muita observação, a diferença entre ser músico e ser artista.

Esta lição é riquíssima para quem pensa em ser músico e ter uma carreira profissional de sucesso.

O resumo da lição que aprendi com eles, e que se aplica ao mundo da música, se resume na seguinte frase: “todo o artista é músico, mas nem todo o músico é artista”.

O artista é aquela pessoa que consegue impregnar o seu DNA nas letras que escreve nas canções que canta, e na forma que executa seu instrumento, a tal ponto de ser conhecido por todos por esta “digital” que está na sua música, no seu cantar ou no seu tocar.

Se tivesse que resumir esta afirmação, eu diria que o artista tem a característica de desenvolver uma IDENTIDADE PRÓPRIA, de forma que as pessoas possam identificá-lo rapidamente a partir de poucos segundos de uma melodia.

Ao longo de muitos anos convivendo no meio musical, pude conhecer exímios músicos, extremamente dedicados com aquilo que se propões a fazer, excelentes profissionais, contudo não eram artistas, na medida em que não desenvolveram uma identidade própria nas canções que executavam.

Depois de horas e dias de estudo e treino, executavam com maestria a música de fulano, e tocavam-na exatamente como “fulano”, que teve o trabalho árduo de compor aquela música. Outras vezes vi pessoas cantando muito bem, e extremamente afinados a música de “beltrano”. Por vezes, até cantavam muito parecido com o timbre, o sotaque e os trejeitos de “beltrano”, mas a música era de “beltrano”.

O verdadeiro artista tem uma paixão que lhe move a compor suas próprias obras, assim como um pintor tem a necessidade de pintar sua própria tela. Além de compor suas próprias músicas, o

artista também desenvolve o seu jeito de tocar e cantar, que lhe é peculiar, e que é o seu próprio DNA na música.

Os Irmãos Osório traziam o seu DNA em suas próprias composições, em sua música, em seu jeito de cantar, e no seu jeito de trabalhar no palco. Ao longo da carreira, a dupla desenvolveu o seu jeito de ser, a partir de composições próprias, de um jeito de tocar pouco rebuscado, mas com alma própria, e este é o caminho para o sucesso.

Como em todas as demais profissões, o sucesso depende de muito trabalho e de caminho árduo, não existem atalhos, e não existem caminhos mais curtos. Com a música não é diferente.

Estes aspectos da carreira profissional de minha tia e meu pai me chamaram muita atenção, e confesso que demorei bastante tempo, e precisei de certa maturidade que somente o tempo e a experiência se encarregam de nos dar, para compreender o que escrevo neste tópico.

E para quem trilha o caminho da música, ou pensa em algum dia trilhar este caminho, vai compreender o quão importante este ponto pode significar. Executar muito bem a música de outros, não lhe trará sucesso. Poderá até dar uma falsa sensação de sucesso, mas que não te levará muito longe.

Convivi nas estradas da vida com grandes músicos e grandes bandas que não despontaram, porque gastavam a maior parte de sua energia tocando música dos outros.

Não estou aqui afirmando que você não se deve tocar música de outros artistas. Acho isso louvável, e de certa forma uma grande homenagem para os compositores e para os artistas que compuseram essas obras que se eternizaram.

O que estou a afirmar é que este não é o caminho que te levará para um sucesso genuíno, e que marcará o teu nome e ou de tua banda em algum ponto da história. Obviamente, o trabalho de compor uma música não é uma tarefa simples. Criar a letra, linha melódica, arranjos, e tudo o que compõe uma música não é complexo, e nem precisa ser um ato isolado. Conheço grandes

artistas e compositores que criaram grandes músicas a várias mãos.

Outra coisa que precisa ser compreendida é que o processo de criação envolve um caminho a ser percorrido. As primeiras canções nunca serão tão boas quanto às últimas, mas tudo é uma questão de prática, questão de aprimorar a técnica. É necessário dar o primeiro passo no caminho certo, e ter persistência.

Desde muito novo, acompanhei de perto o processo de criação musical de minha tia e de meu pai, portanto, sei bem do que estou falando. Vi canções como “Comendo Erva” e “Vivendo que nem bicho” serem escritas, e naquela época não imaginava que cairiam no gosto popular, e que posteriormente seriam cantadas por multidões, como são até hoje.

Tempos aqueles em que, eu não tinha a dimensão e o discernimento de que na veia artística da minha tia Olívia tinha esta assinatura de humor e caricatura que foram eternizadas em muitas de suas músicas, a exemplo de “Linguíça no feijão”.

O sucesso dos Irmãos Osório residia na simplicidade, e, ao mesmo tempo, na determinação de querer transmitir aos outros a sua música, da sua própria forma, do jeito que sabiam cantar e tocar, sem imitar ninguém. Transmitir uma mensagem própria. Falando de sentimento e traduzindo em música.

Tudo isso dá trabalho, eu sei, mas não há sucesso sem trabalho, sem suor, e sem lágrimas, e esse exemplo vale para qualquer profissão. Portanto, se você pretende seguir a carreira musical, pense nisso: “Estude muito, e, acima de tudo, procure encontrar a sua própria essência, produza suas canções, suas próprias melodias, e procure a sua verdade, no tocar, no cantar, no escrever, e na forma de se apresentar”.

Não desista de procurar a sua própria verdade. Este processo é árduo, lento e permanente, mas o resultado desta descoberta irá te surpreender positivamente, e irá te diferenciar dos demais *players* do mercado musical.

Como em todas as outras profissões, na música você também precisa ter “referências”, ter “mestres”, e pessoas em quem

se espelhar. Mas quando o assunto for arte, tenha muito cuidado para que, ao seguir os passos de alguém, você trilhe o próprio caminho, para que você possa desenhar uma própria história, e não viver uma vida na sombra da história de alguém.

A lição que a dupla Irmãos Osório nos deixou é que, tão importante quanto ter uma identidade em sua música, é ter uma identidade própria em sua apresentação, que na realidade é o resultado final do trabalho que se entrega para as pessoas, que tiraram algumas horas da sua vida para desfrutar de bons momentos e apreciar o teu trabalho.

Da sua forma simples e humilde, os irmãos tinham a exata dimensão do que o público do show ou dos bailes queria. Eles sabiam do que as pessoas que vão até estes lugares estão buscando ali: alegria, diversão, amor, saudade e sentimentos que a música ao vivo tem o dom de trazer nas pessoas.

Saber o que o cliente quer e busca é algo fundamental para qualquer negócio, e na música não é diferente. Ter este *feeling* e esta sensibilidade é algo muito importante, e que os Irmãos Osório tinham de sobra, fruto, obviamente, de muito trabalho e muita experiência adquirida ao longo de todos os anos de música.

A última obra de Olívia Osório...

No momento em que escrevo estas linhas, as primeiras mil cópias da última obra musical de Olívia Osório estão sendo prensadas, e nos próximos dias esta obra inédita estará à disposição de seu público.

Gravada nos últimos dois anos de vida de Olívia, o CD conta com 12 músicas inéditas, e que foram recentemente finalizadas, produzidas e mixadas, em uma junção de esforços de amigos e músicos de Vacaria e Caxias do Sul.

Destaco a primorosa participação do irmão João Maria Osório em três regravações de sucessos da dupla, *Irmãos Osório*. Estas últimas 12 canções é o presente final que Olívia Osório

entrega aos seus fãs, e que perpetuam a sua memória e sua vida através das canções que ecoam para a eternidade.

Dedico as últimas linhas deste trabalho a memória da saudosa (e sempre lembrada) Olívia Osório.

Ao longo de sua vida, Olívia Osório passou por episódios tristes, a exemplo dos problemas de saúde, do envenenamento quando ainda muito nova, da internação de dois anos em Curitiba e a perda dos pais.

Mas a história dela não é marcada pelos episódios tristes. Muito pelo contrário! Olívia Osório será sempre lembrada pelas principais características que marcaram sua personalidade ao longo de toda sua vida: alegria, talento e autenticidade.

Com muita naturalidade, ela conseguiu retratar em sua obra artística aqueles atributos que marcaram sua vida e sua história: **alegria, irreverência e autenticidade.**

Alegria, porque era dona de um sorriso sem freio, que contagiava a todos em seu redor. Tinha o dom e a missão de mandar a tristeza embora do local onde ela estivesse.

Com ela o riso era garantido. Tinha um humor muito aguçado que lhe era nato, e quanto à questão filosófica acerca do limite do humor, isso não era com ela...

Sua missão era fazer rir a qualquer custo, nem que para isso ela própria fosse à vítima de sua história. Seu repertório de piadas e de causos verídicos era muito grande. Ela tinha muita estrada, muita história de vida para contar, e em grande parte destes “causos” engraçados sempre precisava ter um personagem (ou uma vítima da história contada).

Nas reuniões de família, a vítima era quase sempre o irmão João Maria, com quem ela tinha muitas histórias da infância, das estradas e dos palcos. Quanto ao talento de Olívia Osório, existia nela algo genuíno, nato, e com certeza o dedo de Deus.

Olívia tinha um dom especial para compor músicas que posteriormente se transformariam em sucessos. A sua leitura sobre

o gosto musical de cada época que ela vivenciou era algo fantástico. Compôs músicas que emplacaram sucessos em quatro décadas consecutivas: anos 70, 80, 90 e 2000.

Soube ter a leitura precisa de cada período de sua histórica musical, e sempre teve uma mão abençoada para compor músicas que caíram no gosto popular em todos estes períodos.

Com este talento excepcional para compor, Olívia conseguia agradar a todas as idades com sua música, desde crianças e adolescentes, até a melhor idade (jovens há mais tempo).

Mas o talento de Olívia Osório não se resumia apenas a composições musicais. Ela também foi uma grande comunicadora do rádio e do jornalismo, e sempre escreveu muito bem.

Quando precisava fazer críticas sociais ou políticas, escrevia seus editoriais sem medo do resultado. Ela tinha plena consciência da força das palavras e da comunicação jornalística, e levava este trabalho muito a sério, convicta do papel social que o Jornalismo impresso representava.

No rádio, Olívia sabia que sua missão era levar alegria e descontração, e a audiência de seus programas comprovava o êxito de seu trabalho. Olívia Osório era talento somado a muito trabalho e transpiração, e procurava dar 100% de si em todos os projetos que realizava.

Por fim, Olívia Osório é sinônimo de autenticidade, pelo simples fato de ser absurdamente autêntico em tudo o que fazia, dentro e fora dos palcos. Autêntico é aquilo que é único, que é verdadeiro, que é singular, e que não é cópia de ninguém. Olívia Osório, indubitavelmente, nunca poderá ser copiada, era autêntica na sua singularidade única.

Tudo que exalava dela tinha seu DNA impregnado, e a sua assinatura: suas composições, sua música, seu jeito de tocar, seu jeito de se apresentar nos palcos, seu jeito de dançar, seu jeito de se comunicar na rádio, seu jeito de falar, seu jeito de escrever.

E como ela eu aprendi que é importante ser autêntico! E

também, que é difícil ser autêntico, principalmente nos dias atuais, onde somos bombardeados diariamente com informações de todos os lados.

Atualmente, cada vez mais as pessoas estão querendo ser iguais a outras, querem ter o mesmo emprego, a mesma casa, o mesmo carro, o mesmo sucesso profissional, perdeu-se a essência ser próprio e autêntico, da mesma forma como se perdeu o caminho para se encontrar a própria essência.

O caminho para encontrar o nosso próprio “eu” não é fácil, posto que se constitua em tarefa puramente humana que faz parte do processo de evolução do ser humano, e este processo natural vem se perdendo no tempo.

Seja pelas redes sociais, pelo bombardeio de informações, pela vida acelerada, ou ate pela busca do *parecer* ao invés do *ser*.

Olívia Osório não se perdeu na vida, e nem pela vida. Muito pelo contrário, foi uma pessoa muito a frente de seu tempo, e com uma dimensão absurdamente sensata sobre o real sentido de se viver.

A célebre frase do Barão de Itararé parecia ser o seu lema de vida: “a única coisa que você leva da vida é a vida que se leva”.

Olívia Osório foi, acima de tudo, uma pessoa extremamente apaixonada pela vida, e uma das mais importantes representantes da cultura gaúcha, e sempre será lembrada como uma pessoa vibrante, dentro e fora dos palcos.

Dona de uma energia radiante e contagiante, foi uma artista fervorosa, eloquente e apaixonada pela sua arte, e levou sua música aos palcos dos mais longínquos rincões do Brasil por mais de 50 anos, sempre com a mesma simpatia e alegria que são marca registrada de sua pessoa e de sua obra artística.

Apaixonada pelo Rio Grande do Sul, estampou a bandeira do Estado no braço direito, e carregou o amor pelo Rio Grande no coração e nas suas canções.

Olívia Osório cantou o regionalismo, o amor, a saudade,

o campo, a cidade, a dor e a felicidade, e encantou a todos com sua alegria e irreverência, marca também muito presente em seus programas de rádio.

O humor natural e o sorriso largo e espontâneo fizeram de Olívia Osório uma das pessoas mais queridas do meio musical do Rio Grande do Sul e um expoente da música regionalista Gaúcha.

Fora dos palcos, foi uma pessoa cativante, humilde, com princípios e valores muito bem definidos, e com uma facilidade ímpar em fazer amigos e conquistar as pessoas por todo o lugar onde andou.

Assim como todo o verdadeiro artista, Olívia Osório vive através de sua obra, e viverá eternamente em suas lindas canções e na lembrança de seu sorriso fácil e espontâneo.

Olivia Osório estará sempre presente no coração de seus fãs espalhados por todos os rincões e daqueles que tiveram a honra de conhecê-la.

Como a própria Olívia Osório uma vez escreveu “[...] *aonde não chega minha pessoa, chega minha voz com as canções gravadas em discos. Canções que penetram em qualquer lar, até nos mais longínquos rincões [...] procuro transmitir mensagens de otimismo, entoando, desta maneira, um hino de profunda e eterna gratidão ao Senhor, pela sublime epopeia de graças com que me abençoou...*”.

A todos os leitores, espero humildemente que esta pequena parte da história dos Irmãos Osório, e neste último trecho em homenagem a minha saudosa tia Olívia Osório, possam contribuir de alguma forma para a sua vida, através das lições que ela nos deixou pelo seu exemplo de amor, de carinho e bondade.

No livro “Qual é a tua obra?” de Mário Sergio Cortella, grande filósofo e escritor brasileiro, encontrei uma passagem que muito bem se aplica ao conceito da vida de Olívia Osório, e que muito bem materializa o que ela representa para mim, para nós, e para muita gente (muito mais do que eu poderia imaginar):

*“A obra, de fato, não é algo que torne alguém famoso. Não se deve confundir fama com importância. Uma pessoa importante é aquela que nos faz falta, porque sem ela seríamos menos do que somos, enquanto uma pessoa famosa é uma celebridade momentânea que até ocupa um pouco do nosso tempo, mas não nos faria falta. Desse ponto de vista, a obra é aquela que gera a importância de ser, a importância para os outros e, claro, a possibilidade de, no caso de eu me ausentar, que as pessoas fiquem imaginando o quanto isso faz falta a elas. **Essa é sem dúvida a maior herança que alguém pode deixar, isto é, fazer falta.**”*

Este é exatamente o nosso sentimento: de que Olívia Osório é importante pelo simples fato de que nos faz falta (muita falta), e ocupa um espaço em nossas vidas e em nossos corações que ninguém jamais irá ocupar.

Que Deus, em sua infinita bondade, permita que um dia possamos estar juntos novamente, e que esta saudade imensa um dia tenha fim.



Olívia Osório, Fernandes Alves Osório e João Maria Osório (início da carreira)



Uma das primeiras fotos da dupla Irmãos Osório



Natal, Andrezinha Osório, João Maria Osório, Fernandes Osório, Olívia Osório e Constância Osório.



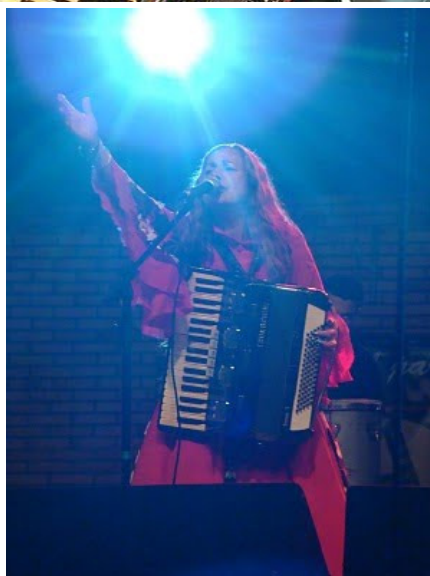


Gravação de Programa da TV Planalto (Lages/SC)



Lagoa das Tradições, Olívia Osório e João Maria Osório (Rádio Fátima de Vacaria)





Último show de Olívia Osório no Rodeio Internacional de Vacaria.

A MÚSICA TRADICIONALISTA GAÚCHA: UMA ABORDAGEM HISTÓRICA

Ajadil Costa

Escrever sobre a Música Tradicionalista Gaúcha não é uma tarefa fácil. Mas aceitei esse convite porque vi a oportunidade de enriquecer o meu conhecimento sobre esse tema, que é fundamental para a Identidade Cultural do Gaúcho. Certamente não tenho como enumerar todos os que fizeram e os que estão fazendo a história da Música Tradicionalista Gaúcha, mas destacarei alguns artistas que fizeram da sua arte uma contribuição cultural para o RS.

Escreverei de uma maneira simples, com o objetivo de que este texto chegue com fácil acesso a todos os leitores, bem como o legado destes grandes artistas para a arte Gaúcha. Além disso, mencionarei o exemplo de vida desses personagens, exemplo de luta, de persistência, de superação, de resiliência, que são as características de homens vencedores, que elas possam tocar a alma do leitor, e que sirvam de inspiração para todos, mas principalmente para a juventude, crianças, para estudantes e todo e qualquer sujeito que possa vir se interessar pela música tradicionalista gaúcha, e que possam perceber através deste texto que as dificuldades e desafios não são motivos para que se desista dos seus objetivos.

Para falar da Música Tradicionalista Gaúcha, primeiro é necessário conhecer um pouco do que é o Tradicionalismo Gaúcho, a sua origem, e os seus precursores. Tradicionalismo é um Movimento cívico-cultural, que leva a tradição em marcha de geração a geração, a tradição preserva os cultos dos valores que os antepassados nos legaram, nós os Gaúchos temos uma escala de valores muita característica, isso não nos torna melhores, mas nos torna diferente dos outros brasileiros.

Atualmente temos uma identidade cultural que nos identifica e nos diferencia dos outros estados brasileiros, vamos ver como foi a origem deste Movimento Cultural o Tradicionalismo, que é um dos maiores movimentos culturais do mundo ocidental.

A consolidação do Tradicionalismo

Esse fato histórico aconteceu no mês de setembro de 1947, nessa época o RS vivia um momento de crise de identidade cultural, dois fatores contribuem para isso: primeiro, o fato político do Governo Getúlio Vargas, na constituição de 1937 onde se instituiu o Estado novo, desta forma sendo proibido para os Estados Brasileiros o uso dos símbolos tais como: Bandeira, Hino e Brasão. Isto é, os Estados não podiam usar suas bandeiras, no Palácio do Governo Federal no Rio de Janeiro, houve queima simbólica das bandeiras estaduais, mas muitos gaúchos guardaram a bandeira do Estado. Outro fato histórico foi que em 1945, com o final da Segunda Guerra Mundial, os E.U.A, queriam impor os modelos culturais para os países subdesenvolvidos, e a música *cowboy*, estava muito forte no centro do país, e isso estava influenciando o povo gaúcho, pois as emissoras de rádios de SP e RJ, tinham uma abrangência muito forte aqui no RS.

Enquanto isso, na Escola Júlio de Castilhos de Porto Alegre, estudavam vários jovens, que tinham vindo do interior do Estado para estudar na capital, entre eles João Carlos Paixão Côrtes de Santana do Livramento, e Luis Carlos Barbosa Lessa de Piratini. Em uma manhã fria de inverno de 1947, Paixão Côrtes foi tomar café em um bar na Avenida João Pessoa em frente o colégio Júlio de Castilhos, nessa ocasião entrava muito vento por uma vidraça quebrada, e então o dono do bar pega um trapo vermelho para tapar aquelas frestas, e Paixão Côrtes viu que era uma bandeira do RS, e indignado exclama: “Um dia há de haver um movimento no Rio Grande do Sul para honrar os seus símbolos estaduais”, podemos dizer que nesse dia, foi dado o grito para a consolidação do Tradicionalismo no RS.

Paixão Côrtes, ainda jovem com cerca de vinte anos, começou a conversar com outros estudantes, que também tinham as mesmas preocupações, referente a questão da identidade cultural do Gaúcho, e criaram o Departamento das Tradições Gaúchas do Grêmio Estudantil do Colégio Júlio de Castilhos.

Cabe aqui ressaltar uma passagem desses jovens, retirada do livro, “Origem da Semana Farroupilha Primórdios do Movimento Tradicionalista, de Paixão Côrtes (1994):

Como juventude nos perguntávamos:

↯ Onde cultivar e divulgar nossos hábitos e costumes pastoris?

↯ Onde encontrar as manifestações do folclore gaúcho?

↯ Que planos culturais estavam sendo programados a nossa querência?

↯ Quais os organismos governamentais tratam das origens rio-grandenses?

A visão era de uma enorme e difusa nebulosa sobre a cultura campechana.

Ao povo não lhe era dada a sua real oportunidade de trazer ao público suas manifestações mais sinceras, mais puras, e nós procurávamos ir ao encontro deste problema, porque nós sentíamos como jovens estudantes secundaristas, perdidos de nossas origens no sentido do regionalismo.

Eram alguns jovens com essas preocupações, Paixão Côrtes que teve a inspiração em Olavo Bilac, que em 1916 criou a Liga da Defesa Nacional, com o objetivo de fortalecer e congregar o patriotismo brasileiro, Paixão Côrtes liderou o grupo e teve a ideia em 1947, que antes que se apagasse o Fogo da Pira da Pátria pediu para o presidente da L.D.N, para que permitisse pegar uma centelha do fogo, para então criar a chama Crioula do RS, com o objetivo de cultivar e divulgar a tradição gaúcha, comemorar o dia 20 de setembro lembrando a Revolução Farroupilha e seus personagens, bem como cultivar os símbolos estaduais, principalmente a bandeira do RS, o mês de setembro de 1947, ficou registrado na história do RS, no dia 05 de setembro deste ano, um grupo de jovens saíram

pelas ruas de Porto Alegre, pilchados e a cavalo, Paixão Côrtes e mais sete cavaleiros, conhecido como o Grupo dos oito, e na meia noite do dia 07 de setembro, para o dia 08, antes que se apagasse o fogo da Pátria, Paixão Côrtes juntamente com Cyro Dutra Ferreira, e mais um grupo de Estudantes do Colégio Julinho de Porto Alegre acende um candeeiro, que foi a Primeira chama crioula do RS. Este é o marco do Tradicionalismo no RS.

Os Precusores do Tradicionalismo Gaúcho

Esse fato de 1947, desencadeou a criação do Movimento Tradicionalista do RS, mas antes de 1947, tivemos algumas pessoas, e alguns fatos que já tinham essas preocupações de preservar as tradições gaúchas, seus usos e costumes, e a identidade do povo gaúcho.

1852 – Primeira pesquisa sobre o Folclore feita por Antônio Alvares Ferreira Coruja.

1857 – Intelectuais Gaúchos, entre eles Antônio Coruja, fundam no RJ, a entidade Tradicionalista. Sociedade sul-riograndense.

1868 – Poetas, escritores e intelectuais Gaúchos, fundam o Partenon Literário em Porto Alegre.

1894 - Funda-se em Montevideu Sociedade La Criolla, entidade Tradicionalista.

1898 - João Cezimbra Jacques, funda em Porto Alegre a primeira entidade tradicionalista do RS, o Grêmio Gaúcho, por esse pioneirismo João Cezimbra Jacques é o Patrono do Tradicionalismo no RS

1899 - Escritor João Simões Lopes Neto funda em Pelotas a União Gaúcha.

Tivemos outras entidades fundada em Bagé, Santa Maria, Lomba Grande em Novo Hamburgo, Ijuí e outras cidades. Isto é uma pequena mostra de alguns personagens e fatos de pessoas que estavam preocupadas em preservar a tradição gaúcha.

Fizemos um pequeno apanhado resumidamente desta trajetória histórica, que foi construindo o Tradicionalismo no RS. Agora vamos falar propriamente da música tradicionalista do RS.

Música tradicionalista do RS

Diante deste contexto histórico, não temos como determinar uma data, nem como explicar a origem da música tradicionalista gaúcha, podemos até dizer que ela sempre existiu, isso é quase impossível de afirmar, o que podemos ter conhecimento, são os registros principalmente fonográficos, que vão nos proporcionar as datas das gravações, e estes são os marcos históricos da música tradicionalista e do folclore gaúcho. um dos primeiros registros de gravação é de Moisés Mondadori em 1914, gravação pela casa Electrica de Porto Alegre, onde Ele gravou boi barroso, recolhido do folclore gaúcho, Moisés Mondadori que é de Ipê RS

Se o ano de 1947 foi a consolidação do Tradicionalismo no RS, é importante mencionar um fato narrado pelo próprio Paixão Côrtes, em uma de suas palestras no 1º Simpósio Internacional das Tradições Gaúchas em outubro de 1997, na Universidade de Caxias do Sul. Com a criação do primeiro CTG do Rio Grande do Sul em 1948, o “35 CTG” de Porto Alegre, Paixão Côrtes recebeu um convite da Sociedade La Criolla de Montevideú, para irem no Uruguai fazerem uma apresentação de música e danças gaúchas e demais manifestações culturais folclóricas da Cultura Gaúcha.

Paixão Côrtes, sempre entusiasmado, podemos até dizer eufórico, procura Barbosa Lessa para comunicar do convite, e os dois após a conversa, Paixão chega a um conclusão e comenta, Lessa nós vamos se apresentar no Uruguai, mas nós não temos música gaúcha, nós não temos danças gaúchas, mas nós vamos, o que existia de gravações conhecidas em disco era muito pouco, era a gravação de Moisés Mondadori, e a gravação de Pedro Raimundo de 1943, onde a música Adeus Mariana já fazia sucesso no Brasil.

Acredito que esse fato foi decisivo e motivador para Paixão

Côrtes e Barbosa Lessa desencadearem toda a pesquisa folclórica que existe no RS, se não fossem esses dois líderes, talvez o Rio Grande do Sul, não teria essa riqueza cultural, e essa Identidade do povo gaúcho, até poderia ter sido feita por outros, mas foram por Eles, certamente, tiveram apoio de outras pessoas, pesquisadores, que contribuíram para essa obra.

Os imortais da música tradicionalista gaúcha

Falar propriamente da música tradicionalista no RS, tivemos e temos inúmeros artistas, compositores, cantores, intérpretes e músicos, não tenho como mencionar o nome de todos, mas nem por isso, os artistas que aqui não forem mencionados deixarão de serem importantes para a cultura gaúcha, quem sabe em outro trabalho possa enumerar esses artistas.

Os artistas tradicionalistas gaúchos, cantam os valores da tradição gaúcha, como os usos e costumes do homem do campo, o respeito, a honestidade, a hospitalidade, a religiosidade, a culinária, a indumentária, o amor a terra onde nasceram, enfim todas as expressões da arte gauchesca, tudo isso para cultuar e divulgar a tradição do Gaúcho, resgatando e preservando os valores do passado, mantendo vivos no presente, e projetando para o futuro, os valores de uma tradição são eternos, só assim a tradição passa de geração a geração, evoluindo sem perder sua essência.

Neste texto vou destacar apenas 05 artistas que se immortalizaram com suas obras, mas como já comentei anteriormente, existem inúmeros artistas atualmente divulgando a música tradicionalista gaúcha. Vou destacar esses cinco, onde comentarei na sequência a importância da Obra deles para a Cultura Gaúcha, e seus exemplos de Vida como fonte de inspiração. Os 05 imortais que comentarei são Pedro Raimundo, Os Irmãos Bertussi, Teixeira, Gildo de Freitas e José Mendes.

Pedro Raimundo: pioneiro na divulgação da música tradicionalista no Brasil

Atualmente é muito grande a quantidade de artistas gaúchos que divulgam a cultura gaúcha, mas Pedro Raimundo foi o pioneiro na divulgação da música tradicionalista gaúcha no Brasil, alcançou grande sucesso a partir de 1943, com a gravação da música “Adeus Mariana”.

Vamos conhecer alguns tópicos resumidamente da história de Pedro Raimundo, sua contribuição, sua importância, para a Identidade Cultural do Gaúcho. Pedro Raimundo nasceu em 29 de junho 1906, em Imaruí, dia de São Pedro, órfão de Mãe desde os 07 anos, passou a infância em Imaruí, onde dividia seu tempo com a sanfona que ganhou do seu pai aos 08 anos, e com o ofício de pescador que ajudava seu Pai no sustento da família.

Na sua juventude já animava festas familiares, e em busca de melhores condições muda-se para Laguna, e trabalha como oleiro, balconista e mineiro. Em 1925 com 19 anos vai trabalhar numa estrada de ferro em Lauro Müller, em um acidente de trabalho perde o polegar direito, por isso mais tarde mandou confeccionar uma sanfona especial, gaita cromática adaptada para suprir a falta do seu polegar. Esta gaita está no museu Anita Garibaldi em Laguna SC.

Em 1929, casado, muda-se para Porto Alegre, trabalha como condutor de bonde, e tocava no mercado público da Capital Gaúcha, não demorou muito para perceberem o talento dele, Pedro Raimundo que já tinha tomado gosto pela Cultura Gaúcha, foi contratado para trabalhar na rádio farroupilha, se tornando o Gaúcho Alegre do Rádio. Em 1943, foi para o Rio de Janeiro, pilchado, com bombacha, lenço, chapéu, guaiaca, bota e espora, e gravou o disco com a música “Adeus Mariana”.

Presidente Getúlio Vargas vê Pedro Raimundo cantando, e convida para cantar em sua fazenda em São Borja, e reforça seus contatos com as emissoras do RJ, a partir daí trabalha em rádios, elenco de teatros, fez tanto sucesso que em 1948 foi convidado

para atuar no filme Uma luz na estrada, esse ano passa trabalhar na rádio Tupy, em 1949, viaja por diversos estados brasileiros, Amazonas, pela região Sudeste, pelo Nordeste, Foi Ele que levou a música tradicionalista Gaúcha para todo o Brasil. Seu sucesso foi o que influenciou Luiz Gonzaga a se vestir de nordestino, em um dos seus encontros, Luiz Gonzaga fala para Pedro Raimundo: Você é o representante dos Gaúchos, e “Eu vou ser o representante dos nordestinos” até então Luiz Gonzaga não se vestia tipicamente como nordestino.

1958 - Pedro Raimundo participa do Filme Nobreza Gaúcha

1959 - Com 60 discos 70 rpm gravados, seu polegar volta a ter complicações, faz uma cirurgia e se afasta dos palcos

1960 - A Gravadora Continental lança o disco Adeus Mariana em L.P.

1973 - no dia 09 de julho morre no RJ,

O Gaúcho Alegre do rádio nasceu em SC, e foi pioneiro na divulgação da Cultura Gaúcha no RS e no Brasil. Segundo Paixão Côrtes “Gaúcho é um estado de espírito”. Segundo Antônio Augusto Fagundes “Gaúcho, é quem vivencia a Cultura Gaúcha, independentemente do local onde nasceu”.

Irmãos Bertussi: revolucionários na música tradicionalista gaúcha

Muitos de nós Gaúchos, não temos noção da dimensão e da importância da obra dos Irmãos Bertussi para a música tradicionalista gaúcha. Podemos afirmar que os Irmãos Bertussi, revolucionaram, inovaram a música tradicionalista gaúcha, criando um estilo próprio, fazendo disso “Escola Irmãos Bertussi.” Nos anos 40 e 50, o que existia era a música de folclore, e músicas de duplas sertanejas que eram tocadas pelas potentes emissoras de rádios de SP e RJ, e aqui no Rio Grande do Sul, a dupla Irmãos Bertussi, fizeram as inovações na parte musical

A dupla Os Irmãos Bertussi formada por Honeide nasceu em 20 de fevereiro de 1923 e Adelar nasceu em 15 de fevereiro de 1933. Descendentes de Italianos, de família de músicos, Seu João Bertussi avô da dupla veio da Itália, o pai Fioravante Bertussi comerciante casado com Juvelina, era músico clarinetista, foi regente da banda, colocou os filhos a estudarem teoria musical.

O começo da trajetória de sucesso, inicialmente, com Honeyde Bertussi, dez anos mais velho que o Adelar, Fioravante como era músico, tinha atividades em grupos musicais e bandas, sempre incentivou seus filhos a estudarem música. Em 1942, ocasião que houve uma festa em São Jorge da Mulada, Curiúva na época pertencia a São Francisco de Paula, no mês de maio deu uma chuva muito forte, e a banda que ia tocar a festa, não conseguiu atravessar o arroio da mulada. E Honeyde com 19 anos, e que tinha adquirido uma gaita a menos de dois meses, juntamente com seu irmão Valmor com um chocalho improvisado, foram tocar esse baile a partir desta ocasião começaram a animar festas e bailes.

Em 1943 Honeyde compôs a música Cancioneiro das Coxilhas, em 1947 Adelar Bertussi com 14 anos começa acompanhar Honeyde Bertussi, em 1948, Honeyde estreia programa na Rádio Caxias em, Caxias do Sul, ficando no ar por 42 anos, neste mesmo ano Honeyde adoece, e Adelar seu Irmão com 15 anos assume os compromissos já agendados de Honeyde de animar festas e bailes. Em 1949 é batizado a dupla com o nome Os Irmãos Bertussi. Em 1951, foram a SP, na tentativa de gravar um disco, mas tentativa sem sucesso, em 1953 voltam a SP, mais uma tentativa sem êxito e em 1954 voltam a SP, e também não conseguem gravar, mas não desistem do objetivo de gravarem um disco. Em 1955, com três tentativas fracassadas em SP, este ano decidem ir para o RJ, depois de muita persistência conseguem gravar o primeiro disco, Coração Gaúcho, onde gravam a música “Cancioneiro das Coxilhas” composta por Honeyde em 1943. Este ano ficou na história da dupla e da cultura gaúcha, a Dupla Irmãos Bertussi se torna conhecida em todo o território brasileiro, Honeide e Adelar neste ano ficam trabalhando no RJ, Adelar em Rádio, e Honeyde

em Academia de música com o Professor Mascarenhas. A dupla em sua trajetória gravou 09 discos com sucesso

Em 1963, a dupla grava o último LP. Em 1965, a Dupla faz o último show, na Festa Nacional da uva em Caxias do Sul. A partir deste ano Honeyde e Adelar passam a trabalhar individualmente, cada um com seu próprio grupo, Honeyde Bertussi começou a trabalhar com seu Filho Daltro Bertussi, depois trabalhou com Paulo Siqueira, Acioly Machado e por fim com Oscar dos Reis, com as gravações da dupla, e depois com as regravações, e com sua carreira solo, em uma entrevista em 1991, Honeyde relata que já tinha 26 discos gravados. Adelar com mais de 70 anos de carreira, entre LPs e CDs, gravou mais de 50 discos, realizou mais de 6.000 apresentações, Adelar Bertussi, participou de outros grupos “Os Cobras do Teclado” fazendo dupla com Itajaíba Mattana, grupo “Os Reis do Fandango” e grupo “Coração Gaúcho”, e finalmente “Os Bertussi”, onde seu filho Gilnei Bertussi assumiu a liderança e continua atualmente levando o nome Os Bertussi.

É muito difícil em pouco espaço dimensionar a obra da Dupla Irmãos Bertussi, mas vou resumir aqui em poucas palavras, digo que Eles foram revolucionários na música tradicionalista gaúcha, podemos dizer em termos principalmente de grupos musicais, Conjuntos para tocar bailes, a história começou com os Bertussi, Eles foram quem introduziram a dupla de gaitas para animar os bailes, até então os bailes eram animado por gaita violão e pandeiro, eles foram os pioneiros em colocar bateria no grupo, instrumento até então usadas só por bandas de jazz, Eles são os Pioneiros, por isso se chama escola “Bertussi,” todos os grupos de músicas tradicionalistas gaúcha do RS, tiveram inspiração nos Bertussi da Criúva, após Eles desencadeou os Serranos em Bom Jesus, Os Mirins em São Francisco de Paula, Os Monarcas que são de Soledade radicados em Erechim e mais tarde Porca Vêia que foi grande seguidor dos Bertussi, mencionei apenas estes grupos, mas todos os grupos sabem da importância do Pioneirismo dos Bertussi para Música Tradicionalista Gaúcha, e para a consolidação da Identidade Cultural do Gaúcho.

Honeyde faleceu em 04 de janeiro de 1996.

Adelar faleceu em 30 de setembro de 2017.

Teixeirinha: um recordista de vendas de discos no Brasil

Como falei, escrever sobre esses artistas mencionados é um desafio e resumir a vida e abra deles em poucas palavras é uma tarefa nada fácil, mas com certeza gratificante, com este pequeno ensaio acredito que atingi o objetivo, que é transmitir principalmente para a juventude, o grande exemplo de vida de persistência, e que Eles foram vencedores como artistas, e que sirva de inspiração, e que todos podem serem vencedores na profissão que escolherem, com dedicação ao trabalho e sendo um homem de bem, certamente serão vencedores em suas vidas.

Sobre Teixeirinha (Vitor Mateus Teixeira), podemos destacar sobre o recorde de vendagens de discos no Brasil, atualmente Teixeirinha está entre os artistas que mais venderam discos no Brasil. Em 1983, Teixeirinha estava com 18 milhões de discos vendidos, com 72 LPs gravados, com 1.200 composições escritas, e com mais de 800 músicas gravadas e participação em 12 filmes. Será muito difícil enumerar todas as gravações de Teixeirinha, mas assim de memória lembramos de Querência Amada. Tordilho Negro, Tropeiro Velho, Velho Casarão, e a consagrada e mais famosa Coração de Luto.

Teixeirinha nasceu em 03 de março de 1927, em Rolante, mas foi Passo Fundo quem o projetou no cenário da música, Teixeirinha ficou órfão de Pai com 06 anos, e com 09 anos viu sua Mãe morrer queimada no fogo, ficando órfão de Pai e de Mãe, a partir daí saiu pelo mundo, sem rumo e sem família, viveu em Porto Alegre como menor abandonado, dormia nas praças embaixo das árvores, embaixo de pontes, contava que seu local preferido para dormir era dentro de um cano de cimento perto do Guaíba, foi com 14 anos que fez seu registro de nascimento. Trabalhou em vários ofícios entre eles foi operador de máquinas pesadas em

construção de estradas

Teixeirinha em 1959 gravou dois compactos, em 1960 gravou mais dois compactos, onde gravou a música Coração de Luto, a qual o tornou conhecido em todo o Brasil, sua música mais famosa. Teixeira, sem sombra de dúvidas, deixou uma grande contribuição para a música tradicionalista gaúcha, e seu exemplo de vencedor que deve inspirar muitas pessoas.

Teixeirinha faleceu em 04 de dezembro de 1985, o maior vendedor de discos da história do Rio Grande do Sul.

Gildo de Freitas: o rei dos trovadores

O tema deste ensaio é a música tradicionalista gaúcha, mas não podemos deixar de mencionar e destacar a obra de Gildo de Freitas, que nos anos 50 foi destaque como sendo um dos melhores trovadores do Rio Grande do Sul, e a trova também é uma expressão da arte na cultura gaúcha.

Gildo de Freitas nasceu em 19 de junho de 1919, no Passo D'areia, em Porto Alegre, com 08 anos já começa a trovar e começa tocar na gaita do seu Irmão. Em 1931, com 12 anos, saiu de casa escondido, foi pedir serviço numa cancha de carreira, acabou cativando o pessoal ao demonstrar seu talento na trova, dias depois a família encontra e o levam de volta para casa.

Em 1935, com 16 anos já é conhecido como trovador, mas seu grande talento era repentista, fazia versos para diversos temas como: os animais, a natureza, a vida campeira, o sobrenatural, as paixões, a filosofia popular, os vícios, a religião, a música, a política, o destino, os dramas sociais, enfim Gildo fazia versos para qualquer assunto, podemos dizer que era um gênio no repente e na trova.

Em 1937, com 18 anos, não se apresentou quando convocado para o serviço militar, acabou preso por ser considerado desertor. Na sua juventude teve uma experiência muito triste em um bar, num entrevero com a polícia, acabou morrendo seu amigo Octavio, Gildo sempre foi um homem bom, mas a partir desse fato

Gildo acabou criando antipatia pela polícia, acabou sendo preso outras vezes, Gildo dizia que não podia ver injustiças por perto, que já saía em defesa dos mais fracos.

Nos anos 50 se consagra como trovador no Rio Grande do Sul, onde trovava com trovadores de renome como: Luiz Müller, Genésio Barreto, Garoto de Ouro, Antoninho Silva, Portela Delavy e Tereco.

Em 1953, começou a se apresentar ao vivo nos programas de rádio, conheceu Teixeira e fizeram muitas apresentações juntos. 1956 Gildo de Freitas, torna-se uma atração no Programa “Grande Rodeio Coringa” aos domingos a noite na rádio farroupilha, apresentado por Luiz Menezes e Darcy Fagundes. Em 1964, Gildo de Freitas grava seu primeiro disco. O Trovador dos Pampas, com destaque para a música A história dos passarinhos.

Gildo de Freitas sempre gostou de política, conheceu e ficou amigo do Presidente Getúlio Vargas, Brizola, Pasqualini, onde sempre participou das campanhas desses trabalhadores por convicção e não por dinheiro.

Na sua carreira gravou 17 discos, com regravações e coletâneas ele gravou 26 LPs. A história de Gildo de Freitas e Teixeira, há muitos comentários, alguns dizem que era uma briga artística de verdade, outros afirmam que era uma combinação entre os dois, para os dois venderem discos.

Gildo de Freitas gravou outras músicas que se tornaram destaque no seu repertório como, Reconheço que sou um grosso, e Definição do grito entre tantas outras. Gildo de Freitas faleceu em 04 de dezembro de 1983.

José Mendes: recordista de bilheteria no cinema nos anos 60

Quando se fala de José Mendes, algumas pessoas não conhecem, não lembram, mas quando se fala em Para Pedro, imediatamente muitas pessoas lembram da música e do filme. José Mendes se tornou conhecido internacionalmente com sua música

Para Pedro, gravada em 1967.

O sucesso de Pára Pedro foi tanto que nos anos 70, José Mendes foi convidado por Martinho da Vila para ser destaque da escola de samba Unidos da Vila Isabel no Rio de Janeiro. José Mendes ocupa a imprensa nacional, sendo destaque da revista *cruzeiro*, *sétimo céu*, *contigo*, *Programa Flávio Cavalcanti*, *Programa do Chacrinha*,

Com o sucesso da música Pára Pedro, José Mendes em 1969 foi convidado pela Leopoldis-Som, para ser o artista principal do filme *Para Pedro*, primeiro filme colorido produzido no RS, filme que teve como cenário principalmente as ruas do centro de Vacaria, a praça central de Muitos Capões, e os cânions de Itaimbezinho, esse filme bateu todos os recordes de bilheteria no seu lançamento no RS, e diversos estados brasileiros.

A nível internacional nos anos 70, José Mendes juntamente com Altamar Dutra, foram os artistas estrangeiros que mais venderam discos em Portugal. Conhecemos um pouco do sucesso de José Mendes, mas sua trajetória para chegar ao sucesso foi com muita dificuldade e superação.

José Mendes nasceu em 20/04/39, em Machadinho na época distrito de Lagoa Vermelha, com 05 anos com a separação dos seus pais, passa a ser criado por pais adotivos em Santa Terezinha Esmeralda, na época distrito de Vacaria.

De 1944 a 1957, viveu em Santa Terezinha, onde teve os primeiros contatos com a música, onde fez sua primeira dupla com João Papagaio, levava uma vida de Peão de Estância, como relata na música “Minha Biografia”. Seu Pai adotivo era muito rígido, não o incentivava no sonho de ser cantor.

José Mendes, em 1958, ingressou no serviço militar em Vacaria, e nesse tempo faz novas amizades, e o sonho de ser artista começa a ser mais forte, começa a tocar no quartel.

Em 1959, saiu do quartel, e fez um trio com Dinarte Silva e Florentino, mais tarde com Herculano dos Reis e Florentino. Em 1962, decide gravar um disco, convida seus amigos para irem juntos

para SP, mas ninguém acreditou acabou indo sozinho, para fazer essa viagem, teve que arrumar dinheiro emprestado em Esmeralda com o Senhor Irineu Nery da Luz. Dona Tereza esposa do fotógrafo Camilo em Vacaria, relatou em entrevista que José Mendes ao se despedir, chorava, e falou a seguinte frase, a Senhora não tenha pressa com minha volta, por que o dinheiro que tenho, só dá para ida, mas só sei que volto de lá quando tiver o disco gravado.

José Mendes não conhecia SP, não tinha ninguém conhecido, chegando lá, inicialmente dormia nos bancos da rodoviária, comia pão e banana, depois procurou as rádios, conheceu e fez amizade com Pedro Bento e Zé da Estrada, Zilo e Zalo, Tonico e Tinoco, começou a trabalhar e tocar em circos, descobriu a gravadora e gravou o seu tão sonhado disco em 1962 Gaúcho Seresteiro, com destaque para a música Roubai a Fazendeira, a qual pensava que ia fazer sucesso.

De 1962 a 1967, ficou divulgando o disco no RS, SC e PR, mas o disco não fez sucesso, em 1967 decide morar em Porto Alegre, onde só tinha um conhecido Paulo Finger amigo de Vacaria, que trabalhava em um edifício no Centro de Porto Alegre, o qual deixava José Mendes dormir dentro dos automóveis na garagem do prédio.

José Mendes começou a viajar em caravanas artísticas pelo RS, em 1967 juntamente com Portela Delavy, compõem a música Para Pedro, e Ele decide novamente voltar a SP, para gravar seu segundo LP, e mais uma vez foi sozinho, poucos acreditavam, pois já havia fracassado no primeiro disco, mas Ele acreditou e foi para a sua segunda tentativa.

José Mendes grava o Para Pedro em 1967, registros da imprensa da época relatam que o disco Para Pedro vendeu 600.000 cópias em seu lançamento, certamente no decorrer do tempo esse disco ultrapassa um milhão de discos vendidos.

Sua carreira artística foi curta, foi interrompida em um acidente de carro no dia 15 de fevereiro de 1974, gravou 07 discos, e mais um que foi lançado após sua morte, foi o artista principal em

03 filmes de longa-metragem. Além de Para Pedro, outras músicas fizeram sucesso como; Vá embora tristeza, Não Aperta Aparício, Prece, Rodeio de Vacaria, Minha Biografia, e muitas outras. Essa é a história do menino pobre Peão de Estância, que saiu do anonimato de Esmeralda, para ser famoso em todo o Brasil.

Considerando, as leituras que fiz sobre os personagens mencionados, e algumas entrevistas que escutei, posso afirmar da grande contribuição que Eles deixaram para a Cultura Gaúcha, mas além disso é necessário mencionar e destacar o exemplo de vida de cada um, que podemos constatar na trajetória que tiveram para alcançar o sucesso profissional, com muitos desafios e dificuldades, mas com superação, dedicação, resiliência, e muito trabalho atingiram suas metas, que esses exemplos de vida sirvam de inspiração para todos aqueles que sonham e trabalham para concretizar suas aspirações.

A MÚSICA GAÚCHA: TRADIÇÃO E INFLUÊNCIA FAMILIAR

Adriana Aparecida de Almeida Marcolin¹

Jean Lucas Borges Barbosa²

Josiane Borges Barbosa³

Rodrigo de Faria Barbosa⁴

Letícia de Lemos Perin⁵

A tradição gaúcha esteve sempre presente na Família Barbosa. Com a forte influência dos pais, a música gaúcha foi vivenciada desde a infância de Jean Lucas. E, como uma família tradicionalista gaúcha valoriza muito a hospitalidade, Jean Lucas, Isabelly Victória⁶, Josiane e Rodrigo, filhos e pais, respectivamente, abrem as portas de sua casa e compartilham narrativas da trajetória de Jean Lucas, instrumentista musical que se orgulha da cultura e tradições gaúchas.

Assim, estendemos o convite a você leitor, para que seja bem-vindo a esta prosa, onde abordaremos a importância da música como expressão cultural dentro da cultura gaúcha, sua relação com as raízes e identidade regional, bem como seu impacto no âmbito familiar. Por meio das narrativas e subsídios documentais da família Barbosa, integralmente envolvida na música gaúcha, construímos o texto em várias mãos. Por conseguinte, examinamos como essa tradição tem sido transmitida de geração em geração,

1 Doutora e Mestra em Educação. Licenciada em Pedagogia e Letras. Pesquisadora.

2 Instrumentista musical.

3 Especialista em Supervisão, Orientação e Inspeção Escolar; Especialista em Gestão Escolar. Licenciada em Pedagogia.

4 Instrumentista musical.

5 Especialista em Docência na Educação Básica. Licenciada em Educação Física e Pedagogia. Pesquisadora.

6 Isabelly Victória Borges Barbosa – Irmã de Jean Lucas. 11 anos

desempenhando um papel significativo na formação e no fortalecimento dos laços familiares.

Destacamos ainda, a importância do aprendizado musical dentro da família, o valor emocional e a conexão que a música gaúcha proporciona entre diferentes gerações. Além disso, avaliamos a influência das letras e melodias gaúchas na construção de valores e tradições familiares.

Para compreender como a tradição da música gaúcha teve influência na família, faz-se saber que Rodrigo e Josiane dançavam no Centro de Tradições Gaúchas (CTG) desde crianças. Sempre estiveram presentes na música e na dança. Rodrigo toca gaita, violão, violino, teclado, estando sempre envolvido no CTG, desde criança. Ainda, a mãe de Rodrigo, a Sra. Irene de Faria Barbosa (avó do Jean Lucas e da Isabelly Victória), foi coordenadora artística do CTG Querência do Socorro, por 24 anos. Por sua vez, os avós de Josiane (bisavós de Jean Lucas) eram gaiteiros, tendo portanto, toda a família, materna e paterna, vivenciado o movimento tradicionalista gaúcho.

Toda a história de amor à tradição começou bem antes do nascimento de Jean Lucas. E sobre isso, vamos destacar que os pais de Jean participavam da apresentação de invernada de dança, em rodeio, no município de Lages, SC, no dia em que Jean Lucas nasceu. Enquanto dançavam, Josiane já sentia as contrações anunciando a chegada do primogênito. Rodrigo era instrutor de dança e o gaiteiro, representando o CTG Querência do Socorro. Podemos imaginar que por muito pouco, Jean Lucas não nasceu no rodeio.

Estando sempre dentro do CTG e envolvidos com a dança e a música, Jean Lucas tomou gosto pela tradição gaúcha e isso contribuiu fortemente para a formação dos valores constituídos em família, assim como, o fortalecimento dos laços familiares.

Jean Lucas, bebê, vestindo a indumentária gaúcha



Fonte: Arquivo da Família Barbosa

Destacamos a importância do aprendizado musical dentro da família, o valor emocional e a conexão que a música gaúcha proporciona entre diferentes gerações. A principal influência para Jean Lucas foi a família, por meio do exemplo. Josiane complementa

[...] educamos pelo exemplo, tudo o que vivenciamos, vemos dos pais, irmãos, avós, as pessoas que fazem parte da família, influenciam direta ou indiretamente na vida do ser humano, e assim é na família. Quando falo em família, somos eu, a Belly, o Jean e o Rodrigo. Temos muito envolvimento com a música e a dança gaúcha.

Jean Lucas acredita que a música gaúcha pode desempenhar um papel importante na perpetuação da cultura e identidade regional e, também, transmitir valores e tradições às gerações futuras, assim como seus bisavós, avós e pais fizeram com ele. Com este sentimento de amor à tradição, preservando os valores em família, a música Guri de João Batista Machado e Julio Machado da Silva Filho, e a música Mãe Campeira de Sandro Coelho, representam de forma significativa o balaústre à tradição, apoiados no sonho de um guri e na força dos pais.

Guri

Composição: João Batista Machado/

Julio Machado Da Silva Filho

Das roupas velhas do pai queria que a mãe fizesse
Uma mala de garupa, uma bombacha e me desse
Queria boinas, alpargatas e um cachorro companheiro
Pra me ajudar a botar as vacas no meu petiço sogueiro
Hei de ter uma tabuada e o meu livro queres ler
Vou aprender a fazer contas e um bilhete escrever
Pra que a filha do seu Bento saiba que é meu bem-querer
E se não for por escrito eu não me animo a dizer
Quero gaita de oito baixos pra ver o ronco que sai
Bota feitiço do Alegrete e esporas do Ibirocaí
Lenço vermelho e guaiaca compradas lá no Uruguai
Pra que digam quando eu passe: Saiu igualzito ao pai!
E se Deus não achar muito tanta coisa que eu pedi
Não deixe que eu me separe deste rancho onde eu nasci
Nem me desperte tão cedo do meu sonho de guri
E de lambuja permita que eu nunca saia daqui
E de lambuja permita que eu nunca saia daqui

Mãe Campeira

Composição: Sandro Coelho

Teus brancos cabelos, que o tempo cobriu
Com a prata parida de amor a teus filhos
Saudades do velho que cedo partiu
Ficastes sozinha seguiste teu trilho
Se filhos criados, trabalhos dobrados
Te fazem pensar que o amor não cansou
Seguido te vejo, com olhos molhados
Olhando este homem, que um dia embalou

Descansa mãe velha te senta ao meu lado
Que o mate está quente e o teu coração
São brasas ardentes fiquemos calados
Desfruta esta voz segure em tuas mãos

Por este me esqueço de tudo falar
É porque a vida me fez já tão quieto
Mas quando no berço enxergo meus piás
Aquece meu peito teus grandes afetos

E este teu filho que em teu seio cresceu
Conhece o amor o mundo e a rua
E já se fez pai sabendo amar os seus
E agora adormece em teu colo

Descansa mãe velha te senta ao meu lado
Que o mate está quente e o teu coração
São brasas ardentes fiquemos calados
Desfruta esta voz segure em tuas mãos

Descansa mãe velha te senta ao meu lado
Que o mate está quente e o teu coração
São brasas ardentes fiquemos calados
Desfruta esta voz segure em tuas mãos

Descansa mãe velha te senta ao meu lado
Que o mate está quente e o teu coração
São brasas ardentes fiquemos calados

Desfruta esta voz segure em tuas mãos, em tuas mãos
Em tuas mãos, em tuas mãos

Estas referências musicais são evidências de como a música promove um impacto emocional na família. De certa forma, as músicas trazem à tona lembranças, memórias. Ouvindo uma interpretação é possível pensar na música que os avós e bisavós tocavam, que gostavam, que o pai tocava, música que hoje eu, o filho, toco, são momentos que marcam, assim como a dança. Isso traz um impacto emocional muito grande. Josiane fala “[...] me emociono de ver ele (Jean Lucas) tocando, está ali cultivando

uma tradição que a família sempre esteve envolvida.” Além disso, a música aproxima as pessoas e promove o fortalecimento dos laços familiares, já que a família está sempre junto, seja nos ensaios ou apresentações. A família sempre acompanha.

Geralmente a primeira imagem que os filhos têm como referência na vida criança é a família. Depois, a escola, por meio dos professores. A identidade se constitui pelos exemplos e caminhos que mostramos. Segundo Agostini (2005, p. 36) “os bens simbólicos de uma coletividade [...] acabam por constituir elementos de sua própria tradição, visto que serão preservados e transmitidos às futuras gerações”. Exemplo disso, é um dos costumes da tradição gaúcha ensinados a Jean Lucas muito cedo. Cavalgar. Andava a cavalo, muito bem.

Jean Lucas, desfilando a cavalo.



Fonte: Arquivo da Família Barbosa.

Desta forma, concebemos que a vida é um legado, passado de geração para geração. Na tradição gaúcha esse legado é ainda mais evidente, pois famílias se formam dentro de CTGs, criam seus filhos nesse ambiente e assim o amor às tradições são seguidas, cultivadas e enraizadas profundamente no alicerce de suas casas.

Jean Lucas, no palco de danças do 33º Rodeio Crioulo Internacional de Vacaria



Fonte: Arquivo da Família Barbosa.

Com Jean, não foi diferente. Seu pai, instrumentista e instrutor de dança tradicionalista gaúcha, que junto à sua mãe, por vários anos, fizeram parte de invernadas no CTG. Foi durante os ensaios que o menino, ainda bem pequeno, foi tomando gosto e sendo influenciado pelo seu pai a aprender o instrumento.

Começou a dançar em CTG, aos 5 anos de idade. No mesmo período tinha o desejo de tocar violão. No entanto, como era pré-requisito ler e escrever, acabou declinando para a gaita.

Assim, a gaita, instrumento que integrou a vida de Jean Lucas, por influência da família, física e culturalmente, está atrelada aos espaços dos CTGs, aos braços, aos dedos e aos ouvidos. Sua primeira gaita piano foi presente da Vó Terezinha, assim chamada por todos. Contudo, vó Terezinha, personalidade de referência no município, era bisavó de Jean Lucas e Isabelly Victória. Conhecida como benzedeira, muito requisitada pelas pessoas com suas crenças balizadas na cultura da tradição gaúcha. Destarte a isso, Agostini (2005, p.39) afirma

[...] cultura refere-se à complexidade de comportamentos, crenças, instituições e outros valores que são cultivados e transmitidos por um grupo social através do tempo. Nesse estágio, a cultura está associada à tradição, ou seja, à manutenção de antigos valores.

Aos 6 anos iniciava aulas de gaita com o Professor Lauvir Siqueira, e, logo, com o Professor Sérgio Barreto, o qual permaneceu sendo seu professor por 10 anos. No início as coisas eram difíceis. Participava nos rodeios, mas às vezes, a gaita roncava, embora tocasse bem. Frente aos desafios e às dificuldades, nunca desistiu. A família fazia economias e os instrumentos eram substituídos por outros melhores. Um familiar dava o instrumento, outro familiar, a indumentária, e assim Jean Lucas sempre perseverou no seu propósito com a música.

Jean Lucas, criança tocando gaita.



Fonte: Arquivo da Família Barbosa

Neste contexto, frente ao estímulo da família e a participação no CTG, Jean Lucas logrou êxito ao participar de alguns concursos: 2º lugar Monte Alegre dos Campos (2015); 1º lugar no RCNAT (2016); 3º Lugar no CTG Sinuelo das Coxilhas/Espumoso (2016); 2º lugar no CTG Vale da Amizade/Turvo (2016); 2º lugar no CTG Sinuelo das Coxilhas/Espumoso (2017).

Troféu de 1º lugar do REC NAT
(2016)



Jean Lucas, após receber o troféu
2º lugar Gaita em Espumoso (2017)



Arquivo da Família Barbosa

1º Lugar Gaita Piano Mirim – 31º Rodeio Crioulo Internacional de Vacaria
(2016)



Fonte: Arquivo da Família Barbosa

Apresentação em Rodeio



Fonte: Arquivo da Família Barbosa

Face a isto, verificamos que o olhar da família sempre esteve voltado à musicalidade e à tradição perpassada. Agostini (2005, p. 61) complementa ao afirmar que “a tradição é uma espécie de elaboração, uma concepção atual (e constantemente re-atualizada) que se faz de um determinado passado”, reafirmando a fala de Jean Lucas, em conversa transcrita:

Tenho hoje 18 anos e comecei a tocar gaita aos 6 anos de

idade, por incentivo de meu pai que também é gaiteiro. Na minha família a minha bisavô e o meu bisavô, por parte de mãe, também eram gaiteiros. Então, posso concluir que a música está no meu sangue e vem de berço.

Jean Lucas traz a música como tradição e tem no sangue o desejo de perpetuar essa história.

Jean Lucas, com sua gaita Pampiana (18 anos)



Fonte: Arquivo da Família Barbosa

Ainda nas andanças e bailes da vida, Jean Lucas explicita parte de sua jornada e revela alguns anseios

Comecei tocando no CTG, meus pais dançavam e eu sempre junto. Participei de rodeios, concursos e apresentações na Semana Farroupilha, tocando gaita, seguindo meu coração. Atualmente toco em *pubs*, aniversários, formaturas juntamente com uma banda, mas meu sonho é tocar em um conjunto tradicionalista.

E no sonho deste jovem instrumentista, um coração
gaiteiro:

Coração de Gaiteiro

Luís Carlos Borges

[...]

Guri que nasce gaiteiro
Não manda no seu destino
Vem ao mundo peregrino
Dos sonhos do pago inteiro

E se ele for mensageiro
Da pampa que nos iguala
Sua canção quando fala
Fala por todo campeiro

O coração de gaiteiro
Aprende tudo de ouvido
Por isso canta sentido
A sina do peão campeiro

[...]

Por culpa desta cordeona
Que me dá vida e me mata
Já tá na capa da gaita
O coração do gaiteiro

pago sem um gaiteiro
É um mato sem passarada
É noite sem madrugada
É rancho sem candieiro

Por isso todo gaiteiro
Repona sua existência
Levando a voz da querência
Como se fosse um tropeiro

[...]

Composição: Luiz Carlos Borges / Mauro Ferreira.

Assim, se faz o futuro da tradição. Seguindo passos e caminhos já desbravados e mantendo acesa a chama da nossa cultura. Neste sentido, Ferraro (2020, p. 12), complementa que “com o tempo a música se consolida como caminho para as transformações discursivas, estéticas e ideológicas do movimento cultural gaúcho”.

Diante do exposto, reflexões sobre a importância da música gaúcha para a cultura e famílias gaúchas trazem o entendimento de que existe uma relação intrínseca entre cultura, identidade regional e laços familiares, demonstrando ainda, que a música pode desempenhar um papel fundamental na preservação e transmissão de valores e tradições dentro de uma comunidade.

Por fim, concluímos que a música gaúcha desempenha um papel importante na perpetuação da cultura e identidade regional, ao mesmo tempo que fortalece os laços familiares e transmite valores e tradições às gerações futuras.

Referências

AGOSTINI, Agostinho Luís. **O pampa na cidade: O imaginário social da música popular gaúcha**. Dissertação (Mestrado em Letras e Cultura Regional) – Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul, p. 195. 2005.

FERRARO, E. H. O conceito “campeiro” na música regional gaúcha: uma reconfiguração da ordem artístico/cultural. **GIS - Gesto, Imagem e Som - Revista de Antropologia**, São Paulo, Brasil, v. 5, n. 1, 2020. DOI: 10.11606/issn.2525-3123.gis.2020.164859. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/gis/article/view/164859>. Acesso em: 7 ago. 2023.

A MÚSICA GAÚCHA PARA ALÉM DOS LIMITES E FRONTEIRAS: SONS, VERSOS E VOZES PARA O MUNDO

Ernesto Vilaverde Fagundes

Adriana Aparecida de Almeida Marcolin

A música gaúcha tem a tradição cultural do Rio Grande do Sul, mas também, tem características e influências para além das fronteiras regionais, tendo se destacado pela capacidade de atravessar limites geográficos, alcançando reconhecimento nacional e até mesmo internacionalmente. Desta forma, abordaremos aqui, as transformações e adaptações que a música gaúcha sofreu ao longo do tempo, bem como as diferentes formas de divulgação que permitiram que ela se difundisse para o mundo.

Para isso, Ernesto Fagundes, traz suas experiências por meio de seus relatos, apresentando as influências recebidas de outros gêneros musicais e culturas, e suas contribuições para a expansão das fronteiras da música gaúcha. Neste sentido, este texto é escrito a partir das narrativas de Ernesto, da análise documental de álbuns, documentários, publicações e imagens, além de uma revisão literária. Com isso, pretendemos compreender a forma pela qual a música gaúcha tem se tornado um fenômeno cultural mais abrangente, sendo interpretada e apreciada por um público diverso que ultrapassa as fronteiras do Rio Grande do Sul.

Contudo, antes de iniciarmos nosso diálogo com você leitor, convido-lhes a juntar-se conosco à hora de mate, prática comum na cultura gaúcha do Rio Grande do Sul e países vizinhos, como a Argentina e o Uruguai. Puxem o banco, peguem a cuia e se aproximem para vivenciar laços, ao som de uma milonga¹:

1 [...] a milonga teria aparecido por volta de 1860, em Buenos Aires, mas já se tratava

A Hora do Mate²

[...]

Nas rédeas parceiro esporeia o cavalo
E adentro nos ranchos nem cusco me late
Só erva da buena para o arremate
Levanta o volume que é hora do mate

É hora do mate
É hora do mate
É hora do mate
Levanta o volume
Que é hora do mate.

(Ernesto Fagundes, Neto Fagundes)

De acordo com Silva (2021, p. 69) as milongas

[...] eram canções com poesias rimadas acompanhadas por violões. Era uma música silábica, ou seja, se fazia uma sílaba por nota, e se destacava pelas suas rimas. No Brasil, a milonga se constituiu em meio a região de fronteira indo de Itaquí (divisa com a Argentina) até Jaguarão (divisa com o Uruguai). (SILVA, 2021, p. 69).

de um gênero existente ou em processo de formação, e teria sido levada pelos gaúchos para o campo dando origem ao nome milonga campera ou pampeana. Esse gênero musical está fundamentalmente associado à figura do gaúcho – tipo de vaqueiro que surgiu no século XVIII na província de Buenos Aires, nordeste argentino, Uruguai e sul do Brasil –, que é conhecido por ser trabalhador do campo [...]. (SILVA, 2021, p. 69).

- 2 Álbum Origens: “A Hora do Mate”, de Ernesto Fagundes e Neto Fagundes. Disponível em <<https://open.spotify.com/track/1GkJzyCaHaaGHISwKtHVCs?si=7BauCKPhRhyDzZBvHfrjOg>>. Acesso em 22 set 2023.

Ao som da milonga e tomando o mate, Ernesto apresenta-se e fala sobre sua influência musical, suas raízes, caminhos percorridos, bagagens e experiências, seu trabalho, sua vida. Ernesto vive as origens e mostra-se um apaixonado pela música, seu bombo leguero, sua família. Uma tríade que o constitui.

Eu sou Ernesto Vilaverde Fagundes, nascido em 1968 e tenho 55 anos de idade. A minha influência musical é latino-americana, tanto que o instrumento que eu toco é o bombo leguero, que é um tambor, meio negro, meio índio, que vem do norte da Argentina, de Santiago del Estero, a mais antiga cidade Argentina, “*la madre de las ciudades*”. Santiago del Estero que é o berço do bombo e o berço também da chacarera, esse ritmo que hoje também a gente escuta muito aqui no sul do Brasil, no nosso Rio Grande do Sul. Então, onde eu já fiz um documentário lá na Argentina. Voltei esse ano agora para a 21ª Marcha dos Bombos, mais de vinte mil tocadores de bombo, de tudo que é lugar, e eu fui o representante do Brasil, o que me honrou muito esse ano na marcha dos bombos. (*informação verbal*)³

Ernesto evidencia em sua fala, a influência musical latino-americana, onde há uma mescla de sonoridades entre o Brasil e os outros países da América⁴, resultantes do atravessamento cultural dos povos de tradições indígenas, africanas, europeias, em seus processos históricos e na formação midiática. Silva (2021, p. 20) destaca:

[...] importante ressaltar que a mescla de sonoridades entre o Brasil e o restante da América Latina, se dá por diversos fatores culturais desde o período da colonização, pois as culturas dos países latino-americanos são resultados das misturas decorrentes do cruzamento de tradições indígenas, ibéricas e europeias em geral, africanas, dos processos históricos e das atuais ações midiáticas. (SILVA, 2021, p. 20).

3 Entrevista concedida por FAGUNDES, Ernesto Vilaverde. Entrevista I. [set. 2023]. Entrevistadora: Adriana Aparecida de Almeida Marcolin. Vacaria, RS, 2023. 1 arquivo.

4 Segundo Silva (2021, p. 32) “o termo América nasce no ano de 1507, com a publicação pelo geógrafo alemão Martin Waldseemüller de um mapa no qual refere-se ao novo mundo como “América”, em homenagem à Américo Vespúcio”.

Por sua vez, Dorigatti (2020, p. 9) reitera esta posição ao afirmar que “dentre as expressões culturais presentes na América Latina, aqui focando na música, identificam-se inúmeras manifestações artísticas em suas tradições, retratando um universo extremamente rico de saberes”. Complementa ainda, que a diversidade do território latino-americano, compõe fluxos culturais híbridos.

Assim como em outros territórios brasileiros, e similarmente em nossos vizinhos Argentina e Uruguai, o Rio Grande do Sul foi constituído a partir de um complexo processo de hibridação cultural, social, étnica, racial etc., que aconteceu (e ainda acontece) em um território coabitado por índios, negros e europeus (posteriormente este espectro é alargado com a presença de asiáticos, entre outros). Evidentemente, esses diferentes povos trouxeram consigo determinadas práticas no campo da música, fossem elas puramente musicais, ou como um elemento para o desenvolvimento de práticas ligadas à religião, a festividades, a danças etc., e os contatos estabelecidos promoveram os mais variados modos de comportamento, costumes, manifestações culturais, religiosas. (ALVARES, 2017, p. 75).

E nesta hibridação coabitada por povos originários, descendentes europeus e negros, Ernesto personifica seu bombo leguero, tambor meio negro, meio índio, que vem do norte da Argentina, também berço da chacarera. Silva (2021, p. 77) conjuga o mesmo pensamento ao referir que “o bombo leguero é produto de uma forte influência africana na região do noroeste argentino. Esse instrumento é bastante presente em gêneros como a chacarera”. Desta forma, Ernesto fica imerso em suas riquezas artísticas e plurais, como ferramenta emancipatória⁵ para reafirmar

5 As práticas musicais expressam-se como ferramentas emancipatórias enquanto cumprem suas propostas de usar as suas possibilidades para reafirmar suas identidades, seus elementos culturais, expor seus conturbados contextos sociopolíticos, as injustiças e preconceitos sociais e o tratamento do Estado perante tais situações. Assim, a música converge em uma proposta emancipatória quando busca enunciar as desigualdades e fornecer visões contra-hegemônicas, demonstrando que o latino-americano está constituindo-se como sujeito, como indivíduo, como ser social, em suas riquezas artísticas e pluralidades. (DORIGATTI, 2020, p. 129).

a identidade, representando o Brasil na 21ª Marcha dos Bombos, em Santiago del Estero, na Argentina.

O bombo leguero é um instrumento folclórico que se originou na província de Santiago del Estero com a chegada dos escravos como mãos de obra para construção da cidade. Através da observação dos instrumentos utilizados pelos povos pré-hispânicos, e ao olhar para o entorno procurando materiais para construção do instrumento, os africanos construíram um bombo fabricado com couro de cabra. Esse instrumento também era utilizado para se comunicar a longas distância, seja para compartilhar uma refeição, alguma expedição, para fazer um convite de festa ou mesmo velório. O bombo foi chamado de leguero remetendo a léguas, ou seja, a distância, pois se tratava de um instrumento que podia ser ouvido a muitas léguas de distância. Posteriormente, ocorreu a inclusão dos aros e dos tensores inspirados nos tambores militares utilizados pelos colonizadores. Hoje em dia o bombo leguero é um instrumento reconhecido e valorizado como um patrimônio cultural do país. (SILVA, 2021, p. 76).

La marcha de los bombos legueros: Santiago del Estero (AR)



Fonte: Arquivo pessoal de Ernesto Fagundes

Os Jornais Zero Hora (Brasil) e El Liberal (Argentina) publicaram matéria dando relevância ao evento, que teve a participação de mais de 20 mil tocadores de bombo.

La marcha de los bombos legueros. Matéria de Juliana Bublitz

ESTA PÁGINA CONTÉM INFORMAÇÃO E OPINIÃO

INFORME ESPECIAL

JULIANA BUBLITZ
Informe especial sobre o evento com fotógrafo (Foto: Bublitz) Twitter: @Bublitz

La marcha de los bombos legueros



Há mais de duas décadas, Santiago del Estero, conhecida como "la madre de las ciudades", no norte da Argentina, reverbera o som sinuado do tambor em uma caminhada única no mundo. Neste ano, a 21ª Marcha de los Bombos reuniu 20 mil pessoas, a maioria instrumentistas – entre eles, o gaúcho Ernesto Laguarda. O grupo tocou em sincronia ao longo de sete quilômetros, para celebrar os 470 anos do município, não por acaso, berço do bombo e da chacarera.

– Foi minha primeira vez na marcha e foi lindo demais. A gente sente a força da integração latino-americana. Vi crianças, senhoras, cadentes, gente de todas as cores e idades caminhando juntas, imbuídas – conta Ernesto, que participou do evento a convite da Fundação Pito, do luthier Indio Frolán, e do Instituto Nacional de Promoção Turística da Argentina.

Produzido a partir de troncos secos (sem geral-carionáceo) e revestido com pele curtidor de animal, o bombo leguero faz parte da cultura platina. Fica a lerda que ganhou esse nome porque pode ser ouvido "a léguas de distância".

A dec pela I

Depois da greve Eduardo Letim, se foi a vez do prefeito Sebastián Molle (foto) negar o apoio à Festa do Livro de Porto. O evento, como o alertado aqui, é de fazer menção a falta de recursos com a política. Capital anuncia o envio de R\$ 11 milhões e o R\$ 230 mil e vai fazer a história, que até visitantes a movimento a se uma boa notícia.

No último que provocou pelo havia determinação de Cultura de R\$ 1 milhão, que em camião "para a festa e garantir a normalidade". A gestão quer a história, quando pela história, e em

Acampam

O prefeito Se também decidiu R\$ 740 mil da prefeitura para Acampamento da Capital em festa, o tradicionalmente se

Colecionador de saudades

Allan Dias Castro (foto) largou tudo por um sonho. Já conta a história dele aqui: gaúcho de Passa Funda, decidiu viver da poesia. Passou a gravar vídeos

Basquete master

A seleção brasileira master de basquete feminino está em Porto Alegre. É a fase de

Fonte: Zero Hora, sexta-feira, 28 de julho de 2023.

Uma Multitud Participo de La XXI Marcha de Los Bombos



El Liberal: Domingo, 23 de julio de 2023. Jornal Argentino.



Crédito: Dulce Helfer

Assim como na 21ª Marcha dos Bombos, onde está acompanhado de milhares de tocadores, Ernesto tem na sua musicalidade a influência latino-americana de muitos cantores e músicos de grande expressão no universo artístico, valorizando a latinidade como raiz, seiva, tronco, fruto e semente. Não somos partes, somos o todo que se constitui de muitas partes.

Então, a minha influência musical que meu pai me passou, é da cultura latino-americana. Desde criança eu escutei Mercedes Sosa, a cantora símbolo do canto latino-americano; Jorge Cafrune, que foi quem apresentou a Mercedes Sosa na Argentina, no Festival de Cosquin, que é um dos pioneiros festivais de folclore; Los Chalchaleros, muito importante também na formação do que eu escutava desde criança; Argentino Luna. Aí vai para o Uruguai, têm Alfredo Zitarrosa; Los Olimareños; muita ranchera mexicana, também a gente ouvia desde criança, porque o pai adorava e adora cantar música mexicana, ranchera mexicana. Tanto que eu tive a emoção de levar o pai para o México para um documentário nosso, de Os Fagundes, chamado “*Tá no sangue*” e o pessoal ali na *Plaza Garibaldi*, no México, se encantou com aquele brasileiro com uma gaitinha e de bota e de bombacha, e o cara cantava as rancheras mexicanas clássicas que eles sempre ali cantavam para os turistas. Então, foi um momento emocionante também que eu tive, foi ir com o pai para o México. Então, é para falar dessa minha origem musical do início aí, que ela é latina, ela fala em português e fala em espanhol, mas fala com o sentimento, a latinidade tem essa coisa da emoção, então é isso que eu acredito porque eu canto e falo com o coração. É um tambor fora do peito que se chama bombo leguero. Esse é o Ernesto! (*informação verbal*)⁶

E falando em sementes, “o fruto nunca cai longe do pé”, assim como, “filho de Bagre, por certo, peixinho é”. Bagre, pai de Ernesto, foi o grande incentivador e parceiro dos filhos em suas carreiras musicais.

6 Entrevista concedida por FAGUNDES, Ernesto Vilaverde. Entrevista I. [set. 2023]. Entrevistadora: Adriana Aparecida de Almeida Marcolin. Vacaria, RS, 2023. 1 arquivo.

Bagre Fagundes & Ernesto Fagundes no México



Fonte: Arquivo pessoal de Ernesto Fagundes

De Filho Prá Pai⁷

Olha, meu pai,
Ouve bem, preste atenção,
Hoje o bombo leguero
Bate no meu coração...
Tantas vezes, já te disse...
Mas não custa repetir:
E, cantando, digo agora
O quanto gosto de ti.

Ouve, guri
Este velho que te adora,
Nosso negócio é cantar,

7 Álbum Origens: Música “De Pai Prá Filho”, de Ernesto Fagundes e Bagre Fagundes. Disponível em: <<https://open.spotify.com/track/7qmTd8GYACQmhiK5SiaUwm?si=ohW-7B5jRw6aNqk6fDck7g>>. Acesso em 22 set. 2023.

Não me faz chorar agora...
Qual o pai que não quer ter,
Por filho, um guri assim...
Eu sei bem que aonde vais
Nunca te esqueces de mim.

Pois é, pois é, a fruta
Não cai longe do pé...
Pois é, pois é, filho de bagre, 2x
Por certo peixinho é!

A vida passa,
E depois a gente chora...
Por isto, de quem se gosta,
Tem que se gostar agora.
E, depois, o amanhã
Pode ser tarde demais...
por isto, te digo, hoje,
Como te amo meu pai

Sabe guri,
Sempre que a tarde cai,
Eu rezo e agradeço a Deus
A graça de ser teu pai.
Quando a Gente fica velho
E precisa de auxílio...
O filho se torna pai,
E o pai se apoia no filho

Pois é, pois é, a fruta
Não cai longe do pé...
Pois é, pois é, filho de bagre
Por certo peixinho é!

(Ernesto Fagundes, Bagre Fagundes)

A família Fagundes tem na música uma visão histórica e cultural, tendo como elementos balizadores as suas origens,

influência dos primeiros colonizadores e da tradição do gaúcho e do folclore do Rio Grande do Sul. Face a isto, transformações e adaptações da música gaúcha são resultados da influência de outros gêneros musicais e da fusão de elementos tradicionais com sonoridades contemporâneas, além da diversificação dos estilos musicais gaúchos.

Assim, a música tem conquistado um público diversificado e ampliado seu impacto cultural, tanto no Brasil como em outros países. Ernesto comenta sobre isso:

Aqui no Rio Grande do Sul, pessoas que beberam muito nessa fonte e divulgaram muito essa integração, sem dúvida nenhuma me vem no pensamento, Cenair Maicá. O Cenair Maicá fez uma ponte direta disso, até inspirado na própria parceria com Noel Guarany, que também é um dos artistas mais importantes do Rio Grande do Sul, da nossa história e que fez essa integração latino-americana. Agora, Cenair, o próprio Ortaça (Pedro Ortaça); hoje, os Guedes (Jorge Guedes e Família) que fazem direto essa ponte com a Argentina; e o Luiz Carlos Borges, não tem como não falar em gaúcho que fez a ponte com a Argentina, mestre chamamecero que nos deixou esse ano, tocou com a Mercedes Sosa, com todos os principais nomes da Argentina. A gente chamava carinhosamente o Borges de “o embaixador cultural do Mercosul”. Então, falar em integração latino-americana do Rio Grande do Sul com *los hermanos*, impossível não falar, em Luiz Carlos Borges. Tanto outros que fazem, não só da questão mais regional de um outro tipo de música; o rock argentino é muito forte, me lembro do Bebeto Alves que tanto fez ponte com a milonga, com a Argentina, mas também com o rock. O Bebeto tinha essa coisa meio roqueira dele de músicas, então ele tinha essa coisa meio argentina, tanto nas milongas quanto no rock da sua levada. Então, não tem como não lembrar desses caras assim. (*informação verbal*)⁸

Destarte, a música gaúcha tem sido um fenômeno cultural para além das fronteiras, tendo disseminação na mídia tradicional

8 Entrevista concedida por FAGUNDES, Ernesto Vilaverde. Entrevista I. [set. 2023]. Entrevistadora: Adriana Aparecida de Almeida Marcolin. Vacaria, RS, 2023. 2 arquivo.

e nas redes sociais, em festivais nacionais e internacionais, em que músicos e artistas gaúchos tem tido papel fundamental nesta promoção. Neste sentido, segundo Ernesto, a geografia, as ações políticas, o futebol, por exemplo, não deveriam servir para separar, promover rivalidades ou embates, mas para aproximar as pessoas, promover a integração. A música tem esse papel. Aproximar e integrar as pessoas, por meio dos sentimentos. Afinal, quem pensa, sente!

Acho que nós somos um mesmo lugar, acho que Porto Alegre, Rio Grande do Sul é muito parecido com a Argentina e muito parecido com o Uruguai. Então, às vezes, eu não sei se essa geografia que nos separa ou, às vezes, ações políticas que nos separam, o próprio futebol, às vezes, que sempre foi coisa que era para aproximar as pessoas, hoje virou rivalidade que acaba separando sentimentos e ideias muito maiores do que se poderia pensar. Então, são esses que me vem; a minha parceria com o Dante Ledesma, Dante Ramon Ledesma, esse argentino que escolheu o Brasil para morar. Eu viajei muitos anos com o Dante, vários lugares do Rio Grande, do Uruguai, do Paraguai, que a gente foi junto. O Dante foi um artista assim que me impressionava muito; toda vez que eu subia no palco com ele, ele levantava um ginásio inteiro aplaudindo e chorando, as pessoas assim abraçadas nele depois do *show*, contagiante a potência de voz; um violão que ele tocava muito forte e eu dê-lhe bombo; ao lado do Dante. Aprendi muito com o Dante. O Talo Pereyra, na história dos festivais também, um outro argentino que morou aqui, muito forte, a gente sempre teve ligação com os argentinos, não só de lá, mas os que moraram aqui, porque sentiam que o Bagre Fagundes e os seus filhos eram integradores, faziam um folclore de integração latino-americano, do cancionero latino-americano. Horacio Guarany, essas pessoas fundamentais do cancionero latino-americano, tá lá o Atahualpa Yupanqui. E aí vai para o Chile, tem a Violeta Parra, então, isso tudo nos aproximava. Inclusive, antes mesmo do canto alegretense ser gravada pela primeira vez, tinha um argentino conosco lá na semana crioula de Bagé, em 1979, chamado Martin Coplas, que a gente tocou a primeira vez o *Canto Alegretense*, tinha o Martin Coplas conosco lá, porque ele ia tocar o violão para eu dançar o malambo, que é uma dança do folclore argentino. Tem o malambo do norte, o malambo do sul, e eu participei

da semana crioula de Bagé, como bailarino de malambo. Desde criança, também essa influência latino-americana, tanto na música, no canto, no toque e eu começando a me apaixonar pelo bombo leguero, mas antes tinha o sapateio que é parecido com o som do bombo, então tem esse som latino. (*informação verbal*)⁹

Ernesto Fagundes e Tere Castronuovo em Santiago del Estero (AR), dançando uma Chacarera.



Fonte: Arquivo pessoal de Ernesto Fagundes – Crédito: Pablo Chasseraux

Neste contexto, Ernesto integrava-se à música e dança latino-americana, sob a influência do folclore argentino. Exemplo disso é a chacarera¹⁰. Em sua sonoridade latino-americana, é utilizada por Milton Nascimento e pelo clube da esquina, sendo executado também, no Rio Grande do Sul e fronteira.

9 Entrevista concedida por FAGUNDES, Ernesto Vilaverde. Entrevista I. [set. 2023]. Entrevistadora: Adriana Aparecida de Almeida Marcolin. Vacaria, RS, 2023. 2 arquivo

10 De acordo com Silva (2021, p. 67) “o termo chacarera é derivado de *Chacra* que significa fazenda, e na língua *Quechua* o termo chacra significa milharal. A chacarera é uma música e dança popular que se originou no sul da Bolívia e norte da Argentina”.

Na chacarera geralmente os compassos 6/8 são executados por instrumentos com registros mais agudos como a borda do bombo ou certas regiões do violão. Já os registros graves são representados pela pele do bombo e pelos timbres graves do violão. O acompanhamento desse gênero geralmente é feito por um violão rasqueado que se ajusta ao padrão rítmico característico executado repetitivamente, e também por um acompanhamento de percussão (bombo leguero), que possui mais liberdade em sua execução e por este motivo não é repetitivo. No curso desta pesquisa verificamos que a chacarera é a sonoridade latino-americana mais utilizada por Milton Nascimento e pelo Clube da Esquina, mas o gênero também é bastante executado no Rio Grande do Sul, em algumas regiões de fronteira. (SILVA, 2021, p. 68).

A música gaúcha teve influências culturais do tango argentino e da música latina. Ademais, também teve a incorporação de elementos de música pop e rock, constituindo forma de expressão das identidades regionais. Segundo Alvares (2017, p. 43) os significados atribuídos à música “são fruto de processos narrativos, ou seja, a emergência das sonoridades (e suas classificações como pertencentes ou não à música gaúcha)”.

Complementar a isso, Ernesto narra como a música fez parte da dinâmica familiar Vilaverde e Fagundes, seja pela escuta de Nelson Gonçalves, pelo samba, bolero, nominando Lupicínio Rodrigues, a cantoria dos pais, irmãos, tios, a presença dos instrumentos musicais em casa, enfim a musicalidade no tom e na dança.

[...] mas a música sempre fez parte da nossa casa lá no Alegrete, da família, tanto pelo lado da mãe, família Vilaverde, quanto pelo lado do pai, família Fagundes. Os Vilaverde, da família da mãe, que a gente se encontrava sempre no final de semana e os meus tios eram muito da boemia, escutavam aquelas músicas do Nelson Gonçalves, então, era muito samba, tinha muito samba na influência da nossa música, na nossa casa. Eles eram muito ligado ao carnaval também, então, era boemia e bolero, Lupicínio Rodrigues, também tinha muito bolero que o pai cantava, então era uma mistura maravilhosa de sons que a gente escutava. Então, desde criança eu convivi com isso, com os tios pelo lado da mãe, e o pai que era muito amigo dos

cunhados com o violão e fazia a cantoria com eles todos. Pois o Neto, meu irmão mais velho, é quem me ensina a tocar o bombo leguero; eu ensino o neto a tocar o violão e aí o Neto me ensina o bombo, a gente faz uma parceria, o Neto mais velho. Já o nosso cantor assim, que o pai tinha o grupo Inhanduy, o nosso grupo se chamava, antes de ser “Os Fagundes”, grupo Inhanduy que era comandado pelo pai, mas o Neto o cantor, o pai violão e vocal e eu bombo leguero e vocal, a gente tinha um trio que era o grupo Inhanduy, que aí o Paulinho, nosso mano mais novo, desde, também, bem pequeno começa a participar do grupo Inhanduy porque aí eu dançava. Num dos números do grupo Inhanduy era eu sapateando, aí o Paulinho pegava o bombo para eu dançar o malambo. *(informação verbal)*¹¹

Os Fagundes



Fonte: Arquivo pessoal de Ernesto Fagundes

Desde crianças, a música instituiu um propósito de vida na família Fagundes. Aos 14 anos, Ernesto participava da 11^a

11 Entrevista concedida por FAGUNDES, Ernesto Vilaverde. Entrevista I. [set. 2023]. Entrevistadora: Adriana Aparecida de Almeida Marcolin. Vacaria, RS, 2023. 3 arquivo

Califórnia. Hoje, consegue olhar para esse passado e ter a satisfação de avaliar essa trajetória de muitas responsabilidades e dedicação, contemplando o sucesso. Foram CD's, DVD's, documentários, filmes, enfim, muitos registros que servirão como legado.

Então desde criança isso aí, porque a gente apresenta o Canto Alegretense em 81, na tertúlia de Santa Maria, na segunda tertúlia, eu tenho 14 anos, Neto me leva 5, Neto tinha 19 anos; nós somos crianças, adolescentes no caso do Neto. Com o pai levando seus filhos já para a estrada para participar, no mesmo ano a gente participa da “Califórnia”, 11ª Califórnia com a música “Escravo de Saladeiro”, parceria do pai, do tio Nico também, os mesmos autores do Canto Alegretense. Então, a música em família, hoje...hoje eu sou produtor também dos Fagundes, então isso é uma responsabilidade, uma honra e uma alegria também, poder ter colocado nossa família toda na estrada, com DVD's, com CD's, com documentário, com filme; tantos materiais bonitos que a gente tem registrado, que nem todos são conhecidos ainda, mas com certeza serão um dia nos arquivos do cancioneiro do Rio Grande do Sul. Então, eu tenho orgulho porque eu acredito muito na história dos Fagundes, é muito verdadeira a história musical da nossa família. Começando pelo próprio tio Darci que foi pioneiro no rádio nos anos 50, declamando, abrindo porteira no seu programa “Grande Rodeio Farroupilha” que era o “Grande Rodeio Coringa” que eram as calças brim-coringa que patrocinava, e aí o patrocinador era tão forte que se tornou “Grande Rodeio Coringa”, porque era o patrocinador do programa do tio Darci que depois apresentou junto com Luís Menezes que eu tive a honra de conhecer também o grande poeta e compositor da cidade de Quaraí; Luís Menezes, parceiro do tio Darci. (*informação verbal*)¹²

Segundo Alvares (2017, p. 67) o Grande Rodeio Coringa recebeu este nome, pois tinha o patrocínio de uma marca de calça de “brim”: Coringa. Sendo um programa de auditório, dividia-se em: trova, humorismo, declamação e Orquestra Sinfônica Farroupilha. “Depois surgiram muitos outros programas ligados

12 Entrevista concedida por FAGUNDES, Ernesto Vilaverde. Entrevista I. [set. 2023]. Entrevistadora: Adriana Aparecida de Almeida Marcolin. Vacaria, RS, 2023. 3 arquivo.

ao regionalismo e tradicionalismo, e, a partir da década de 1970, ao nativismo [...]”. Neste cenário Antônio Augusto Fagundes fez muito pela família Fagundes, seja no cinema, rádio ou televisão, sempre num ambiente de humanidade, bondade e amor.

Então a gente herdou muito isso dos amigos do tio Darci, amigos do tio Nico, Antônio Augusto Fagundes. O tio Nico é uma figura muito grande na história do Rio grande do Sul; muita coisa fez o tio Nico, tanto no cinema, quanto na televisão, quanto no rádio, quanto no jornal, no próprio movimento tradicionalista. O tio Nico foi também o mais jovem patrão do 35 CTG, esse movimento do centro de tradições espalhados pelo mundo todo. Então, e o meu pai, a alegria de poder fazer música com o pai; o pai é uma figura que nos ensinou a amar essa música com o coração e livre; o pai sempre nos deixou livre na questão artística do que a gente queria artisticamente. Ele influenciou, colocando vários gêneros, vários estilos para dentro da nossa casa de música. E o pai sempre junto conosco, muito próximo, um pai muito participativo, muito perto; a mãe também sempre cantava aqueles vocais que me vem a voz da mãe dentro da nossa casa. Eu acho que se eu fosse resumir muito isso, a palavra que me vem agora é amor, outra palavra que me vem é afeto; todas elas estão na mesma família da humanidade, com bondade, com amor. Então, um pouco da história nossa dos Fagundes que eu queria dividir agora. (*informação verbal*)¹³

Na 2ª Tertúlia de Santa Maria, RS, “O Canto Alegretense” é apresentado ao mundo como canto gauchesco e brasileiro, da terra amada desde guri¹⁴.

13 Entrevista concedida por FAGUNDES, Ernesto Vilaverde. Entrevista I. [set. 2023]. Entrevistadora: Adriana Aparecida de Almeida Marcolin. Vacaria, RS, 2023. 3 arquivo.

14 Menino.

Apresentação do “Canto Alegretense”: 2ª Tertúlia de Santa Maria, RS.



Fonte: Arquivo pessoal de Ernesto Fagundes

Canto Alegretense¹⁵

Ernesto Fagundes

Não me pergunte onde fica o alegrete
Segue o rumo do teu próprio coração
Cruzarás pela estrada algum ginete
E ouvirás toque de gaita e de violão
Pra quem chega de rosário ao fim da tarde
Ou quem vem de Uruguaiana de manhã
Tem o Sol como uma brasa que ainda arde
Mergulhado no rio Ibirapuitã
Ouve o canto gauchesco e brasileiro

15 Álbum Origens. “Canto Alegretense”, música interpretada por Ernesto Fagundes. Disponível em: <https://open.spotify.com/track/7yr5SOBzHGObvk7xONpzUz?si=rOiXUNJdR0iX-Nwd38EI4Q>. Acesso em 22 set. 2023.

Desta terra que eu amei desde guri
Flor de tuna, camoatim de mel campeiro
Pedra moura das quebradas do Inhanduí

Ouve o canto gauchesco e brasileiro
Desta terra que eu amei desde guri
Flor de tuna, camoatim de mel campeiro
Pedra moura das quebradas do Inhanduí

E na hora derradeira que eu mereça
Ver o Sol alegretense entardecer
Como os potros vou virar minha cabeça
Para os pagos no momento de morrer
E nos olhos vou levar o encantamento
Desta terra que eu amei com devoção
Cada verso que eu componho é um pagamento
De uma dívida de amor e gratidão

Ouve o canto gauchesco e brasileiro
Desta terra que eu amei desde guri
Flor de tuna, camoatim de mel campeiro
Pedra moura das quebradas do Inhanduí

Ouve o canto gauchesco e brasileiro
Desta terra que eu amei desde guri
Flor de tuna, camoatim de mel campeiro
Pedra moura das quebradas do Inhanduí

Ouve o canto gauchesco e brasileiro
Desta terra que eu amei desde guri
Flor de tuna, camoatim de mel campeiro
Pedra moura das quebradas do Inhanduí

Composição: Antônio Augusto Fagundes (Nico)

Euclides Fagundes Filho (Bagre)

Passaram meses, anos, décadas, e o “Canto Alegretense” continua fazendo coro nas vozes da multidão, como se o Alegrete fosse a terra do mundo. Neste sentido, a história da família Fagundes se solidificou e ganhou as casas e as vidas de pessoas de

todas as idades e nacionalidades. E com respeito a este público, outros projetos foram implementados.

Ernesto e Paulinho gravaram “Capricórnio”, instrumental com bombo leguero e violão, possibilitando que o ouvinte criasse o seu momento e a sua interpretação, a partir das melodias.

Me orgulho muito das parcerias, da música em família, dos novos amigos que a gente fez na estrada, na vida. Eu, agora na pandemia, fiz um disco instrumental com o Paulinho, chamado “Capricórnio”, disco com muito bombo leguero, muito violão do Paulinho; um instrumental, que eu gosto muito da música instrumental, eu acho que a música instrumental, cada pessoa que escuta música instrumental ela tem, ela sente de um jeito também e cria a sua poesia da sua maneira, do seu ambiente onde está e do momento que está vivendo. Então, a música instrumental, ela é muito poderosa nesse sentido. Cada ouvinte cria a sua letra em cima dela ou só sente ela, não precisa nem criar letra. Então, eu gosto muito da música instrumental e eu tenho essa alegria de ter um disco instrumental com meu mano, Paulinho Fagundes, que é um baita de um tocador de violão, o Paulinho. Assim como mestres, Lúcio Yanel, eu tenho um disco com o Lúcio Yanel, aí eu canto junto com o violão do Lúcio Yanel; o próprio Yamandu Costa que eu não tenho disco, mas tenho momentos especiais com o Yamandu. *(informação verbal)*¹⁶

16 Entrevista concedida por FAGUNDES, Ernesto Vilaverde. Entrevista I. [set. 2023]. Entrevistadora: Adriana Aparecida de Almeida Marcolin. Vacaria, RS, 2023. 4 arquivo.

Capricórnio: Ernesto Fagundes e Paulinho Fagundes. Álbum Instrumental



Fonte: Arquivo pessoal de Ernesto Fagundes – Crédito: Felipe Fraga.
Capricórnio - Álbum completo.

Disponível em: <https://youtu.be/nGLuQbmm9Uc?si=GDcf02YYpozNb3s>.
Acesso 22 set. 2023.

Outro projeto muito relevante foi “Origens”. O álbum musical traz músicas que retratam as nossas origens e desafios, a miscigenação, a nossa história, o amor pela terra, pelo chão, A canção *Origens* narra a perseverança do “guri” músico, cantor em busca de suas origens, “rumo ao futuro, tendo no peito um tambor”.

Origens¹⁷*Ernesto Fagundes*

Campeando, um rastro de glória, vem o sovado de pealo
Erguendo, a poeira da história, nas patas do meu cavalo
O índio, que vive em mim, bate um tambor no meu peito
O negro, também assim, tempera e adoça o meu jeito
Com laço, e com boleadeira, com garrucha, e com facão
Desenhei, pátria e fronteira, pago querência e nação

(Eu sei que não vou morrer
Por que de mim vai ficar
O mundo que eu construí
O meu Rio Grande o meu lar
Campeando as próprias origens
Qualquer guri vai achar)

Sou a gaita corcoveando, nas mãos do velho gaiteiro
Dizendo por onde ando, que sou gaúcho e campeão
Eu sou o moço que canta, o pago em cada canção
E traz na própria garganta, o eco do seu violão
Sou o guri pelo duro, campeando um mundo de amor
E me vou rumo o futuro, tendo no peito um tambor

*Composição: Antonio Augusto Fagundes/Euclides Fagundes
Filho*

17 Álbum Origens. Música “Origens”, interpretada por Ernesto Fagundes. Disponível em: <<https://spotify.link/Y2lckSxMdDb>>. Acesso em 22 set 2023.

Álbum completo: Origens



Disponível em: <<https://spotify.link/Y2IcKSxMdDb>>. Acesso 22 set 2023.

Fazendo uma viagem musical ao som do bombo leguero, Ernesto apresenta-se no Programa Nacional (Brasil) de Rolando Boldrin, vai ao Canadá, e, também, a Monte Carlo, levando a música do Rio Grande do Sul para o mundo. Levando o Brasil para o mundo, sua influência latina, nordestina, centro-pantaneira, suas especificidades, sua cultura, suas origens.

O Yamandu, a gente se apresentou no Rolando Boldrin, no saudoso Rolando Boldrin, “Senhor Brasil” o nome do programa, e é um momento histórico esse que eu vivi também artisticamente em São Paulo com o Yamandu, tocando e

cantando para o Rolando Boldrin no programa dele. Com o Yamandu eu já viajei para o Canadá, com o Yamandu; já viajei para Monte Carlo, tocamos junto com a Filarmônica de Monte Carlo, com a regência da *Alondra de la Parra*, lá para aquelas bandas lá, tão longe assim a gente levou a nossa música. Então, eu tenho muito orgulho dessa parceria também com o Yamandu Costa, esse violeiro que conquistou o mundo hoje, representando essa sonoridade e a música aqui do Rio Grande do Sul. Mas uma música brasileira, porque quando se tem a oportunidade de viajar para fora que a gente vê que a gente faz música brasileira, com o sotaque do sul. E o sotaque do sul tem as influências latinas...tem a influência nordestina, tem a influência do centro-pantaneira, mas quando a gente viaja para o mundo todo, nossa música é brasileira, do nosso jeito aqui de ser, com o que a gente come, porque música tem isso; o artista, o que ele come, o que ele bebe, o dia a dia dele. O artista é influenciado pela sua vida, com o tipo de vida ele tem. (*informação verbal*)¹⁸

Ernesto Fagundes e Yamandu Costa no Programa Televisivo “Senhor Brasil”, de Rolando Boldrin



Fonte: Arquivo pessoal de Ernesto Fagundes – Crédito: Pierre Refalo

18 Entrevista concedida por FAGUNDES, Ernesto Vilaverde. Entrevista I. [set. 2023]. Entrevistadora: Adriana Aparecida de Almeida Marcolin. Vacaria, RS, 2023. 4 arquivo.

E, como “a fruta não cai longe do pé”, está aí toda a família Fagundes para comprovar, Santiago segue os passos do pai Ernesto e já faz parceria nos palcos, aos 11 anos de idade. Tradição é isso. Amor pela cultura, de pai para filho, de geração para geração, numa relação recíproca de respeito, amor e com a esperança de um amanhã melhor que hoje, sem perder a essência do ontem.

E tudo isso que foi passado para mim, hoje eu tento transmitir para o meu filho que é o meu parceiro também de palco, de bombo leguero, que é o Santiago Fagundes, tem 11 anos de idade, hoje. Já subiu no palco junto com o vô Bagre, o tio Neto, o tio Paulinho e os parceiros nossos de estrada, Rafa Marques, o próprio Índio Froilán que é o mestre luthier do bombo leguero, que é amigo do Santi. Então, o próprio Kiko Freitas que é o maior baterista do mundo, nosso orgulho do Rio Grande do Sul, meu amigo e meu parceiro. Então, a gente tenta passar essas parcerias que vieram dos pais para a gente e a gente tenta passar para os nossos filhos, e acho que isso é tradição, é o que passa de geração para geração. Então, feito com amor, com afeto, com respeito. A gente projeta o futuro assim, projeta na maneira só de dizer, porque o futuro a Deus pertence, a gente não sabe nada sobre o futuro, a gente sabe só que o presente depende da gente de viver com amor, viver com solidariedade, viver...e o futuro, o que nos resta é uma palavra tão bonita chamada esperança. Então, esperança de dias melhores para todos, cheio de saúde e cheio de amor. Esse é o carinho e a mensagem de sempre do Ernesto Fagundes. *(informação verbal)*¹⁹

19 Entrevista concedida por FAGUNDES, Ernesto Vilaverde. Entrevista I. [set. 2023]. Entrevistadora: Adriana Aparecida de Almeida Marcolin. Vacaria, RS, 2023. 5 arquivo.

Ernesto Fagundes e Santiago Fagundes



Fonte: Arquivo pessoal de Ernesto Fagundes – Crédito: Felipe Fraga

Neto Fagundes, Ernesto Fagundes e Santiago Fagundes



Fonte: Arquivo pessoal de Ernesto Fagundes

Vento Negro²⁰*Ernesto Fagundes*

Onde a terra começar
Vento Negro gente eu sou
Onde a terra terminar
Vento negro eu sou

Quem me ouve vai contar
Quero luta, guerra não
Erguer bandeira sem matar
Vento Negro é furacão

[...]

Composição: José Alberto Fogaça

Investir nas sementes que plantamos, poderá possibilitar a expansão da música gaúcha a novos públicos. A tradição tem papel preponderante nisso. Contudo, ao compreendermos que a incorporação de elementos de diversos gêneros musicais e culturas, tem se mantido relevante e atual, torna-se fundamental sua propagação em escala nacional e internacional. Assim, a música gaúcha se torna um veículo de expressão cultural que ultrapassa limites geográficos, unindo diferentes pessoas ao redor do mundo em torno de suas melodias, versos e vozes.

Referências

ALVARES, Felipe Batistella. **Pedagogia da sonoridade: os modos de soar da música instrumental gaúcha**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, p. 178. 2017.

DORIGATTI, Maicon. Bolsista CAPES/PROSUC. A música

20 Disponível em: <https://spotify.link/zH4W6HIDjDb>. Acesso em 22 set 2023.

popular latino-americana: perspectivas contra-hegemônicas e decoloniais. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul, p. 144. 2020.

SILVA, LORRAYNE TOMÉ DA. Sonoridades latino-americanas na música popular do Brasil nos anos 1970. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Uberlândia, MG, Brasil, p. 183. 2021.

NARRATIVAS DE PERCURSO DE UM MÚSICO TRADICIONALISTA GAÚCHO: 1970 A 2013

Adriana Aparecida de Almeida Marcolin

Antonio Carlos de Almeida

Este texto busca apresentar as transformações, os desafios e trajetórias vivenciados por Antonio Carlos de Almeida, músico profissional do tradicionalismo gaúcho, por meio de suas narrativas de percurso, no período de 1970 a 2013. Para isso, utilizamos de uma abordagem qualitativa, com a coleta de dados por meio de entrevistas e análise de materiais documentais relacionados à sua carreira, tais como LP's, CD's, vídeos e fotografias. Os resultados mostram um recorte temporal marcado pela evolução artística e temática, adaptabilidade às mudanças no segmento musical, propagação da cultura rio-grandense, além do compromisso e paixão pela música gaúcha¹ conjugado ao desejo de oferecer uma experiência significativa para o público.

Neste contexto, queremos registrar que o tradicionalismo gaúcho se constitui num movimento cultural que busca valorizar e preservar as tradições do Estado do Rio Grande do Sul. Ainda, sobre a definição de tradicionalista, Agostini (2005, p. 63) enfatiza a consolidação de uma bagagem preservada pela tradição e dispõe:

Esses assumem uma postura de exaltação do passado heroico, utilizando, para a interpretação das músicas nos festivais, instrumentos característicos dos idos da Revolução de 35, tais

1 Para Agostini (2005, p. 67) “a música tradicionalista ajuda a ordenar a sociedade sul-rio-grandense, imprimindo regras e valores essenciais à identidade que o gaúcho ostenta e da qual parece não querer se desfazer”.

como o violão, a gaita² e algum tipo de percussão primitiva (geralmente o bombo-leguero). (AGOSTINI, 2005, p. 63).

À vista disso, a música, instrumento de nossa análise, desempenha um papel central neste movimento, por ser considerada veículo de transmissão e expressão de valores e identidade gaúcha. Bem como Vieira e Henning (2014, p. 105), tomamos a música como *corpus* discursivo, por acreditarmos num campo de referências representativas, considerando-se a seleção de discursos potencialmente impregnados de verdades e sentidos. Estas autoras sustentam que “a música nos ensina, educa e, desta forma, legitima valores e verdades no tempo em que vivemos”. Desta forma, pressupomos que compor um diálogo com a música e seus protagonistas pode se constituir numa representação social e espacial que habitam o meio cultural e a natureza³ de gerações.

Para corroborar, Vieira e Henning (2014, p. 106) complementam: “entendemos que a verdade é produzida, fabricada a partir de discursos que fazemos circular como verdadeiro, ou seja, quando elegemos aquilo que deve ou não funcionar como verdade”. Assim, a música tradicionalista⁴ gaúcha suscita as vivências da terra rio-grandense, por meio da expressão poética das letras e dos ritmos que sustentam as raízes culturais impregnada de uma amplitude estética.

Da mesma forma, Ferraro (2020, p. 12) expõe sobre as transformações discursivas, como expressão dos cenários de vida:

Com o tempo a música se consolida como caminho para

-
- 2 Segundo Guilhermino Cesar (1956, p.58), a gaita (ou acordeão) foi incorporado ao instrumental típico tradicional gaúcho somente com a chegada dos imigrantes alemães. Manoelito de Ornellas, por sua vez, descreve a Kaita (ou cordeona) como instrumento criado em Maghreb, e utilizada “tanto na Espanha como em Portugal.” (1976, p. 194).
 - 3 Vieira e Henning (2014, p. 108) explicitam que “somos constituídos por um discurso naturalista e romântico de natureza que se instalou em nossa sociedade, principalmente a partir do século XVIII, com o movimento da virada cultural e reforçado pelo movimento romântico do século XIX”.
 - 4 Segundo Melo (2013, p. 16), a música tradicionalista “está alicerçada nas tradições peculiares da vida rio-grandense, tocada e cantada nos Galpões, nos CTGs, em Rodeios, em Programas Radiofônicos e Festas”.

as transformações discursivas, estéticas e ideológicas do movimento cultural gaúcho, utilizando as experiências e a Campanha como fonte de inspiração nas suas obras. Nesse discurso musical, os artistas criam, expressam e retratam cenas da vida, desejos e sentimentos em um conjunto de representações. Por isso a música assume um lugar de importância, sendo uma das formas mais intensas de comunicação e expressão desse universo.

Face a isto, Antonio Carlos relatou ter acompanhado uma evolução sonora⁵ nas composições dos músicos ao longo dos anos, estando presente nas letras e melodias, estilos e gêneros, sem perder a essência e a identidade artística. Contudo, as composições ainda circundam em torno de temas relacionados com a natureza, a vida campeira⁶, os valores culturais, a história regional⁷, as tradições⁸ gaúchas, mensagens de saudade e amor. As letras ainda continuam mostrando um gaúcho forte⁹, porém mais sensível aos sentimentos.

5 Na esteira dessa colocação, é possível argumentar que os significados que atribuímos às músicas (e aos sons) são fruto de processos narrativos, ou seja, a emergência das sonoridades (e suas classificações como pertencentes ou não à música gaúcha) se dá através de uma operação de seleção, através de um processo de narração cultural. ALVARES (2017, p. 43).

6 A música se consagrou com o tempo como uma das expressões mais fortes na representação da Campanha, tornando-se inegavelmente um veículo discursivo para todas as situações. Os artistas musicais do segmento campeiro são os agentes dessas transformações discursivas inovadoras e de uma retomada da questão do campeirismo. FERRARO (2020, p. 13).

7 Segundo Melo (2013, p. 16), a música regionalista “precisa ser assumida por alguém que a propaga e dá sua característica própria da Região”. Portanto, o cantor regionalista canta os seus valores e a sua Terra.

8 Neste momento, apenas é importante ressaltar que a palavra tradição é recorrente nas tramas que buscam definir o que seria gaúcho, de modo que, para a música ser gaúcha, deve fazer parte de uma tradição gaúcha. Mas o que seria tradição gaúcha? Oponho-me a uma concepção essencialista de cultura musical, entendendo tradição não como uma espécie de cápsula do tempo, que teria permitido preservar as características de algum fazer musical remoto, mas sim como uma prática dinâmica, não estática, que busca nos discursos sobre o passado (o presente e o futuro) uma forma de organizar os elementos que devem compor a sonoridade das músicas gaúchas. Neste sentido, argumento que essas tradições são inventadas e, no decorrer de seu percurso, são modificadas, (re)significadas, colocadas em constante movimento de transformação pelos mais diversos fatores, sejam eles estritamente musicais, sejam sociais, culturais ou até mesmo tecnológicos. ALVARES (2017, p. 45).

9 Agostini (2005, p. 14) expõe que “um olhar sobre a historiografia deverá trazer à tona a figura do mito, embora, nesse caso, ela venha ao encontro dos interesses ideológicos

Prova disso é o repertório das músicas interpretadas por Pedro Raymundo, Teixeira, José Mendes e Gildo Freitas, antes dos festivais, nos anos de 1960, comparada às letras e interpretações inovadoras¹⁰, deste momento, conforme destaca Ferraro (2020, p. 2):

Antes do surgimento dos festivais no país nos anos 1960 o repertório da música gaúcha se resumia aos trabalhos que representavam essa expressão regional, cantados e executados por intérpretes como Pedro Raymundo, Teixeira, Gildo de Freitas e José Mendes.

Neste período, Antonio Carlos, embora criança, já idealizava ser um músico, como estes renomados artistas. Acompanhava suas músicas nas rádios ou em festas e bailes. Influenciado pela paixão musical, em 1970 sai do Capão do Leão, distrito da Fazenda da Estrela, Vacaria, RS, para trabalhar durante o dia, e estudar música, à noite, no Observatório Beethoven, na cidade de Caxias do Sul, RS, onde conquista sua carteira de músico profissional, no ano de 1971.

Retorna para a propriedade rural dos pais, no mesmo ano, e integra o Trio Estrela da Serra, como violonista e sócio colaborador. O trio morava no interior de Vacaria, localidade de Capão Alto e Fazenda do Leão, na época 10º distrito de Vacaria, RS. Participaram deste grupo musical de 1971 a 1976, Antonio Carlos de Almeida, Otacílio José Oliboni, Valdir Rodrigues Bairro, José Antonio Finger e Hélio Petri.

Os instrumentos para bailes eram o violão, a gaita piano e a bateria. Ao invés de denominar baterista, era ritmista. Além

das classes econômicas e intelectuais dominantes na região”, explicitando ainda, a relação política e econômica na construção de identidades no imaginário social. Assim, a música se constitui num veículo em que o mito do gaúcho-herói se perpetua no tempo.

10 A música assume historicamente o lugar da literatura e da poesia gaúchesca, aglutinando na sua completa expressão de melodia, harmonia e letras, um discurso renovador. Dentro do contexto musical gaúcho há também transformações na ordem estética que serão de grande importância. As razões estéticas nessas expressões regionais condicionaram à ordem do discurso, em termos de refinamento poético e de conteúdo. FERRARO (2020, p. 13).

dos instrumentos, tinham dois microfones, amplificador, equipamentos Delta e Mil Sons, para serem usados no modo luz ou bateria, já que no interior não havia energia elétrica. Era locado bateria para produção de energia para uso em localidades que não havia eletricidade. Os músicos alugavam uma kombi para irem aos eventos. No ano de 1973 foi adquirida uma kombi usada no comércio de veículos 'Lagoa das Tradições'.

Faziam apresentações em todos os finais de semana, em bailes, festas comunitárias e programas radiofônicos, às 6h, ao vivo, tendo grande audiência, já que o público que acompanhava era predominantemente da área rural e iniciava a rotina de madrugada. Recebiam muitas cartas e os ouvintes solicitavam fotos do Trio Estrela da Serra. Os valores de contratação eram irrisórios, já que mal conseguiam pagar as despesas pessoais sem que houvesse quaisquer desperdício.

O trio gravou um disco em 1972, na cidade de São Paulo, SP, com recursos próprios, gravadora Califórnia. O álbum ficou muito conhecido.

Trio Estrela da Serra



Vivaldir Rodrigues de Bairros, Antônio Carlos de Almeida, Otacílio José Oliboni - LP Vinil ¹¹ - Fonte: Discos Musicais Califórnia Ltda. São Paulo, 1972.

No ano de 1976, encerrava-se um ciclo no Trio Estrela da Serra e nascia o Conjunto Musical 'Os Filhos de Vacaria'. Antonio Carlos e Nicanor Padilha (in memoriam) eram sócios. Com o lamentável falecimento do jovem Nicanor, Antonio Carlos assume o grupo e acompanha o crescimento do conjunto, num tempo em que se valorizava muito os conjuntos musicais e o Movimento Tradicionalista Gaúcho¹² (MTG) chegou em todos os estados

11 Sempre Fui Gaúcho; Rodeio Gaúcho; Saudades do Meu Rincão; Voltei Pra Vacaria; Rainha das Flores; Despedida de Um Gaúcho, Duas Gaúchas; Coração Triste; Olhar Teimoso; Adeus Gaúcha; Chão Hospitaleiro; É Triste o Meu Caminho; Percorrendo a Serra.

12 Conforme Agostini (2005, p. 12) "o Movimento Tradicionalista Gaúcho, MTG, foi fundado na capital do Rio Grande do Sul, mas se espalhou rapidamente por todo o interior do Estado e logo ultrapassou suas fronteiras."

brasileiros e ultrapassou fronteiras.

A composição inicial do conjunto era Antônio Carlos de Almeida, Luís Baldi Teles, Antonio Carlos Baldi Teles, Nicanor Padilha, Clóvis Almeida de Carvalho e Augusto Garcia dos Passos. Muitos músicos talentosos e com reconhecida expressão artística passaram pelo grupo. Destes, Osmar Alves Mota, por exemplo, atualmente é músico e diretor do grupo Candieiro. Carlos Moreira (*in memoriam*), de Lagoa Vermelha, foi acordeonista do grupo e, também, campeão de gaita piano no 11º Rodeio Internacional de Vacaria. Além dos músicos já referendados, muitos outros participaram desta história. Referimos ao Clodomiro Hoffmann (*in memoriam*), Alcides Hoffmann (*in memoriam*), Neri Vanin, Paulo Sidnei Borges, Pedro Gonçalves da Silva (*in memoriam*), Amilton Pereira Branco, Osmar Alves Motta, Adão Mattos, Zenir Macedo Maciel, Darcy Abreu, José Luís Antunes, entre outros.

Neste período, além das gaitas e bateria, a guitarra e o contrabaixo passaram a compor o instrumental do conjunto.

Nos bailes realizados nos Centros de Tradições Gaúchas, por exemplo, instrumentos como a bateria e a guitarra elétrica são, frequentemente, aceitos, uma vez que conjuntos musicais como “Os Serranos”, “Os Monarcas” e “Os Mirins”, francamente legitimados como “pertencentes” à cultura musical gaúcha, utilizam estes instrumentos, assim como ritmos como a vaneira, o chamamé e a milonga. (ALVARES, 2017, p. 44).

Os Filhos de Vacaria faziam muitos bailes e apresentações em Centros de Tradições Gaúchas (CTGs), Clubes e ‘Bailões’. Nestes locais, era comum dividir o palco com outros artistas (cantor, dupla, grupo), uma forma de oportunizar misturas musicais¹³ e reunir maior público. Neste formato, apresentaram-se em shows

13 [...] misturas musicais e suas relações extramusicais são narradas pelos sujeitos quando falam de si mesmos, ou através das sonoridades que criam, e, também pela literatura, pela mídia, pelos Centros de Tradição Gaúcha, instâncias que formam parte de um mecanismo de representação, no qual signos, artefatos, modos de comportamento são selecionados, e de algum modo ajudam a produzir as representações das sonoridades da Música Gaúcha. (ALVARES, 2017, p. 43).

ou bailes com Os Mirins, Os Serranos, Os Troperitos, Os Bertussi, Os Monarcas, Os Cancioneiros do Pago, Os Milongueiros, Os Araganos, Os 3 Xirus, Berenice Azambuja, Garotos de Ouro, Cantor Leonardo (RS), Os Milongueiros, Renato Borguetti, Os Caranchos, Os Veteranos, Teixeira, entre outros, da música gaúcha. Contudo, também dividiram o palco com artistas nacionais e internacionais, em clubes, como Nelson e Janete, Ângela Maria, Perla, Gretchen, Milionário e José Rico, Leandro e Leonardo, João Paulo e Daniel, Duduca e Dalvã, Chitãozinho e Chororó, Zezé Di Camargo e Luciano, Roberto Leal, Carmem Silva, Sidnei Lima, Ademar Silva, Xará e Timbaúva, Amado Batista, entre outros.

O conjunto musical fazia bailes, shows, participava de programas de rádio e televisão. No ano de 1986, encerravam as atividades do Conjunto Musical Os Filhos de Vacaria.

Os Filhos de Vacaria



Osmar Alves Mota; Pedro Gonçalves; Paulo Sidnei Borges, Antonio Carlos de Almeida. Produtor: Cantor Leonardo (Jader Moreci Teixeira).
LP Vinil¹⁴ – Fonte: Estúdio Isaac/Porto Alegre, RS.

14 1- Outra saudade; 2- Não vou te perdoar; 3 – Desperta traidora; 4 – Caborteiro; 5

No mesmo ano, 1986, ‘Os Taitas’ emerge no cenário musical do tradicionalismo gaúcho. Os Filhos de Vacaria trocava o nome do grupo, por conflito de marca de patente, já que outro grupo tinha o mesmo nome registrado no Mato Grosso e o grupo de Vacaria tinha deixado a licença expirar (10 anos). Dois grandes amigos de Antonio Carlos, Gildo e Chiquito, Grupo Os Monarcas, sugeriram o nome “OS TAITAS”.

Com duas gaitas, guitarra, contrabaixo¹⁵, bateria e percussão vocal, o grupo musical tinha uma agenda cheia de bailes, por vezes, de quinta-feira a domingo, semanalmente, e majoritariamente fora do estado do Rio Grande do Sul. Apresentaram-se na maior parte dos municípios dos estados da região Sul (RS, SC e PR), alguns municípios do Estado de São Paulo (Diadema, Guarulhos, Umbú, São Paulo/capital, Itapecerica da Serra), Minas Gerais (municípios de Belo Horizonte, Poços de Caldas, Palmeiral, Alfena), Mato Grosso do Sul (municípios de Chapadão do Sul, Campo Grande, Sidrolândia, Dourados, Brilhante), Mato Grosso (Campo Grande), Rio de Janeiro, na capital (CTG Desgarrados do Pago); Distrito Federal; República do Paraguai, entre outros.

Participavam com frequência de programas de rádios em diferentes cidades do País, além de alguns especiais para a RBS TV do RS, SC e PR, Bandeirantes do PR, TV Bandeirantes de Caiobá

– Percorrendo o Rio Grande; 6 – Parabéns; 7 – Dançando o vanerão; 8 – Volte meu amor; 9 – Luta pela existência; 10 – Convite pra rodeio; 11- Marcando passo; 12 – Briga de bugius.

15 [...] com o objetivo de compreender quem narra, o que é narrado, e como os sons que são taxados como pertencentes a uma identidade (e os diferentes dela) são produzidos, negociados, incluídos ou excluídos, é possível adiantar que, de um modo geral, as narrativas mais recorrentes sobre a música gaúcha referem, entre outras características, uma música realizada principalmente pelo acordeom e pelo violão, instrumentos que executam ritmos como o chote, a milonga, a vaneira, a chamarra (também chamarrita ou chimarrita), a valsa, entre outras. Há outros instrumentos, certamente, como o contrabaixo elétrico (ou acústico), o piano, a percussão, a guitarra elétrica (ou semiacústica) o teclado e a bateria, também a flauta e o saxofone (entre outros que serão abordados neste capítulo), assim como também existem outros ritmos como o chamamé e a chacarera. Contudo, esses “outros” nem sempre são aceitos e, dependendo da situação, podem ser incluídos ou excluídos. ALVARES (2017, p. 43-44).

no PR, TV em São Luís do Maranhão, entre outras apresentações. O grupo fez uma apresentação especial, em parceria com o CTG Porteira do Rio Grande, na Festa Peão do Boiadeiro, em Barretos, SP.

Esteve engajado num grande projeto artístico cultural no Estado do Maranhão, capital São Luís do Maranhão. O Grupo Musical Os Taitas fez baile tradicionalista gaúcho, integrando a participação de músico de gaita ponto, repentista, trovador, uma invernada artística (dança), além de realizar o lançamento de CD, pela Gravadora Master/Santa Maria.

As atividades que levavam a música gaúcha estavam nos âmbitos nacional, regionais, municipais, interior/rural, aniversários de pessoas e de municípios, CTGs, casamentos, inaugurações, escolas, universidades, clubes, bodas, igrejas, rodeios, festivais, mateadas, promoções beneficentes, entre tantas outras.

Era comum fazerem Bailes de Prenda Jovem e Debutantes.

Entre 1986 e 2013 muitos artistas participaram do Grupo Os Taitas. Destes, destacamos Antonio Carlos de Almeida, Ademir Almeida, Alexandre Abreu, Alexsandro Padilha, Amilton Pereira Branco, Anderson de Jesus, Benito Beneval Gobetti, Bruno Amaral, Deoroci Silveira, Derli Costa, Diego Borges, Douglas Ambrozine, Éder Teles, Edson Vieira, Elton Machado, Erivelton Rodrigues, Fabrício Sotoriva, Fernando Gomes (Tuti), Fernando Saldanha Soares, Gilmar Dutra, Gilmar Ritter, Hélio Ferraz, Ismael Cardoso, João Itamar dos Reis, José Ilceu Prusch, Leandro Finger, Leomar Ferraz, Márcio Paim, Mário Abreu, Maurício Kmiec, Moisés Silva, Nico Oliveira, Osmar Alves Mota, Paulo Atanázio Abreu (*in memoriam*), Pedro Paulo Almeida (*in memoriam*), Rafael Monteiro, Roberlei Sutil, Roberto Morcelles Dereti, Rogério dos Passos, Rogério Gonçalves de Jesus, Sérgio Macedo Maciel, Tarcísio Oliboni, Tiago Gonçalves, Tobias Pires, Tomás Pires, Valdinei Ortiz, Valdir Macedo Maciel, Vilson Almeida, Zenir Macedo Maciel, entre outros.

Poderiam ser feitas muitas análises e narradas muitas histórias

curiosas. Quanto à indumentária nos bailes, o Paraná é o estado que mantém a tradição do movimento tradicionalista gaúcho mais viva. Homens e mulheres vão aos bailes com a indumentária completa e dançam o baile inteiro. É comum, casais fazerem cursos de dança de salão ou participarem de internadas. Geralmente, o ambiente é muito familiar. Casal e filhos participam juntos de festas e bailes, com certa rotina.

Referenciando um apresentador bastante conhecido nos veículos midiáticos, Ratinho, Antonio Carlos afirma que era um frequentador assíduo dos bailes. Quando morava em Curitiba, PR, o apresentador Ratinho demonstrava o gosto pela música e dança gaúcha, prestigiando o grupo seguidamente em bailes no Clube Asa Branca, em São José dos Pinhais, Clube Estância Gaúcha, em Curitiba, Clube Bacacheri, em Curitiba e Clube Internacional da Água Verde, também em Curitiba.

Na região metropolitana do Paraná é comum ter bailes tradicionalistas gaúchos, todos os dias, de segunda a segunda. Contudo, são clubes. CTGs promovem bailes nos finais de semana, semanalmente.

Outro fato que chamou a atenção, especialmente para nós gaúchos, foi a rigorosidade com a exigência da indumentária gaúcha em CTG, no estado do Mato Grosso. Chamou a atenção para uma situação específica. Um homem foi impedido de entrar no baile, porque usava camisa de manga curta, apesar de compor o restante da indumentária. Como tinha percorrido 400 km para participar do baile, a patronagem do CTG se dispôs a providenciar outra camisa, com manga longa, propondo a troca para acessar as dependências do CTG. Neste caso, o “ser gaúcho”¹⁶ num

16 Na busca pelo “lugar certo”, os sujeitos constituem suas identidades (e têm elas marcadas) no interior do fluxo das representações, num jogo entre a fixidez da tradição, as demandas do mercado musical e a liberdade da criação. No âmbito do compositor/artista, que trabalha com a produção musical, seja na criação e gravação de seus discos, de seus vídeos ou na elaboração e execução de suas apresentações, as relações entre “ser” e “soar” são bastante íntimas. São articulações em um contexto cultural que ensina determinados modos de ser e de soar, ligados a diferentes discursos sobre o que é “ser gaúcho” e o que é “Música Gaúcha”, e, ainda, uma série

movimento mais intenso que o próprio RS.

Santa Catarina e Paraná tem exponencialmente um número maior de entidades tradicionalistas e a promoção de eventos e bailes de música gaúcha. Valorizam a cultura tradicionalista gaúcha e demonstram paixão pela nossa tradição.

Os Taitas



Marca Serrana¹⁷

CD - Fonte: ACIT: 1996

Produtor: Edson Campanha



Dê-lhe Garfo na Leitoa¹⁸

Fonte: Stúdio Master

Produtor: Márcio Corrêa

de elementos que emergem a partir das dinâmicas da globalização. ALVARES (2017, p. 167-168).

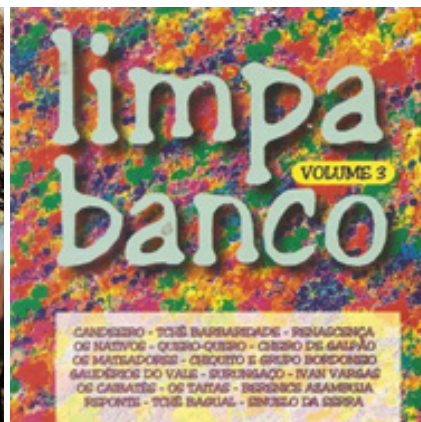
- 17 Cd – Marca Serrana: 01 – Vanera Morena; 02 – Exaltando o Pampa; 03 – Marca Serrana; 04 – Pago Santo; 05 – Pampa de Amores; 06 – Vou pra Dançar; 07 – Anseios; 08 – Cordeona Manhosa; 09 – Recuerdos da Carreta; 10 – Cantiga de Taita.
- 18 Cd - Dê-lhe Garfo na Leitoa – Stúdio Master: 01 – Dê-lhe garfo na leitoa; 02 – Laço da Paixão; 03 – Balanço Campeiro; 04 – Tudo por você; 05 – Ajoelhou e chorou; 06 – Lá no entreveiro; 07 – Pro gaiteiro chocoalha; 08 - Pingo parceiro; 09 – Sozinho; 10 – Baile das Tiranias; 11 – No tranco da vaneira; 12 – Balanço dos Taitas; 13 – Voltando pra ela.



Gostoso pra danar!¹⁹

Fonte: MIDIAA

Prod.: Alexandre Corrêa e
Julião (Gaiteiro/ Minuano)



CD Limpa Banco²⁰ Vol 03

Fonte: ACIT

-
- 19 Gostoso pra danar!: 01 – No balanço da vaneira; 02 – Tentativa; 03 – Coração Apaixonado; 04 – Sistema a moda antiga; 05 – Razão da minha vida; 06 – Rodeio da paixão; 07 – Dono do bailão; 08 – Pegando fogo; 09 – Gostoso pra danar; 10 – Quarto vazio; 11 – Saudade e paixão; 12 – Toque da vaneira; 13 – Vaneira de galpão; 14 – Ela me ligou.
- 20 Cd - Limpa Banco - Vol 03: 01 - Tio Juvêncio - Grupo Candeeiro; 02 - Maria Dançadeira - Tchê Barbaridade; 03 - Fandanguera - Grupo Raízes; 04 - Baile de Cola Atada - Os Nativos; 05 - No Balanço da Vanera - Grupo Renascença; 06 - Meu Mundo de Domador - Grupo Quero-Quero; 07 - Menina Dançadeira - Cheiro de Galpão; 08 - Retoço de Gaita e Pandeiro - Os Mateadores; 09 - Fungando Poeira - Chiquito e Grupo Bordoneio; 10 - Meu Ranchito - Gaudérios do Vale; 11 - Pras Guria - Grupo Surungaço; 12 - Parto de Campanha - Ivan Vargas; 13 - Mexa-se - Os Caibatés; 14 - Vou Pra Dançar - Os Taitas; 15 - É Disso Que o Velho Gosta - Berenice Azambuja; 16 - Chega de Lida - Grupo Reponte; 17 - Vanera Baguala - Grupo Tchê Bagual; 18 - Vanera Fandanguera - Sinuelo da Serra.

Música como profissão: versos e controvérsias

A carreira musical é uma aposta de altos e baixos. Alguns conseguem viver da música, outros não. Não obstante, além de talento, dedicação, muito investimento pessoal e financeiro, é necessário sorte e a confiança de pessoas que queiram apoiar. Há muitos músicos e cantores com muito talento e que não lograram êxito com a música. Ao contrário, também acontece.

As maiores dificuldades de um grupo musical estão relacionadas ao alto investimento em equipamentos de som e tecnologia. As pessoas vão a uma festa e comparam a estrutura dos grupos. O equipamento mais potente hoje, poderá ser considerado defasado em poucos dias. O custo de locomoção e estadia é alto. A equipe de profissionais é grande. Assim, para viver apenas da música, os valores considerados adequados para o contratado, podem ser altos para o contratante. Neste universo comercial, algumas marcas veiculadas na mídia vendem mais e deixam outras na sombra, até serem extintas ou atuarem numa espécie de trabalho voluntário.

Através das experiências compartilhadas por Antonio Carlos, foi possível compreender os desafios enfrentados, as conquistas alcançadas e a evolução artística ao longo do tempo, em sua carreira. Essas narrativas destacam a paixão e o compromisso necessários para se estabelecer e se manter no cenário musical. Este estudo ressalta a importância do apoio e da valorização da música como uma forma de arte essencial na sociedade.

Os resultados obtidos revelam uma trajetória musical marcada por transformações e evoluções. Ao longo do período estudado, o músico tradicionalista gaúcho conseguiu preservar a essência do movimento, ao mesmo tempo em que incorporou elementos contemporâneos na musicalidade. Além disso, demonstrou uma habilidade marcante em retratar a realidade e as vivências, criando assim uma identificação com seu público.

A trajetória de Antonio Carlos reflete não apenas suas

experiências pessoais, mas também a transformação do movimento tradicionalista ao longo das décadas. Suas narrativas musicais são uma expressão autêntica da cultura gaúcha, conectando passado e presente e contribuindo para a construção de uma identidade²¹ coletiva. Desta forma, a influência do músico no tradicionalismo gaúcho é evidente, tanto em suas composições quanto nas atividades desenvolvidas para a preservação e promoção da cultura gaúcha. A música gaúcha tem servido como instrumento de transmissão de conhecimento, valores e tradições, perpetuando uma cultura rica e diversificada.

Referências

AGOSTINI, Agostinho Luís. **O pampa na cidade: O imaginário social da música popular gaúcha**. Dissertação (Mestrado em Letras e Cultura Regional) – Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul, p. 195. 2005.

ALVARES, Felipe Batistella. **Pedagogia da sonoridade: os modos de soar da música instrumental gaúcha**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, p. 178. 2017.

CESAR, Guilhermino. **História da literatura no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Globo, 1956.

FERRARO, E. H. O conceito “campeiro” na música regional gaúcha: uma reconfiguração da ordem artístico/cultural. **GIS - Gesto, Imagem e Som - Revista de Antropologia**, São Paulo, Brasil, v. 5, n. 1, 2020. DOI: 10.11606/issn.2525-3123.

21 Se pensarmos a existência em termos culturais, para ser possível a existência de um sujeito no interior de uma cultura, é necessário que haja condições para a sua emergência. Neste contexto, existir é “ser”, no sentido de ter uma identidade. Por sua vez, a identidade é fruto da experiência e os significados a ela atribuídos. Ou seja, no interior deste processo, o sujeito busca constituir sua identidade, numa busca por existir, que ensina o que e como ele deve ser. Um músico, [...] “existe” nos significados atribuídos (por ele, e por outros) às músicas e aos sons que as compõem. ALVARES (2017, p. 20).

gis.2020.164859. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/gis/article/view/164859>. Acesso em: 7 ago. 2023.

MELO, Orfelina Vieira. Resgate da Música Gaúcha em Passo Fundo [recurso eletrônico]. Passo Fundo: Projeto Passo Fundo, 2013. E-book (formato PDF). ISBN 978-85-8326-024-0. Disponível em: <http://www.projetopassofundo.com.br>. Acesso em 19 ago 2023.

ORNELLAS, Manoelito de. As origens remotas do gaúcho. In.: PRADO, Aurea *et al.* **Rio Grande do Sul: terra e povo**. Porto Alegre: Ed. Globo, 1964.

VIEIRA, V. T.; HENNING, P. C. Música pampeana, cultura e sociedade: o discurso de natureza na constituição gaúcha. **28º Seminário Nacional de Arte e Educação e 9º Encontro de Pesquisa em Arte**, [S. l.], n. 24, p. P. 104–110, 2014. Disponível em: <https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/Anaissem/article/view/171>. Acesso em: 17 ago. 2023.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta obra escrita a muitas mãos, sob a organização das EMEF Juventina Morena de Oliveira e EMEI Erlina Portela Gervino, buscou-se demonstrar através de seus capítulos a importância que a música tradicionalista gaúcha tem como elemento de afirmação da identidade de um povo. A identidade mostra a maneira como um sujeito é semelhante aos outros que repartem uma mesma posição no mundo social e diferente daqueles que não compartilham desta mesma situação. Por isto ela é definida pela diferença, isto é, pelo que ela não é ou o que não pode ser.

A diferenciação da identidade cultural do gaúcho não se dá apenas por questões geográficas, ela é forjada através dos tempos nas relações do homem com o seu meio, com espaços sociais que intercambiam costumes e manifestações artísticas que retratam o carinho, o amor e o orgulho pelo chão onde o povo sulista consolidou sua cultura e identidade. Identidade essa que perpassa gerações e mesmo com os movimentos midiáticos de aculturação se mantém viva e presente no cotidiano do gaúcho.

Desta forma, como pudemos apreciar no decorrer dos capítulos apresentados, a música gaúcha não se limita apenas a um gênero musical, já que é a expressão mais fiel da história e da cultura rio-grandense. Ela serve ao povo gaúcho como forma de narrar suas histórias, contar suas lendas, falar de sua terra, do homem do campo, do amor aos animais, de expressar o valor à mulher gaúcha, referir com destaque a culinária desta terra, faz referência aos valores e aos amores. A música gaúcha é a alma viva do Rio Grande do Sul.

É preciso também mencionar a importância da dança como aliada ao estilo musical único do gaúcho, ao solidificar a tradição não somente pela arte em si, mas no conjunto dos elementos que constituem esta arte, dos quais a indumentária também se destaca.

Integram-se como formas expressivas, consolidando a identidade do gaúcho, na sua constituição distinta e inconfundível, dentro de um universo cultural amplo e variado, na amplitude do território brasileiro.

Assim, a música gaúcha enquanto forma de expressão artística, representa a essência da cultura do povo sulista, e através dela, diferentes estados e regiões, agregaram a maneira de ser do povo do Rio Grande do Sul. Por meio de poetas, compositores, intérpretes, autores e outros ícones da cultura gauchesca, a cultura do povo gaúcho pode ser conhecida e reconhecida em todo o mundo, possibilitando que se abram as fronteiras geográficas. Assim, a música gaúcha é muito mais que um gênero musical. Ela se constitui em símbolo que identifica o povo.

De outra forma, faz-se necessário destacar o valor dos artistas que mantêm a chama da música gaúcha viva, não se deixando sucumbir aos modismos, por vezes, encharcados de futilidades. Por meio destes compositores e intérpretes, a música embarca as pessoas ao longínquo pampa, ao lado do homem e mulher campeiros, podendo transportar às festas e rodeios, e, ainda, faz o doce chamamento para tomar mate amargo ou sentir o perfume das flores de laranjeira. Assim, enaltecemos a música e a cultura gaúcha de hoje, de ontem e com vistas ao amanhã, sem limites de espaço ou tempo.

SOBRE OS AUTORES

Adair Adams - Doutor em Educação nas Ciências. Professor do IFRS - Campus Vacaria.

Adriana Aparecida de Almeida Marcolin - Doutora em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul (PPGEdu/UCS). Participante do Grupo de Pesquisa Formação Cultural, Hermenêutica e Educação (GPFORMA Serra UCS). Mestre em Educação pelo PPGEDU/UCS (2013), bolsista CAPES. Especialista em: Orientação Educacional (FESL - 2021); Docência na Educação Básica (IFRS - 2019); Coordenação Pedagógica (UFRGS - 2013); Neuropsicopedagogia e Educação Especial e Inclusiva (CENSUPEG - 2013); Atendimento Educacional Especializado (UEM - 2012); Educação Especial e Educação Inclusiva (UNINTER - 2011); Psicopedagogia Clínica e Institucional (UNINTER - 2011); Gestão Escolar (IDEAU - 2008); e Psicopedagogia (UNIBEM - 2001). Licenciada em Pedagogia (UCS - 1995) e em Letras - 2ª licenciatura (UNINTER - 2019). Habilitada em Magistério (FALEV - 1994). Atualmente é diretora da Escola Municipal de Ensino Fundamental Juventina Morena de Oliveira da Rede Municipal de Ensino de Vacaria/RS e coordenadora do Observatório de Educação de Vacaria. Tem experiência na área de Educação, Educação Especial e Atendimento Educacional Especializado, atuando principalmente nos seguintes temas: sociologia, filosofia, inclusão, psicopedagogia, administração escolar e formação de professores. Contato: adrianamarcolin@gmail.com

Ajadil Costa - Graduado em Filosofia (UCS). Especialista em História Regional (UCS). Pesquisador de temas da Cultura Gaúcha. Escritor da obra “Para Pedro, José Mendes, Vida e Obra”.

Antonio Carlos de Almeida - Natural, nasceu em 1951. Músico profissional, dedicou-se à música desde 1970, onde fez parcerias musicais com grandes expoentes do segmento. Seu legado é marcado pelo amor à Tradição Gaúcha.

Cassiano Paim - Advogado atuante especialista em Direito previdenciário, Direito de família e Sucessões, músico, Professor de técnica vocal formado pelo instituto Voz em Movimento, cantor, violonista, pianista, e compositor. Iniciou na música aos 04 anos de idade tendo aulas de acordeom. Na adolescência ingressou nas aulas de piano pelo instituto Palestrina de Porto Alegre e de violão na escola Pró Música em Caxias do Sul. Participante de inúmeros festivais de músicas sendo por vezes premiado como melhor intérprete. Em 2004 participou do programa Fama da TV Globo tendo sido selecionado para integrar o reality show. Atuou como jurado em festivais nativistas no RS e SC. Vocalista na banda Poetas e Boêmios desde sua formação, em 1999. Integrante do grupo Media Luz.

Cíntia Guazzelli Sotoriva - É uma jovem de 22 anos, nascida e criada em Vacaria, onde desenvolveu profunda admiração pela cultura gaúcha. Atualmente, está seguindo seu caminho acadêmico como estudante de Letras - Língua Portuguesa e Literaturas na Universidade Federal de Santa Catarina, movida por sua paixão por literatura. Embora nunca tenha frequentado cursos profissionalizantes na área, Cíntia desenha desde nova e ficou animada com o convite especial para ilustrar a capa deste livro. Nessa oportunidade de retratar a temática da música gaúcha buscou ilustrar a forte relação entre o campo e as melodias gaúchas. Além disso, a aquarela reflete um desenho juvenil que se conecta com o gênero das narrativas.

Cléa Denise Melek Nunes - Possui Magistério, é licenciada em Geografia e especialista em Educação Ambiental Escolar e especialista em Gestão Escolar com ênfase em Administração,

Supervisão, Inspeção e Orientação Educacional. Professora da rede pública municipal desde 2004, anos iniciais. Professora da rede pública estadual desde 2014, Ciências Humanas/Geografia.

Clodoveu Vieira Pinto Júnior - Vacariano, tradicionalista, compositor e entusiasta da cultura gaúcha.

Edson Becker Dutra - Nascido em Bom Jesus - 19/02/52. Músico, cantor, compositor, apresentador de rádio, televisão e advogado. Foi um dos fundadores dos Serranos, em 1968. Atuou e atua em grande parte do País, levando consigo a música gaúcha autêntica, tanto em bailes como em espetáculos/shows. Gravou 31 discos inéditos e 5 DVDs, como gaitreiro e cantor dos Serranos. Gravou um disco individual - Serrano Cantor - com músicas gaúchas e internacionais, acompanhado de seus colegas e de músicos da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre. Participou de diversos programas de televisão no centro e no sul do Brasil. Tem seu próprio programa de rádio e de televisão- Encontro com Os Serranos e Encontro com Os Serranos na TV. Como advogado atuou por dez anos, entre os anos 76/86, com escritório próprio, no centro de Porto Alegre. Pessoalmente e com Os Serranos recebeu muitas condecorações, tanto públicas quanto de entidades privadas.

Elisandra de Freitas Carneiro - Licenciada em História e Pedagogia. Especialistas nas áreas de Gestão Estratégica em Educação, Neuropsicopedagogia Clínica, Atendimento Educacional Especializado, Orientação Educacional. Tradicionalismo: possui 8 títulos de 1º Prêmio e Mais Premiado Prêmio, inúmeros troféus em Declamação, Avaliadora do MTG, e Coordenadora Cultura do CTG Rancho da Integração.

Ernesto Vilaverde Fagundes - Começou sua carreira profissional ainda criança acompanhando o pai em festivais de música, tocando Bombo Leguero. Em 1995, lançou seu primeiro CD solo. Ao todo, foram onze trabalhos individuais gravados, entre CDs e DVDs,

além dos álbuns em que atuou ao lado do pai e dos irmãos no grupo Os Fagundes. Recebeu o Troféu Guri da Rádio Gaúcha como personalidade de destaque na cultura do Rio Grande do Sul. Foi o 1º lugar no 20º Musicanto Sul-americano de nativismo e 1º Lugar na 22ª Moenda da Canção. Lançou o CD Coração do Rio Grande, com 5 indicações ao Açorianos de música de Porto Alegre. Recebeu o título honorífico de Cidadão de Porto Alegre. Foi protagonista de Origens, um documentário que foi filmado em Santiago del Estero na Argentina, sobre o Bombo Leguero e que levou Ernesto ao Festival de Cinema de Gramado, RS. Participou com Os Fagundes da Festa Nacional do Chamamé em Corrientes, na Argentina, a convite da cantora Teresa Parodi. Junto com Os Fagundes, realizou 10 shows na Itália no projeto Caravana Chamamecera. Outro momento inédito foi tocar seu Bombo Leguero na Bienal de Música Brasileira Contemporânea, no RJ, a convite do maestro Antonio Borges Cunha. Em 2023, representou o Brasil na 21ª Marcha de los Bombos em Santiago Del Estero, na Argentina. Em agosto, juntamente com Os Fagundes, apresentou o show De Filho Pra Pai no Theatro São Pedro, entre tantos outros feitos ao longo de sua carreira.

Felipe Lima Pires - Nasceu em Vacaria. Tem formação em Administração, pós-graduação em Gestão de Custos e Planejamento Estratégico. É graduando em Ciências Contábeis e pós-graduando em ESG e Sustentabilidade. É integrante e sócio benemérito do CTG Rancho da Integração. Atualmente é Diretor do Departamento Jovem da 8ª Região Tradicionalista (2023/2024). Foi campeão do 14º Festival Nacional da Cultural Gaúcha, na modalidade gaita tecla juvenil. No tradicionalismo organizado, foi Guri Farroupilha do CTG Porteira do Rio Grande durante a gestão 2010/2012 e Guri Farroupilha da 8ª Região Tradicionalista gestão 2012/2013. Enquanto Guri Farroupilha, realizou a 1ª Cavalgada Ecológica da 8ª Região. Foi Peão Farroupilha do CTG Rancho da Integração, gestão 2013/2014 e Peão Farroupilha da 8ª Região Tradicionalista 2014/2015. Foi Diretor do Departamento

Jovem da 8ª Região – 2017. No ano de 2018, no 66º Congresso Tradicionalista em São Jerônimo, foi eleito Vice-diretor da 4ª Inter Região do Departamento Jovem Central – MTG RS. No ano de 2019, durante o 67º Congresso Tradicionalista na cidade de São Borja, foi eleito Vice-diretor do Departamento Jovem Central – MTG RS. Em 2020, retorna como diretor do departamento jovem da 8ª Região, permanecendo no cargo durante os anos de 2021 e 2022. Atualmente, faz parte da Comissão de Avaliadores de Ciranda de Prendas e Entrevero de Peões da 8ª Região Tradicionalista.

Giovana Acauan Giuriolo - Formada em pedagogia séries iniciais (UNINTER). Pós-graduada em Alfabetização e letramento (UNIFACVEST), Gestão escolar (FACUMINAS) e Psicopedagogia Clínica e Institucional (UNINTER). Professora da rede municipal de ensino de Vacaria desde 2017.

Jean Lucas Borges Barbosa - Natural de Vacaria, cursa o 3º ano do Ensino Médio, no Instituto Estadual de Educação Irmão Getúlio. É instrumentista musical. Já participou de diversos rodeios na modalidade de gaita tecla piano e danças tradicionais gaúcha, obtendo várias premiações.

João Fernando Antunes Osório - Advogado e Músico. Pós Graduado em Direito Processual e Direito Cooperativista. MBA em Liderança Estratégica de Negócios. Formado em Violão Clássico pelo Instituto Palestrina de Música. Desde os quatro anos começou a viajar com seu pai João Maria Osório e sua tia Olívia Osório, trabalhando com música até seus 30 anos. É advogado há 16 anos, possui escritório profissional na cidade de Vacaria, e é membro do Comitê Jurídico do Sistema Unimed RS.

Josiane Borges Barbosa - Natural de Vacaria, onde atua profissionalmente como professora. Licenciada em Pedagogia. Especialista em Supervisão, Orientação e Inspeção Escolar. Especialista em Gestão Escolar. Em favor do Movimento

Tradicionalista Gaúcho, participou de diversos rodeios na modalidade Danças Tradicionais Gaúchas.

Josimeri Teles Basso - Especialização em Docência na Educação Básica (em andamento) no Instituto Federal do Rio Grande do Sul - *Campus* Vacaria; Especialista em Prática Psicopedagógica Interdisciplinar e Gestão Escolar na Educação Básica - Faculdades Integradas (Facvest – 2011); Pedagogia - Faculdades Integradas (Facvest – 2011); Atualmente é professora da Escola Municipal de Ensino Fundamental João Becker da Silveira, em Vacaria – RS. Contato: jositelesbasso@gmail.com.

Lauro Guilherme Pinheiro Klipel - Acordeonista, compositor, produtor e arranjador musical.

Letícia de Lemos Perin - Graduada em Educação Física - licenciatura (UCS) e Pedagogia (UNICESUMAR), possui especialização em Docência na Educação Básica (IFRS) e Gestão Escolar (FAVENI). Atua como professora de educação física e professora de anos iniciais do ensino fundamental pela Prefeitura de Vacaria, desde 2015.

Maria Eduarda Giuriolo de Almeida - Formada em Direito (UCS). Pós-graduada em Direito Penal e Processo Penal (Fundação Ministério Público RS).

Maria Elisabete Fernandes - Mestre em Educação pela Universidade de Caxias do Sul, pós Graduação em Docência na Educação Básica pelo IFRS - *campus* Vacaria, Licenciatura em Letras e Literatura pela Universidade Norte do Paraná - Unopar, discente do curso de Licenciatura em Pedagogia pelo IFRS - *campus* Vacaria. Professora de Educação Infantil pela rede municipal de Vacaria.

Paulo Henrique Teixeira de Souza (Gujo Teixeira) - De Lavras do Sul, é médico veterinário e poeta renomado. Possui uma

carreira de 36 anos em festivais nativistas, tendo participado como compositor e jurado em cerca de 500 eventos, tendo mais de 700 de suas composições gravadas, muitas das quais premiadas. Possui mais de 200 premiações, incluindo primeiros lugares e Melhores Poesias nos principais festivais nativistas. Lançou diversos álbuns e livros de poesia. Em 2013 recebeu o Prêmio Açorianos de Música na categoria Regional. É autor da letra de “Batendo Água” e “Quando o Verso Vem Pras Casa”, grandes clássicos da música gaúcha. Atualmente trabalha na produção de dois novos Álbuns Musicais e um livro, que em breve serão lançados.

Rafael Ferreira (Trambeio) - natural de Vacaria, onde atua profissionalmente como Médico Veterinário. É poeta e compositor regional gaúcho. Já participou de diversos festivais de música e poesia, obtendo várias premiações. Possui obras gravadas nas vozes de grandes nomes da música nativista gaúcha.

Renata Grazziotin Ferreira Ceron - Licenciatura Plena em Educação Física (UNIPLAC). Especialista em Psicomotricidade (Centro Universitário Barão de Mauá). Especialista em Gestão Escolar (Centro Universitário Santa Cruz).

Rodrigo de Faria Barbosa - Natural de Vacaria, atua profissionalmente como Auxiliar de Escritório na Empresa Cebolu - Posto de Molas. Foi instrumentista musical, participou de diversos rodeios como instrutor de dança, dançarino e em concursos de gaita piano. Foi integrante do Conjunto Raça Campesina, em Vacaria.

Rosalva de Oliveira Ramos - Licenciada em Pedagogia pela Universidade de Caxias do Sul (2014). Especialista em Educação Infantil pela UNINTER (2016). Especialista em Gestão e Organização da Escola com Ênfase em Direção Escolar pela UNOPAR (2021). Mestranda em Letras e Cultura. Atualmente é diretora de Escola de Educação Infantil.

Taynara Oliboni Carneiro Vieira - Nascida na cidade de Vacaria, em 08 de abril de 1995, é Bacharela em Direito pela Universidade de Caxias do Sul (2019), Técnica em Logística pelo Instituto Federal do Rio Grande do Sul, Pós-graduanda em Mediação, Conciliação e Arbitragem pela Faculdade Metropolitana. 2ª Prenda Adulta do CTG Porteira do Rio Grande (Gestão 2016/2018), 1ª Prenda da 8ª Região Tradicionalista (Gestão 2019), tradicionalista e defensora da cultura gaúcha. Escritora do artigo “Afiml, o que é a Convenção Coletiva de Trabalho? Entenda!” no blog Escritório Domínio (2022), experiente na gestão administrativa e também na gestão de pessoas, atualmente trabalhando no setor jurídico público do município de Vacaria/RS.

Uiliam Michelin - Músico (Acordeonista), Arranjador, Compositor e Professor de Acordeom.

De quando a letra é gaúcha...

Por pensar tu foi criada dalgum barulho de vento
E a galope trabalhada, com capricho tento a tento
Benzida contra tormenta como um ritual mais profundo
E veio calar no peito ao habitar o sul do mundo

De assovios se fez “canto”, tenteando o cantar do galo
Se fez raiz no “Rio Grande”, igual chegasse a cavalo
Unindo “letra” e “acorde, como dona da invernada
Arrancando risos francos ao derredor da peonada

Tu trouxe as “rodas de mate”, murmúrios de cantador
Milongas, Xotes, Vaneiras, tendo um “pinho” por fiador
Veio ao costado a cordeona pra te ajudar no “ponteio”
Abrindo notas gaúchas, partindo seu fole ao meio.

E assim tu se fez Gaúcha, como Hino de um só povo
Que ao te escutar uma vez, por certo canta de novo
Tens o poder de reunir o mais simples e o Patrão
Que te cantam bem mais alto, com mais amor ao seu chão.

Traduz na sonoridade, façanhas ou duras penas
Conquista de mil amores no embalar de cantilenas.
Na “Enormidade” de um povo, canta feito de “Caudilhos”
Unindo um povo gaúcho e abraçando feito filhos.

“Composição” são as duas, sem se apartar da memória
Uma “escrita” a outra “tocada”, gaúchas com muita glória
E em cada rincão da “Pampa”, bem gaúcha te sustenta
Seguindo benzida e forte, como quem toma “Água Benta”

Que “Orgulho” falar de ti, a importância que carregas.
Melodia do meu “Pago”, frente às demais não te vergas.
Ao som de Gaita e Violão, acolhe nossos “rascunhos”
pulsa forte um coração sem precisar testemunhos [...].

Autor: Clodoveu Vieira Pinto Junior

